

**A Integração de Jovens Imigrantes Ucranianos no Sistema Escolar
Português: Principais Dificuldades e Forma de as Superar**

Maria Filomena Militão Soares

**Dissertação de Mestrado em Migrações, Inter-eticidades e
Transnacionalismo**

Novembro 2012

**A INTEGRAÇÃO DE JOVENS IMIGRANTES
UCRANIANOS NO SISTEMA ESCOLAR PORTUGUÊS:
PRINCIPAIS DIFICULDADES E FORMA DE AS
SUPERAR**

MARIA FILOMENA MILITÃO SOARES

**Dissertação de Mestrado em Migrações, Inter-eticidades e
Transnacionalismo**

**Sob a orientação da Professora Doutora Susana Trovão e a
co-orientação da Professora Doutora Alina Esteves**

Novembro 2012

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Migrações, Inter-etnicidades e Transnacionalismo, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Susana Trovão e a co-orientação científica da Professora Doutora Alina Esteves.

“Nós não nos limitamos a receber sementes durante a vida, também as guardamos no “solo fértil” dos nossos corações. Quando os desafios que enfrentamos nos deitam abaixo, podemos olhar para os nossos sonhos de uma vida melhor. Esses sonhos actuam como sementes para as realidades que virão. A nossa fé é o solo fértil que faz com que essas sementes ganhem vida” (Vujicic, 2011: 81)

AGRADECIMENTOS

Este meu trabalho mais não é do que uma simples abordagem a vidas que se tocam, se chocam... se entrelaçam. Assim, para que o pudesse levar a cabo, tive o prazer de contar com todo um conjunto de pessoas e entidades que, de alguma forma, me foram conduzindo, embora por caminhos muitas vezes tortuosos, todavia, apontando para o objectivo final. Apresenta-se-me agora a oportunidade de agradecer a todos os que, de alguma forma, me acompanharam nesta caminhada.

Em primeiro lugar, o meu especial agradecimento aos meus pais, José Joaquim Soares e Sebastiana Militão Soares que, na sua simplicidade, todo o apoio me deram para que pudesse terminar este trabalho, encontrando-me desempregada e frequentemente fragilizada, também no que à saúde diz respeito.

Ao meu colega e amigo de longa data, Mestre Bruno Marques, responsável inicial desta caminhada, pela sua amizade, correcções e sugestões.

Aos meus preciosos assistentes técnicos e amigos especiais, Duarte Nuno (Técnico Informático) e Tiago Silva (Engenheiro Electrotécnico e de Computadores), que, cada um ao seu jeito, me socorreram quando mais necessitei.

À Dr.^a Aurora Duana do Centro de Documentação do ACIDI, por todo o seu apoio e amabilidade. Às funcionárias e funcionários das bibliotecas da FCSH, do ICS, da FLUL, do ISCTE e, principalmente, da Biblioteca Municipal do Seixal que sempre me acompanharam e apoiaram de forma amistosa e muito profissional.

Às minhas orientadoras, Professora Doutora Susana Trovão e Professora Doutora Alina Esteves que, na presença ou na ausência, sempre me ajudaram com as suas sugestões e, em especial, à Professora Alina que, pela paciência e pela força que sempre me transmitiu me “obrigou” a não desistir do projecto em determinadas alturas cruciais.

Aos meus ex-formandos, que serviram de mediadores para que pudesse contactar, de forma confiante e familiar, os informantes e, também àqueles ex-

formandos que, apesar de todas as diligências efectuadas, não chegaram a ser mediadores.

Ao Senhor Director da Escola Ucraniana em Portugal, Yuriy Unhuryan, ao Senhor Vogal da Direcção da Associação dos Ucranianos em Portugal, Mycola Chaban (meu ex-formando) e à Senhora Professora, Mariya Atamanchuk (minha ex-formanda) que cordialmente me receberam e me orientaram no sentido de conseguir os melhores informantes para a concretização do meu trabalho.

Um alargado agradecimento a todos os informantes que amavelmente se disponibilizaram pois, sem a sua participação, este trabalho não teria sido possível e a todos aqueles que, directa ou indirectamente, contribuíram para a realização deste trabalho, a todos aqueles a quem eu, por longo tempo, não contactei dada a total falta de disponibilidade, a todos os que sofreram os meus inexplicáveis silêncios e ausências e, a estes, aproveito para apresentar também as minhas sinceras desculpas.

Por fim, o meu agradecimento vai para um país que, pela revolta, me impulsiona a querer, mais e mais, aprofundar o conhecimento das estruturas sociais nas quais todos estamos envolvidos e, perante as quais me sinto, quantas e quantas vezes... impotente.

RESUMO

DISSERTAÇÃO

A INTEGRAÇÃO DE JOVENS IMIGRANTES UCRANIANOS NO SISTEMA ESCOLAR PORTUGUÊS: PRINCIPAIS DIFICULDADES E FORMA DE AS SUPERAR

MARIA FILOMENA MILITÃO SOARES

Portugal tem sido, por excelência, um país de marcados fluxos migratórios, tendo, desde a segunda metade da década de 1990 recebido, em particular, um grande número de imigrantes provenientes da Europa de Leste, isto, como consequência das precárias condições económico-sociais dos países da Ex-URSS. Hoje, passadas quase duas décadas, após o início deste fluxo migratório, constata-se que continuam a chegar imigrantes de Leste, maioritariamente, uma camada muito jovem que, ao abrigo da Lei do Reagrupamento Familiar, se vem juntar aos seus progenitores, ou a familiares outros, reunindo estes actualmente as condições de vida necessárias para os poderem receber condignamente em Portugal.

É sobre estes jovens e, em especial, sobre os jovens ucranianos, sendo uma das comunidades imigrantes mais significativas no momento, que incide este trabalho, no intuito de investigar um pouco sobre os seus percursos de vida e, mais concretamente, sobre o acolhimento, aceitação e desenvolvimento em âmbito escolar desde o momento em que chegam a Portugal. Assim, procede-se a uma investigação qualitativa, por meio de entrevistas individuais não directivas, no sentido de recolher o maior número de informações possível sobre os informantes, visando, sobretudo, os pormenores sobre a integração escolar e suas principais dificuldades.

Após um enquadramento teórico que contempla uma contextualização histórico social dos países de origem e de acolhimento, bem como uma breve abordagem das teorias das migrações, procede-se à explicitação das principais temáticas abordadas em entrevista, começando por uma caracterização do grupo em análise, passando às condições em que estes jovens chegam a Portugal, às dificuldades sentidas, às suas tentativas de integração e, principalmente, à dificuldade de comunicação em Língua Portuguesa. Sendo esta a Língua veicular dos conhecimentos escolares e académicos, quais as soluções para superar o obstáculo que a mesma constitui no processo de ensino/aprendizagem.

Finalmente, e tendo por base todo o percurso dos informantes, averiguar sobre quais os seus objectivos de vida e se os pretendem incrementar e desenvolver no país de acolhimento.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Aprendizagem; Português – Língua Não Materna; Multiculturalidade; Socialização.

ABSTRACT

DISSERTATION

INTEGRATION OF YOUNG UKRAINIAN IMMIGRANTS IN THE PORTUGUESE SCHOOL SYSTEM: MAIN DIFFICULTIES AND WAYS TO OVERCOME THEM

MARIA FILOMENA MILITÃO SOARES

Portugal has been, for excellence, a country with strong migration flow having, particularly since the second half of nineties, welcomed a large number of immigrants from Eastern Europe, as a consequence of the precarious socio-economic conditions in the former USSR. Nowadays, almost two decades after the beginning of this migration flow, Eastern immigrants continue to arrive, mostly very young people, under the Family Reunification Law. They come to join their parents or relatives, who finally achieved the necessary conditions to welcome their younger ones.

This thesis addresses the abovementioned young people, in particular the young Ukrainian, as they are currently one of the most important migrating groups. This dissertation aims to investigate their life paths and, more specifically, their reception, acceptance and development in the school system since their arrival in Portugal. Thus, a qualitative research is made, through non-directive individual interviews, in order to collect as much information as possible about the informants, focusing above all on the details of their school integration and their biggest challenges.

After a theoretical background which aims to make a historical and social contextualization of the countries of origin and host countries, and short approach to the migration theories and transnationalism, follows the explanation of the main topic covered during the interview process, starting with a characterization of the group in

analysis and then the description conditions under which these young people arrive in Portugal, main difficulties, integrations attempts, and especially, the difficulties with the Portuguese language. Considering that Portuguese is the common language of school and academic knowledge, solutions to overcome the barrier it represents in the teaching/learning process are necessary.

Finally, this work aims to investigate, based on the informants course, what their life goals are, and if they intend to improve and develop their goals in the host country.

KEYWORDS: Education; Learning; Portuguese – Non Native Language; Multiculturalism; Socialization.

LISTA DE ABREVIATURAS

ACIDI, IP - Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, Instituto Público

ACIME – Alto-Comissário para a Imigração e Minorias Étnicas

AML – Área Metropolitana de Lisboa

ATL – Actividades de Tempos Livres

CE – Comunidade Europeia

CEE – Comunidade Económica Europeia

CEI - Comunidade dos Estados Independentes

CIAPI - Comissão Interministerial para o Acompanhamento das Políticas de Imigração

EB – Escola Básica

ES – Escola Secundária

FEDER – Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

FEOGA – Fundo Europeu de Orientação e Garantia Agrícola

FSE – Fundo Social Europeu

IEFP, IP – Instituto de Emprego e Formação Profissional, Instituto Público

LE – Língua Estrangeira

LM – Língua Materna

LNМ – Língua Não Materna

LP – Língua Portuguesa

LPNM – Língua Portuguesa Não Materna

MEC – Ministério da Educação e Ciência

MIPEX – Índice de Políticas de Integração de Migrantes

NUT – Nomenclatura de Unidade Territorial

OI – Observatório da Imigração

PA – País de Acolhimento

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PO – País de Origem

POPH – Programa Operacional de Potencial Humano

QREN – Quadro de Referência Estratégico Nacional

RIFA – Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo

UE – União Europeia

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 2.1 - ATITUDES DE ACULTURAÇÃO (FONTE: ANTÓNIO E POLICARPO (2011:52)).....	28
FIGURA 2.2 – EVOLUÇÃO DA EMIGRAÇÃO COM FOCO NOS ANOS 60 (FONTE: INE, 1999)	49
FIGURA 2.3 - EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO COM ESTATUTO LEGAL DE RESIDENTE (FONTE: SEF, 2005: 8)	53
FIGURA 2.4 – DIVISÃO TERRITORIAL DA UCRÂNIA (FONTE: BAGANHA E FONSECA, 2004: 15).	56
FIGURA 2.5 – AS MAIORES COMUNIDADES ESTRANGEIRAS EM PORTUGAL. SOMAS DAS AUTORIZAÇÕES DE PERMANÊNCIA CONCEDIDAS ENTRE 2001 E 2003 E O NÚMERO DE RESIDENTES ESTRANGEIROS EM 2004 (FONTE: SEF APUD COUTO E ROSAS, 2006: 89).....	68
FIGURA 2.1 - ATITUDES DE ACULTURAÇÃO (FONTE: ANTÓNIO E POLICARPO (2011:52)).....	28
FIGURA 2.2 – EVOLUÇÃO DA EMIGRAÇÃO COM FOCO NOS ANOS 60 (FONTE: INE, 1999)	49
TABELA 2.1 – EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO PORTUGUESA NO SÉCULO XX (FONTE: MAÇARICO, CHABY E SANTOS 2001: 141).	51
FIGURA 2.3 - EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO COM ESTATUTO LEGAL DE RESIDENTE (FONTE: SEF, 2005: 8)	53
FIGURA 2.4 – DIVISÃO TERRITORIAL DA UCRÂNIA (FONTE: BAGANHA E FONSECA, 2004: 15).	56
TABELA 2.2 – POPULAÇÃO ESTRANGEIRA COM ESTATUTO LEGAL DE RESIDENTE NA AML 2011. NACIONALIDADES MAIS REPRESENTATIVAS (FONTE: PORDATA, ELABORAÇÃO PRÓPRIA).....	59
FIGURA 2.5 – AS MAIORES COMUNIDADES ESTRANGEIRAS EM PORTUGAL. SOMAS DAS AUTORIZAÇÕES DE PERMANÊNCIA CONCEDIDAS ENTRE 2001 E 2003 E O NÚMERO DE RESIDENTES ESTRANGEIROS EM 2004 (FONTE: SEF APUD COUTO E ROSAS, 2006: 89).....	68
TABELA 3.1 - N.º DE ALUNOS MATRICULADOS DE NACIONALIDADE UCRANIANA, SEGUNDO O NÍVEL DE ENSINO, NOS CONCELHOS DA AML. ANO LETIVO DE 2008/2009 - ENSINO PÚBLICO DO MEC – JOVENS UCRANIANOS. (FONTE: DGEEC/MEC)	89
TABELA 3.2 - N.º DE ALUNOS MATRICULADOS DE NACIONALIDADE UCRANIANA, SEGUNDO O NÍVEL DE ENSINO, NOS CONCELHOS DA AML. ANO LETIVO DE 2009/2010 - ENSINO PÚBLICO DO MEC – JOVENS UCRANIANOS. (FONTE: DGEEC/MEC)	90
TABELA 3.3 - N.º DE ALUNOS MATRICULADOS DE NACIONALIDADE UCRANIANA, SEGUNDO O NÍVEL DE ENSINO, NOS CONCELHOS DA AML. ANO LETIVO DE 2010/2011 - ENSINO PÚBLICO DO MEC – JOVENS UCRANIANOS. (FONTE: DGEEC/MEC)	90
TABELA 3.4 – DADOS PESSOAIS DOS ENTREVISTADOS.....	93

LISTA DE TABELAS

TABELA 2.1 – EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO PORTUGUESA NO SÉCULO XX (FONTE: MAÇARICO, CHABY E SANTOS 2001: 141).	51
TABELA 2.2 – POPULAÇÃO ESTRANGEIRA COM ESTATUTO LEGAL DE RESIDENTE NA AML 2011. NACIONALIDADES MAIS REPRESENTATIVAS (FONTE: PORDATA, ELABORAÇÃO PRÓPRIA).....	59
TABELA 3.1 - N.º DE ALUNOS MATRICULADOS DE NACIONALIDADE UCRANIANA, SEGUNDO O NÍVEL DE ENSINO, NOS CONCELHOS DA AML. ANO LETIVO DE 2008/2009 - ENSINO PÚBLICO DO MEC – JOVENS UCRANIANOS. (FONTE: DGEEC/MEC)	89
TABELA 3.2 - N.º DE ALUNOS MATRICULADOS DE NACIONALIDADE UCRANIANA, SEGUNDO O NÍVEL DE ENSINO, NOS CONCELHOS DA AML. ANO LETIVO DE 2009/2010 - ENSINO PÚBLICO DO MEC – JOVENS UCRANIANOS. (FONTE: DGEEC/MEC)	90
TABELA 3.3 - N.º DE ALUNOS MATRICULADOS DE NACIONALIDADE UCRANIANA, SEGUNDO O NÍVEL DE ENSINO, NOS CONCELHOS DA AML. ANO LETIVO DE 2010/2011 - ENSINO PÚBLICO DO MEC – JOVENS UCRANIANOS. (FONTE: DGEEC/MEC)	90
TABELA 3.4 – DADOS PESSOAIS DOS ENTREVISTADOS.....	93

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. JUSTIFICAÇÃO E PERTINÊNCIA DO TEMA	5
1.2. CONTEXTO, PROBLEMÁTICA E NATUREZA DA INVESTIGAÇÃO.....	8
1.3. ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	11
2. ASPECTOS TEÓRICOS DAS MIGRAÇÕES	17
2.1. ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS	17
2.1.1. INTEGRAÇÃO.....	17
2.1.2. ASSIMILAÇÃO.....	19
2.1.3. GLOBALIZAÇÃO	21
2.1.4. ACULTURAÇÃO.....	25
2.2. CONCEITOS FUNDAMENTAIS: O PONTO DE VISTA DOS INFORMANTES	29
2.3. DO MULTICULTURAL AO INTERCULTURAL: UMA PERSPECTIVA COMPARATIVA.....	39
2.4. PAIS DE ACOLHIMENTO/PAIS DE ORIGEM.....	46
2.4.1. CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DO PAÍS DE ACOLHIMENTO (PORTUGAL).....	46
2.4.2. CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DO PAÍS DE ORIGEM (UCRÂNIA)	54
2.4.3. CARACTERIZAÇÃO DA AML E DAS POPULAÇÕES EM ANÁLISE.....	58
2.5. REAGRUPAMENTO FAMILIAR.....	67
3. SOCIALIZAÇÃO E SISTEMA DE ENSINO	75
3.1. SOCIALIZAÇÃO.....	75
3.2. BREVE ABORDAGEM DAS POLITICAS DE ENSINO EM PORTUGAL	79
3.3. A QUESTÃO DO ENSINO DO PORTUGUÊS – LÍNGUA NÃO MATERNA NO ENSINO PÚBLICO EM PORTUGAL COMO MEIO VEICULAR PARA O SUCESSO	87
4. CONCLUSÃO.....	107
5. BIBLIOGRAFIA	111
6. SÍTIOS DA INTERNET CONSULTADOS	117
7. ANEXOS	119
7.1. GUIÃO DE ENTREVISTA	119
7.2. ENTREVISTAS.....	125

1. INTRODUÇÃO

Os movimentos migratórios são, e têm sido, desde sempre, um dos factores mais importantes no desenvolvimento do globo terrestre até ao momento presente.

Sendo que se atribui a nossa ancestralidade ao *Homo Sapiens* e, sendo este “Homem Sábio” detentor de uma especial capacidade mental associada a um corpo erecto, revela-se, então, um ser capaz de alterar o ambiente à sua volta mais do que qualquer outra espécie de entre os seres vivos. Existem hoje testes de DNA que indicam que o homem moderno teve origem na África Oriental, há cerca de duzentos mil anos, tendo sido obrigado a deslocar-se devido a diversas circunstâncias naturais. Assim, poder-se-á dizer que as migrações representam a génese da própria Humanidade.

Tais movimentos ou fluxos verificam-se na medida em que os seres procuram para si e, em geral, para o seu grupo comunitário, as melhores condições de vida para poderem satisfazer, não só as suas necessidades básicas de sobrevivência, como também, e em especial no que à espécie humana diz respeito, a realização dos seus sonhos e, por vezes, tentar atingir as suas mais ousadas aspirações. A este nível, a decisão da emigração está, quase invariavelmente, associada a motivos que têm a ver com as características sócio-económicas do momento no país de origem. Todavia, poder-se-ão considerar questões outras, tais como as que se relacionam com factores políticos ou, simplesmente, com o gosto pela aventura e, ainda, com a procura de uma maior comodidade, na tentativa de uma vida mais tranquila.

“As teorias baseadas nos modelos de atracção-repulsão pressupõem que, em ordem a maximizar as vantagens e a reduzir o desconforto, o Homem é conduzido a efectuar escolhas racionais em função de determinadas “pressões”. Estas pressões, os factores de repulsão e atracção, “empurram” os indivíduos do seu local de origem, “atraindo-os” para outros locais.” (Rocha-Trindade, 1995:73)

Se bem que Portugal foi, principalmente, desde a altura da Expansão Marítima, devido ao seu clima ameno, à posição estratégica e às suas condições socioeconómicas favoráveis, um país muito sedutor para se viver. De acordo com Oliveira Marques *in Breve História de Portugal*, “Outro aspecto que tem de ser cuidadosamente analisado é

o da participação de estrangeiros e de interesses estrangeiros. (...) Juntamente com os Italianos outros muitos vieram, Bascos Castelhanos, Catalães, Europeus do Norte e, claro está, Muçulmanos. A sua participação e o seu contributo nas viagens portuguesas não devem ser esquecidos, nem sobrevalorizados ” (Oliveira Marques a. H., 1995:133). Contudo, tempos houve em que, pelos mais diversos factores certamente associados a fases de instabilidade, Portugal se tornou num país de emigração, tendo, nas últimas duas décadas do século XX, sido invertida esta tendência. E, eis que, dada a actual conjuntura, se verifica, de novo, um acentuado fluxo emigratório, sendo que, neste momento, se conjugam a emigração e a imigração.

Assim, uma das intenções deste trabalho é a de tentar, à partida, compreender os factores que concorreram para a alteração dos fluxos migratórios.

Visando agora o objecto de pesquisa que se pretende levar a cabo, o principal propósito com que farei esta breve história das migrações em Portugal é o de atingir o ponto em que ocorre a chegada de imigrantes da Europa de Leste para, *a posteriori*, desenvolver todo o trabalho.

Assim, e apontando desde já para o meu objecto de estudo, poderei referir que a intenção primária deste trabalho é a de analisar quais as principais dificuldades de integração dos jovens adolescentes, naturais da Ucrânia, no Sistema de Ensino em Portugal.

Feito um enquadramento histórico-geográfico e social, procede-se a uma breve caracterização do grupo em análise, partindo-se para uma pesquisa sobre a situação em que chegam estes jovens ao nosso país, referindo, obrigatoriamente (e entre outras) as questões principais relacionadas com o Reagrupamento Familiar e com as Políticas do Ensino, as quais considero de importância fulcral.

A grande questão de arranque da minha investigação é **“Como integrar da melhor forma os jovens imigrantes naturais da Ucrânia no Sistema Escolar Português? Quais as suas principais dificuldades de integração e como as têm vindo a superar?”**

Este tema de investigação surge na sequência do meu trabalho como Formadora do Português – 2ª Língua, com imigrantes de Leste (entre outros), o qual desenvolvi desde o ano lectivo de 2001, tendo feito parte integrante do grupo de formadores do projecto inicial do Programa Portugal Acolhe. Tendo sido criado através da Resolução

de Conselho de Ministros nº 14/2001, de 14 de Fevereiro, sob a gestão do IEFP – Instituto de Emprego e Formação Profissional, este programa tinha como principais objectivos contribuir para o acolhimento e inserção socioprofissional dos imigrantes em situação legal em Portugal bem como, desenvolver Acções de Formação em Língua Portuguesa e em Cidadania, fornecendo, assim, aos imigrantes, as “ferramentas” para um maior potencial de integração na nossa sociedade. Mais tarde, no ano de 2008, o Programa Portugal Acolhe terá sido substituído pelo Programa Português para Todos, que é gerido pelo ACIDI, I.P., enquanto organismo intermédio do POPH – Programa Operacional do Potencial Humano, no âmbito do QREN – Quadro de Referência Estratégico Nacional, assumindo-se este dentro de um novo contexto das políticas de imigração e apresentando conteúdos de Português Técnico para algumas áreas profissionais tais como: Construção Civil, Estética, Comércio, Hotelaria e Restauração.

Na altura, a imigração de Leste incluía, maioritariamente, uma população adulta ou de jovens bastante novos que chegavam a Portugal para trabalhar. Hoje, passada sensivelmente uma década, já se verifica uma imigração ao abrigo da Lei do Reagrupamento Familiar (Lei 23/2007, de 04 de Julho), imigração esta que, na sequência da já referida vaga de finais dos anos 90, se apresenta de características muito diferentes, suscitando novas preocupações. São jovens, muitos deles descendentes ou familiares dos imigrantes acima referidos, que, à sua chegada a Portugal, se apresentam ao nível do Ensino Básico e/ou Secundário, expressando-se, todavia, com fortes diferenças aos níveis linguístico e cultural, o que, em alguns casos pode gerar sérios desafios à integração.

Considero pertinente a análise desta “nova vaga” de imigrantes, na medida em que é importante conhecer as suas dificuldades face ao Sistema de Ensino Português na tentativa de suprir algumas lacunas que, pelo menos ao nível prático, ainda se notam muito prementes e se tornam impeditivas no percurso escolar destes indivíduos o que se poderá, certamente, vir a reflectir-se, mais tarde, no âmbito socioprofissional.

O estudo está dividido em três partes fundamentais seguidas de algumas notas conclusivas e de algumas sugestões para trabalhos futuros.

Após esta breve introdução, seguem-se: a justificação e pertinência do tema, o contexto, a problemática e natureza da investigação bem como os pressupostos para uma abordagem metodológica, constituindo-se assim o primeiro capítulo.

No segundo capítulo são abordados alguns aspectos teóricos das migrações, dividindo-se este em cinco (5) subcapítulos fundamentais.

No primeiro subcapítulo explicitam-se os conceitos de Integração, Assimilação, Globalização e Aculturação, sendo que, o segundo subcapítulo tem por base as informações referentes a estas temáticas na óptica dos elementos entrevistados.

O terceiro subcapítulo consiste numa breve abordagem sobre a cultura e suas dimensões do multicultural ao intercultural, numa perspectiva comparativa.

No quarto subcapítulo estudam-se os contextos histórico-sociais dos países de acolhimento e de origem, efectuando-se também uma caracterização da Área Metropolitana de Lisboa e das populações em análise de forma generalista.

Para finalizar este capítulo, no quinto subcapítulo faz-se um breve enquadramento do fenómeno do Reagrupamento Familiar e da integração dos jovens imigrantes ucranianos na sociedade portuguesa.

A terceira parte, dedicada especialmente às questões da Socialização e do Sistema de Ensino, divide-se em três (3) subcapítulos, começando por uma explicitação do conceito de Socialização como fundamentação teórica para a integração em meio escolar, passa-se a uma breve abordagem das políticas de ensino ilustrada pelas opiniões e sugestões dos informantes e, por fim, incide-se sobre a questão do ensino do Português – Língua não Materna no Ensino Público em Portugal como meio veicular para o sucesso.

1.1. JUSTIFICAÇÃO E PERTINÊNCIA DO TEMA

“Como integrar da melhor forma os jovens imigrantes ucranianos no Sistema Escolar Português? Quais as suas principais dificuldades de integração e como as têm vindo a superar?”

Sendo o tema desta investigação muito pertinente e actual, tentar-se-á, de forma específica o quanto possível, saber até que ponto é que os jovens imigrantes da Ucrânia têm vindo a ser convenientemente integrados no Sistema de Ensino Português. Por outro lado, e tendo em conta as suas histórias de vida e as experiências no país de acolhimento, averiguar até que ponto se sentem integrados na escola e na sociedade portuguesa e se, de acordo com essas vivências, se sentem predispostos para continuar como estudantes, seguindo o Ensino Superior, se pretendem uma inserção no mundo laboral ou se, em última análise, preferem regressar ao seu país de origem, dando-se conta das motivações específicas para cada uma das suas opções.

Poderemos começar por questionar até que ponto é que existem ou não, neste momento, estruturas de apoio eficazes no Ensino em Portugal para poder receber, instruir e orientar a população em estudo para que estes indivíduos se sintam inseridos e consigam superar todos os obstáculos com que se deparam. Citem-se, a este propósito, as palavras do então Ministro da Educação, Roberto Carneiro, na abertura do seminário sobre *Formação Pessoal e Social em Debate*, organizado em Janeiro de 1991 pelo IIE: “Este trabalho é de grande dificuldade técnica e científica, pois, não se trata de elaborar programas em moldes tradicionais, como matérias de leccionação, mas sim percursos de desenvolvimento e de integração. Tais percursos, balizados por orientações universais e comuns, devem ser delineados e desenvolvidos pelos próprios alunos, pois, pretendem, essencialmente, constituir o campo em que eles, como pessoas em sociedade, se constroem no seu próprio itinerário de maturação. Trata-se de libertar e não de constranger; visa-se acolher, com naturalidade a diferença e a escolha, ao invés de impor, arrogantemente, o molde e a marca. Com justeza, encara-se esta vertente essencial da reforma educativa com critérios de exigência e de qualidade”. (Carneiro, 1991 citado em Gomes, 2001: 68).

Aplicando-se estes critérios aos estudantes imigrantes, não se pode deixar de ter em consideração que a adaptação de currículos é, necessariamente, muito heterogénea o que acarreta, por sua vez, uma grande dificuldade de gestão de turma em termos de ensino/aprendizagem.

Acrescente-se, numa perspectiva mais recente de Bártolo Paiva Campos, no seminário de 18 de Junho de 1999, intitulado “Professores num Contexto de Mudança: Profissionais do Ensino em Escolas Autónomas” (que veio a fazer parte integrante da obra *O Futuro da Educação em Portugal. Tendências e Oportunidades: Um Estudo de Reflexão Prospectiva*): “Do ensino de elites, cada vez mais seleccionadas e homogéneas, a expectativa social tem vindo a passar para o ensino com sucesso de massas heterogéneas, em níveis cada vez mais elevados de escolaridade e de qualidade. Esta expectativa, embora não seja ainda completamente pacífica, tenderá a acentuar-se. Já não tem a seu favor apenas o reconhecimento do direito de todos ao mais elevado nível de escolaridade possível, mas também o progressivo reconhecimento, quer da necessidade de uma população activa mais qualificada, por parte do mercado de trabalho, quer da indispensabilidade da melhor preparação de todos os cidadãos para uma participação cívica mais actuante nos vários sectores da sociedade, quer ainda do interesse desta em promover uma maior coesão social, para evitar as consequências negativas da exclusão social a que a exclusão escolar está ligada.” (Campos, 2002: 287)

Na medida em que esta simples questão, por si só, implica desde logo uma grande complexidade, refira-se, então, a problemática inerente ao facto de Portugal, tendo sido um país de emigração durante o século XX, apontando para um período relativamente recente, se debater agora com questões novas quanto à estratégia a seguir no sentido da integração de imigrantes.

Segundo Maria Beatriz Rocha-Trindade “Consoante a natureza dos interesses envolvidos, assim se desenham as várias políticas nacionais em matéria de imigração. Delas resultam estatutos, deveres, direitos e obrigações impostos aos residentes estrangeiros, em relação aos quais o país receptor exercerá o seu poder soberano nas matérias que lhes respeitam” (Rocha-Trindade, 1995:47)

Neste âmbito, será que a perspectiva mais viável ou conveniente é a do assimilacionismo? Ou pelo contrário, será a do interculturalismo? Até que ponto são, ou podem ser cada um destes métodos ou as próprias políticas de Educação e de Inserção levadas à prática independentemente uma da outra? E até que ponto serão

prudentemente exequíveis? Ainda na perspectiva da mesma autora: “Actualmente pensa-se que o grau de adaptação a uma determinada cultura envolve um ajustamento tanto social como emocional, assim como a aceitação das normas sociais prevalecentes. Estamos, portanto, longe da visão que postulava a conformidade passiva às normas, como forma de prevenir os comportamentos desviados. O conceito chave assenta na “capacidade de cooperar”, cooperação esta que deve basear-se no estabelecimento de um compromisso entre os desejos individuais e os requisitos sociais, numa estrutura fluida e em permanente mudança, exercendo sobre os migrantes, pressões dos mais variados tipos. A estes constrangimentos, os grupos respondem de forma igualmente divergente, segundo as características individuais, demográficas, económicas e sociais, bem como em função da história e da experiência do grupo a que pertencem.” (Rocha-Trindade, 1995:102)

Sendo a escola um espaço que reflecte a nossa realidade social, na medida em que ela própria se define enquanto espaço de saberes, de culturas e fonte de socialização, há, então, que tentar promover com sucesso as estratégias de ensino/aprendizagem de forma a que exista uma verdadeira formação do indivíduo como ser positivo e social em todas as dimensões. Desta feita, deixar-se-á a questão em aberto para que sirva de base a todo o trabalho a levar a cabo, citando Almerindo Janela Afonso no seu artigo “*A redefinição do papel do Estado e as Políticas Educativas*”: “Em síntese (...) estão hoje em curso estratégias diferenciadas para a redefinição do papel do estado que é preciso analisar em profundidade de modo a perceber as suas implicações específicas no campo das políticas educativas. Há também caminhos que estão a ser construídos e soluções que estão a ser propostas que contêm tensões e dilemas difíceis de resolver, sobretudo quando a lógica da regulação se sobrepõe à lógica da emancipação.

Entretanto, fora das velhas e das novas ortodoxias, há também experiências em curso que continuam a dar sentido a lutas sociais e a políticas públicas em torno de projectos emancipatórios. Sendo assim, e sem esquecer que há dimensões da globalização que podem possibilitar e potenciar acções contra-hegemónicas, não poderemos aproveitar melhor o facto de a educação estar sujeita ainda a uma “globalização de baixa intensidade” para não desistirmos de lutar por políticas educativas mais justas e democráticas?” (Afonso, 2001)

Na sequência de pensamento deste autor, os caminhos seguidos de acordo com uma lógica da regulação seriam, talvez, mais directos, estáticos e em que tudo se compunha de forma ordeira e homogénea, tanto na perspectiva do ensino por parte do professor, como na percepção do aluno, enquanto receptor e aprendiz. Este seria, não somente o aprendiz de conteúdos, mas também, de normas e valores vigentes e que seriam tomados como absolutos e incontestáveis, fomentando estratégias de ensino /aprendizagem sem margem para a inovação nem lugar à implementação de novas visões ou estratégias. Por outro lado, quando a lógica é a da emancipação, o ensino torna-se mais aberto às novas expectativas, à nova realidade social, e, também, à mudança sistemática, permanente e profunda de que estão hoje imbuídas as sociedades num contexto cada vez mais global.

Assim, e na esperança de uma constante inovação, urge que as metodologias de ensino/aprendizagem se adaptem a realidades prementes tais como à multiculturalidade, fruto de migrações e da miscigenação entre povos e culturas, aos valores que se transformam, às novas tecnologias, às questões da criminalidade ou de doenças inerentes à nova realidade social, e a um sem fim de outras questões de importância primordial que, necessariamente, não podem cair em esquecimento.

Num enquadramento de possível socialização, tendo em conta a perfeita integração social da criança no decurso do seu desenvolvimento na actual sociedade global dir-se-ia que muito há ainda em perspectiva no sentido de promover uma educação/aprendizagem em torno das políticas baseadas em projectos eminentemente emancipatórios.

1.2. CONTEXTO, PROBLEMÁTICA E NATUREZA DA INVESTIGAÇÃO

Numa abordagem prévia de enquadramento do objecto de estudo tomam-se como pontos principais de carácter geral: uma breve reflexão histórica sobre as migrações em Portugal, bem como as migrações dos países da Europa de Leste, suas causas e consequências. Explicitam-se também alguns conceitos importantes para o âmbito do trabalho tais como: os conceitos de integracionismo, de assimilacionismo, de globalização, de aculturação e de socialização, entre outros que se revelem pertinentes.

Consideram-se ainda as condições histórico-geográficas e sociais da Ucrânia, como o país de origem seleccionado para a investigação, elaborando uma apresentação do país, relatando, sumariamente, a sua história sócio demográfica que compreende as causas e possibilidades para a emigração.

Apresentando a questão principal: **“Como integrar da melhor forma os jovens imigrantes ucranianos no Sistema Escolar Português? Quais as suas principais dificuldades de integração e como as têm vindo a superar?”**, proponho explicitar um pouco melhor os principais pressupostos que se pretendem analisar, passando, posteriormente, a outras questões complementares que serão pertinentes para o entendimento global da temática principal.

Tomando como área geográfica de acolhimento a Área Metropolitana de Lisboa, visto que é esta, a nível nacional, uma das regiões preferidas para residência de grande número de imigrantes ucranianos, procede-se a uma breve caracterização da população alvo para este estudo.

Por outro lado, o que interessa para o estudo, será uma população diferenciada, que tenha vindo para Portugal e tenha integrado os Ensino Básico e/ou Secundário. Assim, o grupo em avaliação terá que ser um composto de indivíduos que, à sua chegada a Portugal, se encontrassem em idade e condições escolares para poderem integrar a escola em qualquer destas fases. Isto, na medida em que, grande parte dos jovens de ascendência ucraniana, de idades inferiores terão, eventualmente, já nascido em Portugal ou terão chegado ainda na sua infância primária. Tal facto pode significar que o processo de integração em meio escolar será substancialmente diferente visto que estes jovens, em princípio, têm já assimiladas, de alguma forma, a Língua e Cultura Portuguesas, contrariamente àqueles que chegam a Portugal e sentem a imperiosa necessidade de adaptação para, só posteriormente, se proporem a uma integração em ambiente estudantil. Estes, por sua vez, terão constituído, à altura da sua chegada a Portugal, uma nova preocupação no que respeita ao ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa e, também por isso, novos desafios neste âmbito, sendo que, a Língua Portuguesa é o meio veicular para o acompanhamento e sucesso de todas as restantes disciplinas, reflectindo-se igualmente, por consequência, ao nível do aproveitamento e da integração em ambiente escolar.

Se Portugal acolhe, até então, jovens imigrantes de origem africana que, apesar das dificuldades na aprendizagem da Língua Portuguesa, são naturais de países onde

oficialmente se falava o Português, passa a ter uma nova realidade nas suas escolas: os jovens ucranianos, chegados de um país onde a Língua é completamente distinta em todas as suas perspectivas (sintáctica, semântica, fonológica, morfológica, fonética, gráfica, etc.), apresentando-se como um grande repto e causando um grande impacto em todo o sistema de ensino em Portugal, enquanto país de acolhimento.

No que respeita ao conjunto de indivíduos em estudo, para além deste factor considerado primordial, há a ponderar outras condições igualmente importantes tais como: a origem e o tipo de meio (rural ou citadino) de onde são oriundos, a nacionalidade, o género, a idade, a sua profissão (se é que a têm ou já tiveram), o grau de instrução, etc. Surgem, então, as questões secundárias supra-mencionadas: Qual o percurso de vida destes jovens e porque vieram para Portugal? Com que idade chegaram e há quanto tempo? O que podem revelar-nos sobre a sua chegada a este país de acolhimento? Que relacionamentos estabelecem com a sua própria comunidade e com a comunidade portuguesa? Já constituíram um grupo de amigos? Quais as suas nacionalidades? Sentem-se integrados na sociedade portuguesa? Como se sentem (ou sentiram) integrados no Sistema de Ensino em Portugal? De que forma ultrapassaram os obstáculos em todo o processo de integração (se for o caso)? Com que apoios puderam contar no sentido de uma melhor integração no Sistema de Ensino/na sociedade? Quais as maiores dificuldades com que se depararam no processo de ensino/aprendizagem? O que pensam sobre a sociedade portuguesa em geral? Que avaliação fazem no que respeita ao desempenho das Instituições em Portugal? E no que respeita às Instituições de Ensino em Portugal? Qual o grau de confiança no ensino em Portugal no que respeita à escola como Instituição, nos colegas, nos professores, etc. O que pensam estes jovens imigrantes sobre as Políticas Educativas em geral e sobre as Políticas Educativas de Inserção em especial? Que opiniões podem expressar, neste contexto, visando uma melhoria na qualidade do ensino para estrangeiros em Portugal? Quais as suas aspirações ao nível socioprofissional e/ou académico?

Tendo como base todas estas questões de fundo, passemos, então à Metodologia de Investigação a adoptar com vista a uma abordagem o mais profunda possível da temática.

1.3. ABORDAGEM METODOLÓGICA

No que respeita à metodologia a adoptar para a investigação, opta-se por métodos e técnicas diferenciadas, na medida em que, cada um concorre, com a sua contribuição específica, para que resulte um trabalho mais rico e completo.

Considerando, à partida, indispensável uma investigação e recolha bibliográfica e documental em vertentes distintas, comecei por consultar obras de carácter geral sobre temas relacionados com a investigação de fundo, nomeadamente, obras sobre a metodologia do trabalho científico para as ciências sociais; sobre aspectos históricos sociais e demográficos tanto do país de acolhimento como do país de origem; sobre questões essenciais para uma abordagem mais conhecedora de âmbito alargado tais como: cidadania e comunidade cívica, associativismo, redes sociais, multiculturalidade, cosmopolitismo e, por fim, as questões mais directamente relacionadas com a problemática do trabalho em específico: imigração, integração, aculturação, ensino e aprendizagem e, em especial, questões referentes ao ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa enquanto Língua não Materna. Foi também preocupação permanente a consulta de bibliografia e documentação complementar sobre temáticas como relações inter-étnicas, políticas sobre a regularização de estrangeiros em Portugal, as questões de reagrupamento familiar e de aquisição de nacionalidade bem como questões relacionadas com o acesso à saúde e à segurança social, à habitação e, em especial, à educação. Refira-se aqui a *Carta de Residentes na Europa*, datada de Agosto de 1996, altura que considero ser de suma importância, visto que foi a partir deste momento histórico que se verificaram os grandes fluxos de imigrantes de Leste em Portugal.

Impõe-se a necessidade de aprofundar também as pesquisas ao nível das estatísticas, pois são de importância primordial, embora se revelem, por vezes, pouco elucidativas devido ao seu carácter demasiado generalista.

Para além destas, foram analisadas também, e como documentos de comparação, algumas Teses de Mestrado que tocam, num ou noutro aspecto, os objectos de análise em discussão.

Esta fase de investigação proporcionou-me um conhecimento lato das temáticas específicas ou, de alguma forma, relacionadas com o meu próprio tema, bem como um entendimento mais profundo sobre os métodos e técnicas de abordagem a utilizar.

E, se, mercê dos meus estudos, aumentou o meu conhecimento sobre os assuntos a abordar, torna-se cada vez mais premente, a obrigatoriedade do contacto com diferentes instituições directamente relacionadas com o objecto de estudo do meu trabalho, pois este contacto é, em minha opinião, uma mais-valia inestimável pelo seu valor e riqueza qualitativos de base empírica. Refiro-me, por exemplo, à abordagem que levei a cabo junto de Associações de Imigrantes de Leste, junto de Câmaras Municipais e/ou Juntas de Freguesia e, como não poderia deixar de ser, junto do Ministério de Educação e de Escolas da Área Metropolitana de Lisboa (AML).

Desta feita, foram realizadas duas (2) entrevistas iniciais em associações de imigrantes em Setúbal, nomeadamente, à Associação de Imigrantes dos Países de Leste – EDVINSTO e à Associação de Imigrantes Romenos e Moldavos – FRATIA para uma primeira abordagem informal e informativa sobre o tema e sobre o intuito da pesquisa.

Refira-se que, a esta altura, a intenção era a de fazer um trabalho de pendor essencialmente quantitativo sobre a integração dos alunos imigrantes de Leste no Sistema Escolar português, por meio de inquérito aplicado em todas as escolas da AML, o qual não foi possível dada a indisponibilidade revelada por parte da maioria das escolas contactadas. Todavia, chegaram a ser contactados pessoalmente, mediante entrevista previamente agendada, os senhores Directores de três (3) escolas na Margem Sul do Tejo, os quais se disponibilizaram, de imediato, para colaborar em tudo o que fosse necessário, a saber, Escola Secundária de Romeu Correia (Feijó), Escola Secundária Fernão Mendes Pinto (Almada) e Escola Secundária de Amora (Amora).

Neste âmbito, terão sido também contactadas outras entidades. Foram contactadas telefonicamente várias Câmaras Municipais e, na sequência de alguns destes contactos, foram, a pedido, enviados emails para as Câmaras Municipais de Setúbal, Almada e Seixal, onde me desloquei também posteriormente, solicitando algumas das informações mais pertinentes tais como as nacionalidades dos alunos, o número de alunos por nacionalidade e por escola, os projectos e propostas de trabalho em curso, etc. Todavia, e apesar dos muitos contactos efectuados, por vários meios junto destas entidades, toda a insistência se revelou infrutífera, na medida em que, por falta de resposta ou devido a resposta pela negativa, não foi possível utilizar a informação que esperava obter.

A hipótese de realizar um inquérito por questionário conheceu ainda um óbice suplementar devido à dificuldade em obter, por parte da tutela ministerial e em tempo útil, a aprovação do modelo de questionário que lhe fora submetido.

Assim, opta-se por uma análise mais qualitativa, mais pessoal e, também, mais do agrado da autora, tomando por base o método da entrevista orientada para a informação. Este tipo de entrevista “visa circunscrever a percepção e o ponto de vista de uma pessoa ou de um grupo de pessoas numa situação dada. Aqui, o processo pode ainda ser mais ou menos estruturado mas, neste caso, é o entrevistado que impõe o grau de estruturação. Uma entrevista deste género é frequentemente designada por “não estruturada”, no sentido de que ela não é estruturada do ponto de vista do entrevistador.

Há entrevistadores que adoptam este último tipo de entrevista por não saberem bem qual a linha de conduta a adoptar até terem tido a possibilidade de verificar o género de informação que está disponível. Um tipo de entrevista semelhante permite ao entrevistado exprimir os seus sentimentos e os seus interesses sem receio de estar a ser manipulado pelo entrevistador.” (Lessard-Hébert, Goyette e Boutin, 2005: 162)

Nesta nova fase de trabalho e elaborado o Guião de Entrevista, que terá sido, *a posteriori*, verificado e testado nas primeiras duas (2) entrevistas exploratórias, comecei por contactar os meus ex-formandos, no sentido prospectivo, para saber quais seriam as hipóteses de, por seu intermédio, chegar a alguns jovens que pudessem satisfazer os requisitos iniciais com vista ao objectivo do trabalho. Assim, e com toda a boa vontade, alguns, apesar das tentativas, não conseguiram resultados satisfatórios, outros forneceram-me contactos de jovens seus conhecidos e amigos ou familiares, a quem tive o prazer de conhecer e entrevistar mais tarde e que, por sua vez, me apresentaram outros amigos a quem também apliquei a entrevista num “processo de bola de neve”, outros ainda, sugeriram-me que contactasse a Escola Ucraniana, pois aí poderia facilmente encontrar muitos jovens que, certamente, satisfariam os requisitos visando o objectivo do trabalho.

Dado que toda a atenção se volta, impreterivelmente, para os jovens estudantes, formando estes o meu *corpus* principal, enceta-se, então, o trabalho de terreno. Segundo Lessard-Hébert, Goyette e Boutin “Em conformidade com os seus postulados ontológicos, a investigação qualitativa parece (...) dar lugar ao contexto da descoberta antes e durante a recolha dos dados: as questões, as hipóteses, as variáveis ou as categorias de observação normalmente não estão totalmente formuladas ou

predeterminadas no início de uma pesquisa.” (2005:102). Contudo, quando parti para a entrevista, estavam já bem presentes os interesses prementes para os objetivos do estudo, não tinha, todavia, a percepção clara de que os informantes poderiam, por exemplo, não entender as perguntas por completo ou trocar as respostas de determinadas questões por outras. Este factor veio, mais tarde, a representar uma dificuldade na interpretação de cada interrogação, que se pretendia algo delimitada, e acabou por ter que ser tomada no conjunto de toda a interpretação. E eis uma explicação, ainda a partir dos mesmos autores: “O investigador desembarca no campo da pesquisa munido de um quadro conceptual em embrião e de uma série de questões de âmbito geral. À medida que coloca as suas perguntas e observa o comportamento dos actores, o investigador recolhe uma série de respostas – todavia estas são contraditórias, vagas ou ambíguas.” (ibidem: 103)

Outra das limitações no que diz respeito às entrevistas, foi o facto de alguns dos informantes apresentarem bastantes dificuldades de comunicação em Língua Portuguesa, o que exigiu mais tempo do que o inicialmente previsto dado que surgiu, por vezes, a necessidade de repetir, e/ou clarificar determinadas questões, no intuito de obter a melhor e mais completa informação possível.

Acrescente-se que, tendo sido as entrevistas gravadas e nem sempre a escolha do local ter sido possível ou previamente programada, situações houve em que, o facto do espaço físico poder afigurar-se conveniente para fazer a entrevista, veio a revelar-se falsamente ideal aquando da transcrição da mesma, pois, só nessa altura, terão sido constatados os ruídos de fundo que inicialmente pareciam insignificantes tanto para o/a entrevistado/a, como para a entrevistadora.

Foram realizadas, ao todo, quinze (15) entrevistas individuais de forma directa, activa e encorajadora para que se pudesse criar um ambiente de alegria e confiança com cada um dos jovens informantes. As entrevistas foram todas agendadas e realizadas pela própria autora do trabalho, a qual veio, posteriormente, a fazer as transcrições, a recolha de dados, os relatórios e as interpretações dos mesmos, com vista à elaboração do seu estudo numa perspectiva não somente sociográfica, mas também, tentando analisar os aspectos menos comuns ou excepcionais.

Confirmando-se esta ideia pela citação de Quivy e Campenhoudt “Em princípio, o que caracteriza os sociólogos é estudarem os conjuntos sociais (por exemplo, uma sociedade global ou organizações concretas dentro de uma sociedade global) enquanto

totalidades diferentes da soma das suas partes. São os comportamentos de conjunto que lhes interessam em primeiro lugar, as suas estruturas e os sistemas de relações sociais que os fazem funcionar e mudar, e não os comportamentos, por si próprios, das unidades que os constituem. Porém, mesmo neste tipo de investigações especificamente sociológicas, as informações úteis, muitas vezes, só podem ser obtidas junto dos elementos que constituem o conjunto.” (2008: 159). Assim, a população alvo inicial que serviria este trabalho seria constituída por jovens imigrantes de Leste que tivessem chegado a Portugal durante a fase da sua adolescência. Todavia, no decorrer do trabalho de campo, veio a revelar-se mais importante um estudo sobre jovens ucranianos, visto que, das quinze (15) entrevistas realizadas, apenas dois dos informantes não eram de nacionalidade ucraniana. Por outro lado, no conjunto dos entrevistados, existem relativamente poucos elementos que tivessem chegado a Portugal durante a fase da adolescência, daí que, opta-se por um alargamento da faixa etária, de forma a abranger jovens que tivessem chegado a Portugal em condições de escolaridade para integrar o Sistema de Ensino tanto no Básico como no Secundário, sendo que, as dificuldades a considerar nestes dois grupos serão diferenciadas, como se poderá constatar ao longo do trabalho de análise e interpretação de dados.

Por conseguinte, das quinze (15) entrevistas realizadas, houve a necessidade de fazer uma selecção da qual resultou a exclusão de três (3) destas, duas (2) das quais, devido ao facto de as informantes não serem de nacionalidade ucraniana, mas sim, uma de nacionalidade moldava e outra de nacionalidade bielorrussa, por outro lado, a restante informante terá integrado directamente em Portugal o Ensino Superior, e não o Ensino Básico ou Secundário.

Visto que toda a análise se baseia nas histórias de vida dos informantes seleccionados, é de referir que, tal como afirma Anthony Giddens “As opiniões dos sociólogos acerca do valor das histórias de vida divergem: alguns acham que o método é demasiado inseguro para fornecer uma informação útil, enquanto outros acreditam que as histórias de vida fornecem fontes de conhecimento que muito poucos outros métodos de investigação sociológica podem igualar” (2004: 652). As entrevistas transcritas foram dadas a ler a alguns dos informantes para confirmação dos dados e de todo o conteúdo, sem qualquer reconstrução biográfica ou comentário interpretativo. Informe-se que foi, em todos os casos, feita a tentativa de envio das entrevistas para leitura por parte de todos os informantes, todavia, por falta de conexão informática, nem todos

receberam o documento. Daí que, nestas contei com a fidelidade absoluta ao que foi dito na altura, dispensando, assim, a confirmação do/a entrevistado/a.

Posteriormente à transcrição das entrevistas, teve lugar uma reflexão analítica sobre os dados recolhidos no trabalho de campo, da qual darei conta ao longo de toda a dissertação descritiva, essencialmente baseada nas informações recolhidas, utilizando fragmentos narrativos e citações textuais extraídas das entrevistas e apoiada por todo o contexto teórico do qual me encarrego de seguida.

Em termos conclusivos, foi feito também o levantamento de todos os pontos passíveis de crítica, seja positiva ou negativa, estabelecendo-se as devidas relações entre as perspectivas empírica e teórica, no sentido de se poder testar com rigor a validação, ou não, das questões formuladas.

Em suma, perante tantas questões em avaliação, o objectivo será o de aferir sobre alguns antecedentes comuns a estes jovens bem como sobre a sua chegada a Portugal e conseqüente integração na sociedade portuguesa, sobre os sentimentos de impotência ou de desajustamento, sobre os níveis de satisfação nas suas vidas em geral e no âmbito escolar ou académico em particular, sobre o respeito pelas regras e pelas leis instituídas no país de acolhimento, sobre as estruturas sociais de cooperação e os valores sociais vigentes e, em última análise, sobre a forma como estes jovens podem contribuir para uma melhoria do ensino/aprendizagem do Português enquanto Segunda Língua em Portugal.

2. ASPECTOS TEÓRICOS DAS MIGRAÇÕES

2.1. ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS

2.1.1. Integração

Sendo que a “integração” é a palavra-chave de todo o trabalho, é por este conceito que se inicia o elenco de noções associadas à problemática em questão.

No *Dicionário de Língua Portuguesa* (1998: 940), “integrado” é sinónimo de “incluído”, “assimilado”, “adaptado”. Todavia, numa perspectiva de estudo sociológico, estas diferentes definições poderão não ser tão linearmente tomadas como sinónimos.

Assim, e segundo António Perotti, “Tratando-se de culturas minoritárias e de cultura dominante, o conceito de integração opõe-se à noção de assimilação e indica a capacidade de confrontar e de trocar – numa posição de igualdade e de participação – valores, normas, modelos de comportamento, tanto da parte do imigrante como da sociedade de acolhimento. A integração é o processo gradual pelo qual os novos residentes se tornam participantes activos na vida económica, social, cívica, cultural e espiritual do país de imigração.

O aspecto inter-relacional é essencial à noção de integração, que implica a mistura de culturas e exclui a justaposição. Supõe a integração comunicativa, isto é, a integração entre, por um lado, os instrumentos e a rede de comunicação da sociedade de acolhimento e, por outro lado, os instrumentos e a rede de comunicação das comunidades imigradas.” (Perotti, 2003:49)

Poder-se-á dizer que a integração depende de um processo que se desenvolve biunivocamente numa sociedade. O indivíduo que chega ao país de acolhimento deve ser aceite e incluído por parte das instituições responsáveis, estabelecendo relações que lhe permitam assumir decisões em sociedade. Para tal, o imigrante tem que ter em mente uma predisposição para se adaptar ao novo país e a todos os desafios que este lhe oferece, ou seja, deverá estar aberto a uma nova cultura, a novas relações sociais, ao granjear de novos hábitos, à aquisição de novas competências e, na maioria dos casos, à

necessidade de aprendizagem de uma nova Língua, no intuito de vir a adaptar-se e, eventualmente, a pertencer a uma sociedade substancialmente diferente em termos geográficos, étnicos, culturais, legislativos e institucionais, entre outros.

O país receptor, por seu lado, visando um maior prestígio enquanto sociedade de acolhimento, terá por obrigação revelar-se um excelente anfitrião, proporcionando aos recém-chegados as melhores condições e oportunidades para o desenvolvimento de uma vida digna e próspera, resultando a integração como um processo interactivo e positivo para ambas as partes.

Todavia, o processo de integração, em contexto de imigração nem sempre é fácil na medida em que poderão existir barreiras a ultrapassar por ambas as partes, implicando uma eventual ruptura no sistema. Se, por vezes, o imigrante não tem a capacidade de integração necessária, noutros casos, é possível que o país de acolhimento não tenha as condições suficientes para receber condignamente o fluxo imigratório, o que gera condições de vida precárias, segregação e, conseqüentemente, a inadaptação que conduz a conflitos de diferentes tipos (económicos, étnicos, culturais, religiosos, entre outros).

Esta perspectiva é também corroborada por Rui Pena Pires quando refere “O termo integração é correntemente usado na literatura sociológica para designar, no plano micro, o modo como os actores são incorporados num espaço social comum, e, no plano macro, o plano como são compatibilizados diferentes subsistemas sociais. O domínio da integração constitui, pois, uma das dimensões do problema da ordem na medida em que envolve os modos de padronização da vida social no âmbito das articulações problemáticas entre as “partes” e o “todo”.” (Pires, 2003:13)

A questão da “integração” pressupõe, assim, uma interdependência entre o indivíduo e o sistema-sociedade. Principalmente numa fase mais avançada do processo de integração, em que o imigrante já se identifica bastante com a sociedade de acolhimento, teremos certamente a considerar as questões propostas por Durkheim.

”Melhor seria reservar o uso da palavra “integração” a uma propriedade do sistema social. (...) Um grupo social, segundo Durkheim, está integrado na medida em que os seus membros: 1. Possuem uma consciência comum, partilhando as mesmas crenças e práticas; 2. Estão em interacção uns com os outros; 3. Sentem-se votados a fins comuns.” (Boudon et al. 1990: 135)

Assim, quando o indivíduo chega a possuir, em comum com a sociedade receptora, uma consciência, partilhando as mesmas crenças e práticas, estará apto a uma interacção pacífica e positiva e disposto à (re)construção da sociedade que o acolhe, fazendo-a prosperar com o seu trabalho e empenho, com a sua família e o que esta traz como mais-valias, com os seus conhecimentos, e, em última análise, com todo um conjunto de valores humanos que, quando bem coordenados e aproveitados, constituem um inestimável contributo para o país de acolhimento.

2.1.2. Assimilação

Numa perspectiva algo diferente da ideia de integração, surge o conceito de assimilação. A “assimilação” é o “acto ou efeito de assimilar”, é a “acção de fazer que duas ou mais coisas se tornem semelhantes”. Em Biologia, será a “propriedade característica do protoplasma em virtude da qual os seres vivos transformam na sua própria substância, as substâncias que recebem do meio externo, por intervenção de fenómenos anabólicos”. Ao nível gramatical é o “fenómeno fonético que consiste na identificação de um som com outro que lhe fica próximo” e, por analogia, poderá ser ainda, a “compenetração de ideias ou sentimentos alheios”. (*Dicionário de Língua Portuguesa* 1998: 169)

Em Sociologia das Migrações poderemos usufruir de cada uma destas definições, visando melhor explicitar o conteúdo na perspectiva do indivíduo social em situação. Poderemos aqui assumir a posição do imigrante no país de acolhimento. Ele tenderá, numa primeira fase, a aceitar, a apreender e utilizar da melhor forma os “instrumentos” que o rodeiam, na tentativa de se assemelhar à sociedade em que se encontra recém-inserido. Numa segunda fase, poderá vir a “transformar na sua própria substância, as substâncias que recebe do meio externo” de forma mais ou menos intensa. Dependendo dos âmbitos de acção, virá certamente a adquirir, por exemplo, alguns usos e costumes, bem como a Língua de Comunicação do país de acolhimento, identificando-se já com a sociedade que o acolhe.

De acordo com Perotti (2003:47) “Trata-se de um processo que concebe as relações entre os migrantes e a sociedade de acolhimento na base de uma passagem

unilateral (conformização) aos modelos de comportamento da sociedade de acolhimento, modelos esses que se impõem à personalidade do migrante e o obrigam a despojar-se de todo e qualquer elemento cultural próprio (desculturação e despersonalização). O termo cobre, antes de mais, a esfera cultural.

A assimilação implica um papel passivo de uma cultura perante a outra – a cultura dominante – e, conjuntamente, um juízo de valor, sendo certas culturas consideradas como superiores a outras.” (Perotti, 2003:47)

Eu diria que esta é uma definição levada ao limite, todavia, o assimilacionismo, na sua génese, terá a ver com o facto do indivíduo assimilar para si algo que lhe é externo, existindo, posteriormente a probabilidade de passar esses valores aos seus amigos e familiares, como é o exemplo mais marcante o da aprendizagem e transmissão da Língua, tanto a do país de origem, como a do país de acolhimento, enquanto legado social.

Nesta segunda fase da assimilação, o imigrante adopta a cultura alheia e adapta-se a ela como sendo a sua segunda cultura, tal como refere “Lévi-Strauss (1998) no prefácio à edição francesa do livro de Fróis. As descrições deste autor são caracterizadas pela procura de simetria entre as duas culturas, o que as torna diferentes mas equivalentes. E prossegue Lévi-Strauss: “quando o viajante se dá conta que costumes totalmente opostos aos seus, e que normalmente seria tentado a avaliar negativamente e a rejeitar, são idênticos aos seus, quando vistos de forma inversa, ele dá-se a possibilidade de controlar o estranho e de o tornar familiar”.” (Vala, 2009:101)

Se é certo que as culturas e os grupos sociais raramente se identificam na totalidade, também é muito provável que existam pontos comuns em culturas diferenciadas passíveis de similitude, constituindo-se como elementos de união entre os povos. Por outro lado, o indivíduo tem a capacidade de assimilar completa ou parcialmente os traços socioculturais de outras comunidades, tornando-os compatíveis com os seus próprios valores.

“A teoria da assimilação vê o dia no início do século XX e permanece em vigor até aos finais dos anos 80, período este caracterizado pelo classicismo das teorias explicativas das migrações e das suas consequências [Heisler, 1992]. Estas teorias sublinhavam como factor explicativo dos fenómenos migratórios a existência de desequilíbrios económicos e sociais – tais como as ofertas de trabalho, os salários, a

mobilidade social e expectativas de futuro, traduzidos geralmente por efeitos de repulsão/atração – entre e dentro dos países de emigração e imigração. Estes desequilíbrios eram, portanto, colmatados com movimentos de saída/entrada de pessoas nos estados-nação. Estas teorias ainda são caracterizadas pelo optimismo com que encaravam científica e socialmente a questão da vinda e permanência de imigrantes, com ausência de uma dimensão teórica e política, onde a ideia base era a de ordem e equilíbrio social, apoiados num estado-nação forte e coeso.” (Pires, 2009:17)

Assim, também no âmbito do estudo das migrações, poderá tomar-se este conceito como a capacidade que o indivíduo apresenta para se assemelhar aos nativos do país de acolhimento, ou seja, o imigrante, na intenção de melhor se integrar na sociedade receptora, acaba por fazer, voluntária ou involuntariamente, um esforço de assimilação dos usos e costumes, da Língua, e até, por vezes, das formas de ser, de sentir e de pensar características dos elementos constituintes do país para o qual migra. E aqui, poder-se-á referir, por exemplo, e no caso de Portugal como país de acolhimento de um grande número de imigrantes de Leste, o facto de estes se terem facilmente tornado adeptos e associados de clubes desportivos portugueses.

“Trata-se, portanto, de um processo de interpenetração e fusão no qual os indivíduos e os grupos adquirem as memórias, os sentimentos e as atitudes de outras pessoas e grupos e, pela partilha da sua experiência e história, são incorporados numa vida cultural comum [Alba e Nee, 1997]. Para Robert Park e seus associados, a assimilação seria o resultado eventual de um ciclo de padrões de interacção imigrante/sociedade de acolhimento, ou um ciclo de relações raciais, por etapas: contacto, competição, acomodação e eventual assimilação. Esta sequência seria aparentemente progressiva e irreversível.” (Pires, 2009: 17)

2.1.3. Globalização

Tomando como referência temporal os últimos quarenta (40) a cinquenta (50) anos, podemos assistir à transformação sistemática das sociedades tendencialmente globais, como são hoje as nossas sociedades dos países industrializados, tendo em conta

as crescentes interações e movimentos transnacionais¹ de pessoas, produtos e serviços, coadjuvados pela facilidade de comunicações. Se considerarmos que os custos dos transportes são hoje incontestavelmente mais baratos do que há quatro ou cinco décadas, poderemos facilmente aceitar uma agilização de movimentos transnacionais. Refira-se aqui, por exemplo, a facilidade e rapidez de trajectos por terra (transportes rodoviários e ferroviários) que conta já com excelentes vias de alto nível de segurança e preços acessíveis. Por outro lado, é conveniente não esquecer, as ligações aéreas com preços reduzidos (“low cost”) que proporcionam uma mais fácil, mais rápida e mais frequente deslocação de pessoas e de bens.

As comunicações assumem hoje uma enorme importância e tornam-se cada vez mais imprescindíveis em todos os âmbitos da vida humana na medida em que ligam o mundo, independentemente do espaço ou longitude.

Ao nível dos contactos em ausência, não podemos também esquecer o inestimável contributo das telecomunicações (telefone, telemóvel e internet principalmente) que são, actualmente, relativamente pouco dispendiosas e proporcionam um excelente contacto sonoro/visual independentemente das distâncias em que operam. Para além disso, estas usufruem da mais-valia da instantaneidade, ou seja, é exequível contactar para um qualquer lugar do planeta sem ter que aguardar o *feed-back* num tempo futuro. Contando com as mais recentes tecnologias ao dispor, é muito frequente presentemente obter uma resposta no imediato.

Tal ou tais factores proporcionam uma comunicação eficaz e sumamente importante a nível global tanto na esfera das relações pessoais, como, e principalmente, nas relações transnacionais a todos os níveis: informativo, económico, financeiro, cultural, entre outros.

Assim, os contactos entre os emigrantes e os seus familiares e amigos nos países de origem ou entre comunidades de emigrantes estabelecidas em diferentes nações são facilitados, potenciando novas relações e condições para a emigração junto de compatriotas eventualmente interessados no processo.

¹ O transnacionalismo representa actualmente uma nova perspectiva, mais teórica e mais convincente, sobre os fenómenos migratórios a uma escala global. “Robert Smith deixa isso muito claro quando observa que “[...] se no passado existiram transnacionais que como tal não foram reconhecidos, cabe então ao prisma transnacional realizar um trabalho analítico novo que é facultar um modo de ver o que antes lá estava sem ser visto” (Smith, 2003:1).” (Portes, 2004:74)

O aumento exponencial, não só do comércio internacional, mas também das mais variadas formas de comunicação e interacção transnacionais, nomeadamente a partir da década de 90 do século XX, ou se preferirmos no período pós-Guerra Fria, concorreu para o surgimento do fenómeno que tem vindo a ser designado por alguns autores como “Globalização” (Featherstone, 1990; Giddens, 1990; Albrow e King, 1990 apud Santos, 2001: 31), por outros como “Formação Global” (Chase-Dunn, 1991 apud Santos, 2001: 31), ou ainda através de conceitos tão variados como: “Cultura Global” (Appadurai, 1990, 1997; Robertson, 1992 apud Santos, 2001: 31), “Sistema Global” (Sklair, 1991 apud Santos, 2001: 31), “Modernidades Globais” (Featherstone et al., 1995 apud Santos, 2001: 31), “Processo Global” (Friedman, 1994 apud Santos, 2001: 31), “Culturas da Globalização” (Jamesone Miyoshi, 1998 apud Santos, 2001: 31) ou ainda “Cidades Globais” (Sassen, 1991, 1994 apud Santos, 2001: 31).

Para Anthony Giddens a Globalização traduz-se através da “intensificação de relações sociais mundiais que unem localidades distantes de tal modo que os acontecimentos locais são condicionados por eventos que acontecem a muitas milhas de distância e vice-versa” (1990: 64 apud Santos, 2001: 31). Nesta perspectiva, o autor critica alguns dos seus pares ao afirmar que muitos sociólogos vêem a Sociedade como um sistema fechado.

Partilhando a mesma opinião, Featherstone propõe “teorizar e encontrar formas de investigação sistemática que ajudem a clarificar estes processos globalizantes e estas formas destrutivas de vida social que tornam problemático o que por muito tempo foi visto como o objecto mais básico da Sociologia: a sociedade concebida quase exclusivamente como o Estado-nação bem delimitado” (1990: 2 apud Santos, 2001:31 e 32).

Sendo que o fenómeno da globalização se estende a diversos âmbitos de acção, dever-se-ão considerar principalmente os factores económicos, políticos e culturais. Os primeiros, visto que a maioria dos processos de emigração ocorre tendo como grande motivação a precariedade económica em que o indivíduo se encontra, em geral, não podendo fazer face aos encargos no país de origem, ou almejando, para si e para os seus, uma melhoria na qualidade de vida, a curto, médio ou longo prazo. Tal facto leva a que se coloque a hipótese da procura de melhores condições em lugares distantes. Por outro lado, surgem os factores de cariz político que, apresentando-se, na maior parte dos casos, como externos ao indivíduo, o afectam na sua vivência quotidiana de forma a que

este é obrigado a abandonar o seu país de origem ou de residência para se propor, temporária ou definitivamente, a uma nova vida, mais ou menos fixa noutra país de acolhimento. Refiram-se aqui, por exemplo, as catástrofes naturais, as questões da descolonização ou de refugiados políticos em busca de asilo.

Destes factores, já de si preponderantes no âmbito da globalização, geram-se, então, elementos que concorrem para um resultado sociocultural que se revela por meio da diversidade, transportadora intrínseca de uma crescente complexidade de sistemas e, em simultâneo, de uma especificidade de linguagens e de valores que urge compatibilizar em sociedade.

A abertura à comunicação global conjugada com as grandes mutações de fluxos migratórios propicia “a criação de universos simbólicos transnacionais, “comunidades de sentimento”, identidades prospectivas, partilhas de gostos, prazeres e aspirações, em suma, o que Appadurai chama “esferas públicas diaspóricas” (1997:4) ” (Santos, 2001: 52)

Num diálogo de simbioses entre o local e o mundial, tomado pelas migrações como o percurso e fixação de povos que poderão voltar à sua origem, estabelecem-se regras de aculturação que implicam sempre um conjunto de transformações dos actores sociais. Desta feita, a época moderna acarreta em si a ideia de uma cultura global e, se por um lado, existe o sentido de nacionalidade, impregnado de conteúdo afectivo e de referências histórico-culturais e ontológicas, por outro, surgem os diferentes sistemas de valores que, constituindo-se num grupo mais ou menos fechado, e gozando, por vezes de funcionamentos específicos, se impõem, formando pequenas comunidades, susceptíveis de interligação dentro de uma sociedade. Trata-se de mundos peculiares, não raro, radicalmente diferentes em termos culturais e filosóficos que se tentam coordenar sistematicamente para não perderem a sua própria essência, evitando o confronto com a essência do “outro”. “ (...) o Outro não existe na sua proclamada diferença e irreduzibilidade identitária. Dele apenas compreendemos o que de alguma forma é já parte de nós mesmos.” (Cunha, 2006: 170)

2.1.4. Aculturação

O facto do indivíduo assimilar uma cultura que lhe é alheia denomina-se aculturação, ou seja, este é o processo que sofre o imigrante ao longo do tempo em que está num país estrangeiro, de forma a ir assumindo, para si e para os seus, a cultura do país de acolhimento.

Por definição, aculturação, “segundo o “Memorandum” de R. Redfield, R. Linton e M. J. Herskovits, publicado no *American Antropologist* de 1936, é o conjunto das mudanças que se produzem nos modelos culturais (patterns of culture) originais, quando grupos de indivíduos de culturas diferentes entram em contacto directo e contínuo. (Redfield, Linton e Herskovits, 1936; Herskovits, 1952).

No contacto entre indivíduos pertencentes a culturas diferentes surge a necessidade de coordenação dos valores internos a cada comunidade. Independentemente do contexto social que obriga a essa proximidade, sobrevêm influências, aquisições, aprendizagens, permutas e novos sentidos e representações entre os grupos, todavia, nenhum deles se sobrepõe ao outro na sua totalidade, contrariamente àquilo que acontece, teoricamente, num processo de assimilação quando levado ao extremo. Contudo, devido a factores históricos e, por vezes, económicos preponderantes, a passagem de umas culturas às outras nem sempre se revela equitativa, tornando a participação de umas perante as outras algo desproporcionada.

O conceito de aculturação, sendo muitas vezes tomado de forma ambivalente, abrange todas as aquisições, trocas ou reinterpretações que levam à reorganização sociocultural em ambiente de colectividade, o que acaba por se assemelhar ao conceito de cultura, substituindo-o, por vezes, na medida em que este, e de acordo com a antropologia social se refere às formas “de pensar, de agir e de sentir de uma comunidade na sua tripla relação com a natureza, com o homem e com o absoluto. Por um lado, a polissemia do termo “cultura” torna muitas vezes a sua utilização imprecisa e ambígua; por outro lado, empregar o termo “aculturação” lembra que uma cultura não é nunca um dado ou uma coisa adquirida, mas um processo em elaboração e reelaboração contínuas.” (Boudon et al., 1990:12)

Nesta trilogia dever-se-ão destacar dois elementos fundamentais, os quais se adaptarão à própria sociedade, enquanto a terceira parte de um todo. Ou seja, o homem,

como ser individual, apresentando-se intrinsecamente o detentor de valores culturais próprios e específicos, resultantes, por sua vez, de um processo de aculturação, fruto das suas vivências e, por outro lado, esse conjunto de valores culturais de que é portador e que constituem o seu “património global” (cf. Perotti, 2003:48) e dos grupos sociais aos quais este pertence.

O homem enquanto ser individual terá a consciência daquilo que representa para si próprio e das suas funções em sociedade de acordo com os diferentes âmbitos em que se relaciona. Certamente assumirá posições e posturas, atitudes, apresentações e decisões diferenciadas no seio da família, no grupo de amigos, no local de trabalho, na associação à qual pertence ou na igreja que frequenta, por exemplo. Este conjunto de representações revelará a pessoa que é em sociedade e implicará, por consequência, a forma como a sociedade o reconhece.

Existem diferentes modos de aculturação e, segundo J. Berry (Sousa, 2008: 42)

“(…) cet auteur parle d’assimilation lorsque l’individu abandonne son identité culturelle au profit de celle du groupe dominant de séparation quand l’individu essaie de préserver son identité culturelle sans chercher à établir des relations avec la communauté dominante, de marginalisation quand le groupe dominant entrave l’établissement des relations et oblige le groupe dominé à conserver ses particularités culturelles et d’intégration lorsqu’il y a un maintien partiel des caractéristiques et de l’intégrité culturelle du groupe ethnique avec une participation plus ou moins active des individus dans la société nouvelle (...)”

Desta maneira, quanto mais se assemelhar ou quanto melhor conseguir aceitar e adaptar-se ao país receptor, mais possibilidades terá o imigrante de se integrar na sociedade e de nesta viver de forma harmoniosa, sentindo-se bem, aceite e cada vez mais incluído enquanto cidadão. É certo que poderá nem sempre ser fácil, todavia, a integração depende muito de cada pessoa, da sua forma de ser e de estar no mundo. Por outro lado, neste processo, há também a considerar o conjunto de oportunidades criadas pela sociedade de acolhimento para a inserção do imigrante bem como a aceitação e respeito mútuos pela diferença, tendo por objectivo a harmonização sociocultural e étnica no país de acolhimento.

Segundo Perotti, o sentido que vulgarmente é dado à cultura em antropologia “corresponde a uma estrutura complexa e interdependente de conhecimentos, de

códigos, de representações, de regras formais ou informais, de modelos de comportamento, de valores, de interesses, de aspirações, de crenças e de mitos.” É neste universo que se realizam nas práticas e nos comportamentos diários tais representações como: determinado tipo de vestuário, de hábitos culinários, de modos de habitat, de atitudes corporais, de tipos de relações, de organizações familiares ou de práticas religiosas, resultando em formas vivenciais de cada grupo específico em sociedade. (cf. Perotti, 2003:48)

Por curiosidade, apresento ainda e no que respeita à aculturação, o resultado do estudo recente sobre o olhar dos portugueses em relação aos imigrantes.

“Uma larga maioria dos portugueses (89% dos inquiridos) considera importante a aprendizagem da cultura portuguesa por parte dos imigrantes. A adopção desta cultura recolhe a concordância de mais de 2/3 dos inquiridos. (Figura 1). O contacto entre imigrantes e portugueses também é defendido pela maioria dos inquiridos: 85% pensam que é importante que os imigrantes e os seus filhos contactem com os portugueses fora do contexto laboral/escolar e 72% discordam de que os imigrantes passem o seu tempo livre apenas com pessoas da sua nacionalidade. No entanto, estas atitudes favoráveis ao contacto e à aprendizagem/adopção da cultura portuguesa não podem ser vistas como sinais de oposição à manutenção da cultura de origem. Pelo contrário, 77% dos inquiridos consideram importante que os imigrantes mantenham a sua cultura de origem e 68% acham que os imigrantes devem poder manter o seu modo de vida” (António e Policarpo, 2011:51).

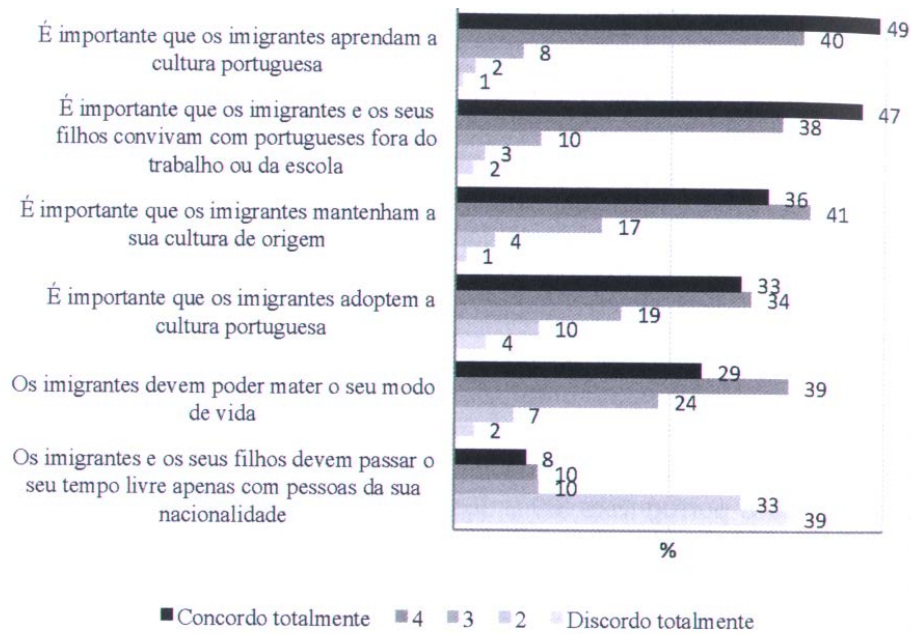


Figura 2.1 - Atitudes de aculturação (Fonte: António e Policarpo (2011:52)).

Tendo em conta os conceitos acima explicitados poderemos dizer que, em suma, a assimilação conduz à eliminação dos traços culturais de um grupo em função de outro, por sua vez, a integração ocorre por meio de um entrelaçar de várias culturas complementares e a aculturação resulta da unidade e valorização obtidas no seio das culturas que foram integradas numa sociedade tendencialmente global.

2.2. CONCEITOS FUNDAMENTAIS: O PONTO DE VISTA DOS INFORMANTES

Os entrevistados, nos seus depoimentos, evidenciam alguns factores de importância fundamental no âmbito deste trabalho. Estes elementos, baseados nas experiências de vida, constituíram a essência do estudo, justificando-se as teorias da imigração por meio da complementaridade da prática quotidiana expressa pelos informantes. Assim, e no que à integração diz respeito, o facto de Portugal ser “um país mais desenvolvido do que a Ucrânia” e, ainda, o facto de ser “um país de fácil adaptação, coadjuvada pela presença de uma grande comunidade de ucranianos, concorre para uma maior facilidade de integração dos recém-chegados”, tal como refere E5.

Tal como é evidenciado no ponto 2.1.1., o processo de integração “nem sempre é fácil na medida em que poderão existir barreiras a ultrapassar”. Desta feita, no âmbito escolar, e também na sociedade em geral, o que representou a maior barreira foi o factor linguístico. Sete (7) dos informantes referem ter tido imensas dificuldades iniciais por não saberem falar a Língua Portuguesa, ao passo que dois (2) deles referem que ao irem para a escola não conheciam ninguém e ninguém queria brincar com eles porque eram estrangeiros/as e não havia comunicação. Tal como afirma Perotti (cf. 2.1.1.) “o aspecto inter-relacional é essencial à noção de integração” e a integração, por seu lado, supõe-se “comunicativa”.

Ainda no que respeita à questão da Língua, a informante E5 refere que a saudade dos familiares (pai e irmãos) a impedia de gostar de estar em Portugal e, conseqüentemente, de querer aprender a Língua Portuguesa, diz ter sofrido de “um trauma psicológico”, e não um trauma meramente linguístico.

A questão psicológica poderá constituir uma forte barreira aos processos, não só de aprendizagem da Língua, como também, e sobretudo, ao da integração em todos os seus aspectos. Como afirma Rui Pena Pires (cf. 2.1.1.) “O domínio da integração constitui, pois, uma das dimensões do problema da ordem na medida em que envolve os modos de padronização da vida social no âmbito das articulações problemáticas entre as “partes” e o “todo”.

Efectivamente, se o indivíduo não se sente predisposto para a aceitação de uma nova sociedade, de novos desafios e situações, tudo se torna complexo e desgastante, impedindo o seu desenvolvimento.

Esta informante diz que, apesar de tudo, à sua chegada a Portugal, só comunicava com portugueses e que, devido a isso, aprendeu muito rapidamente a Língua e refere também que não gostava de nada, nem do ambiente, nem das pessoas, nem do país, opinião esta que é partilhada pelo informante E12 que, apesar de à primeira impressão ter gostado muito “deste país”, também diz que “não queria viver aqui (em Portugal), queria viver na Ucrânia, não sabia a Língua, tinha muitas dificuldades em falar com as pessoas, não percebia nada e também não queria perceber”.

Todavia, para E5, passadas as duas semanas em que esteve apenas em casa, foi à escola, onde fez amizades que ainda hoje se mantêm e aprendeu a aceitar melhor o país e as pessoas e agora já gosta de Portugal. Quanto a E12, pouco a pouco, começou a conviver com os pais, com os amigos e com os vizinhos. Hoje já fala melhor e diz que agora já gosta mais de Portugal. Desta feita, a grande barreira à integração, que é a comunicação em Língua Portuguesa, foi sendo debelada de várias formas, caso a caso, todavia, esta questão será tratada mais tarde.

Existem vários subterfúgios que servem para o indivíduo se evadir do meio que o rodeia desde que não o aceite ou não o pretenda aceitar, pelo menos, numa fase inicial. Assim, a informante E8, por exemplo, diz que, no princípio, se remeteu para uma atitude de indiferença.

Por outro lado, a informante E3 comenta que se deixou adaptar e E2 diz ter começado, pouco a pouco “a brincar e a integrar-se melhor”.

De referir que, principalmente entre os jovens que chegaram a Portugal em mais tenra idade, a questão da “brincadeira” é assumida como um elemento muito positivo e necessário ao processo de integração.

A maioria dos entrevistados dizem que, desde que conseguiram começar a falar, foi muito fácil fazer amizades na comunidade portuguesa. Por outro lado, E2, E3 e E12 referem que fizeram muitos amigos, sendo que, E12 distingue os “amigos verdadeiros” dos “colegas”. Relativamente aos “amigos verdadeiros”, diz ter três (3) amigos portugueses e um (1) alemão, os outros são “os colegas” que também o ajudam bastante

e são “fixes”. Também E1 corrobora a ideia, dizendo que “fazer amizade não é só ter conhecimentos” e E5 afirma que, “apesar de se dar bem com os portugueses, não tem facilidade em fazer amigos devido ao seu carácter”.

No que toca aos relacionamentos, cinco (5) dos informantes dizem ter tido muito bom acolhimento por parte dos vizinhos que os ajudaram muito no âmbito da sua integração. De acordo com o estudo, quem mais contribuiu para a integração, por ordem decrescente, foram os colegas e professores, os pais, os amigos e os vizinhos. No que respeita à ajuda por parte dos colegas, E4 refere que os colegas ucranianos ajudaram mais do que os colegas portugueses, contrariamente a E12, que refere que os colegas portugueses ajudaram mais e de forma menos interesseira do que os colegas ucranianos. E9 refere que foi muito ajudada por todos os colegas, ucranianos e portugueses.

E10, que chegou há um ano e meio, diz que é tudo diferente mas que gosta destas diferenças. Gosta das pessoas em geral, dos colegas de turma e dos professores em particular, sentindo-se já muito bem integrada.

Note-se que, apesar da diferença encontrada, e apesar de recém-chegada, esta jovem tem, à partida, uma atitude de aceitação da diferença e de predisposição para o processo de integração no país de acolhimento.

Em relação à questão da satisfação com a sociedade portuguesa em geral, os jovens estão satisfeitos e dizem não ter muito do que se queixar, concomitantemente, no que diz respeito ao relacionamento dos jovens ucranianos com a comunidade portuguesa, estes dizem sentir-se bem e adaptados, tendo estabelecido, em geral, boas relações. Contudo, E8, diz não ter, de momento, muitos amigos portugueses porque mudou de escola e ainda não se ambientou. Agora não gosta muito da turma em que está e, por isso, não se insere. No início sentia-se bem inserida mas, como mudou de escola várias vezes... Por vezes dava-se bem com toda a turma, outras apenas só com um grupo mas, agora não gosta da turma e pensa que os portugueses não gostam dela.

Alguns dos informantes revelam que “o que mais gostam é de conhecer novas pessoas e que é muito bom”, E7, como excelente comunicadora, explica que, quando não percebe nada, pede que lhe traduzam por gestos ou noutra Língua.

A opinião geral é de que nunca houve qualquer problema no que respeita à integração e aos relacionamentos pois os portugueses, em geral, são boas pessoas, que respeitam, são simpáticas, não discriminam e gostam de ajudar.

Os jovens acham que a comunidade portuguesa “é uma comunidade que ajuda muito os estrangeiros a adaptarem-se”, sendo que E5 diz que “os portugueses são muito acolhedores, simpáticos e espetaculares”, outros informantes referem que “os portugueses gostam muito dos estrangeiros e os aceitam bem”. Também na opinião de E5, “Portugal acolhe muito bem os estrangeiros e dá grandes ajudas (alimentares, medicamentosas, aconselhamento, etc.).

E2, por sua vez, afirma que “Portugal abriu sempre todas as portas”, possibilitando o acesso a tudo (ensino, saúde, etc.) para si e para sua família.

Todavia, E4 refere que aquilo que mais o tem desgostado é o facto de não lhe concederem o crédito à habitação, pois queria viver e, certamente estabelecer-se, em Portugal e assim é mais difícil. Efectivamente, o acesso à habitação é um factor crucial para a fixação dos imigrantes nos respectivos países de acolhimento.

No que diz respeito às relações do grupo de entrevistados com os seus compatriotas em Portugal há duas situações algo distintas a considerar: o grupo dos entrevistados isolados e o grupo dos entrevistados pertencentes à Escola Ucraniana. Isto porque, os isolados apresentam-se realmente mais individualizados enquanto, os alunos pertencentes à Escola Ucraniana parecem sentir-se mais participantes na comunidade ucraniana, tanto no âmbito escolar, como nas suas relações sociais mais abrangentes.

Assim sendo, os informantes E1 e E3 dizem que não convivem muito e que não têm muitas relações com os seus compatriotas em Portugal. Dizem que só têm alguns amigos, alguns dos que foram conhecendo na escola, e consideram que a comunidade ucraniana é dispersa e sem congregação.

Em contrapartida, existe o grupo de jovens que se encontra, de alguma forma, conectado com a Associação Ucraniana. A Associação inclui o mercado, a igreja e a escola. Na Escola Ucraniana o programa é igual ao programa de ensino na Ucrânia e, no final do 11º ano (correspondente ao 12º ano em Portugal) recebem o respectivo diploma. Nesta escola as aulas são todas dadas em Língua Ucraniana e também é leccionada a disciplina de Português - Língua não Materna, dado que houve a necessidade do conhecimento da Língua Portuguesa para uma melhor integração dos jovens na sociedade portuguesa e, em especial, no sistema de ensino em Portugal.

E4, encontrando-se neste momento já na faculdade, tem orgulho de ter feito parte da primeira turma que terminou o 11º ano na Escola Ucraniana em Portugal e diz

que, na altura, ainda não havia a disciplina de Português – Língua não Materna na Escola Ucraniana. Desde então, é conhecido pelo Director da escola e por todos os professores e apresenta-se sempre que pode para ajudar no que seja necessário. Apenas E7 diz que, no início, não foi muito bem aceite entre os colegas por ter pertencido ao grupo dos nacionalistas (cf. 2.4.2.), todavia, agora já é bem aceite e já se sente integrada, pois todos a conhecem melhor e sabem que gosta de passear e de conhecer todas as pessoas e todos os países.

Fora do âmbito da Escola Ucraniana, E8 e E9 dizem ter também algumas boas amigas ucranianas.

Resumindo as grandes questões da integração, com base nas entrevistas, há a considerar: o factor “tempo”, na medida em que, se por um lado existe uma entrevistada que refere que à sua chegada não teve tempo de se ambientar, tendo entrado na escola quase de imediato sem conhecer nada nem ninguém, por outro lado, há outros entrevistados que aludem ao facto de terem estado muito tempo enclausurados em casa, sozinhos, porque ainda não tinham amigos e os pais tinham de sair para trabalhar. Tal facto, não só foi muito difícil de suportar, como também terá constituído um atraso no processo de integração. Só após os respectivos períodos de isolamento, os jovens puderam ir para a escola e começar lentamente a ambientar-se, isto, mesmo sem o conhecimento da Língua, que foi o obstáculo inicialmente mais difícil de superar para conseguirem comunicar. No processo de aquisição da Língua Portuguesa, o contacto com a sociedade de acolhimento é tomado como factor positivo preponderante, enquanto que os factores psicológicos e de afastamento da Terra Natal e dos amigos e familiares são encarados como justificação para a recusa da aprendizagem da Língua Portuguesa, sendo esta parte essencial no processo de integração em país de acolhimento.

De tudo isto se conclui que o factor da integração dos jovens ucranianos na sociedade portuguesa se apresenta bastante positivo, a julgar pelo grupo de informantes em análise.

De entre os informantes, o exemplo mais elucidativo de assimilação será, talvez o da entrevistada E6 que afirma peremptoriamente que não pretende voltar para a Ucrânia, pois já se sente habituada a viver em Portugal. Da Ucrânia já não se lembra de quase nada e as únicas pessoas que lá conhece são alguns familiares, não tem lá mais nada e teria que se adaptar novamente a tudo para lá conseguir viver.

De referir que esta informante chegou a Portugal bastante jovem e, aparentemente, teve um processo de integração relativamente fácil.

O facto de os imigrantes, e principalmente os de segunda geração não se sentirem (ou deixarem de se sentir) “ligados” à Terra Natal e não pretenderem voltar para lá pode ter a ver com a imagem fluida ou negativa que eles conservam dos seus países de origem, por comparação aos países de acolhimento. Por outro lado, e tratando-se de indivíduos que saíram do país de origem ainda muito jovens, embora tenham o contacto com as características culturais do seu país por meio da vivência e convivência com os progenitores ou com as comunidades dos países de origem nos países de acolhimento, acabam por assimilar grandemente os usos e costumes dos países onde permanecem, principalmente nos casos de migrações permanentes. De referir que, no que respeita aos traços culturais do país de origem que mais resistem ao processo de assimilação no país de acolhimento, poderão considerar-se talvez as formas de ser e de estar, a educação, a religião e a gastronomia enquanto que os hábitos mais facilmente assimilados, principalmente nos grupos etários mais jovens, serão, provavelmente, a música, a dança, o tipo de vestuário e, ainda, os gostos pela habitação/decoração de acordo com o país de acolhimento.

Há ainda a considerar inevitavelmente a questão linguística que poderá variar bastante de indivíduo para indivíduo, de família para família ou de comunidade para comunidade. Isto é, muitos imigrantes primam por conservar a sua Língua de Comunicação, usá-la em todas as situações possíveis e transmiti-la aos seus descendentes, os quais, para além desta, aprendem na escola e na sociedade a Língua do país de acolhimento. Outras situações existem em que a Língua do país de origem é parcial ou completamente substituída pela do país de acolhimento, o que poderá ser um factor maioritariamente dependente do nível de escolaridade dos progenitores bem como do seu sentido de patriotismo.

Segundo Pires (cf. 2.1.2.) “Trata-se, portanto, de um processo de interpenetração e fusão no qual os indivíduos e os grupos adquirem as memórias, os sentimentos e as atitudes de outras pessoas e grupos e, pela partilha da sua experiência e história, são incorporados numa vida cultural comum [Alba e Nee, 1997]. Para Robert Park e seus associados, a assimilação seria o resultado eventual de um ciclo de padrões de interacção imigrante/sociedade de acolhimento, ou um ciclo de relações raciais, por

etapas: contacto, competição, acomodação e eventual assimilação. Esta sequência seria aparentemente progressiva e irreversível.” (Pires, 2009: 17)

No âmbito deste estudo, eu diria ainda que alguns dos entrevistados estarão eventualmente num processo de assimilação, na medida em que referem não querer voltar para a Ucrânia em definitivo, contudo, também ainda não têm certezas. Alguns destes jovens pretendem ficar em Portugal apenas até à conclusão dos seus estudos, após o que, querem partir para outros países, pelo menos temporariamente. Tal facto indica no sentido de não haver a intenção de retorno ao país de origem mas, por outro lado, aponta também para a dúvida no que se refere a uma permanência futura em Portugal.

Desta feita, a assimilação implica que o indivíduo passe a assumir-se completamente como cidadão do país de acolhimento, sem ressentimento, culpa ou saudosismo em relação ao país de origem passando a sentir que pertence completamente ao país para o qual migrou.

No que toca à temática da globalização em contexto alargado, a informante E7 refere que o pai a foi buscar de carro, o que, se por um lado, revela que existiam já condições económicas favoráveis por parte dos progenitores, por outro, e visto que é uma viagem muito longa atravessando diversos países, implica que as estradas estejam, na sua maioria, em boas condições, favorecendo os transportes internacionais. (Veja-se, a este respeito, o ponto sobre globalização, em que são referidas a facilidade e a rapidez dos trajectos). A mesma informante conta que, anteriormente à sua vinda para Portugal, falava com os pais ao telefone uma vez por semana. Tanto o telefone como o telemóvel são hoje, provavelmente, os meios que proporcionam uma maior facilidade de comunicação entre as pessoas e, em especial, junto das comunidades de imigrantes. Por outro lado, E3 diz que, graças à Internet, pode contactar três (3) amigas da sua cidade e que moram no prédio ao lado (cá em Portugal), diz também esta informante que, na ausência, contacta, igualmente via Internet, com a avó e com alguns dos colegas de infância que se encontram na Ucrânia. Tal facto é referido por Appadurai como “esferas públicas diaspóricas” e referenciado também por Boaventura Sousa Santos na obra *Globalização: Fatalidade ou utopia?* na qual são explicitadas múltiplas questões de relevo relacionadas com esta temática. (cf. 2.1.3.)

No que se refere ao ensino/aprendizagem numa sociedade global, poder-se-á aqui tratar, antecipadamente, de algumas questões apontadas pelos informantes. Assim,

a entrevistada E9 tem uma forma especial de trabalhar a Língua e as matérias: lê muito, traduz o que lê, tenta encontrar na Internet as matérias a estudar em Língua Ucraniana para perceber e estuda na Internet e nos livros em Ucraniano. Também E12 recorre à Internet mas informa que “o “Google Translator” nem sempre ajuda muito”.

A internet assume, por conseguinte, várias funções: a função de canal de comunicação, a função informativa e a função de tradução, permitindo um trabalho integrado de facilitação à comunicação entre os povos.

E8 pensa ser estranho, por exemplo, que em Portugal só se dê a História de Portugal e a Literatura de Portugal, o que limita o conhecimento do resto do mundo. Depreende-se uma crítica implícita nas suas palavras de que será esta uma modalidade pouco própria em contexto de educação para uma sociedade global.

E2 diz ter tido “uma professora russa que dava apoio ao Português e é muito bom porque ajuda muito”. Esta poderá ser uma medida importante nas escolas públicas em contexto de globalização, ou seja, o facto de se promover o apoio escolar na Língua Materna, pelo menos, no início do processo de ensino/aprendizagem.

E6 corrobora esta ideia, sugerindo “apoios específicos para cada disciplina com a ajuda da Língua ou então a intervenção de uma pessoa que soubesse falar ucraniano para explicar a matéria”.

É ainda referido pela informante E7 o Programa “*Exchange Student*” como forma de conhecimento de outras realidades por parte dos jovens estudantes, o que proporciona um intercâmbio promissor para um saber universal.

Uma questão que talvez se possa ainda referir como integrada no âmbito de um comércio tendencialmente global é o facto referido pela informante E1 quando alude a que “em Portugal há a possibilidade de experimentar muitas coisas novas, nomeadamente poder beber Coca-Cola e comer no McDonald’s”, esta última referência também é mencionada por E11 quando diz que “gostaria de poder comer na cantina escolar comida do tipo McDonald’s”. São estas, a Coca-Cola e a McDonald’s, o exemplo de duas grandes marcas registadas que se tornaram símbolos de excepção numa sociedade globalizada.

No que respeita às entrevistas, nenhum dos informantes se refere especificamente à aculturação enquanto processo, isto, embora alguns aludem às diferenças existentes entre Portugal e a Ucrânia e, implicitamente, às respectivas

culturas. Assim, alguns dos jovens referem as práticas culturais quando integradas na Associação Ucrâniana em Portugal, sendo que, a questão da diferença linguística é frequentemente mencionada.

Na opinião da informante E3, à sua chegada a Portugal, “tudo era novo mas estranho (a organização e funcionamento das lojas, os lugares, etc.)”. No mesmo sentido, refere E6, que “há em Portugal um ambiente completamente diferente”, ao qual levou muito tempo a adaptar-se.

Com efeito, o factor “tempo” é fundamental, na medida em que, tal como afirma Boudon, a aculturação é um processo em elaboração e reelaboração contínuas.” (cf. Boudon et al., 1990:12), facto que é referenciado no ponto 2.1.4. sobre esta temática. Este factor é também “um dos aspectos chave do modelo de assimilação desenvolvido por Park” (cf. Rocha-Trindade, 1995: 97).

E1 diz que “os portugueses são pessoas muito diferentes dos ucranianos”, referindo-se também à forma como os portugueses se vestem e se relacionam. As nuances negativas em relação à cultura da comunidade portuguesa são, segundo E5, o facto de os portugueses serem “tristes devido ao estilo de vida que têm (comparando com o povo ucraniano)”, diz que “encontra nos portugueses uma mentalidade diferente, na forma como pensam, pelo que fazem, no que acreditam, e, ainda, na forma como criticam tudo e todos, “falam pelas costas” e têm um estilo de vida diferente”. Também E8 diz que os portugueses têm uma forma de ser diferente porque têm uma moral diferente (menos respeitosa, principalmente, entre a classe mais jovem). E10, por seu lado, diz não fazer muitas amizades “porque não gosta muito de falar com os colegas de turma na escola porque, embora goste deles, ainda não percebeu como é que tem que falar com eles porque são diferentes”.

E1 refere que “em Portugal há mais oportunidades de vida, de cultura e de lazer enquanto que na Ucrânia é preciso trabalhar muito para sobreviver”, recomenda ainda esta informante que, no âmbito do sistema de ensino, se façam mais visitas aos centros culturais e a Portugal para conhecer melhor o país, a gastronomia e os hábitos.

Em relação à cultura Ucrâniana em Portugal, esta baseia-se nas relações estabelecidas com e na Associação Ucrâniana. Tal como E4, também E5 se apresenta na Associação Ucrâniana sempre que pode para ajudar no que for necessário, tal como E5 que diz participar bastante na vida da comunidade ucraniana e ter na Associação “um

pouco da Ucrânia em Portugal”, tenta estar sempre presente em todas as festas para ajudar e já foi por várias vezes apresentadora, conhece muita gente e relaciona-se muito bem com todos. Na generalidade, os jovens mostram ter um excelente relacionamento com toda a comunidade e, entre eles parece existir muito convívio. Estes jovens dizem que normalmente fazem muitas festas (contrariamente ao que se passava na Ucrânia, segundo E12), vão para as casas uns dos outros, festejam sempre os aniversários, passeiam juntos e, aos Sábados, depois das aulas, em geral, reúnem-se no café para conviver, conversar ou tomar uma bebida.

Tal como é referido por J. Berry no ponto sobre aculturação “il y a un maintien partiel des caractéristiques et de l’intégrité culturelle du groupe ethnique avec une participation plus ou moins active des individus dans la société nouvelle (...)”.

Assim, a comunidade ucraniana em Portugal funciona como um elemento “*pivot*” de ligação no relacionamento dos jovens (e principalmente no que se refere aos recém-chegados) com a comunidade de acolhimento.

2.3. DO MULTICULTURAL AO INTERCULTURAL: UMA PERSPECTIVA COMPARATIVA

Retomando a questão da cultura, esta é, no fundo, uma estrutura complexa e interdependente de conhecimentos, de códigos, de representações, de regras, de modelos de comportamento, de valores, de interesses, de aspirações, de crenças e mitos, pertença de um povo (ou grupo). Esta estrutura revela-se na sua forma de ser e de estar, de viver e de fazer, por meio de usos e costumes tais como: o vestuário, a habitação, a gastronomia, a Língua, as atitudes e formas de relacionamento, a organização familiar e social, as práticas religiosas, a arte e as formas de expressão em geral (pintura, música, dança, teatro, entre outras).

Assim, a cultura é um processo dinâmico a decorrer num espaço e num tempo em que se caracterizam e incluem os elementos de um grupo social, o qual pode unir-se ou afastar-se de outros grupos de relacionamento pelas suas características culturais, assim estas sejam semelhantes, distintas ou compatíveis. Na óptica de Edgar Morin, a cultura é “analizada, com efeito, enquanto “processo simbólico de interacção social. As suas componentes – cada uma delas formada por inúmeros elementos - reagem entre si.”” (Boudon, 1995: 474)

Nesta sequência, a identidade cultural tem a ver com a percepção que cada indivíduo tem de si próprio, da sua própria consciência de existir enquanto pessoa e em relação aos outros indivíduos.

“Trata-se, portanto, de um fenómeno social que se tem vindo a desenvolver desde meados do século XIX, através de *un puissant sentiment d'appartenance qui repose à la fois sur une communauté culturelle, une mémoire collective, le sens de la solidarité et une forte cohésion sociale.* (Tausch, 1992, pg13) ” (Rocha-Trindade, 2009: 130).

Num mundo em constante mutação, ocorrem situações que obrigam a movimentos de pessoas, grupos e, por vezes, de comunidades inteiras. Esses movimentos migratórios individuais ou colectivos causados por conflitos políticos, étnicos ou religiosos, catástrofes naturais, estratégias económicas ou reorganizações sociais conduzem a profundas alterações nas sociedades. Isto, tanto na sociedade de origem como na sociedade ou sociedades que recebem os imigrantes, estejam estas ou não preparadas para os receber.

Tal como refere José Edmundo Sousa “Tendo presente a definição do processo de aculturação, que refere o contacto directo como condição necessária para ocorrer aculturação, não podemos deixar de referir que os indivíduos da sociedade receptora também podem ser sujeitos a processos de aculturação (...).” (Sousa, 2008: 41)

O contacto entre povos diferentes implica adaptação e a tomada de consciência perante a diversidade. Diversidade esta que deverá ser respeitada e harmoniosamente integrada nas comunidades de acolhimento.

Do facto de existirem diversas comunidades distintas surge o multiculturalismo baseado numa multiplicidade de culturas diferentes congregadas num espaço-tempo específico.

Na sequência de um absolutamente necessário contacto entre pessoas, povos e comunidades ocorre, de forma mais ou menos intensa, e, em geral, a ritmos diferentes, o intercâmbio que começa pela necessidade de comunicação e, conseqüentemente, pela aprendizagem de novos idiomas, pela partilha de conhecimentos, pela dialéctica de novas formas de ser e de estar, de viver e de conviver e, em última instância, pela assimilação das diferenças culturais partilhadas entre indivíduos e que se tornam naturalmente comuns. “Na descoberta quotidiana das múltiplas pertenças culturais – na escola, no trabalho, no bairro, na igreja, no desporto, no voluntariado, na política... - terá de ser procurado com inteligência, método e “abertura de espírito” o universal humano que habita em cada homem e mulher, comunidade e língua, não obstante a própria cultura, o património e os valores que a integram, a situação e proveniência de cada pessoa e comunidade.” (Rocha-Trindade, 2009: 45)

Sendo a cultura a representação do indivíduo enquanto ser colectivo, esta será também reveladora do conjunto de modelos partilhados por um grupo, ainda que o possa, por vezes, ser involuntariamente. E lembro aqui a questão de muitos jovens que após o contacto com uma sociedade de acolhimento, passam a rejeitar a cultura dos seus países de origem, gerando, muito frequentemente, dificuldades de relacionamento com os seus progenitores (refira-se o caso de jovens descendentes de magrebinos ou, *qui ça*, de portugueses em França, por exemplo).

Se o termo multicultural apenas estaria associado a uma pluralidade de culturas diferentes que se tocam num mesmo espaço-tempo peculiares, evidencia-se agora o jogo entre culturas num quotidiano que se pretende familiar, amistoso e integracionista – o

intercultural. Com este intuito, há que sensibilizar, há que pensar a diferença num pluralismo social, há que avaliar pensamentos e atitudes enquanto representantes de uma sociedade e de uma cultura perante a multiplicidade de todas as outras.

Os fenómenos migratórios começaram a ser objecto de estudo no século XIX devido aos grandes fluxos migratórios registados na América que, se até então se poderia considerar um país de população bastante homogénea, tendo, todavia, em conta a heterogeneidade enquanto país de grande dimensão e diversidade, passa a ter que lidar com as questões inerentes aos imigrantes que vão chegando. Começaram por vir da Inglaterra, da Escócia, da Irlanda, e, mais tarde, após as Guerras da Independência e Napoleónicas e, mercê do impulso da Revolução Industrial, dão entrada também da Alemanha e de outros países europeus e asiáticos e da América Latina.

Assim, especialmente no Norte dos Estados Unidos da América, surgem estudos sobre os relacionamentos que se estabelecem entre os imigrantes e o país de acolhimento ou sobre as relações entre várias comunidades de imigrantes. Nesta esfera, “as doutrinas nacionalistas tiveram um papel fundamental para o lançamento de determinadas ideologias tais como o *anglo-conformismo* ou o *melting-pot*, responsáveis pela difusão dos conceitos de adaptação e de assimilação dos imigrantes. Com efeito, a imigração associada à diversidade étnica constituiu uma ameaça ao processo de formação de uma identidade nacional, estabelecida a partir dos mitos da unidade (política e cultural) essenciais ao processo de construção do Estado-nação. Estas ideologias implantaram-se rapidamente e visavam forjar, no período pós-revolucionário, uma certa homogeneização entre a população, tendo em vista a construção de uma nova ordem política.” (Rocha-Trindade, 1995: 93)

Na intenção de uma identidade americana independente dos valores europeus, equaciona-se, não só um conjunto de princípios universais, mas, e sobretudo, a adesão às normas culturais baseadas no nacionalismo americano da fase de pós-revolução, ou seja, nos ideais da igualdade de oportunidades, do individualismo e da democracia.

O *anglo-conformismo* surge no século XVIII como uma consequência da vontade dos colonos ingleses em se imporem nas colónias do Novo Mundo, tentando defender a superioridade das raças (arianas) do Norte e do Ocidente Europeu face aos povos do Leste e do Sul. (cf. Rocha-Trindade, 1995: 93)

Por outro lado, surge a ideologia do *melting-pot*, como resposta ao anseio de implantação de uma soberania nacional ameaçada e na tentativa de harmonizar o Estado-nação com a diversidade étnico-cultural e racial existente.

Esta ideia, embora com antecedentes desde o século XVIII, implanta-se fortemente na América no século XIX, dada a necessidade de unificação do país. Enaltecem-se a sede do progresso e do poder americanos, tomando-se as diversas comunidades de imigrantes como assimiladas, com vista a servir a nação, adaptando-se estas às normas e condutas vigentes e formando um todo nacional uniformizado.

Em concomitância, os primeiros estudos sobre os processos de adaptação de imigrantes aparecem, então, na Escola de Chicago dado que se revelou necessária uma atenção especial a certos fenómenos. Para além da homogeneidade sociocultural, torna-se importante uma validação das características específicas das populações imigrantes, de forma a melhor se poderem integrar, não abandonando, contudo, as suas maneiras de ser, de estar, de pensar e de agir originais mas sim, adaptando-as à realidade do país de acolhimento.

Assim: “Baseada no pluralismo democrático de Jonh Dewey (1859-1952) o pluralismo cultural procurou valorizar um aspecto intrínseco à constituição da nação americana (o seu carácter multicultural), defendendo por isso a preservação da identidade cultural dos imigrantes e das minorias étnicas. Do ponto de vista político, tornou possível concentrar as atenções na análise das condições sociais que condicionavam a vida destes grupos permitindo-lhes, não só resistir às pressões políticas e económicas, como ainda manter os traços culturais característicos da sua ascendência no contexto da sociedade global.” (Rocha-Trindade, 1995: 99)

Com base nesta perspectiva, surge em oposição à ideologia do *melting-pot* (um caldo de culturas em que todos se fundem indiferenciadamente, perdendo a sua identidade própria) uma nova representação das relações sociais que se assemelha muito mais a uma “salada” em que os diferentes ingredientes se tocam e se combinam, se ligam saborosamente numa mistura de elementos identificáveis.

Deste composto combinado nasce o interculturalismo, implicando uma mestiçagem de valores que se ligam com base na solidariedade, por sua vez edificada por princípios de respeito pela identidade específica de cada grupo na diversidade social. Será esta também a ideologia que, mais tarde, vem a presidir à fundação da

União Europeia enquanto conjunto democrático e harmonioso de nações e povos unidos, todavia, diversificado nas suas culturas.

“A diversidade cultural da Europa moderna e tardomoderna, fundada nas diferentes histórias nacionais e expressa na diversidade linguística, tem sido interpretada como um valor acrescentado a uma identidade cultural comum, partilhando as mesmas raízes culturais basicamente na herança greco-romana e judaico-cristã. A diversidade cultural, acentuada na modernidade, teria, de acordo com esta perspectiva, gerado tensões criativas e transformadoras nos contextos das letras, das artes e das ciências. A perspectiva unificadora parece ser fundamental para conferir coesão a um conjunto de estados autónomos e historicamente desunidos, hostis e mutuamente competitivos. ” (Cunha, 2006: 205-206)

Assim, e visto que se impõe a comunicação em todas as suas vertentes, quando se trata do intercâmbio do “Eu” com o “Outro” numa perspectiva de respeito pela diferença, há que considerar, acima de tudo, uma relação biunívoca de entreajuda que conduz à sã convivência entre os povos, independentemente das suas proveniências ou características. Desta feita, “A metáfora do caldo de culturas com as implicações de homogeneidade é substituída pela metáfora da salada, na qual cada elemento é distinto e vale por si próprio, ao mesmo tempo que contribui para o todo e se liga com um tempero comum que é a cultura dominante” (Winitzky, 1995: 144 citado em Vieira, 1999: 65).

Passa-se assim de uma perspectiva em que todas as diferenças se fundiriam numa sociedade supostamente homogénea “*melting-pot*” a uma nova forma de representação em que cada diferença é preciosa e enriquecedora de um conjunto de valores diversos numa sociedade em que se evidenciam cores, texturas, padrões, aromas, sentidos e sensações num todo harmonioso, como se de uma “salada” se tratasse.

“A filosofia intercultural deverá corresponder àquilo a que chamamos “ética do encontro”, baseada em princípios e normas que garantam uma dialéctica do afecto, que assume a amizade e o amor como atitudes que favorecem a viagem audaz do “eu” rumo a um “tu”, que por sua vez conduz ao desejo do “nós”. O “nós” como síntese e como linguagem assertiva que explica toda e qualquer existência humana vivida na alteridade partilhada, que assume o que de mais universal e razoável existe numa determinada

cultura que aceitou passar pelo crivo da crítica da sensatez.” (Rocha-Trindade, 2009: 52)

No intuito de melhor ilustrar estas questões da culturalidade, apresentam-se agora alguns exemplos extraídos do conjunto de entrevistas realizadas.

No âmbito do trabalho de terreno levado a cabo, e no que se refere à diversidade étnica e cultural com que os jovens informantes se depararam em Portugal, E2 revela que, inicialmente foi um “grande “choque” o facto de encontrar pessoas de muitas nacionalidades diferentes em Portugal”, sendo que, tanto para E2 como para E11 foi um “choque” o facto de verem, “pela primeira vez, pessoas de cor escura”. Esta diferença terá causado uma sensação de estranhamento e a aceitação da circunstância pode ter sido algo que só se dissolveu com o passar do tempo num processo inter-relacional, o qual é referido por Perotti (2003:49) tal como foi referenciado no ponto sobre a integração. Por outro lado, e com o passar do tempo, certamente estes jovens terão vindo a dar conta de uma muito maior diversidade étnico-cultural em Portugal.

Em contrapartida, a entrevistada E1 diz que tem muito bom relacionamento com a comunidade portuguesa, dando-se especialmente bem com as pessoas de origem africana, na medida em que, desde o Ensino Básico que apenas tem amigos africanos, salientando ainda não ter tempo para fazer novos amigos.

Assim, destacando-se o facto, embora algo omissivo, de todos os entrevistados terem certamente em Portugal amigos de nacionalidades ucraniana e portuguesa, o estudo revela que, tendo em conta o conjunto dos informantes seleccionados, as suas amizades incluem indivíduos de muitas outras nacionalidades das quais e, por ordem decrescente, se podem referir: em primeiro lugar, os ucranianos e portugueses em número de sete (7) referências para cada uma das nacionalidades; em segundo lugar, brasileiros, espanhóis, russos, moldávicos (com referência a um gagaúz²) em número de quatro (4); angolanos, santomenses, cabo-verdianos em número de três (3), sendo que há mais duas referências a africanos indiferenciados no que respeita ao seu país de origem. E, em número de duas (2) referências, existem também, os romenos, os chineses, os guineenses, os franceses e os alemães. Finalmente, há referência a elementos isolados de origem indiana, inglesa, moçambicana, paquistanesa, uruguaia, italiana, búlgara, holandesa e, ainda, um elemento de Latvia (Letónia).

² Os gagaúzes são um povo turcomano minoritário do Sudeste da Moldávia (Gagaúzia) e do Sudoeste da Ucrânia.

Esta diversidade cultural em comunicação vem, assim, validar a condição de Portugal enquanto país miscigenado, fruto da sua história e das suas características sócio geográficas e etno-culturais.

Tal como o refere o Pe. Rui Manuel da Silva Pedro no seu artigo “*Da tomada de consciência de uma sociedade multicultural à implementação da filosofia intercultural*” (Rocha-Trindade, 2009: 47), Portugal revela-se, desta feita, um país multicultural, multirracial e uma “Comunidade de comunidades”.

2.4. PAIS DE ACOLHIMENTO/PAIS DE ORIGEM

2.4.1. Contexto histórico-social do país de acolhimento (Portugal)

Portugal constitui uma das nações mais antigas da Europa e as suas fronteiras, após a expulsão dos muçulmanos do Algarve, em 1249, conservaram-se quase inalteradas até ao presente. A existência de Portugal como país independente data de 1143 e abrange assim mais de oito (8) séculos de história. Na última parte de todo este período, ou seja, de há cinco séculos a esta parte, a história de Portugal foi profundamente marcada pela expansão colonial e consequente surto migratório.

“Vitorino Magalhães Godinho (1877) refere que no século XVI a nossa presença se verificava desde o Brasil ao Japão, da Terra Nova ao Peru, dos Países Baixos a Moçambique e à Abissínia, de Ormuz e da Pérsia a Timor e às Filipinas, do Rio de Prata a Sevilha e ao interior de Castela”. (Rocha-Trindade 1995: 148)

Em finais do século XIX, após um período de instabilidade política, deu-se início ao projecto de regeneração dinamizado por Fontes Pereira de Melo, o Fontismo. O objectivo era recuperar o atraso de Portugal em relação à Europa já industrializada. Para tal, aposta-se principalmente nas redes de estradas e de caminhos-de-ferro. Considerava-se, de facto, que, para se desenvolver a indústria, seria fundamental criar condições para a circulação das mercadorias. Para se obterem os financiamentos necessários, foram negociados avultados empréstimos com entidades bancárias estrangeiras, o que aumentou perigosamente o endividamento externo do país.

No plano das comunicações, inaugurou-se o telégrafo e modernizaram-se os correios com a introdução dos selos postais, por outro lado, a adopção do sistema decimal de pesos e medidas facilitou as trocas comerciais.

Com todas estas medidas aumentou a circulação de pessoas e mercadorias, quebrando-se assim o isolamento de muitas regiões, principalmente as do interior. Portugal passa a estar também em contacto directo com a Europa e com o Mundo.

Contudo, as expectativas de uma rápida industrialização do país não se realizaram de imediato. Já se tinham verificado alguns progressos mas faltavam as condições para um verdadeiro arranque. Se, por um lado, o mercado interno era pouco estimulante, devido ao baixo poder de consumo da população, por outro, as matérias-primas tinham de ser quase todas importadas, o mesmo acontecendo com a maquinaria. A burguesia mostrava pouco interesse em investir na indústria e não havia disponibilidade de mão-de-obra com formação técnica devido ao elevado nível de analfabetismo existente no país. Só mais tarde a industrialização arranca de forma continuada, haviam, entretanto, melhorado as vias de comunicação, desenvolvera-se a actividade bancária e o ensino técnico, fundado por Fontes Pereira de Melo, começava a

dar os primeiros frutos. Deste modo, cresce a produção industrial. A indústria algodoeira, os lanifícios e a moagem desenvolveram-se, apareceram novos sectores de produção como a metalomecânica e os adubos e, há ainda a salientar a utilização da máquina a vapor.

Contudo, Portugal não conhecia ainda um grande surto de urbanização, com excepção do crescimento acentuado de dois grandes pólos: Lisboa/Setúbal e Porto/Guimarães. Esta fixação populacional ficou a dever-se, por um lado ao facto de aqui existir uma rede de transportes mais desenvolvida, o que permitia fazer chegar o carvão das minas, a mão-de-obra dos campos, as máquinas e as matérias-primas do país e do estrangeiro, e, por outro, à facilidade de escoamento dos produtos para os diferentes mercados. Na área Lisboa/Setúbal, eram as indústrias química, metalúrgica, corticeira e dos tabacos aquelas que lideravam em termos de produção, enquanto que, na área Porto/Guimarães as indústrias mais importantes eram a têxtil e de confecções. Por isso, só nestes centros se desenvolveu verdadeiramente uma pequena e média burguesia, formada por comerciantes e funcionários públicos. Foi com os progressos da economia e da instrução pública que estas classes ganharam alguma importância.

Nesta altura, e até ao final do século XIX, verifica-se um forte fluxo de emigração para o Brasil e também para os Estados Unidos da América, para a Argentina, para a Guiana e para as Ilhas Sandwich (Hawaii). (cf. Rocha-Trindade 1995: 152)

Em início do século XX, assiste-se a uma profunda mudança da paisagem citadina. Instalam-se as grandes fábricas, a burguesia ascende em poder e riqueza, Portugal segue já as grandes tendências da moda europeia e surge o gosto pela cultura a todos níveis. Se, por um lado, a pequena oficina dá lugar à grande fábrica, por outro, e em consequência, o artesão passa a operário e surge o proletariado. O número de pessoas que chegava dos campos em busca de trabalho e de melhores condições de vida não cessava de aumentar nas grandes cidades – migrações internas. Todavia, o sonho não passara de ilusão. Em ambiente urbano, os operários fabris trabalhavam muitas horas e ganhavam miseravelmente. Muitas vezes, a mulher e os filhos, estes, por vezes ainda de tenra idade, tinham necessidade de trabalhar também para ajudar no sustento da família. Frequentemente, os patrões até preferiam a mão-de-obra feminina e infantil porque era mais barata e, por outro lado, estas classes não poderiam reclamar os seus direitos como trabalhadores. Estas condições de trabalho levaram os operários, em número cada vez maior, a associarem-se e a fazerem as primeiras exigências. A arma mais forte e eficaz que utilizavam na luta contra o patronato era a greve.

Os sucessivos governos legislaram no sentido de introduzir importantes alterações, principalmente no que se refere ao trabalho e às questões do ensino devido ao elevado grau de analfabetismo. O programa republicano pretendia dar prioridade ao desenvolvimento cultural do país, isto, apesar do elevado custo que isso implicava.

Criaram-se, então, os primeiros jardins-escola e muitas escolas primárias estatais. O ensino primário tornou-se obrigatório e gratuito para todas as crianças entre

os sete (7) e os dez (10) anos. No intuito de melhorar o ensino, foram criadas as “escolas normais” onde os professores recebiam uma formação adequada. Procurou-se, assim, difundir o ensino primário numa nova sociedade, tomando como base a alfabetização da população.

De igual forma, foram feitas reformas importantes no ensino liceal, técnico e universitário com novos planos de estudo, maior número de professores e um moderno equipamento científico. Assim, ao nível do ensino técnico, surgem as escolas agrícolas, as comerciais e as industriais enquanto que, ao nível do ensino superior se procede à reforma da Universidade de Coimbra e à reestruturação das Universidades de Lisboa e do Porto bem como à fundação de vários Institutos Superiores (o Técnico, o Comercial e o de Agronomia) e, ainda, da escola Superior de Medicina Veterinária.

Após a Primeira Guerra Mundial, em 1918, Portugal garantiu a posse das suas colónias, para onde passa a enviar grandes contingentes de cidadãos para povoar os territórios de além-mar.

“ (...) mencione-se que o número dos nossos concidadãos saídos de Portugal com destino às várias colónias do seu Império não podiam ser tecnicamente considerados como emigrantes, dividindo-se o seu número entre os que partiam como servidores do Reino e os que o faziam com o estatuto de colonos.” (Rocha-Trindade 1995: 152)

Todavia, Portugal estava debilitado dadas as permanentes despesas que eram superiores às receitas, o que obrigava, mais uma vez, o Governo a contrair empréstimos sucessivos, aumentando a dívida externa. Se, a este facto, juntarmos o aumento do descontentamento social, devido à escassez de alimentos e à inflação, poder-se-á apontar, como consequência, para uma grande instabilidade governativa. Em 1926, uma acção militar chefiada pelo general Costa Gomes pôs fim à Primeira República. O Presidente da República, Óscar Carmona, convida para Ministro das Finanças o Professor Doutor Oliveira Salazar, conhecido pela sua competência em Finanças Públicas. A política de poupança que impôs permitiu terminar o seu primeiro ano de mandato com saldo financeiro positivo. Equilibradas as finanças do país, foram executadas importantes obras públicas. Este conjunto de obras que levou a cabo a partir dos anos quarenta foi fundamental para o desenvolvimento do país. São obras que vão desde o aproveitamento hidráulico à comunicação, à justiça, à saúde, à cultura e ao desporto, entre as quais se incluem algumas obras na Margem Sul tal como o Monumento ao Cristo Rei e a actual ponte “25 de Abril”, inicialmente denominada ponte “Salazar”.

Nos anos sessenta, a guerra nas colónias agravou o descontentamento sentido por largas camadas da população. Nesta altura surgem os movimentos de contestação ao regime: greves, revoltas e manifestações envolveram militares e civis, nomeadamente estudantes e alguns católicos. As difíceis condições de vida sentidas pelos trabalhadores levaram uns a organizarem-se em núcleos de resistência outros a emigrar. E se, até então, as saídas de Portugal se destinavam a outros continentes, agora estas passam a dirigir-se a países europeus que, em condições de maior ou menor regularidade,

recebem grande número de imigrantes portugueses, nomeadamente, a França e a Alemanha, e, em menor número, também a Bélgica, a Suíça, a Holanda, a Inglaterra e o Luxemburgo.

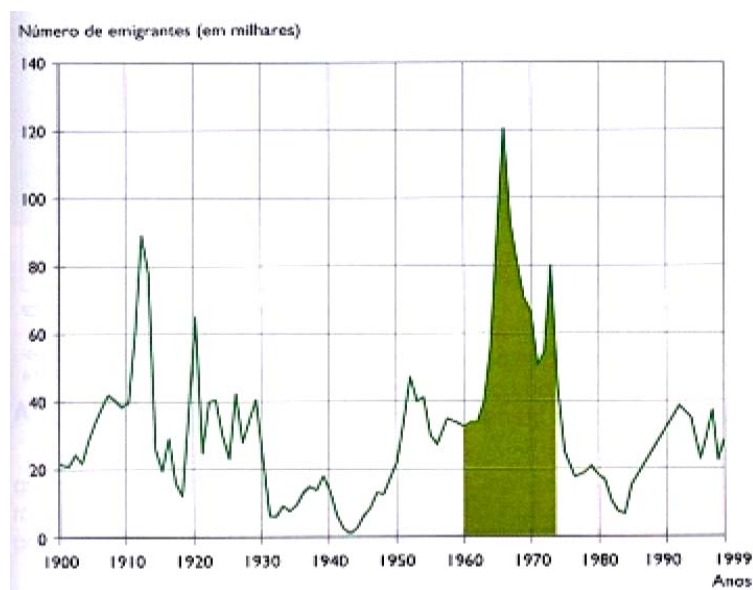


Figura 2.2 – Evolução da emigração com foco nos anos 60 (Fonte: INE, 1999)

Devido à forte emigração registada, se no início ocorre a despovoamento do território português e, principalmente das regiões mais carenciadas, passados dez (10) ou quinze (15) anos, já se verificam melhorias socioeconómicas em Portugal, fruto do investimento e do trabalho emigrante. Surge um novo dinamismo na construção civil, no comércio e nos serviços.

Se, por um lado, Portugal recebe, nesta altura, trabalhadores cabo-verdianos para dar resposta à falta de mão-de-obra causada pela partida de portugueses, por outro, começa também já a receber os retornados que são obrigados a deixar os territórios de África, Índia ou Timor.

A partir do início dos anos setenta, deflagra na Europa uma crise económica que, acrescida de situações de desemprego, torna excedentários os imigrantes nos países mais ricos, fazendo com que muitos deles regressem a Portugal. “Esta mudança nas políticas migratórias dos principais países europeus afectou particularmente Portugal, uma vez que motivou um retorno significativo de emigrantes anteriormente radicados em França e na Alemanha.” (Santos, 2001: 148)

A este factor acresce a conjuntura interna do país.

Salazar foi substituído, em 1968, na Presidência do Conselho de Ministros, por Marcelo Caetano, devido a problemas de saúde, contudo, o regime continuou,

irrevogavelmente, seguindo as mesmas directrizes até à Revolução dos Cravos, a 25 de Abril de 1974, acção que pôs fim ao Estado Novo.

Instaurado um regime democrático, o país acolhe o movimento militar com entusiasmo. Vive-se um período de grande instabilidade, dá-se a independência às colónias e redige-se uma nova constituição. Os cidadãos passam a gozar de liberdades e garantias individuais e a participar livre e activamente na vida nacional, através dos órgãos de poder democráticos.

Portugal recebe um enorme fluxo de retornados e seus descendentes, que, sendo também eles portugueses, se tornaram, de um dia para o outro, imigrantes devido a questões de independência das ex-colónias e, conseqüentemente, de desnacionalizações em termos de cidadania.

Tal como refere Fernando Dacosta no trabalho que lhe valeu o Grande Prémio de Reportagem 1984, “A burocracia fez já perder aos mais desprevenidos a nacionalidade. Sem pátria, sem ajudas, chegam, continuam a chegar trazidos por departamentos da ONU, duplamente estrangeiros na sua terra, na sua língua, nos seus sentimentos.” (Dacosta: 1984:47)

Nas palavras de Maria Ioannis Baganha, “a independência das ex-colónias portuguesas em África (foi um) processo que promoveu o retorno ao país de aproximadamente 500 000 civis e de 100 000 militares, provocando um súbito acréscimo da população activa.” (Santos, 2001: 148)

Assim, esta situação, enquanto fluxo migratório, assume características peculiares pois, “apesar do carácter súbito e de massa, foi plenamente absorvido pela sociedade portuguesa com efeitos positivos a vários níveis. (Pires et al. 1984) ” (Machado 1997:14)

Concedida a independência às colónias, Portugal perde um espaço económico próprio e tem, assim, de se voltar decisivamente para a Europa. Por esta razão, em 1986, torna-se membro de pleno direito da Comunidade Europeia. Esta adesão obrigou à aceitação de certos princípios, nomeadamente de ordem política (a existência de um regime democrático parlamentar) e de ordem económica e social (a livre circulação de produtos, capitais e pessoas e a abolição progressiva dos monopólios de importação, exportação e comercialização com vista ao estabelecimento da livre concorrência). A adesão de Portugal à Comunidade Europeia levou, desta feita, à aplicação de uma série de medidas governamentais, de directivas da CE e de fundos estruturais (FEDER, FSE, FEOGA) com a finalidade de melhorar as vias de comunicação, a agricultura, a indústria e a formação profissional.

Tabela 2.1 – Evolução da População Portuguesa no século XX (Fonte: Maçarico, Chaby e Santos 2001: 141).

Recenseamentos	Portugal Continental	Regiões Autónomas	Total
1900	5039744	407016	5446760
1911	5586053	413093	59999146
1920	5668232	411902	6080134
1930	6334507	467922	6802429
1940	7218882	536450	7755332
1950	7921931	588327	8510240
1960	8292975	596417	8889392
1970	8074960	536150	8611110
1981	9336760	497254	9834014
1991	9371448	491222	9862670

Em 1992, os países da Comunidade Europeia assinaram o Tratado de Maastrich e criaram a União Europeia, assim designada desde Novembro de 1993.

Neste enquadramento político e económico, surgem melhorias na qualidade de vida dos residentes em Portugal, o que motiva o regresso de alguns emigrantes. Nas palavras de Fernando Luís Machado, “O retorno de emigrantes, depois de um período de alta na década de 70, durante a qual terão regressado mais de 400 000 indivíduos apenas dos países comunitários (Cónim, 1985, citado em Malheiros, 1996: 73), reduziu-se consideravelmente a partir daí, sendo, em todo o caso, de prever alguma continuidade. Mais do que entre os seus descendentes, nascidos ou criados no estrangeiro, e, em muitos casos, aí já solidamente fixados, esse regresso é mais provável, como nota Peixoto (1993: 857), entre o sector que atinge a idade da reforma e pode optar por iniciar essa nova fase do ciclo de vida em Portugal. O retorno das ex-colónias primeiro, e o regresso de emigrantes têm contribuído para reequilibrar a balança migratória portuguesa, até então fortemente negativa.” (Machado 1997: 14-15)

Esta conjuntura torna-se interessante também para outros povos que elegem Portugal como país de acolhimento, não só africanos, principalmente dos PALOP, como, também, do Brasil, da Venezuela e de outros países da União Europeia.

Todavia, a esta altura, o nosso país não se encontrava ainda tecnicamente munido para poder competir numa Europa económica e tecnologicamente mais avançada, o que nos coloca numa situação de desvantagem em relação a grande parte dos outros países da Comunidade Europeia. Desta feita, começa a ser, mais uma vez, necessário recorrer a fundos internacionais na tentativa de conseguir corresponder às directivas comunitárias por meio também da aplicação de novas imposições governativas (nem sempre adequadas ou convenientes).

Apesar desta situação, Portugal começa lentamente a corresponder às exigências, contando com o financiamento externo. Constroem-se e/ou recuperam-se pontes (eg.

Ponte Vasco da Gama) e estradas, barragens (eg. Alqueva), caminhos-de-ferro e redes de Metro, aeroportos, recuperam-se áreas degradadas (destaque-se aquela que serviu de cenário à EXPO 98), renovam-se frotas, aposta-se no ensino, na formação e na cultura, incrementam-se as novas tecnologias...

Todo este investimento implica também conhecimentos específicos, um vasto mercado de trabalho. A par desta modernização do país, refira-se também a internacionalização da economia portuguesa através do aumento de investimento directo estrangeiro em Portugal. Tal facto vem incrementar a criação de mais postos de trabalho e, conseqüentemente, a necessidade de importação de mão-de-obra. De realçar que grande parte dos imigrantes que vieram para Portugal, dada a urgência em encontrar trabalho. Visto que, de imediato, não tinham reconhecidos os seus diplomas, acabam por incorporar-se no mercado de trabalho em tarefas pouco qualificadas.

Como consequência da situação socioeconómica nos países da Europa de Leste e, na medida em que os países do Norte da Europa haviam fechado as suas fronteiras, os países do Sul, tais como, Portugal, Espanha ou Itália, passam a receber grandes fluxos de imigrantes em busca de melhores condições de vida.

Por outro lado “Convém notar, contudo, que desde Março de 1995 a entrada em vigor da Convenção de Aplicação de Schengen fez cessar a exigência de consulta prévia obrigatória para a concessão de visto aos nacionais da Rússia, Ucrânia, Roménia e outros países do Leste Europeu, o que, conjugado com a liberdade de circulação no espaço Schengen, potenciou a vinda para o nosso país de migrantes provenientes desta região. A revisão, em 1998, da Lei de Entrada, Permanência, Saída e Afastamento de Estrangeiros do Território Nacional (Decreto-Lei 244/98 de 8 de Agosto), ao alargar o âmbito dos mecanismos de regularização de imigrantes ilegais, tornou Portugal um país mais atractivo para as redes de tráfico de mão-de-obra.” (Santos, 2001: 155)

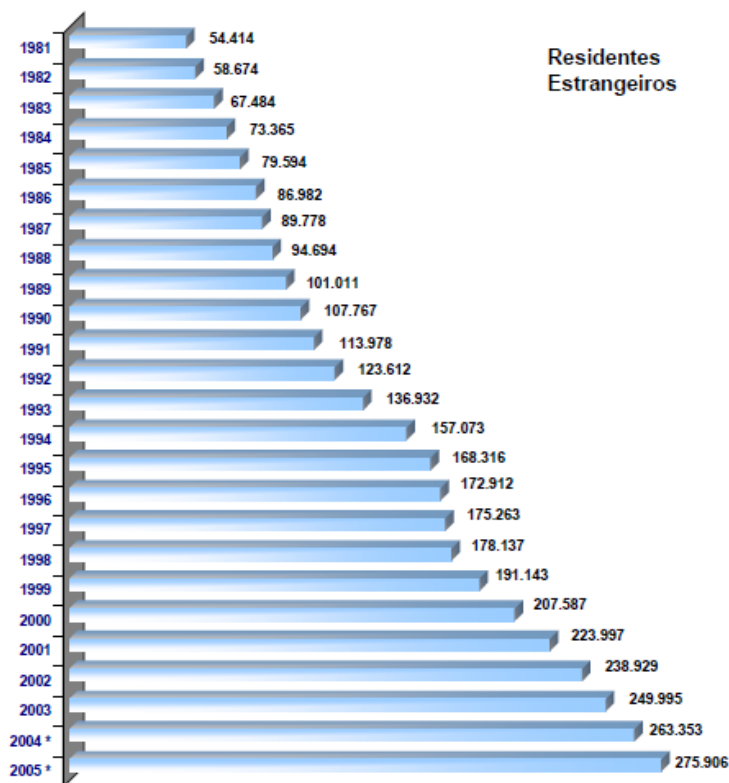


Figura 2.3 - Evolução da População com Estatuto Legal de Residente (Fonte: SEF, 2005: 8)

Este é um factor menos positivo, todavia, graças à livre circulação de pessoas e bens decorrente do Tratado da União Europeia (1997), Portugal passa a ter a possibilidade de estreitar laços com pessoas residentes em todos os países aderentes o que favorece a comunicação, as redes migratórias e de intercâmbio em geral, abrindo novas perspectivas e múltiplas possibilidades tanto internamente, como a nível externo.

Assim, “A emergência e consolidação recente da imigração em Portugal devem ser vistas no âmbito das dinâmicas migratórias mais amplas em curso no espaço europeu, particularmente, no que respeita aos países da Europa do Sul. (...) estes países viram alterar-se substancialmente, durante os últimos quinze ou vinte anos, a posição que ocupavam no quadro das migrações internacionais.” (Machado 1997: 13)

Este grande fluxo imigratório em Portugal ocorre principalmente entre os anos 1999 e 2003, tendo esta situação como resposta a regularização por meio do Processo Extraordinário de Legalização em 2001.

Em concomitância, também Maria Ioannis Baganha refere que “ (...) mais do que perceber Portugal como desempenhando uma posição intermediária no sistema global e Lisboa como uma “soft-global city”, Portugal deverá ser percebido como uma placa giratória que distribui (importa e exporta) mão-de-obra consoante a estrutura institucional em que opera, e a Área Metropolitana de Lisboa como o centro dessa placa. Esta metáfora é mais adequada porque permite explicar conceptualmente a

simultaneidade dos fluxos migratórios de entrada e de saída que, como referi, caracterizam as actuais correntes migratórias em Portugal.” (Santos, 2001: 147)

Portugal nas questões migratórias constitui-se, assim, como um caso peculiar pois, se por um lado, continuou a ser um país de imigrantes, dadas as suas características histórico-geográficas e as condições criadas imediatamente após a entrada na Comunidade Económica Europeia, por outro lado, tem, desde sempre, apresentando também consideráveis taxas de emigração devido a múltiplos factores políticos, culturais, e económico-sociais de vária ordem.

2.4.2. Contexto histórico-social do país de origem (Ucrânia)

No início do século XX, a falta de progresso económico, social e político do Império Russo em relação aos países industrializados do Ocidente era notória. Essa situação, agravada pela participação da Rússia na Primeira Grande Guerra, fez despoletar a Revolução Socialista de 1917.

O socialismo implantado na Rússia adequou-se às circunstâncias locais, criando o marxismo-leninismo, e evoluiu até cristalizar no estalinismo, cujo modelo de Estado iria perdurar até aos anos oitenta.

Considerada um mercado livre emergente, a economia da Ucrânia é uma das maiores do mundo. Tendo sido uma importante região industrial soviética, a Ucrânia tem passado por fortes flutuações: a partir de 1990 devido à quebra de produção e consequente inflação a que se seguem, em 2002, dois (2) anos de forte exportação de aço para a China, a Ucrânia foi o sétimo maior produtor de aço do mundo em 2005 e fabrica diversos equipamentos metalúrgicos tais como, tractores, locomotivas e automóveis. O país é também, detentor de uma enorme base industrial de alta tecnologia onde se inclui grande parte das indústrias soviéticas de electrónica, armamento e equipamento espacial e de produção nuclear e hidroeléctrica.

A grande rebelião cossaca de 1648 contra a Comunidade e contra o Rei João II Casimiro levou à partilha da Ucrânia entre a Polónia e a Rússia, após o Tratado de Pereyaslav, e à Guerra Russo-Polonesa. Com as partilhas da Polónia no final do século XVIII entre a Prússia, a Áustria e a Rússia, o território correspondente à actual Ucrânia foi dividido entre os Impérios Austríaco e Russo, aquele anexado à Ucrânia Ocidental (com o nome de província da Galícia), este incorporando o restante do território ucraniano. (cf. Kartsov, 1981)

As promessas de autonomia da Ucrânia nunca se materializaram, contudo, os ucranianos tiveram um papel importante no seio do Império Otomano, ascendendo mesmo, por vezes, aos mais altos postos da administração imperial e eclesiástica russa.

Posteriormente, o regime czarista passou a executar uma forte política de “russificação”, proibindo o uso da Língua Ucraniana nas publicações e em público.

No século XIX, na cidade de Lviv, desenvolve-se um forte movimento cultural em torno da causa da independência da Ucrânia, que veio a ser mais tarde, a União de Libertação da Ucrânia (Spilka Vizvolénia Ukraíni), organização nacionalista burguesa criada no início da Primeira Guerra Mundial, por um grupo de nacionalistas burgueses ucranianos. A Spilka, contando com a derrota da Rússia czarista propôs-se a tarefa de conseguir a separação da Ucrânia em relação à Rússia e de criar uma monarquia ucraniana de latifundiários e burgueses sob o protectorado alemão.

Todavia, no final da Primeira Guerra Mundial, em 1917, deflagra a guerra entre ucranianos e nacionalistas. Logo após a queda do Império Russo e Austríaco, a Ucrânia torna-se num estado independente, uma república popular, dirigida pelo nacionalista Vladimir Gruchevski, tendo durado apenas alguns meses.

A Ucrânia foi invadida pela Rússia e pela Polónia, controlando esta uma parte do território ucraniano até 1939, ano em que os territórios anexados pela Polónia voltam a ser integrados na Ucrânia. (cf. Marabini, 1966)

Entretanto, a partir de 1922, a Ucrânia passa a fazer parte das quinze (15) repúblicas da antiga União Soviética.

O ideal nacional ucraniano sobreviveu durante os primeiros anos sob o domínio dos soviéticos. A Cultura e a Língua Ucranianas conheceram um florescimento quando da adopção da política soviética de nacionalidades. Os seus ganhos foram postos em causa com as mudanças políticas do início dos anos trinta. Nesta altura, os soviéticos acusaram a elite política e cultural ucraniana de “desvios nacionalistas” e, como consequência, procede-se à eliminação de grande parte da elite cultural da Ucrânia.

De referir que a Organização de Nacionalistas Ucranianos foi um movimento ucraniano fundado em 1929 por Yevguen Konovalts, na Polónia, tendo-se tornado um grande grupo militar em 1942. Tinha por objectivo criar um estado independente ucraniano que o defendesse das autoridades polacas e rapidamente se expandiu clandestinamente para as regiões da Ucrânia ocupadas pela União Soviética e estabeleceu contactos políticos com diversos países, nomeadamente, Gran Bretanha, Itália, Alemanha, Espanha e Lituânia. Após o assassinato do seu fundador, em 1938, o movimento subdivide-se em duas fracções rivais e, em 1941, aproveitando a invasão da URSS pela Alemanha, proclama em Lviv a independência da Ucrânia. Sucedem-se lutas e evasões até aos anos sessenta e os resistentes do movimento voltam à Ucrânia em 1991, depois da desintegração da URSS. Em 1992 o movimento constituiu-se como o partido político Congresso de Nacionalistas Ucranianos que, desde 2002 faz parte da coligação de partidos do Bloco Nossa Ucrânia de Viktor Yúshchenko, Presidente da Ucrânia desde 2005.



Figura 2.4 – Divisão territorial da Ucrânia (Fonte: Baganha e Fonseca, 2004: 15).

Durante a Segunda Guerra Mundial, os alemães ocupam a Ucrânia, dizimando cerca de um quarto da sua população. Depois desta fase, alguns membros nacionalistas da Ucrânia lutaram contra nazis e soviéticos e acaba por ocorrer a reunificação e a independência. As fronteiras da Ucrânia soviética foram ampliadas na direcção Oeste cria-se uma unidade política e a Ucrânia passa a ser membro das Nações Unidas.

A industrialização soviética teve início na Ucrânia a partir dos anos vinte, o que leva a produção industrial do país a quadruplicar nos anos trinta. O processo impôs um custo elevado aos agricultores, que eram o sustento da nação ucraniana, isto porque, para atender à necessidade de maior quantidade de alimentos e para financiar a industrialização, Estaline estabeleceu um programa de colectivização forçada na agricultura que consistia em reunir as terras e rebanhos dos camponeses em fazendas colectivas.

“A colectivização, operação que, em princípio, tinha simples finalidades económicas e sociais, transformou-se na Europa de Leste – a exemplo do que fora na Rússia – num meio privilegiado de dominação da sociedade, tomando muito rapidamente a forma de uma verdadeira e implacável guerra civil.” (Soulet, 2009: 107)

A situação era controlada pela actuação dos militares e da polícia secreta, aqueles que resistiam eram presos, deportados ou executados. Os agricultores viam-se obrigados a lidar com os efeitos devastadores do sistema sobre a produtividade agrícola e as exigências de quotas de produção exageradas. Tendo em vista que os camponeses das fazendas colectivas não estavam autorizados a receber grãos até completarem as suas impossíveis quotas de produção, a fome tornou-se generalizada. Este processo histórico, conhecido como “Genocídio Ucraniano” levou milhões de pessoas a morrer à fome.

Em 1956, o então dirigente comunista soviético Nikita Khrutchov, um ucraniano, decidiu tirar a Península da Crimeia à Rússia e oferecê-la ao seu país de origem, estabelecendo desta forma as fronteiras actuais da Ucrânia. As regiões orientais e centrais do país transformaram-se em grandes centros mineiros e industriais (dois terços da indústria ucraniana estão aí concentrados ainda hoje), enquanto a parte ocidental permaneceu mais rural e pouco desenvolvida. A primeira está muito marcada pela influência russa, enquanto a segunda sofre maior influência ocidental.

Ao longo das décadas seguintes aumentaram os sinais de descontentamento da população face ao domínio da União Soviética.

A Ucrânia ganha a sua independência após o colapso e dissolução do Bloco Socialista e da União Soviética em 1991, por via de referendo, tornando-se um Estado soberano e independente. Em Dezembro deste mesmo ano, adere à Comunidade de Estados Independentes (CEI) e a 9 de Novembro de 1995 adere ao Conselho da Europa.

A partir de 1990, após a independência e desintegração da URSS, as indústrias mineira, pesada e militar ucranianas entraram em crise. Devido à precariedade da economia os salários eram demasiado baixos e o desemprego atingiu níveis muito elevados. Nas regiões ocidentais a crise foi mais profunda e longa, obrigando milhões de ucranianos a emigrar para a Europa Ocidental e para os Estados Unidos da América. (cf. Gökay, 2002)

A partir desta altura dá entrada em Portugal um enorme fluxo imigratório proveniente dos países do Leste Europeu e, em especial, da Ucrânia. A chegada destes imigrantes foi importante não só pela contribuição da sua mão-de-obra, mas, também, na medida em que promove uma subida na taxa de natalidade em Portugal.

No meio de grandes conflitos sociais, a 28 de Junho de 1996, o Parlamento Ucraniano aprovou a nova Constituição, instituindo um poder presidencial muito forte. O poder executivo é exercido pelo Presidente, pelo Primeiro-ministro e pelos ministros. O poder legislativo pertence ao Parlamento com 450 deputados eleitos por quatro anos. Nas eleições parlamentares de 2006, os deputados terão sido eleitos pela primeira vez exclusivamente por listas de partidos.

Portugal tem um historial relativamente recente como país de imigração. Se anteriormente apenas recebia quase exclusivamente imigrantes dos PALOP, após a chegada do fluxo imigratório dos países de Leste e, em especial, da Ucrânia, a situação altera-se substancialmente.

“Official documents attribute this sudden and massive inflow from Eastern Europe to Portugal to three main causes: the lack of control by other EU member states in the granting of short term visas; the speed and ease of movement within the Schengen space; and the trafficking of human beings, organized in Eastern Europe under the disguise of “travel agencies”. ” (Baganha e Fonseca, 2004: 28)

A escolha de Portugal como país de destino para estas populações veio, assim, colocar novos desafios à sociedade portuguesa enquanto país de acolhimento. A nova realidade social implica que se encontrem soluções adequadas e eficazes para a

resolução dos problemas de integração com base nos alicerces da boa convivência e do respeito mútuo.

2.4.3. Caracterização da AML e das populações em análise

Nesta parte do estudo procuro apresentar, em particular, não só uma cidade, mas um conjunto de cidades e aglomerados populacionais que, integrados numa determinada região geográfica, constitui uma área de características heterogéneas e peculiares que se complementam de forma a tornar toda a Área Metropolitana de Lisboa (AML) numa área de inquestionável atracção. A localização geográfica e as características do tecido empresarial fazem desta região um importante pólo de articulação internacional.

Segundo os dados divulgados pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras no Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo em Portugal para o ano de 2011, (até à data o último disponível), tendo em conta a importância dos fluxos migratórios e sua densidade, os distritos que concentram a maior quantidade de população estrangeira são: Lisboa, com 188.259 indivíduos (correspondendo a 43,09%), Faro, com 68.953 indivíduos (correspondendo a 15,78%) e Setúbal, com 45.158 indivíduos (correspondendo a 10,33%) da população, perfazendo para Lisboa e Setúbal o total de 233.417 estrangeiros, valor correspondente a 53,43% da população estrangeira em Portugal. Sendo que os concelhos dos distritos de Lisboa e Setúbal integrados na AML são os mais importantes e também os que apresentam uma maior densidade populacional, são todavia, aqui tomados os valores globais de distrito como referência por aproximação.

É pertinente mencionar-se também que, ainda tendo em conta este último Relatório, as nacionalidades de estrangeiros residentes mais representativas em Portugal são hoje o Brasil, em primeiro lugar, com 25,5% e, em segundo lugar, a Ucrânia representando 11% de estrangeiros, seguida de Cabo Verde, Roménia e Angola.

“Na curta história da imigração contemporânea para Portugal, o final do século XX marcou a primeira grande mudança: a transição de um ciclo migratório assente na chegada de populações oriundas, na sua maioria, da EU e dos PALOP para um outro, com maior diversidade de origens, em que predominam os indivíduos provenientes da Europa de Leste, com destaque para a Ucrânia. Apenas os brasileiros se parecem manter como um grupo relevante em ambos os contextos. Esta transição, que não significa o esgotamento da imigração oriunda de países de expressão portuguesa, envolve bastante mais do que uma simples mudança das origens geográficas dos trabalhadores estrangeiros instalados em Portugal.” (in “*Velhas e novas geografias da imigração em Portugal*”, Malheiros, Janus -2003)

Por outro lado, segundo dados do INE/PORDATA, em 2011, as nacionalidades mais representativas da população estrangeira com estatuto legal de residente na NUT III da Grande Lisboa são: Em primeiro lugar, o Brasil, com 59.838 indivíduos, seguido de Cabo Verde, com 34.407 indivíduos, a Roménia, com 17.111 indivíduos, Angola, com 16.992 indivíduos, a Guiné-Bissau, com 15.162 indivíduos, a Ucrânia com 13.463 indivíduos, São Tomé e Príncipe, com 8.440 indivíduos, a China, com 7.125 indivíduos, a Moldávia com 5.107 indivíduos e, por fim, Moçambique, com 1.802 indivíduos. Ocupando o sexto lugar entre as dez (10) nacionalidades de maior preponderância na AML, a Ucrânia está representada na área da Grande Lisboa com 10.934 indivíduos e com 2.529 indivíduos na NUT III da Península de Setúbal conforme a tabela seguinte o pode explicitar.

Tabela 2.2 – População estrangeira com estatuto legal de residente na AML 2011. Nacionalidades mais representativas (Fonte: PORDATA, elaboração própria).

Pais de Nacionalidade	NUT III	NÚMERO	TOTAL
Ucrânia	Grande Lisboa	10934	13463
	Península de Setúbal	2529	
Roménia	Grande Lisboa	13240	17111
	Península de Setúbal	3871	
Moldávia	Grande Lisboa	3503	5107
	Península de Setúbal	1604	
Angola	Grande Lisboa	13665	16992
	Península de Setúbal	3327	
Cabo Verde	Grande Lisboa	26791	34407
	Península de Setúbal	7616	
Guiné-Bissau	Grande Lisboa	13362	15162
	Península de Setúbal	1800	
Moçambique	Grande Lisboa	1473	1802
	Península de Setúbal	329	
S. Tomé e Príncipe	Grande Lisboa	6312	8446
	Península de Setúbal	2134	
Brasil	Grande Lisboa	47138	59838
	Península de Setúbal	12700	
China	Grande Lisboa	5998	7125
	Península de Setúbal	1127	

A diversidade e a especificidade da Área Metropolitana de Lisboa não se verificam apenas ao nível da sua estrutura territorial e económica, esta possui traços de dinâmicas socioculturais característicos da principal região metropolitana do país. Distingue-se principalmente pelas inúmeras actividades e pelas oportunidades que oferece em termos laborais, pela importância do turismo, pela atracção que exerce, pela sua multiculturalidade, pelas rotas que aqui convergem e pela imigração que acolhe.

Esta variedade, sendo portadora de uma enorme riqueza cultural, proporciona a promoção de interacções positivas e o aprofundamento de mecanismos democráticos da sociedade portuguesa. Aqui se reúnem benefícios especiais deste encontro de culturas, representado simultaneamente pela reconciliação com o passado e pelo desenvolvimento prospectivo daquilo que será, certamente, a sociedade do futuro. É esta uma região acolhedora também ao nível humano, que parece manter, apesar da modernidade, uma proximidade nas relações sociais, característica de uma certa ruralidade e simplicidade ainda bastante presentes. Sendo cada vez mais raras no mundo moderno, estas características incentivam à reflexão sobre determinadas questões visando uma modernização do território sem, todavia, perder a capacidade relacional que o crescimento urbano frequentemente faz desaparecer.

Para além destas particularidades de base, há ainda uma grande multiplicidade organizacional. Existem dinâmicas sociais dos cidadãos a diversos níveis, tais como: associações culturais e desportivas, cooperativas ou outros grupos organizados para diversos fins ao nível sociocultural, económico, religioso, entre outros. É verdade que se trata de competências repartidas no espaço regional, a grande distância de uma democracia participativa de real poder sobre o território, como, por vezes, seria desejável, mas, é também verdade que estes grupos representam sinergias disponíveis para uma melhor atenção sobre o seu espaço e para a elaboração de um projecto estratégico de mudança para a região no sentido de a tornar cada vez mais próspera. (cf. AAVV, *Ligar a Europa e o Atlântico – Competitividade e Solidariedade*, s.d. :17)

O clima desta região caracteriza-se por uma grande variabilidade imposta pelo relevo e pela maior ou menor proximidade do oceano. A posição atlântica introduz, por sua vez, um efeito moderador e de amenidade climática que se reflecte no regime e distribuição das temperaturas, por outro lado, a temperatura média anual é também moderada, sendo os valores médios anuais de humidade relativa do ar, em geral, muito elevados durante todo o ano, principalmente nas áreas mais litorais. É importante referir as condições climatéricas, pois, embora possam parecer irrelevantes, serão elas das principais responsáveis, e, talvez, um dos factores fundamentais que conduziu à fixação definitiva de muitos imigrantes na Área Metropolitana de Lisboa. Todo o território é banhado, ora pelas águas do Tejo, ora pelas do Sado, ou, ainda, pelas do Oceano Atlântico, o que proporciona, só por si, uma enorme multiplicidade de actividades profissionais e desportivas ou de lazer, as quais, por seu lado, facilitam, não só, a sociabilidade entre as pessoas, como também, a comunicação com outros povos e populações. (cf. AAVV, *Caracterização física e do ordenamento do território da Região de Lisboa e Vale do Tejo, 1998*)

“A opção para uma estratégia de crescimento económico que privilegiou a concentração de actividades, designadamente industriais, na AML e, em particular, na Península de Setúbal, contribuiu para a geração de uma enorme corrente migratória interna em direcção a este espaço. Sobretudo alentejanos e algarvios, mas também gentes de outros territórios foram-se progressivamente fixando nesta península, justificando um significativo incremento na população: 290.000 em 1960, um pouco mais de 400.000, dez anos depois.” (Malheiros e Letria, 1999:12)

Para além de todas as actividades tradicionais ligadas à agricultura, à pesca, à cortiça, à cestaria, à olaria ou ao vidro, foi a indústria da construção naval com o seu enorme potencial que trouxe à região uma imigração por sucessivas vagas, tornando toda a área um verdadeiro *ex-libris* do desenvolvimento e da multiculturalidade. Isto, não esquecendo que aqui se reúne também a maior quantidade de serviços, conferindo uma enorme preponderância ao sector terciário. E, tal como refere João Teixeira Lopes, “O salto, para muitos, pode parecer mortal. Mas as regras do jogo “local/global” não implicam, fatalmente, o apagamento dos mais fracos. Podem oferecer, pelo contrário, se habilmente manipuladas, um conjunto de ousadas e irrecusáveis oportunidades para a implantação de novas escalas capazes de baralhar as hierarquias tradicionais dos sistemas urbanos nacionais”. (Lopes, 2000: 89)

De acordo com o enquadramento histórico-social apresentado (cf. 2.4.1), vários foram os fluxos que, acompanhando a evolução do país, aqui chegaram, implicando profundas alterações nesta região, principalmente ao nível demográfico, no decorrer do século XX.

“Setúbal, com uma localização mais distante de Lisboa, experimentou naturalmente níveis de crescimento demográfico inferiores aos dos concelhos da Margem Sul do Estuário do Tejo. Mesmo assim, a população sofreu um incremento de cerca de 8.000 habitantes no decénio de 60.

A este modesto acréscimo, sucedeu-se a explosão da década seguinte, com o número de habitantes do concelho a aumentar para aproximadamente 100.000 pessoas, mais de 35.000 do que em 1970.” (Malheiros e Letria, 1999:12)

Esta população é hoje uma grande força de trabalho, todavia, cada um dos fluxos migratórios apresenta características e dinâmicas diferentes. Enquanto o primeiro fluxo veio em busca de trabalho assalariado, os africanos pretendiam principalmente uma solução para a situação de guerra, bem como os retornados que, pelo seu lado, para além disso, apesar das enormes dificuldades financeiras, se apresentam com uma excepcional capacidade empresarial. Esta dinâmica revela-se principalmente ao nível do comércio, da indústria transformadora e dos serviços. Por outro lado, estes conferem também um enorme valor à formação. Assim sendo, muitas destas famílias estabelecem-se nesta região, não só com a ambição de aí fundarem as suas próprias empresas, como também no intuito de proporcionar aos seus descendentes as condições de se formarem a nível superior, caso estes assim o desejassem. De notar que a maioria destes indivíduos, quando na classe etária dos 40/50 anos, não possuía estudos acima da quarta classe e muitos eram analfabetos. Os retornados, principalmente devido ao agrupamento familiar, refugiados após uma chegada algo catastrófica, recomeçam, então as suas vidas com base no trabalho conjunto da família dotado de grande força e dinamismo, o que começa a dar fruto visível passado um período que medeia entre os cinco (5) e os dez (10) anos.

Contudo, no que toca à avaliação de um povo, não se deverá ter em conta as particularidades, ou não seria tarefa fácil. Se, por vezes, já é difícil definir um indivíduo, a tentativa de definição de um povo, dada a sua complexidade, é algo de inexecutável em

termos concretos e absolutos. Isto, na medida em que a realidade psicológica existencial não se adapta facilmente aos moldes de uma classificação. Para além disso, há a considerar que, dentro de uma nação existem especificidades regionais que, por vezes assumem importância primordial.

Eis uma breve caracterização, embora não muito recente, sobre o povo português e que vem, de certa forma, ao encontro das opiniões dos informantes que se expressam no âmbito deste estudo, mantendo-se, assim, uma certa actualidade.

“O povo português raramente se manifesta em atitudes comumente designadas por “complexos de superioridade”. Talvez a sua simplicidade explique o elevado grau de acolhimento dispensado aos estrangeiros. “O Português não tem necessidade de se afirmar negando, antes, pelo contrário, movido por um ideal de fraternidade, afirma-se amando (...), ao contrário de tantos povos, gosta dos estrangeiros, preocupa-se com a sua opinião, tem prazer em falar outras línguas e é capaz de se desfazer tanto em amabilidades, que chega, por vezes, a dar a impressão de ter um complexo de inferioridade perante os estranhos. É evidente que esta atitude é a prova mais cabal da falta de um etnocentrismo vigoroso (...). É certo que, por vezes, à custa de amar o alheio somos injustos para com o que é nosso e caímos no defeito oposto ao etnocentrismo. A capacidade que temos de sair de nós próprios, de nos pormos no lugar dos outros e de nos auto-criticarmos leva-nos a ser destrutivos e inimigos de nós próprios.” Poderá exemplificar-se com o caso do arquipélago dos Açores onde a emigração deu azo a que haja hoje mais açorianos e seus descendentes no continente norte-americano do que nas nove ilhas do arquipélago, não obstante a elevada densidade demográfica que aí existe. (cf. *Le Monde*, 14 de Agosto de 1975, p.4)” (Alpalhão e Rosa, 1983: 73)

Assim, e agora de acordo com as opiniões dos entrevistados, aquilo que ficou registado de mais marcante foi o facto de Portugal e, em especial a região de Lisboa Metropolitana, gozar de uma grande multiculturalidade, tal como já foi explicitado no ponto 2.3.

Apenas por curiosidade, um dos jovens refere que uma das coisas que mais lhe chamou a atenção em Portugal à sua chegada foi o facto de haver muitos carros e poucas árvores.

Outro dos factores amplamente referido é o clima da região, sendo que E1 informa que agora gosta ainda mais do clima porque quando chegou a Portugal ficou na Maia (Porto) e agora reside na Área Metropolitana de Lisboa.

A maioria dos informantes evidencia que adora o sol e o calor, embora também goste muito da neve. Assim, E7 refere que “a vinda para Portugal foi muito boa” porque, adora o sol e o calor e, embora também goste da neve, é fria.

Se para E1, por comparação, “o Verão em Portugal é semelhante ao da Ucrânia”, e, por isso, não estranhou muito, para E2 era esquisito, “foi um choque porque cá estava muito calor e lá era frio” (era Abril); também para E6 (em Dezembro) “lá nevava e cá só chovia”. E4 diz que “é pena que cá não neva, pois tem saudades da neve”. E3, por

seu lado, afirma que “a adaptação ao clima foi a parte mais difícil porque, devido ao calor, não conseguia dormir” e acrescenta que “na Ucrânia os Verões são quentes mas não tanto como em Portugal e o clima é diferente, não é de tal maneira abafado que se custa a respirar”. Esta nota de dificuldade é também partilhada por E11. Este informante refere-se ao facto de cá haver muito calor e diz gostar muito de Portugal mas, mesmo assim, preferir a Ucrânia.

Estas diferentes formas de sentir variam certamente também de acordo com os locais de origem de cada um dos informantes, pois, sendo a Ucrânia um país tão vasto, apresenta variados microclimas. Refira-se, contudo, que praticamente todos os informantes são oriundos da parte Ocidental da Ucrânia.

No que diz respeito à opinião dos informantes sobre a população portuguesa, em geral referem que são pessoas boas, simpáticas, abertas e cordiais, que não são arrogantes nem racistas e dizem o que pensam. Aham que os portugueses gostam muito dos estrangeiros e os aceitam bem. E7 refere que “são sorridentes e inteligentes (como ela própria) e que não criticam antes de conhecer o outro”, E9, por seu lado, diz que “ajudam e falam bem”. E1 diz que “mantém uma opinião positiva sobre a população portuguesa”, enquanto E6 “hoje pensa que há portugueses simpáticos mas outros não tanto”. Ou seja, ao longo da sua permanência em Portugal, esta informante alterou a sua percepção sobre as características do povo português, embora não de uma maneira generalista.

E12, por sua vez, refere que “é tudo diferente” e que “as pessoas são muito sinceras e pouco interesseiras”. “Cá são mais amigas de verdade e, quando gozam, depois são capazes de pedir desculpa, enquanto os amigos da Ucrânia são muito interesseiros e pouco amigos nesse sentido, só pedem desculpa se têm interesse em fazê-lo”.

E2 diz apreciar os portugueses por serem pessoas calmas e E7, por serem pessoas positivas e menos brutas que os ucranianos. Efectivamente, por comparação, em relação à população ucraniana, os entrevistados referem que esta é uma população de pessoas mais brutas e mais negativas, mais problemáticas, menos sinceras, mais complicadas, que gritam muito, falam alto e têm muito stress.

Contudo, se para E4 as pessoas ucranianas e portuguesas não têm muitas diferenças, para E6, os portugueses aceitam e gostam de lidar bem com os estrangeiros e, os professores, em especial, gostam de falar com os ucranianos e dizem que são bons alunos. Neste aspecto, também E10 diz que se sente muito mais à vontade com a professora portuguesa para falar muito e sobre tudo do que com a professora ucraniana, sendo que a professora portuguesa também a ajuda muito mais.

A opinião geral destes jovens é de que não têm qualquer problema em fazer amizades e dizem ser muito fácil travar conhecimento com os portugueses.

De referir que os entrevistados apenas se pronunciaram quase exclusivamente sobre o clima e sobre as pessoas que encontraram em Portugal, talvez por terem sido as sugestões feitas pela questão, embora se pudessem ter alargado para outros âmbitos.

Algumas destas questões terão sido objecto de abordagem em outros estudos já realizados, assim:

No estudo de Fátima Velez de Castro intitulado *A Europa do outro – A imigração em Portugal no início do século XXI – Estudo do caso dos imigrantes da Europa de Leste no concelho de Vila Viçosa*, é, tal como supra-citado, mencionado que “A totalidade dos inquiridos referiu que a língua [o não domínio da Língua Portuguesa] foi a maior dificuldade sentida no momento da chegada. (...) Além desta, no momento da chegada outras dificuldades foram sentidas, nomeadamente as diferenças climáticas relativamente ao país de origem (...)” (Castro, 2008:197)

Por outro lado, no estudo *Imigração ucraniana em Portugal e no Sul da Europa: A emergência de uma ou várias comunidades?* Também são colocadas em evidência estas temáticas. No confronto com a alteridade portuguesa, as opiniões divergem conforme a experiência de cada indivíduo na sociedade de acolhimento. “Tendencialmente, aqueles que tiveram experiências positivas, foram bem acolhidos e que usufruíam de apoios, a priori tendem a manifestar uma opinião mais favorável do que quem vivenciou experiências essencialmente negativas. (...) aqueles que trouxeram a família para aqui permanecer a médio e longo prazo, tendem a manifestar uma avaliação mais aprofundada, mais comprometida e, eventualmente, mais favorável para com a sociedade de acolhimento.” (Baganha, Marques e Góis, 2010: 147)

No que toca aos relacionamentos, “Alguns dos entrevistados percebem a existência de diferenças profundas ao nível dos valores e práticas culturais, entre portugueses e imigrantes (...) ucranianos, o que se manifesta em dificuldades no plano da interacção quotidiana, sobretudo na intensidade e nas relações que estabelecem com os membros da maioria. (...)” Por outro lado, “Parece ser consensual entre os imigrantes que o domínio da língua portuguesa condiciona a capacidade de se estabelecer relações de amizade.” (Baganha, Marques e Góis, 2010: 164)

De acordo com este estudo, para além das dificuldades linguísticas, existem outras objecções ao relacionamento entre os imigrantes de Leste e a sociedade portuguesa, nomeadamente, o distanciamento dos portugueses, o fechamento, a volubilidade e as diferenças culturais. Tudo isto conduz, por vezes, a uma certa insegurança ou desconfiança perante a sociedade de acolhimento. Daí que, muitos dos inquiridos revelam que apenas estabelecem conhecimentos superficiais, e não propriamente relações de amizade. Também aqui é referida a questão diferenciadora entre “o conhecido ” e “o amigo”. “Mas há ainda quem declare que é entre os portugueses que estão os “verdadeiros amigos”. Esta posição é sustentada, por norma, entre aqueles que têm já amigos portugueses.” (Baganha, Marques e Góis, 2010: 166)

É confirmada também a ideia de que os portugueses têm bom coração, são benevolentes, não são racistas e aceitam bem os imigrantes (tendo por base o seu passado de emigração). Para além disto, também aqui existem opiniões contraditórias em relação à maneira de ser dos portugueses: se por um lado são considerados tristes, melancólicos e pessimistas, por outro lado, são caracterizados como alegres, comunicativos e bem-humorados. (cf. Baganha, Marques e Góis, 2010: 180)

Desde meados dos anos noventa assiste-se à entrada em Portugal e, com particular incidência, na AML, de grandes fluxos migratórios chegados do Brasil e da Europa de Leste. Estas populações, embora tenham chegado quase em simultâneo, são bastante diferentes uma da outra, tendo, talvez, um ponto em comum que é o facto de contarem entre si com um considerável número de pessoas formadas quer a nível académico, quer a nível profissional.

Referindo-se aos imigrantes de Leste cite-se Maria I. Baganha “Quando comparados com a população nacional ou com a população imigrante de países terceiros, estes imigrantes evidenciam um nível de educação muito superior. De facto, 69 por cento tinha completado o ensino secundário ou uma formação técnico/profissional equivalente, 31 por cento tinham formação académica superior, (10 por cento tinha cursos equivalentes a bacharelato e 21 por cento formação superior mais avançada).” (Baganha, 2005:38)

Os imigrantes brasileiros, em geral, migram individualmente, entre estes conta-se um grande grupo de elementos do sexo feminino e normalmente não têm grandes dificuldades de adaptação nem de sociabilidade.

Quanto ao grupo dos imigrantes da Europa de Leste, com destaque para os naturais da Ucrânia, apresentam-se estes também com características peculiares: valorizam sobremaneira as habilitações, partindo de condições económicas precárias, evidenciam, todavia, uma enorme força de vontade, vitalidade e capacidade de gestão e empreendedorismo para conseguir ultrapassar as dificuldades. Acrescente-se, ainda, que, actualmente, podendo estes imigrantes contar com o apoio que lhes é facultado, singram frequentemente, cumprindo os seus objectivos pessoais ao mesmo tempo que contribuem para o desenvolvimento do país.

Esta ideia é também corroborada por Maria Beatriz Rocha-Trindade em caracterização mais alargada “A capacidade invulgar de auto-organização destes fluxos a nível cultural e comercial, o seu passado comunista de grande investimento na formação, na qualificação profissional e empresarial, a língua de raiz não latina, a mentalidade eslava e oriental, a religião de matriz não-católica (romana) e a situação dos seus países em crise de comunismo e em conseqüente processo de lenta democratização e modernização económica colocaram o Portugal da década de 90 diante de novos desafios no âmbito do acolhimento, da mediação e integração e do diálogo intercultural até ali não sonhados, nem jamais navegados.” (Rocha-Trindade, 2009: 45-46)

Este fluxo, no início, apresenta-se maioritariamente masculino, embora exista uma considerável percentagem de mulheres que chega primeiro que os seus companheiros, dada a maior facilidade em encontrar emprego.

“Como seria de esperar existe uma nítida preponderância dos elementos masculinos nesta população, isto é, 71 por cento dos inquiridos são homens e só 29 por cento são mulheres. Em termos de idades, o mais novo dos inquiridos tinha 15 anos e o mais velho 63 anos. Ou seja, estamos perante um fluxo migratório predominantemente

masculino e todo ele constituído por imigrantes em idades activas. Estas características são, como é sabido, típicas de novos fluxos laborais.” (Baganha, 2005:37)

Todavia, hoje, e de acordo com os dados do Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo em Portugal para o ano de 2011, verifica-se que o fluxo migratório é mais equilibrado no que respeita ao género. Tal facto deve-se principalmente à imigração feminina ao abrigo da Lei do Reagrupamento Familiar.

“Quanto à desagregação por género, verifica-se o predomínio de títulos emitidos a cidadãos do sexo feminino (23.420), designadamente nos casos do Brasil (7.547), Cabo Verde (2.378) e Ucrânia (1.046).” (RIFA, 2001:21)

Dentro deste grupo, as dificuldades iniciais de maior relevo, para além das relacionadas com o trabalho ou com a habitação, são, como supra mencionado, as que se prendem com a diferença linguística (embora sejam pessoas que facilmente começam a falar o Português) e com as condições climáticas (devido às grandes diferenças de temperatura e de humidade). É esta uma população bastante adaptável, tanto no que se refere ao trabalho, como ao nível social, começando pelas relações intra-comunidade que rapidamente extravasam para a comunidade de acolhimento, desde que adquirido o domínio da Língua Portuguesa. De referir que, sempre que possível, muitos destes imigrantes utilizam o Inglês como Língua de Contacto nas suas relações com a nossa comunidade, principalmente quando ainda têm dificuldades no uso da Língua Portuguesa.

Uma percentagem destes imigrantes da “nova vaga” trabalha, pelo menos inicialmente, na área da construção civil e dos serviços não especializados, embora muitos deles já se tenham vindo a destacar nas áreas para as quais apresentam formação específica (medicina, engenharia, desporto, artes, entre outras).

Dadas as suas características, “poderá afirmar-se que esta alteração no padrão migratório português ganha relevo se pensarmos que o país não adoptou quaisquer medidas específicas de recrutamento de mão-de-obra daquela região europeia e que, tão pouco existiam laços económicos, culturais ou históricos, com a mesma.” (Dionísio, 2007: 69)

Sendo que a Ucrânia se mantém como a segunda comunidade estrangeira mais representativa em Portugal, hoje com 48.022 indivíduos residentes, refiram-se os motivos da chegada destes imigrantes de acordo com o estudo apresentado em *New Waves*.

“Using a classical pull/push model we may say that after the fall of the Soviet Union, Eastern European countries entered a period of transition to market economies and to democracy that increased their propensity for migration abroad considerably. Firstly because it became possible for a large number of persons to emigrate, i.e. the restrictions to moving abroad were to emigrate, i.e. the restrictions to moving abroad were progressively dismantled in all these countries. Secondly because the huge differences in salaries and standard of living between Eastern European countries and EU countries became known to the general public. (...) And thirdly, because there were

regions where there was a strong migratory culture that could be reactivated. (...)These are root determinants that help to explain, at a macro level, why people from Eastern Europe decide to work abroad.” (Baganha e Fonseca, 2004: 30-31)

É interessante referir que, embora com uma maior fixação na Área Metropolitana de Lisboa, este fluxo migratório está disperso por todo o país e ilhas adjacentes, obedecendo às necessidades de mão-de-obra à altura da sua chegada a Portugal e aderindo, em geral, pelo mesmo motivo, às flutuações das migrações internas.

Se, numa fase inicial, estes imigrantes poderão ter chegado a Portugal por meio da sua rede de amigos ou conhecidos interessados no processo de emigração, mais tarde, e quando já satisfeitas as condições mínimas, surge, então, a eventual possibilidade de chamar principalmente os seus familiares para que se lhes venham juntar dando, assim, uma continuidade às relações que haviam sido interrompidas. Assim, é sobre o reagrupamento familiar que tratará o próximo ponto deste estudo.

2.5. REAGRUPAMENTO FAMILIAR

Portugal, dadas as suas características e o seu passado histórico, foi, tal como referido anteriormente, um país de emigração, recebendo, todavia, imigrantes de diversas nacionalidades, mas principalmente dos países de expressão portuguesa (PALOP), até à década de 1980.

Contudo, a partir da década de 90, registam-se dois factores preponderantes para que esta situação se altere. A nível nacional, efectua-se uma regularização extraordinária de imigrantes em situação irregular, por outro lado, a nível europeu, Portugal adere ao Espaço Schengen, o que facilita a livre circulação de pessoas e de bens entre países da União Europeia.

A estes factores vêm juntar-se a promulgação do Decreto-lei 244/98, que possibilita a autorização de residência a imigrantes residentes indocumentados (embora com algumas ressalvas) e as necessidades de mão-de-obra devidas, principalmente, ao forte incremento da construção civil e obras públicas em curso no país.

“Este acentuado crescimento na procura de mão-de-obra, causado por este *boom* no sector da construção e obras públicas, não foi em larga medida satisfeito pelas fontes de fornecimento tradicionais, imigrantes dos PALOP e do Brasil, mas sim por novas e inesperadas fontes, nomeadamente por imigrantes de países do leste europeu, e particularmente da Ucrânia.” (Baganha, 2005:34)



Figura 2.5 – As maiores comunidades estrangeiras em Portugal. Somas das autorizações de permanência concedidas entre 2001 e 2003 e o número de residentes estrangeiros em 2004 (Fonte: SEF apud Couto e Rosas, 2006: 89)

Todavia, de acordo com as estatísticas do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras do ano de 1999, o número de cidadãos da Europa de Leste não era significativo até à década de 1990, assim como também não existia uma grande diferença de representatividade de imigrantes de qualquer nacionalidade em relação às demais.

“O facto é que no espaço de um ano, e ao abrigo do artigo 55 do Decreto-Lei 4/2001 de 10 de Janeiro, foram concedidas 126.901 autorizações de permanência a trabalhadores imigrantes que se encontravam ilegalmente no país. Mais de metade destas autorizações de permanência foram concedidas a cidadãos do Leste da Europa (56 por cento) e 36 por cento a trabalhadores imigrantes de um país específico, a Ucrânia. Num só ano, o número de imigrantes residindo legalmente no país passou de 208.198 em 2000 para 350.503 em 2001, ou seja, registou-se um crescimento no volume da população estrangeira com residência legal de 68 por cento. Em 2002 o ranking das principais nacionalidades de imigrantes oriundos de países terceiros tinha sido drasticamente alterado, constituindo agora os imigrantes provenientes da Ucrânia o grupo mais numeroso.” (Baganha, 2005:34)

Assim, em 2002 a comunidade ucraniana era a maior comunidade estrangeira no nosso país.

Recordem-se agora as principais causas deste súbito e inesperado fluxo migratório da Europa de Leste e, em especial da Ucrânia para Portugal, como enquadramento para as questões do reagrupamento familiar.

É este um fluxo imigratório peculiar, não tendo por base qualquer das causas para a emigração, a saber: recrutamento directo, acordos bilaterais, relações históricas ou culturais anteriores, preexistência de redes migratórias e, no caso de Portugal ou de países com passado colonial, eventuais relações pós-coloniais. Isto, não esquecendo que as causas económicas estão subjacentes à grande maioria dos processos emigratórios.

No conjunto dos doze (12) informantes em análise, apenas um dos elementos (E10) veio para Portugal, essencialmente, por motivos de saúde e não tendo por principal motivo o reagrupamento familiar, isto, embora tivesse, já à altura, familiares residentes em Portugal. Sendo que todos os outros progenitores vieram por motivos de trabalho e económico-financeiros tendo, *a posteriori*, chamado os seus descendentes para junto de si, apenas esta jovem chegou a Portugal com a sua mãe e por motivação distinta.

Todas as causas supra-mencionadas estão, no caso, invalidadas em favor de outras que terão ganho relevo, tais como: a “falta de controlo na emissão de vistos de curta duração por parte de outros países da União Europeia”; a “velocidade e facilidade de movimento dentro do espaço Schengen” e o “tráfico de seres humanos organizado a partir da Europa de Leste sob o disfarce de denominadas “agências de viagem””. (cf. Baganha, 2005:35-36)

Assim, e tendo como pano de fundo toda a situação descrita nos pontos anteriores, estão reunidos os factores para a eventual separação da família. Ainda de acordo com o mesmo estudo, “A esmagadora maioria destes imigrantes é casada ou vive em união de facto (75 por cento) e tem pelo menos um filho (77 por cento). Estas características configuram num espaço temporal mais ou menos curto uma de duas situações: um movimento intenso de reunificação familiar ou um retorno significativo aos países de origem.” (Baganha, 2005:38)

Desta feita, e após a regulamentação sobre o reagrupamento familiar no seio das comunidades imigrantes, a reunificação da família passa a ser facilitada, dando entrada em Portugal muitos familiares dos indivíduos já residentes.

Também no estudo de Pedro Perista esta situação do reagrupamento familiar é abordada destacando-se a precocidade do fluxo migratório em questão “A população masculina era largamente predominante mas a recomposição familiar era já uma realidade evidente sobretudo tendo em atenção o carácter ainda recente do fluxo.” (Perista, 2004:81)

Um dos informantes (E4) refere que o pai tinha vindo inicialmente por um período relativamente curto e temporário mas que acabou por ficar e trazer a família. Tal facto aponta no sentido de uma mudança de estratégia migratória que poderá vir a resultar em fixação definitiva no país de acolhimento.

Três (3) dos informantes afirmam ter vindo com ambos os progenitores. E, de entre os progenitores, existem três (3) casos, E3, E6 e E10, em que apenas existe a mãe como única responsável pelos filhos em Portugal, aparentemente, por dois motivos: separação ou divórcio dos pais ou falecimento de um deles.

Sete (7) dos informantes referem que chegaram acompanhados apenas pela mãe que, em grande parte dos casos, já residia em Portugal, e apenas um (1) dos entrevistados informa que chegou a Portugal com o pai que o foi buscar.

De referir que E7 e E9 já tinham estado em Portugal anteriormente. No caso de E7, em férias e, no caso de E9, numa tentativa de reagrupamento familiar, a qual foi lograda devido à impossibilidade de a mãe se poder tornar residente, daí que, esta voltou com os filhos para a Ucrânia, pois lá poderia fazer um melhor acompanhamento dos seus filhos do que o pai em Portugal.

Afigura-se-nos uma nova realidade que tem a ver com o aumento das comunidades estrangeiras e, claramente, da comunidade ucraniana, por meio da chegada da “2ª geração” ao abrigo do direito à reunificação familiar.

Assim, “A evolução das taxas brutas de natalidade, segundo a nacionalidade das mães, observadas em Portugal, entre 1995 e 2001, ilustra claramente a relevância crescente deste fenómeno, sobretudo porque, em cenários de grandes restrições à imigração, aumenta a propensão para uma parte das migrações temporárias se tornarem definitivas e, conseqüentemente, desencadearem processos de reunificação familiar.” (Fonseca, 2005:20)

A este propósito, refiram-se os mais recentes resultados registados pelo MIPEX III (estudo avaliativo para 2010), em que Portugal se sagrou em primeiro lugar no que diz respeito às políticas de reagrupamento familiar entre os trinta e um países (31) considerados no ranking. Tal facto confirma que uma análise sociológica “não deverá incidir sobre os agentes individuais, mas sobre a família como um todo em permanente interacção com um contexto social, económico e político, local e internacional, em constante mutação.” (Fonseca, 2005:29)

A família como núcleo de relações afectivas e interactivas, ao ser privada de um ou vários dos seus elementos, sofre uma ruptura na sua estrutura. Esta fractura, intensifica-se, em geral, ao longo do tempo de ausência, sendo que, a relação com os filhos, muitas vezes de tenra idade, constitui um dos maiores problemas a enfrentar. Isto porque, se para um adulto a separação é dolorosa, para uma criança, para além de dolorosa, é também, muitas vezes, incompreensível, o que pode acarretar sensações de falta de amor, ou mesmo de abandono, ainda que fictícias. Desta feita, é de enorme importância explicar à criança a razão do afastamento do/s progenitor/es no intuito de evitar sentimentos de insegurança, perturbação, angústia, instabilidade, revolta ou outros que possam potenciar o desequilíbrio emocional, o que, por sua vez, se poderá vir a reflectir também no insucesso escolar.

Esta “saudade” palavra até há pouco tempo tipificada como exclusivamente portuguesa, passa agora a ser proferida pela população de imigrantes em Portugal, factor recente que acompanha a evolução sócio demográfica do país.

“A saudade mais do que o fado, traduz a riqueza e a complexidade da alma portuguesa. A saudade é mais do que uma palavra. Ela significa ao mesmo tempo uma maneira de ser e uma maneira de viver. O termo português saudade não tem vocábulo

correspondente em qualquer outra língua. Ele engloba um conjunto de sentimentos em que estão presentes ao mesmo tempo a recordação, a nostalgia, o drama, a resignação, o isolamento, a esperança e um misto de alegria e de dor. A saudade engloba um sentimento mais lírico do que dramático.” (Alpalhão e Rosa, 1983: 72)

Junto dos imigrantes, esta “saudade”, se por um lado, no início, terá sido sentida, principalmente, nas relações entre pais e filhos e no que respeita aos respectivos cônjuges, hoje é também evidenciada pelos jovens. Refiro-me aqui aos jovens ucranianos entrevistados os quais destacam, para além da saudade do país, a saudade dos familiares e amigos e, muito em especial, a saudade dos avós (com especial destaque para a representante feminina - a avó).

Tal como é normal em situações de emigração, e, à semelhança também dos jovens portugueses das décadas de 60-70 que ficaram em Portugal aos cuidados dos avós, assim hoje os novos jovens imigrantes comentam a sua infância no seio de uma família em que os avós substituíram as figuras paternas. O lar dos avós é, tal como em outras situações de afastamento, o “porto de abrigo” da rede familiar, tornando-se os netos na “riqueza dos avós” e, em quem estes investem toda a sua afectividade, captando para si o amor que, só na ausência, é partilhado com os pais.

“Os pais de qualquer modo, estarão, e devem continuar a estar, presentes no horizonte da criança, tanto nas palavras como nos projectos e nas decisões.” (Kientz, 1983: 115)

Um dos elementos entrevistados refere que chegou a Portugal com a mãe e com o irmão pois a mãe foi buscar os filhos à Ucrânia por falecimento da avó com quem estes viviam.

O apoio dos avós, e principalmente, da avó, como a responsável da educação das crianças na ausência dos progenitores no país de origem é referido por seis (6) dos doze (12) entrevistados. Os pais, tendo em conta o grupo em análise, ou tinham emigrado juntos, ou tinha vindo primeiro o pai e, mais tarde, a mãe, exceptuando-se o caso de E5 em que a mãe veio primeiro que o pai. A outra metade dos entrevistados diz ter vivido com a mãe (e com o pai quando este ia de férias), sendo que, três (3) dos elementos não referem com quem viviam na sua infância.

Todos os jovens entrevistados foram trazidos pelos seus pais ou, apenas pela mãe, exceptuando-se um dos informantes que chegou a Portugal acompanhado pela sua avó que o veio trazer, aproveitando para conhecer um pouco de Portugal como turista.

A separação do/s pai/s é sentida ainda mais intensamente quando não há uma coabitação anterior à partida do/s progenitores entre os netos e os avós, o que significa ter que reorganizar a vida da criança, mudando de casa, de escola e mesmo de cidade ou de localidade.

Nota-se, na generalidade, uma grande saudade do país de origem em todos os informantes. Sentem muita falta das pessoas (familiares, amigos e sociedade em geral), da cultura, da natureza (com as suas florestas), do clima (e, em especial, do Inverno com neve) e de todo o ambiente por ser muito agradável e relaxante.

Alguns dos elementos referem que têm imensas saudades dos avós e que é muito triste ter que os deixar mas que vieram para Portugal para viver com os pais de quem também sentiam muita falta. Para E2, à chegada a Portugal, o que mais a marcou foi o reencontro com o pai, a quem já não via havia três anos.

A saudade, especialmente no que respeita aos avós, justifica-se sobremaneira na medida em que, são estes que se tornam o “ponto de referência”, criando-se laços fortes entre as duas gerações. São eles que tomam conta e que se encarregam de levar (e buscar) as crianças à escola, que os ajudam na elaboração dos trabalhos de casa, são quem os cuida e trata nas eventuais doenças e quem assume todas as funções sociais da criança. São os avós que se transformam em companheiros, em conciliadores, protectores e orientadores. São eles que brincam e passeiam com as crianças, que os ensinam a fazer as especialidades gastronómicas e a jardinagem entre outras actividades do quotidiano, são eles que amam na presença, partilhando todos os momentos da infância. São eles, no fundo os responsáveis pela transmissão de afectos, de hábitos, de valores, a par das tradições, contos e lendas impregnadas de todo o amor incondicional acrescido da responsabilidade de serem os “segundos pais”.

Ainda assim, a espera pelos progenitores é sempre longa e muitas vezes angustiante... até ao próximo reencontro que, em geral, é nas férias de Verão ou no Natal.

“Em termos tanto psicológicos como sociais, a separação familiar é considerada uma das experiências mais traumáticas por que um indivíduo pode passar. (...) Consequentemente, à medida que os imigrantes passam a considerar mais seriamente a possibilidade de se instalarem de forma permanente no país de destino, muitos optam por trazer para junto de si os familiares que haviam permanecido no seu país de origem.” (Fonseca, 2005:33)

No que respeita às condições de acolhimento em termos de alojamento, seis (6) dos entrevistados dizem ter sido recebidos na casa dos pais (no caso do elemento E2, na casa da mãe e do padrasto), onde já tinham o seu espaço/quarto reservado.

Uma das entrevistadas diz ter ficado alojada com a mãe numa residência onde já viviam outros imigrantes ucranianos tendo depois ido viver para um apartamento. Duas das informantes (E9 e E10) dizem ter chegado com a mãe e terem ficado na casa de familiares que já residiam em Portugal durante o tempo necessário para arranjam um apartamento (sensivelmente um mês em ambos os casos).

De referir aqui a importância das redes sociais de familiares, amigos ou apenas compatriotas que acabam por funcionar, para os recém-chegados, como preciosos auxiliares anfitriões. Evidenciam-se igualmente a união familiar e o apoio incondicional dos amigos, que transparecem com muita frequência, tanto no país de origem como no país de acolhimento.

A reunificação pressupõe que existam já as condições necessárias básicas para poder receber os conjugues e os descendentes ou, eventualmente, outros familiares. Assim, o imigrante, supostamente, deverá ter já emprego estável, habitação adequada e

condigna e condições económicas para poder suportar as despesas inerentes à família à altura do pretense reagrupamento familiar.

“Este facto justifica a atenção crescente que a União Europeia e os governos dos Estados-membros têm vindo a dar à regulamentação e à procura de convergência das políticas de reunificação familiar. Os objectivos dessa política, procuram, sem pôr em causa um direito de protecção à família consagrado na Declaração dos Direitos Humanos, reforçar os mecanismos para o controlar, nomeadamente, através das definições, mais ou menos restritas, dos conceitos de família e de reunificação familiar que adoptam.” (Fonseca, 2005:20)

No que diz respeito aos filhos, todos os países da União Europeia permitem a reunificação familiar todavia, as diversas legislações nacionais variam no que se refere ao limite de idade, à situação civil e/ou de dependência, ao tipo de laços familiares em presença, e ainda, no que se refere às condições económicas e às relações afectivas dos progenitores.

Por outro lado, há a considerar que o processo, por vezes, é moroso e dispendioso o que, à partida exige disponibilidades específicas para levar a cabo a sua tramitação.

“A matéria do reagrupamento familiar, tem merecido alguma atenção por parte do direito internacional e das instituições comunitárias, dado o fluxo e o refluxo de pessoas, dos dramas pessoais e familiares, verdadeiramente atentatórios da dignidade humana, da família enquanto instituição primeira da nossa sociedade e especialmente da criança” (AAVV, 2002: 265)

Uma das informantes refere que, apesar de se sentir em Portugal mais apoiada pelos pais (na medida em que, anteriormente só falava com eles ao telefone uma vez por semana) esta relação é muito difícil porque já não está habituada e nem sabe falar com eles. Por outro lado, E12 refere que, “pouco a pouco, começou a conviver com os pais, com os amigos e com os vizinhos”.

Em ambos os casos adivinha-se uma tentativa de ajustamento à nova situação encontrada no âmbito familiar.

Assim, para além do supra referido, a readaptação dos elementos da família que haviam sido separados é, então, um ponto importante a considerar, na medida em que, o afastamento pode ter criado lacunas ou gerado alguma falta de diálogo e de convívio que urge restabelecer. Acrescente-se a este facto a passagem do tempo, a mudança de idade e a necessária adaptação ao país de acolhimento por parte dos elementos recém-chegados, e poder-se-á vislumbrar a eventualidade de uma trabalhosa barreira a suprimir.

3. SOCIALIZAÇÃO E SISTEMA DE ENSINO

3.1. SOCIALIZAÇÃO

A socialização tem por base uma aprendizagem social mais ou menos intensa e mais ou menos rápida, dependendo das condições de absorção em termos de capacidades individuais e das pressões exercidas pelo meio externo.

Durkheim na sua obra elucida sobre várias temáticas, sendo que, uma das que ganha maior relevo é precisamente aquela em que versa sobre a emergência do indivíduo e a formação de uma ordem social e no que se refere ao impacto da sociedade sobre o ser. “Durkheim acreditava que as sociedades tinham uma realidade própria – ou seja, a sociedade não se resume às simples acções e interesses dos seus membros individuais. De acordo com o autor, factos sociais são formas de agir, pensar ou sentir que são externas aos indivíduos, tendo uma realidade própria exterior à vida e percepções das pessoas individualmente.” (Giddens, 2004:9)

Avançando no tempo, segundo Perotti, a socialização “É um processo através do qual a cultura de uma sociedade é transmitida à nova geração. Produz-se ao mesmo tempo que se desenvolve a identidade de uma pessoa. A criança aprende a olhar-se como os outros a olham e a reconhecer os papéis dos outros. Distinguimos a socialização primária, que se realiza na família, da socialização secundária, que se efectua na escola e através dos contactos, formais e informais, em particular com o grupo dos pares.” (Perotti, 2003:50)

Assim sendo, o processo de socialização começa na família a partir do momento do nascimento (ou talvez a partir de momentos anteriores ao do próprio nascimento) do indivíduo. É, em primeira instância, através dos pais que a criança tem os primeiros contactos com o meio envolvente e, certamente, com as características primárias da sociedade que a recebe, de entre as quais a mais importante talvez seja a da língua ou dos códigos de comunicação.

Ao longo do tempo, é no seio da família que esses códigos se vão desenvolvendo e que a criança vai tomando contacto com os referentes socioculturais do seu grupo familiar ou da comunidade, estabelecendo relações de proximidade e influências.

Neste âmbito, o indivíduo é “contaminado” por normas e valores vigentes de acordo com os quais se habitua a viver e conviver em comunidade: como deverá comportar-se, apresentar-se, vestir-se ou falar, isto, tendo em conta a sua cultura (e, por inerência, a dos seus pais e/ou familiares mais próximos), meio e condição social, país, clima, entre outros aspectos a considerar e que podem variar de local para local e de cultura para cultura.

Mais tarde, e tomando por modelo uma sociedade europeia, surge a segunda fase de socialização na vida da criança. Refiro-me à altura em que o indivíduo, por imposição social, começa o seu processo de escolarização. Na escola (ou ainda na pré-escola) a criança aprende novas formas de estar em sociedade, de falar e de conviver tanto com os professores, como com os auxiliares e com os colegas. Adquire, certamente, novas maneiras de ser e de brincar e, obrigatoriamente, começa a assimilar, pouco a pouco, conhecimentos específicos em matérias diferenciadas: ao nível linguístico, na matemática, no que respeita ao meio ambiente e aos cuidados pessoais, nas artes visuais, etc.

Todo este aprendizado quer-se cada vez mais sistemático e consistente de forma a ir evoluindo ao longo do tempo e de maneira a tornar-se num elemento cultural consolidado, inter-activo e dinâmico perante a sociedade.

“Em sentido forte, socializar é transformar um indivíduo de um ser associal num ser social inculcando-lhe modos de pensar, de sentir, de agir. Uma das consequências da socialização é tornar estáveis as disposições assim adquiridas. Esta interiorização das normas e valores tem igualmente por função tornar suas as regras sociais, que são por definição exteriores ao indivíduo e aumentar a solidariedade entre os membros do grupo.” (Boudon et al. 1990:227)

O homem só adquire as características de ser humano quando a sua vida decorre no seio de um grupo social. É por meio do convívio com os outros que o ser aprende a comportar-se de acordo com as normas sociais vigentes no intuito mais ou menos voluntário de se conseguir integrar harmoniosamente e ser aceite como cidadão.

Desta feita, assumem primordial importância os grupos de amigos, as associações e as redes sociais “por vezes, a participação em determinada associação ou actividade enquadra-se mais directamente num padrão pré-existente na vida dos grupos ou dos indivíduos.” (Pereira, 2002:115)

Por outro lado, há a considerar a construção de identidades em rede que se combinam entre três dimensões determinantes, a saber: “a continuidade temporal, mais ou menos reformulada e (re)criada pelo próprio sujeito”, “o projecto reflexivo do *self*, mais ou menos constringido socialmente pelo campo de possibilidades dos indivíduos” e “a interacção, enquanto veículo privilegiado para a troca de experiências, valores e, por conseguinte, para a transmissão identitária.” (cf. Pereira, 2002:117-118)

Alejandro Portes refere no seu artigo “*Capital Social: Origens e Aplicações na Sociologia Contemporânea*” que “Tanto Coleman como Bourdieu sublinham a intangibilidade do capital social, em comparação com outras formas. Enquanto o capital económico se encontra nas contas bancárias e o capital humano dentro das cabeças das pessoas, o capital social reside na estrutura das suas relações. Para possuir capital social, um indivíduo precisa de se relacionar com outros, e são estes – não o próprio – a verdadeira fonte dos seus benefícios.” (Portes, 2000: 138)

Refira-se também que para o perfeito progresso do capital social concorrem determinados contextos fundamentais, são eles: a família, a escola, o meio profissional

e, em última análise a comunidade tanto no seu aspecto mais próximo (local), como na sua dimensão mais abrangente (global). Assim “o capital social terá condições para se desenvolver, na medida em que estes contextos propiciem aos indivíduos experiências positivas que alimentem o optimismo, a confiança a solidariedade e a tolerância.” (Correia, 2007:110)

No caso dos jovens imigrantes, o processo a que a migração os obriga é, diria eu, o de uma (re)socialização, se me é permitida a criação de uma nova palavra ou de um novo conceito, ou a recriação do mesmo. Ou seja, à chegada ao país de acolhimento, os jovens, independentemente da sua idade, das suas experiências ou da sua história de vida, experimentam a necessidade de uma adaptação e aprendizagem (quase) totais, tanto no seio da própria família, como na nova sociedade. Impõe-se a aceitação dos pais, que, muitas vezes, têm regras muito mais restritas do que as dos avós (por exemplo) e, por outro lado, configura-se a necessidade do conhecimento e integração numa sociedade diferente, com um enquadramento diferenciado a todos os níveis: linguístico, meteorológico, histórico-geográfico, sociopolítico e, acima de tudo, gozando de premissas étnico culturais multifacetadas.

Para além da flexibilidade exigida por toda a situação supra-referida, há ainda a considerar que, enquanto o processo de socialização ao qual os indivíduos já haviam sido submetidos se foi constituindo ao longo de vários anos, no âmbito de uma nova socialização, o factor “tempo” tem obrigatoriamente que ser considerado como “urgente”. Assim, o indivíduo terá que ter uma enorme capacidade de adaptação, visando a maior rapidez possível no seu percurso evolutivo de socialização no país de acolhimento. Esta celeridade poderá ser pouco benéfica na medida em que o fluxo de conhecimentos e situações a assimilar possam não ser passíveis de uma consolidação adequada.

No que aos informantes diz respeito, muitas das informações já referidas ou citadas aplicar-se-iam certamente também à temática da socialização. Assim, e para não cair em repetições desnecessárias, farei apenas um breve resumo descritivo das questões mais importantes.

É tópico frequente a saudade do país de origem, dos amigos, dos familiares e da sociedade em geral, sendo que, também é referido o facto de, na Ucrânia, os jovens terem mais tempo para o convívio e para a brincadeira, isto, embora em Portugal, aqueles que estão conectados com a Associação Ucrâniana refiram fazer mais festas e convívios do que no país de origem. O factor “brincadeira” também é mencionado como relevante no processo de socialização, não só no país de origem como no país de acolhimento. Em Portugal, embora inicialmente seja tomado apenas como um desejo de integração, pois ao irem para a escola e, dada a dificuldade de comunicação na Língua Portuguesa coadjuvada de alguma timidez e estranheza, os jovens referem que ninguém queria brincar com eles porque eram estrangeiros.

Nos primeiros tempos após a chegada ao país de acolhimento, e, apesar da alegria do reencontro com os pais (em geral), alguns dos informantes referem-se ao facto da ausência ter gerado distanciamento e também à necessidade de

acompanhamento, visto que, alguns deles, ficaram isolados e retidos em casa durante o tempo em que os pais saíam para trabalhar. Isto, exceptuando-se uma informante que refere que, à sua chegada, “apenas esteve com os pais no fim-de-semana e na Segunda-feira foi logo para a escola”, o que também foi demasiado precoce, não respeitando um certo tempo necessário para se “ambientar”. É frequentemente mencionado o progressivo convívio com os pais, com os vizinhos, com os colegas e com os professores, o que concorre para que, pouco a pouco, os jovens, para além da família, tenham conhecido novas pessoas que os ajudaram na inserção na sociedade portuguesa. Neste processo foi também preciosa, em grande parte dos casos, a ajuda dos amigos e dos colegas tanto portugueses como ucranianos.

Os informantes E1 e E3 dizem que não convivem muito e que não têm muitas relações com os seus compatriotas em Portugal. Dizem que só têm alguns amigos, alguns dos que foram conhecendo na escola, e consideram que “a comunidade ucraniana é dispersa e sem congregação”. Esta constatação revela, no fundo, uma crítica pela negativa que se assemelha a um lamento em relação à falta de convívio com a comunidade do país de origem.

Noutros casos, em que os indivíduos vieram para Portugal mais recentemente, já existe a referência à escola e à associação de ucranianos em Lisboa, que funciona como um importante auxílio no percurso de socialização para a integração no país de acolhimento. Por um lado, e como já foi referido, os jovens convivem muito dentro desta e, por outro lado, a própria comunidade ucraniana estabelece as relações com a comunidade portuguesa.

Gera-se, assim, uma espécie de diálogo entre os saberes, os saberes de experiências feitas, e as relações que permitem uma entreajuda e consolidação de todas as experiências quotidianas que, acabam por ser também o conhecimento global com base na dialéctica de culturas do país de origem e do país de acolhimento e vice-versa. O que resulta é uma amizade criada também pelos saberes comuns e uma sabedoria com base na troca de experiências entre os amigos.

Todavia, ao longo da análise das entrevistas, poderão considerar-se oponentes à socialização as diferenças culturais e de mentalidade, o factor linguístico, embora atenuado pela gestualidade e pelo recurso à Língua Inglesa (sempre que possível) e a situação de recusa psicológica por parte de alguns elementos. Por outro lado, é também referida por um dos informantes a ocorrência de ter que mudar de escola frequentemente. Esta mobilidade acarreta uma dificuldade de adaptação no que respeita principalmente aos colegas, sendo que, a própria selecção das amizades se tornou mais complexa de escola para escola e de ambiente para ambiente.

Lembro as palavras de Delors (cf. *Relatório da UNESCO*) quando refere que, no mundo contemporâneo, o quarto pilar essencial das novas aprendizagens implica maioritariamente “Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros.”

O homem insere-se, assim, num contexto social sobre o qual age e ao qual reage. A socialização é, em suma, o processo pelo qual os indivíduos se integram no grupo,

adquirindo as atitudes, as crenças e os valores mais significativos da cultura, vindo a assumi-los como pertença sua.

3.2. BREVE ABORDAGEM DAS POLITICAS DE ENSINO EM PORTUGAL

A Educação, assumida pela UNESCO como um compromisso mundial enquanto Direito da Humanidade, é fundamental como meio de valorização para todas as crianças, jovens e adultos. Assim, as questões que se relacionam com esta temática ganham relevo no que se refere à sua implementação a uma escala não só global, com, e principalmente, ao nível nacional ou local.

Na “*Carta dos Direitos Fundamentais*” relativa à Cidadania na Europa é bem presente, no Artigo 14º, o Direito à Educação:

”1. Todas as pessoas têm o direito à educação, bem como ao acesso à formação profissional e contínua.

2. Este direito inclui a possibilidade de frequentar gratuitamente o ensino obrigatório.

3. São respeitados, segundo as legislações nacionais que regem o respectivo exercício, a liberdade de criação de estabelecimentos de ensino, no respeito pelos princípios democráticos, e o direito dos pais de assegurarem a educação e o ensino dos filhos de acordo com as suas convicções religiosas, filosóficas e pedagógicas. ” (AAVV, 2002:86)

Assim, também no seio da União Europeia a Educação tem vindo a ser alvo de atenção, tanto mais quanto mais se associa às questões das migrações, dado o seu carácter evolutivo e tendo em conta as consequências que daí possam advir.

« Comme le souligne le commissaire européen à l’éducation, à la formation, à la culture et à la jeunesse, Ján Figel, « les enfants issus de l’immigration placent les autorités éducatives devant des défis particuliers, mais il est remarquable que, du nord au sud et de l’est à l’ouest, les pays de l’UE soient tous confrontés à des problèmes semblables dans ce domaine. Il est donc claire à mes yeux qu’en travaillant ensemble, nous pourrons mener, dans nos systèmes scolaires, des réformes durables et utiles qui assureront la réussite de l’insertion sociale et de l’éducation des enfants issus de l’immigration. » » (« *Enfants issus de l’immigration et éducation : une consultation publique met en lumière des défis communs dans toute l’UE* », Bruxelles, le 24 septembre 2009 – IP/09/1352)

Também em Portugal as questões do Ensino são contempladas na *Constituição da República Portuguesa*, Parte I, Título III, Capítulo 2, Artigos 70º, 73º e 74º (2005:54-58), apresentando os deveres e salvaguardando os direitos a todos os cidadãos nacionais e estrangeiros.

Portugal, como já foi referido, se até à década de 1980, tinha uma população relativamente homogénea do ponto de vista étnico e linguístico, contando com alguma diversidade apenas gerada pela imigração dos povos dos PALOP, a partir de então, sofre uma substancial alteração passando a abranger um leque de nacionalidades muito diversificadas.

Acompanhando esta evolução, também o sistema educativo português é obrigado a sair da sua homogeneidade característica de longa data e a tentar encontrar soluções versáteis para uma heterogeneidade que se adapte e que satisfaça as novas necessidades étnico-culturais e sociais, visando uma inclusão em ambiente positivo para todos. Citando António Sota Martins, “Presas às orientações centrais, as escolas foram procurando, nas suas margens de autonomia, soluções cada vez mais eficazes e originais para darem resposta às cada vez maiores solicitações e necessidades diferenciadas dos alunos: modalidades de apoios educativos, adaptações curriculares, mudanças organizacionais, integração de outros agentes educativos nos processos de decisão, etc.” (Martins, 2008:86)

Assim, na tentativa de adaptação à nova realidade, surgem as preocupações inerentes à forma de leccionar, aos conteúdos propostos, aos processos de aplicação de programas multiculturais, à formação de professores para a multiculturalidade, entre outras questões que preconizam a reforma educativa que acaba por despontar em 1986 com a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 46/86, de 14 de Outubro, que veio a ser alterada pela Lei nº115/97, de 19 de Setembro) à qual se seguiram muitos outros preceitos legais tais como: o Decreto – Lei nº 43/89, de 3 de Fevereiro, o qual estabelece o regime jurídico da autonomia da escola, o que, por seu lado, vem conferir às escolas uma organização e gestão mais independentes; mais tarde, é aprovado também o Decreto-Lei nº 115-A/98, de 4 de Maio sobre o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da Educação Pré-escolar e dos Ensinos Básico e Secundário, bem como os respectivos agrupamentos. É aprovado o Decreto-Lei nº 286/89, de 29 de Agosto, que estabelece os princípios gerais que ordenam a reestruturação curricular dos Ensinos Básico e Secundário bem como o Despacho nº141/ME/90, de 1 de Setembro que aprova o modelo de apoio à organização das actividades de Complemento Curricular, o Despacho Normativo nº 98-A/92, de 20 de Junho, que aprova o sistema de Avaliação dos alunos do Ensino Básico, bem como o Despacho nº 178-A/93, de 30 de Julho, o qual clarifica o conceito de apoio pedagógico, enuncia as modalidades e as estratégias de apoio aos alunos, precisa os poderes e as responsabilidades dos órgãos das escolas e da administração do Sistema Educativo e afecta os recursos e os meios necessários e possíveis para uma educação de qualidade. Este Despacho sofrerá uma introdução de aditamentos pelo Despacho Normativo nº 644-A/94, de 15 de Setembro. Por outro lado, para o Ensino Secundário, é, no mesmo sentido, aprovado o novo regime de avaliação pelo Despacho Normativo nº338/93, de 21 de Outubro.

São ainda aprovados os Despachos 57/SEED/94, de 17 de Setembro, que estabelece as normas para o preenchimento dos tempos livres decorrentes da ausência

imprevista dos professores e o Despacho 22/SEED/96, de 19 de Junho, o qual regulamenta a organização e funcionamento das turmas com currículos alternativos.

A Reforma Educativa começa por funcionar, desta feita, com uma intenção de intervenção estrutural segmentada em partes distintas tais como: a reforma curricular baseada numa pedagogia activa, a gestão pedagógica integrada da área escolar, o sistema de avaliação para o sucesso, o apoio dos serviços de Psicologia e Orientação, o apetrechamento de material didáctico e informático das escolas, entre outras medidas que, quando correctamente implementadas, resultam num ensino de sucesso para o futuro. As práticas pedagógicas voltam-se para os saberes com base nas experiências da vida quotidiana, centrando-se mais no aluno. A pedagogia e os currículos tornam-se, então, mais inclusivos, integrando elementos culturais diversificados numa tentativa de evitar o insucesso e o abandono escolar. Visam-se, assim, ideais de justiça social, de igualdade de oportunidades no sistema de ensino, de adaptação às circunstâncias prementes de forma a que todos os alunos consigam alcançar os seus objectivos tanto ao nível escolar, como na sua vida pessoal enquanto cidadãos.

Tal como diria em entrevista o informante E4 “É importante para a faculdade e para o futuro também acho que vai ser importante porque uma pessoa que sabe mais é sempre... mais facilmente pode resolver alguns problemas que vai surgir na vida dele.”

“Portugal, país habitualmente bastante homogéneo, heterogeneíza-se rapidamente, pois que de território tradicionalmente produtor de migrantes, e que, ainda hoje, mantém espalhado em todo o mundo uma parte significativa da sua população, tem vindo a transformar-se, também progressivamente, num país de imigração.” (Santos, 2001:393) Urge, assim, uma mudança no sentido de satisfazer as necessidades a que obriga a multiculturalidade em ambiente escolar “o poder cultural é agora promovido para reconhecer a diversidade, mas só quando não põe em perigo a unidade - unidade que, embora construída socialmente, é desproblematizada e tomada como certa (...)” (Cortesão e Stoer, 1999:109)

Atendendo às necessidades inerentes à nova realidade migratória, surge, em 1991, o Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural, que viria mais tarde a ser o Secretariado Entreculturas, dinamizador do Projecto Educação Intercultural, o qual visava promover a igualdade de acesso à Educação, Cultura e Ciência, valorizando os diferentes saberes e culturas através da formação de professores para a interculturalidade. Esta necessidade de formação específica exige, quase em simultâneo, a criação da Associação de Professores para a Educação Intercultural com o intuito de apoiar a formação de professores e de desenvolver projectos de investigação social e antropológica neste âmbito.

Em 1996, o Ministro da Educação, Professor Doutor Marçal Grilo em mensagem apresenta o “Pacto Educativo para o futuro”, no qual expõe um conjunto de ideias e de propostas que visam um acordo de acção a nível político e social sobre os principais problemas da Educação e da Formação em Portugal, apelando a todos os intervenientes no processo educativo (estudantes, pais, professores, associações, autarquias, ministérios e comunidades em geral) que se dispusessem a participar com as suas

sugestões em relação às questões-chave para o sucesso escolar, no âmbito da educação para a mudança.

Na sua grande maioria, os informantes dizem-se satisfeitos no que respeita às instituições de ensino em Portugal. Quanto às políticas educativas em geral, os informantes E1, E6 e E11 dizem que são boas, E4 diz que “estão a trabalhar bem” e informa que, no geral, não concorda com manifestações, pois isso não leva a nada.

E10 sente-se bem integrada no ensino em Portugal, todos os colegas gostam de falar/comunicar com ela e tentam sempre ajudar porque não sabe a Língua. Gosta muito da escola portuguesa, da turma, dos professores, das pessoas todas, do sistema de ensino e da escola, a grande diferença em relação à Ucrânia é que as aulas são muito longas, de resto, “os professores são bons e falam bem com os alunos”. Neste ponto, em contradição está E8 que refere que “há professores muito bons mas que outros nem tanto”. Por outro lado, E3 não acha que sejam más as políticas, o importante é mostrar ao aluno o que é verdadeiramente importante e fazê-lo gostar de uma disciplina.

E5 diz ter ficado em Portugal porque, embora não goste de cá viver, gosta muito do Sistema de Ensino português. E7 informa que nunca notou racismo, que as pessoas são boas e gostam de ajudar.

Exceptuando-se a informante E8 que diz não conseguir ainda habituar-se à falta de educação e de respeito por parte dos jovens portugueses em especial, todos os outros entrevistados dizem estar bastante satisfeitos. Todavia, também a entrevistada E1 se refere à incompreensível falta de educação e de respeito, principalmente por parte dos alunos para com os professores, o que a “choca” bastante e E10 lamenta, “o que há de mais grave é a indisciplina de certos alunos”.

E, a propósito, refiram-se as palavras de Manuel Viegas Abreu no Colóquio subordinado ao tema “*Valores e Educação numa Sociedade em Mudança*”:

“Não há educação para a moral nem educação formal para os valores que salvem a Escola actual de um movimento generalizado de ‘aborrecimento’, de ‘desmotivação’ ou, até mesmo, de ‘revolta latente’ se não ocorrer um movimento teoricamente coerente e integrador que oriente a acção de reinventar a Escola como espaço de desenvolvimento humano, pessoal, interpessoal e comunitário.” (AAVV, 1998:61)

Neste âmbito, os restantes informantes têm opiniões diversas e sobre vários assuntos: E2 diz que “é como nos outros países, há que fazer sempre o melhor mas podiam esforçar-se mais, investir mais nos alunos, porque há muitos jovens desempregados e que não podem fazer nada, deviam dar mais bolsas, fazer mais projectos e mais palestras e deviam começar a ensinar o Inglês logo na 1ª classe”.

E1 diz que “deveria haver uma maior facilidade de acesso ao ensino superior público”, tal como no seu país e refere também que “as bolsas de estudo deveriam ser atribuídas de forma mais justa”.

E5 diz que “é tudo um pouco heterogéneo” e que não percebe muito das políticas educativas mas refere que, “às vezes, há um excesso de informação e, outras

vezes, há défice de informação em relação ao que se deve saber” ou, eventualmente, a informação correcta chega tardiamente. No caso, lamenta não lhe ter sido dada a informação suficiente para saber qual a área a seguir no ensino superior. Se, em Portugal, essa escolha é preponderante para a vida futura, sente que foi erradamente induzida a seguir outra, ou outras vertentes que, em nada se coordenam com as suas aspirações futuras.

Para E8, “a matéria é como todas, tem que ser estudada, os horários, por vezes, não são bem pensados e os intervalos são demasiado grandes se incluírem os tempos de tolerância”, isto, não esquecendo também que “ainda deixam entrar os alunos na aula a qualquer altura”.

E10 quer estar e viver em Portugal, estudar e trabalhar mas precisa melhorar os conhecimentos e os testes. Esta informante também gosta dos horários, embora sejam diferentes dos da escola na Ucrânia mas considera que “há demasiado tempo para o almoço, duas (2) horas”, sendo que, “na Ucrânia era apenas meia hora”. “Lá só há aulas até às 13.20h (treze horas e vinte minutos). Cá há também depois do almoço e é muito cansativo”. Diz ter muitos trabalhos e pouco tempo para os fazer. “Os professores trabalham bem, os programas são fáceis e a escola é boa”. Também E11 diz que a escola é boa e E8 diz que os professores são bons e, não tem nada mais a acrescentar.

Por seu lado, também E7 pensa que “tudo é normal” e refere-se ao facto de serem “poucas disciplinas, apenas as que vão ser necessárias para o futuro”, de resto, acha que “as aulas são muito longas”, no início, o que lhe pareceu mais estranho foi o facto de as aulas terem noventa (90) minutos e era muito difícil ficar sentada por tanto tempo, mas, agora já se habituou.

Três (3) dos informantes dizem que se sentiam ao nível escolar muito avançadas em relação aos colegas e, também neste sentido, muitos dos entrevistados pensam que o ensino em Portugal não é complicado, antes pelo contrário, é muito fácil, muito integrador, muito giro, muito acessível, sendo que “os professores são muito flexíveis e compreensivos”. Também E3 diz que “sempre teve muito gosto na maioria dos professores”. Acima de tudo, a opinião geral é de que “o ensino em Portugal é muito diferente”, todavia, E3 diz que se “adaptou de tal forma bem que não viu a diferença”. Em contrapartida, E6 pensa que “o ensino em Portugal é complicado, não por causa da Língua”, pois já a domina bem, mas “porque não gosta de estudar”.

Para E2, o grande problema à integração na escola foi o facto de, a partir do 5º ano, a cada tempo ter que mudar de professor e de sala, facto ao qual, até hoje, não se habituou.

Para E11, que costuma comer na cantina, diz que a comida é boa mas que preferia que fosse do tipo “Mc Donald’s”. Este informante refere também que está muito satisfeito porque já tem autorização para sair da escola quando quer.

Quanto às políticas educativas de inserção em Portugal, os informantes, exceptuando-se E8 que não tem opinião formada, estão, por unanimidade, satisfeitos com as medidas tomadas no sistema de ensino para imigrantes (ou, eventualmente, para

alunos com dificuldades na aprendizagem). E1 diz que “são muito boas pois existem imensos programas e apoios”. Também E2 diz que “houve apoios para os estrangeiros, o que é muito bom”. Refere que em Portugal “há sempre apoios e há professores... Teve uma professora russa que dava apoio ao Português e é muito bom porque ajuda muito”. Esta informante pensa também que “devia haver cada vez mais apoios, todavia, os horários dos apoios nem sempre são compatíveis e deviam arranjar forma de os tornar compatíveis porque, assim, não se pode ir às aulas de apoio” e, por outro lado lamenta, “a carga horária do aluno é muito grande (das 08h da manhã às 08h da noite)”. E3 é igualmente da opinião que “há bastante apoio, teve apoio logo desde o início com uma professora que ajudava os meninos estrangeiros com dificuldades”. No que respeita aos horários, E12, em oposição ao supra citado, refere apenas que “os horários são bons”.

No que respeita aos principais aspectos a melhorar no ensino em Portugal há apenas três (3) entrevistados que não referem qualquer aspecto a melhorar, sendo que, E9, enquanto recém-chegada, de momento não sabe ainda o que dizer. Também E4 diz que não mudaria nada pois até gosta que o 12º ano seja mais específico porque ajuda muito para a faculdade.

São referidas as questões da falta de rigor da indisciplina e do facilitismo como pontos a alterar. E10 comenta que “se devia, de alguma forma, explicar aos alunos que o facto de estudarem vai ser muito importante para o seu futuro”.

De resto, cada um dos informantes expressa opiniões diferentes. Para E1 deveriam existir mais programas para ajudar os alunos e deviam abrir mais vagas para o Ensino Superior Público. E8 também lamenta o facto de exigirem médias tão elevadas para a entrada na faculdade.

Para E2 comenta que “deviam existir mais professores nas escolas pois, por vezes, não há professores nas escolas, existindo imensos no desemprego”, facto que é incompreensível. E12 diz que “os professores deviam dar mais atenção na aula aos alunos com dificuldades”. E5 é da opinião de que “deveriam ouvir mais o público e recolher as informações porque há pessoas que têm ideias interessantes”.

No que respeita a outras soluções para uma melhoria do Sistema de Ensino visando, em especial, uma também cada vez melhor, integração dos estrangeiros em Portugal existem algumas sugestões apontadas que, quando levadas à prática, podem ser bastantes interessantes: E1 recomenda que se “façam mais visitas aos centros culturais e a Portugal para conhecer melhor o país, a gastronomia, os hábitos”, diz ainda que se devia também “criar mais programas de ensino”. E2, por seu lado diz que “devia haver mais palestras incluindo os alunos de Leste e os portugueses para apresentarem várias actividades que pudessem fazer em conjunto, para se integrarem melhor, para falarem, para darem opiniões. Por exemplo dentro das áreas do Desporto ou das Ciências, que são áreas interessantes e que podem ser tratadas por correio electrónico ou por telefone para ajudar na comunicação e na integração”. Para E5 “podiam falar mais para dar apoio no sentido psicológico e ajudar a ultrapassar as dificuldades”. E6 Sugere “apoios específicos para cada disciplina com a ajuda da Língua. Para explicar melhor ou então a

explicação de uma pessoa que soubesse falar ucraniano para explicar a matéria”. Também E11 gostaria de “ter mais apoios em outras Línguas e na aprendizagem da Ortografia”.

E1 diz que se podia “investir mais nos estrangeiros nas zonas rurais”. E7, por seu lado, diz que “devia haver mais actividades e festas entre as pessoas das diversas nacionalidades e culturas. Portugal já é muito universal mas não se fazem muitas coisas para comunicar, (por vezes deviam ter mais informações públicas em Inglês) ”.

Para E5, “os horários deviam ser melhor pensados, por exemplo, não é muito acessível os horários do Básico serem até às seis (6) ou sete (7) horas da tarde e, no secundário também os horários não deviam ser tão repartidos porque as pessoas cansam-se muito. Tanto no Básico como no Secundário, devia ser o horário só de manhã ou só de tarde e as aulas mais difíceis não deviam ser ao fim da tarde quando põem, por exemplo, a Matemática às seis (6) horas da tarde é muito difícil absorver a informação”. Também para E6 se coloca a questão dos horários, “às vezes fazem “furos” muito grandes”. “Na Ucrânia todos os alunos têm as aulas todas de manhã e depois têm as tardes livres. Por exemplo, uma aula de manhã e depois, passadas duas (2) ou três (3) horas ... mais aulas à tarde, ou o contrário, todas as aulas de manhã e depois, passadas duas (2) ou três (3) horas, uma aula isso não dá jeito, principalmente para as pessoas que não sabem a Língua e que precisam de mais tempo para estudar.”

Em relação à questão das grandes diferenças a apontar entre o país de origem e o país de acolhimento no âmbito do ensino, muitas são as referenciadas pelos informantes:

E1 e E2 referem que há muita diferença, por seu lado, E3 diz que a principal diferença é o rigor, não conseguindo especificar se este rigor é apenas na fase inicial nem se é apenas em alguns locais, isto, na medida em que veio muito pequena e só frequentou na Ucrânia o 1º ano do Ensino Básico. Também E6 diz que só lá esteve no 1º ano, por isso não lhe é muito possível estabelecer comparações, quanto a si, “os professores cá têm muito mais disponibilidade para os alunos”.

“Em si mesmos, poderão não estar em causa nem a intenção nem o acto de respeitar qualquer uma das morais. Ambos podem manter-se inabaláveis. O que muda são as circunstâncias, o outro, o mundo, e mudam o suficiente para, conforme a opção que for feita, poder ser considerada “imoral” por uma ou outra das morais em conflito.” (AAVV, 1998:137)

Assim, também E2 se refere ao modo de estar nas aulas, e, no mesmo âmbito, E6 refere que há um maior respeito, principalmente para com os professores. Refere E3 que “lá não há a possibilidade sequer de reprovar, se um aluno é mais fraco ou mais preguiçoso, os professores puxam por ele para que consiga os objectivos, cá pode-se reprovar até três (3) disciplinas, esse facilitismo torna os alunos desmotivados porque não têm que se esforçar, lá os alunos, mesmo que não gostem de estudar, sentem-se obrigados”. Assim, os alunos ucranianos, por comparação a Portugal, e principalmente nos níveis menos elevados, estão num nível mais avançado de conhecimentos

E2 diz que “as crianças ucranianas são criadas com mais pormenor, com mais dificuldade, com mais garra, os pais lá preocupam-se mais com os filhos do que cá, têm mais atenção aos filhos, interessam-se por eles apostam neles, em contrapartida, os pais cá não têm fé que os filhos consigam superar as dificuldades. Na Ucrânia, as crianças, desde pequeninas que têm muitos trabalhos porque, para além dos deveres da escola, os pais ainda lhes passam mais trabalhos para fazer. Lá há todos os dias trabalhos de casa em todas as disciplinas, cá não. E lá há vinte e duas (22) disciplinas cá há dez (10) ou doze (12) e só há trabalhos em algumas delas.” Esta informante refere ainda que uma das grandes diferenças é precisamente, as disciplinas em si porque, como informa E6, “cá dividem as disciplinas em Ciências e Línguas enquanto lá têm tudo junto.” Cá existe um ensino mais direccionado a partir do 9º ano, enquanto lá há um ensino mais de coisas gerais e básicas até ao 11º ano (ou 10º ano desde há pouco tempo). Na opinião de E8, “as matérias são mais resumidas mas acaba por ser a mesma coisa”. E9 gosta mais da escola ucraniana “porque tem todas as disciplinas mas na escola portuguesa tem que se escolher logo o que se quer fazer no futuro”. Cá em Portugal, os alunos da Escola Ucraniana acabam por fazer tudo da escola portuguesa e tudo da escola ucraniana, tendo uma consolidada formação de base e, ao mesmo tempo, direccionando-se, desde logo, para a área que pretendem seguir.

No que respeita ao ensino e tendo em conta o supra-citado, existe uma enorme diferença de atitudes com base nos valores do respeito por parte dos jovens. Por outro lado, os professores ucranianos adoptam uma atitude de rigor e exigência não passível de desvios. Os pais (e familiares), por sua vez, acompanham, estimulam e incentivam os filhos, criando expectativas positivas, como motivação, para que os alunos criem e mantenham hábitos de trabalho que se tornam sistemáticos, com vista ao cumprimento dos objectivos definidos. Há ainda a salientar que todo o conjunto de interesses explicitado vem de encontro ao facilitismo desmotivante muito presente nas escolas portuguesas. A sugestão é, para que os jovens se conheçam a si próprios, estabeleçam objectivos e saibam qual é o seu papel no mundo. “A educação para os valores deixa de ter a sua ênfase nos valores enquanto dados, para se centrar nos valores como um modo de os indivíduos e os grupos se realizarem.” (AAVV, 1998:148)

Também E4 ficou muito confuso porque no 11º ano só havia cinco (5) ou seis (6) disciplinas enquanto na Ucrânia existem muitas mais, este informante comenta que “agora na Ucrânia já são doze (12) anos de escolaridade, como em Portugal, anteriormente eram apenas dez (10) anos. Os pais queixaram-se de que o programa era muito difícil”, contudo, em sua opinião, não o era. Este entrevistado informa ainda que “na Ucrânia há mais anos de faculdade, são cursos de cinco (5) anos enquanto cá apenas são de três (3) anos e que a nota máxima lá é de doze (12) valores enquanto cá é de vinte (20) valores”.

E7 diz que “lá o ano lectivo começa a 01 de Setembro e termina a 31 de Maio enquanto cá o ano lectivo começa a 02 de Setembro e termina a 08 de Junho” e diz também que “lá é sempre muito frio mas a escola começa sempre às 08.30h, cá depende, às vezes é às 08.30h, outras vezes é às 10.30h... “o corpo não adquire um ritmo certo”. E11 acrescenta que “as aulas lá são até às 13.00h enquanto cá são até às

18.00h” e que “lá cada aula tem 45 quarenta e cinco (45) minutos... aqui nem sempre”. Este informante lamenta porque “aqui há um cartão para tudo (para entrar na escola, para comer na cantina...), lá não existe isso e a escola lá é aberta, pode-se sair quando se quer e sem cartão nem autorização. A escola cá é fechada e é preciso uma autorização para sair”.

E5 refere que, “em Portugal, os alunos têm muito mais acesso às bibliotecas, ao atendimento por parte dos professores e a ajudas várias” e acrescenta que “lá não há praxes, aliás, E5 pensa que só em Portugal é que há e, para si”, as praxes tomam demasiado tempo e, sendo que o 1º ano é o ano de base da faculdade, em que o aluno tem que recolher o maior número de informação possível para depois desenvolver, as praxes constituem uma perda de tempo, para além de que, é um desrespeito pelas pessoas”.

E9, por seu lado, também diz não saber qualificar porque ainda não tem uma opinião formada sobre este assunto e diz ter muitas saudades do ensino na Ucrânia. Na Escola Ucrâniana o programa é igual ao programa de ensino na Ucrânia e, no final do 11º ano (correspondente ao 12º ano em Portugal) recebem o respectivo diploma.

De referir que as opiniões dos informantes são, por vezes, divergentes em alguns aspectos, todavia, este facto, pode ficar a dever-se às histórias de vida e experiências implícitas de cada indivíduo.

Apontados alguns dos assuntos basilares do Sistema de Ensino em Portugal, bem como algumas das diferenças entre o país de origem e o país de acolhimento, no âmbito das políticas de Educação, passemos então àquela que, de acordo com os informantes, no trabalho de campo constituiu a questão preponderante no processo de integração – o ensino e aprendizagem do Português como Língua Não Materna.

3.3. A QUESTÃO DO ENSINO DO PORTUGUÊS – LÍNGUA NÃO MATERNA NO ENSINO PÚBLICO EM PORTUGAL COMO MEIO VEICULAR PARA O SUCESSO

As grandes mutações políticas ocorridas no plano mundial vieram, portanto, alterar profundamente as relações entre os povos, salientando-se os acontecimentos verificados no Leste Europeu que colocaram a Europa Comunitária face a problemas anteriormente impensáveis. Nesta sequência, a internacionalização da economia portuguesa implica tomadas de decisão a vários níveis, entre as quais, implementar políticas de educação e formação, tendo como objectivo a qualificação de recursos humanos como centro estratégico do desenvolvimento do país.

“Os problemas resultantes da globalização atingiram a Europa de uma forma que se reflectiu profundamente na educação. A educação nos anos sessenta em muitos países da Europa, relacionava-se, a nível do discurso oficial, com valores da social-democracia e, portanto, era esperado que contribuísse para uma melhor justiça social.

Com a globalização, a educação passou a ser encarada como sendo culpada de problemas que se fazem sentir na esfera económica da modernidade tardia.” (Stoer e Cortesão, 1999:101)

Assim sendo, a intensificação dos fluxos de imigração no nosso país passam a suscitar alguma preocupação no que respeita às estruturas de acolhimento existentes. Todavia, contando com a longa experiência enquanto país de emigração, Portugal é certamente detentor de uma melhor compreensão dos recentes fenómenos resultantes da imigração, considerando as suas repercussões a todos os níveis (demográfico, cultural, económico, fiscal, etc.). A prova deste entendimento e do esforço para que sejam supridas as lacunas existentes nas estruturas de apoio aos imigrantes é presente no relatório *MIPEX III – Índice de Políticas de Integração de Migrantes*, referente ao ano de 2010, o qual revela que Portugal está, não só no que se refere às políticas de Reagrupamento Familiar, como anteriormente mencionado (cf. 2.5), mas também em relação às políticas de Educação e de Anti-discriminação, nos primeiros lugares da lista de avaliação entre todos os países em análise. Assim, têm vindo a ser estudados os fluxos imigratórios de acordo com o seu perfil específico no sentido de proporcionar ao imigrante, tanto quanto possível, as condições necessárias para uma vida enquanto cidadão pleno de direitos e de deveres no que respeita ao país de que já faz parte integrante. De notar que quando é referido “o perfil”, há a considerar várias características tais como: idade, sexo, níveis de escolaridade, qualificações, país de origem, cultura, religião, língua de expressão, entre outras.

É nesta base que, a partir da Resolução do Conselho de Ministros nº 14, de 14 de Fevereiro de 2001, surgem as primeiras medidas de um programa de acolhimento e inserção socioprofissional de imigrantes preparado pela CIAPI (Comissão Interministerial para o Acompanhamento das Políticas de Imigração) – o Programa “Portugal Acolhe”. Este programa destinado a imigrantes legalizados, com o objectivo geral de difundir e partilhar conhecimentos básicos que sustentassem uma mais fácil integração social e profissional, com destaque para a Língua Portuguesa e para os direitos e deveres consagrados na Constituição e na Legislação Portuguesa, para além de fomentar o conhecimento e o respeito pela legislação laboral. Aposta-se, assim, em assegurar a estas comunidades as condições de uma verdadeira integração, criando condições de maior e melhor integração no mercado de trabalho, promovendo o exercício dos direitos e potenciando um melhor ajustamento entre o perfil de competências dos imigrantes e as necessidades do mercado de trabalho. Desta feita, minimizando também os riscos de marginalização social e profissional, eventuais fomentadores de tensões sociais.

Hoje, uma década volvida, e de acordo com o que anteriormente foi apresentado (cf.2.5), é, em grande parte ao abrigo da Lei do Reagrupamento Familiar que cresce a população imigrante em Portugal. No âmbito do presente estudo, selecciona-se apenas a comunidade ucraniana que, tal como referido, é uma das maiores comunidades de imigrantes hoje residente no nosso país. “Uma nova realidade, trazida por gente bem humana, com sua tradição, cultura e língua, a sua diversidade. (...) muitos já com a sua família e os seus filhos, muitos mais desejando justamente tê-los cá, portugueses de

amanhã...” (Gouveia e Solla, 2004:13). Assim, temos hoje já muitos jovens imigrantes ucranianos nas escolas portuguesas, que, tal como explicitado no ponto anterior, muito contribuíram para trazer à luz a necessidade de uma reestruturação do Sistema de Ensino visando uma escola nova, mais aberta à diferença e à diversidade, com uma nova mentalidade e novos meios para a “promoção da unidade na complementaridade, mais universal e simultaneamente mais diferenciada”. (Gouveia e Solla, 2004:13)

Para além do já referido anteriormente, a prova disso é, também, o facto desta população estudantil continuar em crescimento, tal como se pode verificar nos seguintes quadros estatísticos do Ministério da Educação e Ciência referentes, à Área Metropolitana de Lisboa. Nestes quadros, independentemente da diferenciação entre Ensino Básico e Ensino Secundário, regista-se um crescimento considerável nos valores totais, isto, embora a população avaliada por escola também possa ser, eventualmente, ligeiramente decrescente.

Tabela 3.1 - N.º de alunos matriculados de nacionalidade Ucraniana, segundo o nível de ensino, nos concelhos da AML. Ano letivo de 2008/2009 - Ensino Público do MEC – Jovens Ucranianos. (Fonte: DGEEC/MEC)

Nível de ensino	Total	Básico	Secundário
Concelho			
Total AML	1215	1000	215
Alcochete	12	5	7
Almada	68	52	16
Amadora	57	52	5
Barreiro	16	12	4
Cascais	111	96	15
Lisboa	195	150	45
Loures	84	71	13
Mafra	40	30	10
Moita	17	16	1
Montijo	48	42	6
Odivelas	92	79	13
Oeiras	54	44	10
Palmela	45	40	5
Seixal	29	21	8
Sesimbra	17	15	2
Setúbal	61	50	11
Sintra	210	176	34
Vila Franca de Xira	59	49	10

Tabela 3.2 - N.º de alunos matriculados de nacionalidade Ucraniana, segundo o nível de ensino, nos concelhos da AML. Ano letivo de 2009/2010 - Ensino Público do MEC – Jovens Ucranianos. (Fonte: DGEEC/MEC)

Nível de Ensino	Total	Básico	Secundário
Concelho			
Total Geral	1253	1017	236
Alcochete	18	10	8
Almada	60	43	17
Amadora	52	45	7
Barreiro	17	13	4
Cascais	114	93	21
Lisboa	213	162	51
Loures	87	68	19
Mafra	37	30	7
Moita	16	15	1
Montijo	41	36	5
Odivelas	100	85	15
Oeiras	63	49	14
Palmela	47	43	4
Seixal	32	24	8
Sesimbra	19	15	4
Setúbal	54	45	9
Sintra	214	181	33
Vila Franca de Xira	69	60	9

Tabela 3.3 - N.º de alunos matriculados de nacionalidade Ucraniana, segundo o nível de ensino, nos concelhos da AML. Ano letivo de 2010/2011 - Ensino Público do MEC – Jovens Ucranianos. (Fonte: DGEEC/MEC)

Nível de Ensino	Total	Básico	Secundário
Concelho			
Total Geral	1306	1034	272
Alcochete	14	10	4
Almada	64	44	20
Amadora	56	50	6
Barreiro	22	13	9
Cascais	134	97	37
Lisboa	215	158	57
Loures	87	77	10
Mafra	47	36	11
Moita	15	15	
Montijo	42	35	7
Odivelas	99	82	17
Oeiras	60	44	16
Palmela	47	41	6
Seixal	28	21	7
Sesimbra	22	17	5
Setúbal	62	49	13
Sintra	217	180	37
Vila Franca de Xira	75	65	10

Na opinião do grupo de jovens seleccionado, as principais características dos alunos ucranianos são: o facto de serem, em geral, pessoas que sabem bem o que querem e que não desistem facilmente porque tem objectivos bem definidos. São muito trabalhadores e trabalham muito com eles próprios em casa. São muito disciplinados, rigorosos e aplicados. São respeitosos e, em especial, respeitam muito o professor porque este é “o mais importante na sala de aula”. São muito bons colegas, bem-educados e dão muito valor à escola e ao ensino. Todavia, quatro (4) dos informantes dizem que não acham muita diferença entre os alunos ucranianos e os portugueses. Finalmente, E10 sente que todas as crianças portuguesas e ucranianas são iguais mas gosta mais dos ucranianos porque pode falar com eles sobre todos os temas sem problema.

Passo agora à caracterização do grupo de informantes seleccionados no âmbito deste estudo. Explicitando um pouco o quadro que se segue. Este conjunto pode dividir-se em dois perfis no que respeita ao seu percurso escolar e de integração em Portugal. A sua história de imigração condiciona fortemente a maneira como se sentem hoje, principalmente em relação, ao país de origem, isto porque, aqueles que chegaram a Portugal em mais tenra idade, se, por um lado, tiveram uma maior facilidade de adaptação e de socialização em ambiente escolar, por outro lado, já têm uma imagem muito diluída da Ucrânia, da sua infância e das experiências vividas na altura da chegada ao país de acolhimento. Em contrapartida, aqueles que vieram mais recentemente e, muitos deles, com idades bastante mais avançadas em relação aos primeiros, apresentam maior dificuldade de adaptação e sentem imensa saudade do país de origem. É um grupo oriundo principalmente da parte mais ocidental da Ucrânia e, por casualidade, maioritariamente feminino, sendo que não se tomou o indicador de sexo como relevante para o estudo. Em relação à idade apenas três (3) dos informantes chegaram a Portugal com menos de dez (10) anos, integrando, portanto o ensino numa fase inicial, encontrando-se hoje em idades que se situam entre os 14 e os 21 anos de idade.

No que toca à percepção sobre os relacionamentos em âmbito escolar também estes informantes se expressam sobre a forma como vêem os colegas e os professores no país de acolhimento.

No que respeita ao grau de confiança depositado pelos jovens ucranianos nos seus colegas em Portugal, este é, maioritariamente “Médio”, todavia, também há quem revele ter um grau de confiança “Forte”: E2 diz que em geral consegue confiar, E4 diz que com as pessoas com quem tem amizade confia, de resto, tem mais amigos no local de trabalho do que na faculdade, E6 diz que “os portugueses são bons amigos, dá para confiar” e E12 refere que tem muita confiança em dois (2) ou três (3) amigos portugueses e em dois (2) ou três (3) ucranianos, os outros são conhecidos.

De grau considerado “Médio”: E1 diz que não tem muito convívio com portugueses, E3 diz que é porque, em geral, é uma pessoa reservada mas não desconfia de ninguém, depende do aspecto, E7 diz que tem poucos amigos de confiança em Portugal, E8 costuma contar muitas coisas da sua vida aos amigos independentemente

das suas nacionalidades ou naturalidades, se lhe dão razões para confiar, confia e E9 diz apenas que tem pessoas em quem acredita.

Por seu lado, os informantes E5, E10 e E11 dizem ter um grau de confiança fraco nos colegas portugueses, sendo que: E5 diz que “é relativo, depende da relação que se tem com a pessoa”, E10 diz que não tem muita confiança mas não sabe explicar porquê e E11 informa que só tem três (3) amigos portugueses.

Por outro lado, quanto ao grau de confiança dos jovens ucranianos nos seus professores em Portugal, este é, quase por unanimidade, “Forte”. Contudo, E7 considera ter um grau “Fraco” de confiança porque “os professores não conversam muito, dão, a aula, explicam, estudam-se os temas e fazem-se os testes”. Também E3 informa que “com os professores não tinha muito convívio, limitava-se a ir às aulas e aprender”, destacando, apenas, uma professora que, até hoje, ficou como amiga de confiança.

Todavia, a grande maioria dos informantes consideram ter um grau “Forte” de confiança nos professores em Portugal. Assim: E1 diz que sempre teve apoio moral e escolar da parte dos professores, E2 diz nunca ter tido problemas e que pode confiar totalmente nos professores, E4 refere que “não há uma confiança de amizade pessoal, mas há uma confiança a nível profissional”, E5 também diz que “na vertente profissional é “Forte”” e que “os professores se disponibilizam completamente nas suas horas, em especial, os professores de psicologia que também acompanham muito os alunos na faculdade”, E6 acha que “os professores são muito bons em Portugal”, E8 diz que confia muito porque “são pessoas adultas, que sabem guardar segredo e ajudam muito, na medida do possível”, E9, E10 e E12, dizem que confiam porque “são pessoas que ajudam muito” e E11 também diz que gosta dos professores e confia neles.

Tabela 3.4 – Dados pessoais dos entrevistados.

ENTREVISTADO	SEXO	DATA DE NASCIMENTO	LOCAL DE NASCIMENTO	DATA DE CHEGADA A PORTUGAL	FREGUESIA DE RESIDÊNCIA
E1	F	09/12/1992	KIEV	2002	PAÇO DE ARCOS
E2	F	21/03/1995	MICOLAEV	2004	MERCÊS
E3	F	16/03/1991	LVIV	2003	SÃO JULIÃO (SETÚBAL)
E4	F	27/12/1993	CHERNIVTSI	2001	ODIVELAS
E5	M	24/05/1991	VINNYTSA	2007	LUMIAR
E6	F	27/01/1991	TERNOPIIL	2004	CAMPOLIDE
E7	F	08/05/1995	STRIY	2011	PAÇO DE ARCOS
E8	F	08/03/1995	TERNOPIIL	2002	ODIVELAS
E9	F	07/06/1994	STRIY	2011	MASSAMÁ
E10	F	30/12/1996	ROGATIN	2011	CARNAXIDE
E11	M	16/05/1998	KALUSH	2009	STº ANTº DE CAVALEIROS
E12	M	01/04/1997	ZAKARPATTIA	2009	QTª DA LOMBA (BARREIRO)

No que se refere à integração em meio escolar, de entre os entrevistados apenas existe um elemento (E6) que, à sua chegada a Portugal entrou para o 1º ano, mas passou, no mesmo ano lectivo, para o 2º ano, na medida em que já se encontrava muito avançado em relação ao nível em que estavam os colegas. Assim sendo, dois dos informantes (E6 e E8) encontravam-se ao nível do 2º ano de escolaridade à data da chegada ao país de acolhimento. Um dos elementos entrou para a Escola Básica D. Dinis (em Odivelas) e, o outro, para uma escola básica (da qual não se lembra do nome) no Intendente, em Lisboa.

Por ordem crescente no que respeita ao nível de ensino, apresenta-se apenas uma criança (E2), que entrou para o 3º ano na E/B 1/2 de Mem Martins e (E1) que, à sua chegada entrou no 5º ano numa escola (da qual não se lembra do nome) da Maia (Porto). De referir que estas informações são, no momento, algo dispersas, devido a dois (2) factores principais: ao facto dos entrevistados serem demasiado jovens à sua chegada a Portugal, e também devido ao facto de já terem chegado há muitos anos.

Para o 7º ano entraram E3, E10 e E11 para as escolas EB 2/3 de Bocage (em Setúbal), Escola Secundária Camilo Castelo Branco (em Carnaxide) e para a Escola Secundária José Cardoso Pires (em Santo António dos Cavaleiros), respectivamente.

Para o 8º ano entrou, à sua chegada a Portugal, o entrevistado E12, para a Escola Secundária de Santo André (na Quinta da Lomba - Barreiro), tendo previamente frequentado a Escola Ucraniana apenas para aprender o Português, durante um ano.

Para o 9º ano entra, à sua chegada, a informante E5, numa escola da AML, a qual, por solicitação da informante, fica omissa e, finalmente, para o 11º ano entram, respectivamente, E4, E7 e E9 para a Escola Secundária do Lumiar, para a Escola Secundária Sebastião e Silva (em Oeiras) e para a Escola Secundária D. João V (na Damaia).

Nas palavras de Maria Lucinda Fonseca, “A educação é provavelmente o instrumento estratégico mais importante para a integração dos imigrantes, particularmente crianças e jovens, na sociedade de acolhimento. Os sistemas de ensino dos diversos países da UE desenvolveram tipicamente formas próprias de lidar com a inserção de estrangeiros, as quais dependem sobretudo das “características e culturas dos próprios imigrantes, das histórias dos estados-nação que os recebem e das trajetórias económicas dos países em causa desde a chegada dos imigrantes.”” (Fonseca, 2005:56)

É na sociedade de acolhimento que o imigrante tem a possibilidade de deixar-se assimilar, no intuito de vir a estabelecer-se e a educar os seus descendentes. Neste caso, pertence ao país de acolhimento a responsabilidade de criar as estruturas necessárias e adequadas para que todos os elementos da sociedade se possam desenvolver e realizar como cidadãos e, também, numa perspectiva de aceitação do “outro” e do pluralismo cultural e étnico.

“As part of an education for democratic citizenship, intercultural education is paying particular attention to the acquisition of the attitudes necessary for life in multicultural societies. To that end, educational approaches and teaching methods should focus on learning to live together in a democratic society, and on combating ethnocentrism, racism and intolerance and eliminate violence and extremist thinking and behavior.” (AAVV, 2010:9)

Uma educação em contexto multicultural e multiétnico arrasta consigo também a ideia da diferença e da diversidade linguística. Assim, perante a necessidade de transmitir correctamente de forma a que todos consigam receber a mensagem, vê-se o emissor impelido a criar novas estratégias de comunicação. Em ambiente escolar, esta é uma questão que, muito frequentemente, implica a adopção de novos materiais, de novas e inovadoras formas de leccionar, do recurso à transmissão de conhecimentos em outras línguas ou linguagens de comunicação, no sentido de incentivar o aluno a aprender a língua do país de acolhimento, mas também, no sentido de o ajudar a melhor se integrar a nível social.

“Os factores de motivação ou desmotivação não se revelam cruciais só no processo de aprendizagem, quer seja de uma língua, quer seja de uma outra disciplina. São factores que impulsionam de forma consciente ou inconsciente as decisões tomadas ao longo da vida. Estar-se motivado é um impulso para a realização da tarefa com

sucesso, para se depositar um maior empenho, para se criarem expectativas mais elevadas.” (Silva e Gonçalves, 2011:43)

A Língua como forma de expressão é também a concretização do pensamento, assim, ao imigrante que pretende radicar-se num qualquer país de acolhimento é fundamental o conhecimento e o uso o mais correcto possível da Língua no seu quotidiano. Desta feita, “(...) se o imigrante não provém de um país ou região cujo contexto linguístico facilitar a comunicação no novo país, e não tem uma preparação prévia que inclui o conhecimento da língua, indubitavelmente vai deparar-se com a barreira linguística.” (Satalecka, 2011:24)

A Língua requer uma aquisição diversificada na medida em que pode ser uma aprendizagem da Língua Materna, à qual o indivíduo se habitua desde o ventre materno ou uma aprendizagem secundária, no caso de ser uma Língua Não Materna aprendida *a posteriori*, por vontade própria ou por força das circunstâncias.

“A espécie humana é a única espécie biológica programada geneticamente para adquirir os sistemas altamente complexos, estruturados e específicos que são as línguas naturais.” (AAVV, 1997:15)

Estas aprendizagens diferenciadas (LM ou LNM), por sua vez, implicam processos de ensino/aprendizagem distintos e adaptáveis às circunstâncias e a cada indivíduo. Há que identificar os tipos de problemas de aprendizagem ou, pelo menos, as questões que constituem maior dificuldade ou impedimento à aquisição da Língua, fazer uma avaliação dos pontos a tratar e adoptar as estratégias de intervenção mais adequadas ou, eventualmente, passíveis de uma progressiva adequação.

Neste aspecto, é importante valorizar a formação de professores especializados, as técnicas pedagógicas e a elaboração de currículos adequados para alunos com dificuldades específicas, bem como, o seu acompanhamento.

As dificuldades na aquisição de uma Língua Não Materna podem ter como base uma incapacidade cognitiva, a falta de vocação para a aprendizagem da Língua ou, ainda, causas psicológicas que funcionam como bloqueio à vontade de aprender.

A aprendizagem de uma Língua começa pela capacidade de percepção sensorial e auditiva para a captação e junção de sons. Mais tarde passa pela associação desses sons aos símbolos visuais e concentra-se na capacidade de relacionar os símbolos. Na perspectiva da leitura, exige-se a associação entre o som e a letra, ou seja, entre o fonema e o grafema, o que, por sua vez, conduz à capacidade de utilização correcta na Ortografia. (cf. Raposo, Bidarra e Festas, 1998; Campos, 2002)

Todo este processo, implica, inevitavelmente, uma força de vontade de aprendizagem, disponibilidade, predisposição, bem como, estratégias específicas de superação dos problemas que vão surgindo passo a passo. É necessário o estímulo para o estudo e o treino permanente da Língua, coadjuvados pela correcção e auto-correcção sistemáticas, no intuito da consolidação e aprofundamento dos conhecimentos e de uma maior facilidade e fluência linguísticas.

Como já foi anteriormente sobejamente referido ao longo deste estudo, um dos grandes adjuvantes no percurso de integração dos imigrantes é a questão dos relacionamentos com a sua própria comunidade e com a comunidade do país de acolhimento. Neste âmbito, o domínio da língua de expressão é fundamental e, lembrando a temática dos aspectos de mediatização sociocultural dos processos de aprendizagem, refira-se, a este propósito, Vygotsky, para quem era sumamente importante dar conta das características de cognição humana e do desenvolvimento cognitivo como resultado também das relações sociais entre os indivíduos.

O ajustamento do indivíduo à sociedade depende, em grande parte, do sucesso na utilização da linguagem, da Língua e das competências sociais nos seus relacionamentos.

Tendo por base este breve enquadramento teórico passa-se agora à análise das entrevistas efectuadas, nas quais, mais concretamente se poderão validar empiricamente algumas destas questões, nomeadamente: os processos de aprendizagem da Língua Portuguesa como Língua Não Materna, as dificuldades conhecidas durante o processo de aquisição, a forma de superação dessas dificuldades, as ajudas com que os informantes puderam contar para ultrapassar essas objecções, o impacto deste obstáculo linguístico na aprendizagem e assimilação das matérias das outras disciplinas, os tipos de avaliação, o aproveitamento escolar e os resultados de todo o percurso que certamente se repercutem na forma como os jovens encaram o seu futuro e se colocam perante as possibilidades de permanência em Portugal.

No âmbito escolar (e não só) o que constituía a maior barreira era o factor linguístico. Sete (7) dos informantes referem ter tido imensas dificuldades por não saberem falar a Língua Portuguesa, principalmente na fase inicial. Todavia, informam que, desde o momento em que conseguiram começar a falar, foi muito fácil fazer amizades.

E6 refere que talvez tenha sido difícil mas só nos primeiros anos. E1 diz que “só foi mais difícil no primeiro período do primeiro ano de escolaridade em Portugal”, todavia, tem ainda algumas dificuldades na Gramática e na Ortografia e “há palavras que ainda não entende como se escrevem nem como se usam”. Também E3 diz que “foi um pequeno obstáculo no primeiro ano mas foi facilmente superado com a ajuda dos professores e de todos, em geral”.

E2, por sua vez, diz que “o Português não foi difícil” e espera que lhe abra portas no futuro e que a ajude bastante na faculdade. Só no início é que teve algumas dificuldades que superou facilmente também com a ajuda de uma professora que considera ter sido excepcional. Para E9 também “não é difícil porque se fala e se ouve os colegas na escola portuguesa mas, só cá está há cinco (5) meses e ainda não é muito tempo para aprender a Língua”.

Contrariamente, E4 refere que “foi difícil”, já cá está há cinco (5) anos e “ainda não sabe tudo dessa Língua”, tenta sempre “aprender coisas novas e aperfeiçoar o

sotaque” e, para E5, “no início era difícil e agora (que já está na faculdade) também é, porque há temas novos e tem sempre que se adaptar e recorrer ao Dicionário”.

E8, por vezes, isolava-se perante esta dificuldade e pensa que “até ao 5º ano ainda estava a tentar perceber mas tinha sempre boas notas, apesar de não saber a Língua. A Língua Portuguesa como matéria é difícil”. Está agora a tentar fazer melhoria de nota a Português estudando “Os Maias”. Neste caso, a grande dificuldade é o léxico específico da época, dando-se conta que tem também algumas lacunas de base, refere que tem que estudar muito o Português. Da mesma opinião é E7, que também diz que tem que estudar muito o Português.

E10, por seu lado, informa que “a Língua Portuguesa é difícil mas tem que estudar muito porque quer estudar, viver e trabalhar em Portugal no futuro”. Diz que muitas vezes não percebe bem toda a matéria. E11 diz que é difícil, tem que estudar muito, já aprendeu a ler e agora está a aprender a escrever, tanto E11 como E12 tiveram necessidade de muito apoio para compreender a Língua Portuguesa.

A informante E5 refere que a saudade dos familiares (pai e irmãos) a impedia de gostar de estar em Portugal e, conseqüentemente, de querer aprender a Língua Portuguesa, diz ter sofrido de um “trauma psicológico, e não meramente linguístico”. Por seu lado, E12 diz que quando chegou a Portugal também “não gostava de cá estar e, por isso, não queria aprender a Língua mas depois, com a insistência da mãe e com a ajuda dos professores, que cá explicam muito bem e dão muito apoio, fui aprendendo”.

Retomando a questão da escrita e do alfabeto³ E1 informa que “já conhecia e tinha a noção por ver filmes ocidentais”, tanto esta informante como E7 comunicavam em Inglês, sendo que a informante E1 refere ter sido muito bom poder comunicar em Inglês mas que “a maior parte dos colegas em Portugal também não sabia o Inglês, o que dificultava a comunicação”. E3 diz que não teve grande problema porque “já estudara Inglês e o alfabeto é semelhante, a dificuldade reside na leitura, nas diferenças das letras e nos acentos”. Alguns dos outros informantes referem não ter tido grande problema na medida em que já tinham estudado Inglês na Ucrânia, o que implica ter o conhecimento do alfabeto apesar das inerentes divergências de sonoridade. Apenas o informante E11 diz ter tido muitas dificuldades na Língua Portuguesa ao nível da escrita. E4, por seu lado, “gostaria que todos os professores das escolas soubessem falar o Inglês porque, como tive Inglês desde os sete (7) anos, acho que isso ajudaria muito”.

Em termos de sugestões, para E2 e para E9 “devia haver mais professores russos e ucranianos a falar o Português”, E3 sugere que se podia fazer mais exercícios que levam as pessoas a participar mais, talvez fazendo uma pergunta a cada aluno em cada dia e E8 não está de acordo com o Acordo Ortográfico porque cria muita confusão.

³ Note-se que, praticamente todas as Línguas da Europa Ocidental usam o alfabeto romano, contrariamente, uma grande parte das Línguas Eslavas (caso do Ucraniano) têm por base o alfabeto cirílico.

Esta grande barreira à integração, que é a comunicação em Língua Portuguesa, foi sendo superada de várias formas caso a caso. O grande responsável por isso foi, sem dúvida, o esforço pessoal de cada um: E2 e E3 dizem ter tentado estudar sozinhos e sem apoio, enquanto E6 diz ter passado um ano no ATL (Actividades de Tempos Livres) a aprender a Língua. E5 diz que, à sua chegada a Portugal, só comunicava com portugueses e que, por isso, aprendeu muito rapidamente a Língua. Por outro lado, E2 partilha da mesma opinião de E6 quando refere que já não se lembra de como aprendeu tão bem o Português.

Três dos entrevistados afirmam que o que mais gostam é de “conhecer novas pessoas” e que “é muito bom”, sendo que E7 explica que, quando não percebe nada, pede que lhe traduzam por gestos ou noutra Língua.

E4 estudou Língua Portuguesa Não Materna com a componente de Gramática, o que ajuda imenso, não teve as aulas normais do Português pois estas foram substituídas por Língua Portuguesa Não Materna de nível básico e fez o exame nessa matéria. E6 também se refere a este facto e pensa serem boas as políticas, “em vez do Português normal os alunos têm Língua Portuguesa Não Materna, isso ajuda muito, as outras aulas são iguais”. “É complicado porque, no início, não se percebe na mesma, mas, com o tempo, cada um consegue resolver esse problema”. E7, por seu lado, informa que, “se agora é um pouco difícil, no primeiro ano tinha que estudar muito o Português porque as pessoas, quando não sabem a Língua, também é realmente muito difícil estudar as outras disciplinas”, pensa que “o primeiro ano e meio tem que se estudar só o Português, como falar, saber ler... e só depois se pode começar a estudar as outras disciplinas”, os seus professores fizeram os testes de escolha múltipla ou de escolha Verdade/Falso só para si, o primeiro teste de História que teve, a professora deixou que o fizesse em casa mas era igual aos dos outros colegas. Também E10 informa que tem “aulas de apoio porque não percebia a matéria de Matemática, Ciências, Físico-química e Inglês”. No Inglês precisava muito porque não percebe o que a professora diz em Português e depois tem que traduzir no Inglês, é muito difícil mas gosta e tem boas notas. Por outro lado, E3 diz que teve dificuldade no Inglês porque, em geral, não tem muita vocação para as Línguas.

No que respeita às outras disciplinas, para além do Português, as maiores dificuldades surgem principalmente em História e em Filosofia porque nestas disciplinas, em geral, é utilizada uma linguagem mais rebuscada ou específica o que dificulta a compreensão de determinados conceitos, já de si algo complexos.

Assim sendo, em História o que é referido pelos informantes como problema é que “é tudo muito complicado, são as guerras diferentes, são as palavras diferentes, tem muito Português, tem palavras muito compridas, tem muita dificuldade em entender” e, ainda E3 “porque não gosta de História”. No que respeita à Filosofia E4, E7 e E9 dizem ter tido grande dificuldade e E7 explica que “é porque tem palavras muito compridas e muito difíceis, o que dificulta o entendimento apesar de se estudar muito. Também é uma disciplina que não existia na Ucrânia”. Por seu lado, E9 diz que “é preciso pensar muito, como é que posso pensar? É que eu não sei falar, é que eu não percebo!”

Geografia foi difícil para três (3) informantes, pela dificuldade no entendimento da Língua, todavia, para E12, numa segunda fase e, por comparação à matéria da Escola Ucrainiana, pensa que se tornou tudo muito mais fácil.

A Física, Química e Matemática, E4, E8 e E11 dizem não ter tido problema “porque se trabalha com os números” e, no caso da Matemática, diz E8, “é uma linguagem universal, não constitui problema”. Mas E10 e E11 são da opinião que também não percebem a Matemática porque não compreendem a Língua Portuguesa.

E4 diz que teve muita sorte porque na escola onde andava havia muitos ucranianos que o ajudaram a integrar-se na escola e a aprender a Língua Portuguesa. No primeiro ano que esteve a estudar em Portugal reprovou a Biologia, teve apoio especial com o professor de Filosofia, que o ajudava na Filosofia e no Português, deu-se especialmente bem a Matemática e também nunca teve qualquer problema com as outras disciplinas. Também E1 diz que só no primeiro período é que teve negativa a tudo excepto a Matemática, porque estava mais avançada, a Inglês, porque sempre gostou de Inglês e a Educação Física, porque sempre foi boa aluna em Desporto.

E1, E3, E11 e E12 dizem ter tido necessidade de aulas de apoio, sendo que E11 teve apoio a Português, Geografia e Inglês e E12 teve apoio a Português, História e Francês. Por outro lado, E2 e E6 referem ter tido explicações.

Para além do esforço pessoal, praticamente todos os informantes referem ter tido o apoio dos professores que ajudam muito a fazer os deveres de casa e a perceber as coisas em que têm mais dificuldades. Em especial no que se refere à leitura e à escrita, os alunos puderam contar com a ajuda dos professores que, com simpatia, os acompanhavam, dando-lhes uma maior atenção, esclarecendo algumas dúvidas após o tempo da aula e/ou dando aulas extra e, por vezes, individuais. Seis (6) dos informantes referem ter tido o apoio do pai, e três referem que puderam contar com o apoio da mãe.

São também referidas as ajudas de primos e primas, tias, irmãos e dos amigos e/ou colegas de turma, tanto portugueses como ucranianos, que ajudaram ao nível da compreensão, na leitura e na escrita e com correcções diversas. E5 refere que contou com o apoio de todos em geral e E8 refere ainda que “teve ajuda da vizinha/ patroa da mãe” (vizinha portuguesa que, sabendo das dificuldades, se disponibilizou a ajudar nas matérias escolares e na aprendizagem da Língua Portuguesa). E8 diz que, no início, tentou estudar sozinha mas não resultou, mais tarde, estudava muito porque a mãe a obrigava. É ainda referida por E12 a ajuda de pessoas que não conhece e que o corrigiam. “Ajudaram muito e agradeço a ajuda”.

Em relação à forma como os informantes tentam/tentaram superar as dificuldades... E1, E7 e E9 dizem que lêem muito. Todavia, E9 tem uma forma especial de trabalhar a Língua e as matérias: lê muito, traduz o que lê, tenta encontrar na Internet as matérias a estudar em Língua Ucrainiana para perceber e estuda na Internet e nos livros em Ucrainiano. Tanto E9 como E12 informam que recorrem à Internet, todavia, E12 diz que o “Google Tradutor” nem sempre ajuda muito. E9, enquanto recém-

chegada, apenas está “interessada em aprender a Língua, falando com portugueses, vendo televisão portuguesa, ouvindo os professores e a música portuguesa”.

Também E7 tem um método especial de aprendizagem do Português e das matérias da escola portuguesa: primeiro lê todo o livro, do início ao fim, depois lê novamente e, como já conhece melhor as matérias e as palavras, consegue perceber melhor na segunda leitura.

E1 teve aulas de apoio e comprou Gramáticas, enquanto E2 diz que se socorreu muito do Dicionário. E4 diz que, “para além de ter frequentado Cursos de Língua Portuguesa, também via muito a televisão portuguesa e “não tinha “medo de falar””.

Também E12 informa que gosta muito de falar e E6 diz que foi “aprendendo mais e mais palavras com o tempo”.

Para além do supra referido, na Escola Ucrâniana, as aulas são todas dadas em Língua Ucrâniana mas também é leccionada a disciplina de Português - Língua Não Materna, dado que houve a necessidade do conhecimento da Língua Portuguesa para uma melhor integração dos jovens na sociedade de acolhimento e, em especial, no Sistema de Ensino em Portugal.

De resto, a opinião geral, mais ou menos implícita, é de que “os professores portugueses são impecáveis em tudo e é tudo muito bom aqui” embora tenham que se aplicar muito.

Finalmente, à pergunta “De que forma o teu percurso escolar é/foi importante para a tua vida socioprofissional futura?” obtêm-se diversas respostas, todas com sentido positivo e edificante. Por outro lado, no que respeita aos sonhos, estes jovens são, sem exceção, muito motivados e determinados a ser e a ter algo de especial. Assim:

Segundo E1, “todo o percurso ajuda muito na integração da vida profissional, no relacionamento com os colegas de trabalho, no melhor entendimento do mundo que nos rodeia. É uma ferramenta básica para a vida adulta no mundo laboral e na vida pessoal”.

E1 está no 1º ano da Faculdade, no Curso de Ciência Política e Relações Internacionais. Gosta imenso de estudar na faculdade, de andar nas aulas, de coisas novas, de aprender coisas novas e de conhecer pessoas novas. Espera acabar o curso, ter emprego na Área da Política ou em algo relacionado e gostaria de conjugar o desporto com a vida profissional visto que é atleta de Alta Competição;

Para E2 “a vinda para Portugal foi muito interessante porque abre mais portas para o futuro, visto que Portugal faz parte da União Europeia. Na Ucrânia é mais difícil, as pessoas têm mais dificuldade para sair ou para ir para o estrangeiro estudar. Sabendo o Português e o Inglês e tendo um diploma, abre muitas portas para a Europa e para o mundo”. E2 está no 11º ano, em Ciências Farmacêuticas, tenciona seguir para o Ensino Superior. Refere que “é importante investir não só nos estudos de Farmácia em específico, mas também, em áreas coadjuvantes, pois o mercado de trabalho é difícil e

tem que estar preparada. Esta informante pretende “acabar a faculdade em Portugal ou, se tiver oportunidade, no estrangeiro, talvez na Inglaterra ou na Noruega”;

Na perspectiva de E3, o percurso escolar é muito importante porque adquiriu todo o conhecimento que, neste momento (na faculdade), está a reforçar. E3 está no 3º ano da Faculdade, no Curso de Engenharia Electrotécnica e de Computadores e trabalha em *part-time*. Para o futuro, gostará de “acabar o curso e arranjar trabalho em Portugal ou, quem sabe, no estrangeiro”;

Para E4, o percurso escolar “é importante para a faculdade e para o futuro porque uma pessoa que sabe mais consegue sempre resolver melhor os problemas”. E4 está a estudar na Universidade Nova de Lisboa, no 2º ano de Gestão. “O tempo é sempre pouco” pois está dividido entre os estudos e o trabalho. Já está a trabalhar há dois (2) anos e já tem contrato efectivo. O trabalho que faz não será o que pretende fazer no futuro mas, “de momento, é o que tem que ser para ajudar no orçamento familiar, para pagar a faculdade e para ter alguma independência económica”, gostaria de terminar o curso e ir viver para a América, todavia, tem que preparar tudo com cuidado. Ao voltar pretende, eventualmente, fazer Mestrado, de momento não quer continuar os estudos para além da Licenciatura;

Segundo E5, o percurso foi muito importante porque, se por um lado, nunca soube muito bem o que queria seguir, por outro, sabe que no que fizer tem que ser muito boa. Até ao 11º ano foi tudo bem mas, depois, começou a trabalhar e perdeu o ritmo de estudo. Esteve num curso do qual não gostava e, por isso, desistiu, agora está num outro curso do qual também não gosta muito, contudo, está a tentar interessar-se mais para conseguir algo melhor para si e para os seus. E5 está a estudar em Coimbra, no 1º ano da Faculdade de Farmácia e tem como objectivo principal do momento saber o que realmente pretende para o seu futuro, o segundo grande objectivo é conseguir ajudar a família;

E6, por seu lado, quer ser tradutora de Línguas Vivas, sabe o Ucrainiano, o Russo e o Português e está a aprender o Espanhol e o Inglês. Frequenta o Curso de Línguas e Humanidades e vai tentar seguir Tradução, Tradução Política ou, talvez Turismo. Está na escola portuguesa desde o 1º (ou 2º) ano, estuda na escola ucraniana desde o 4º ano e, nesta, está a finalizar o 11º ano. Tem também escola de música duas (2) vezes por semana, estuda violino há sete (7) anos. Os objectivos do momento são terminar com boas notas a escola ucraniana, a escola portuguesa e os estudos de violino e, tudo isso, até ao próximo ano. Depois, conseguir entrar na faculdade e que isso contribua para um bom futuro. Pensa que será possível entrar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa para fazer o Curso de Tradução. “Em termos materiais gostava de ter uma casa, um carro e essas coisas mais materiais”;

E7 quer seguir Turismo e/ou Relações Internacionais porque gosta muito de viajar e de estudar Línguas. De momento está só a estudar e sabe que tem que se aplicar muito para aprender a Língua mas gostaria de ter um trabalho de Verão para poder ir à Ucrânia nas férias. Quer seguir a Área Diplomática usando as Línguas que conhece e

quer “estudar em Portugal porque na Ucrânia é muito difícil entrar na faculdade mas, gostaria de ir como “*Exchange Student*” para a Ucrânia”;

E8 está a tentar fazer o 11º e o 12º ano da escola portuguesa em Ciências e Tecnologia mas “é só porque algumas faculdades exigem os exames portugueses”. Todavia, o 11º da escola ucraniana, sendo equivalente ao 12º ano da escola portuguesa, é o suficiente para se propor à Faculdade de Medicina ou de Enfermagem, seu objectivo principal. E8 é apenas estudante e está a preparar-se muito bem para fazer os exames e entrar na faculdade, gostaria de vir a ser cirurgiã mas tem algumas dúvidas se consegue entrar, dado as médias são demasiado altas. Esta informante quer acabar o curso e voltar para a Ucrânia para trabalhar e viver lá, pois sente que “é lá que pertence e não a Portugal, por muito bem que possa ser acolhida”. Por outro lado, “um diploma europeu na Ucrânia é sempre muito mais considerado do que um diploma ucraniano”, daí que, tem que se esforçar para fazer o melhor que consiga para tirar o curso em Portugal;

E9 no momento, é estudante de Línguas, gosta de fotografia e quer fazer o curso de Fotografia e depois trabalhar nessa área;

E10 está a estudar no 8º ano e, este ano, como já sabe melhor a Língua Portuguesa, já tem conseguido melhores notas do que no ano anterior. Quer estudar, aprender bem a Língua e depois trabalhar em Portugal. Gostava de seguir Biologia ou Medicina, gostaria de ser médica, principalmente de Pediatria, para poder ajudar as pessoas e, em especial, as crianças. De resto, quer vir a ter uma casa, uma família, marido e filhos;

E11 ainda não sabe definir o que pretende, está no 8º ano e não tem muito a dizer sobre a sua vida, gostaria de vir a ter carro, casa e piscina e quer ir estudar para a Ucrânia porque “é na sua Língua que quer continuar os estudos”;

E, finalmente, E12 está no 9º ano, tem muitos trabalhos porque estuda na escola portuguesa, na escola ucraniana e tem os treinos e os jogos de futebol. Gosta muito de tudo isto mas, por vezes, é muito difícil conciliar tudo e ter tempo para outras coisas. Quer ser futebolista e ter muitos amigos. Se não for futebolista quer ter uma outra profissão mas ainda não sabe qual, pois sonhou que ia ser futebolista. Considera que “o conhecimento de Línguas Estrangeiras é muito importante” e já conhece o Português e o Inglês.

E, perante estas afirmações, remato esta parte do trabalho com uma citação sobre a Educação “*Educar (...) não é ensinar nem saber. Educar é aprender, acolher a revelação do outro e do mundo e devolver ao outro e ao mundo o nosso olhar do que eles nos revelaram. (...) Humanos são os que recebem e dão palavra, os que existem no desdobramento da revelação do outro e do mundo e lhe desdobram a sua para que existam. (...) A educação, tal como a Ética, é um percurso que se constrói com o outro e com o mundo. Em todo o caso, mesmo que quiséssemos reconduzir-nos ao domínio das morais, ficaria de pé a afirmação de que o “humano” nunca é princípio, mas lugar de destinação do acontecimento e da revelação do outro e do mundo.*” (AAVV, 1998:145)

No que se refere ainda à última questão da entrevista “Pensas voltar em definitivo ao teu país de origem?” as respostas dos jovens foram diversas e as respectivas justificações também o são. Tentarei, assim, dar uma certa coerência à ordem das questões para que melhor se possa entender a sequência e a lógica das respostas.

E6 (como referido no ponto 2.1.2.) afirma peremptoriamente que não, pois já se sente habituada a viver em Portugal, da Ucrânia já não se lembra de quase nada e as únicas pessoas que lá conhece são alguns familiares, não tem lá mais nada e teria que se adaptar novamente a tudo para lá conseguir viver.

E2 também diz que “não, só para visitar, pois lá há imensas dificuldades até mesmo para conseguirem sobreviver ou alimentar-se, principalmente nas cidades” e E3 também diz que “em definitivo não, apenas de visita”.

E1, por seu lado, não exclui completamente a hipótese, todavia, também afirma que voltar em definitivo... ainda não sabe, “gostaria era de conjugar o trabalho em Portugal e na Ucrânia, de ter relações com ambos os países”. E7 também não sabe ainda, mas, de momento, não quer voltar, a não ser em férias, “porque os pais cá têm emprego e lá não têm e não querem voltar, de momento, ao seu país de origem”.

E5 diz que não, que apesar de gostar muito do seu país, de momento e num futuro próximo, não tem condições. Em Portugal também pensa ficar apenas o tempo necessário para terminar os estudos, depois quer ir trabalhar num outro país. E10, por seu lado, não quer voltar para a Ucrânia porque, apesar de ter lá a família e os amigos, quer ter uma vida diferente da deles e gosta de Portugal. E9, por um lado gostava de voltar para lá porque também é lá que estão todos os amigos e família (avós, primos, primas, etc.) mas, por outro lado, gosta de Portugal e os pais também não querem voltar para a Ucrânia por motivos pessoais. E4, de momento não pensa voltar para a Ucrânia, talvez só quando for velho, para acabar a vida na terra onde nasceu.

Em contrapartida, E8 diz que “qualquer pessoa que goste do seu país, quer voltar para lá”, ideia corroborada por E11 que quer ir para a Ucrânia “porque é a sua terra”. Também E12 gostava de voltar para a Ucrânia “porque é ucraniano”. Quer ir para lá “continuar os estudos porque no 10º ano tudo vai ser mais difícil na escola portuguesa” e, de resto, o que quer mesmo é ser futebolista.

Assim, em termos de perspectivas para o futuro, por ordem gradativa, tentei estruturar as questões de forma a agrupá-las de acordo com os desejos dos informantes, desde os que não pretendem voltar ao país de origem até àqueles que o querem fazer, passando todavia pelas diferentes situações dos que se situam em fase intermédia.

O Sonho

Pelo sonho é que vamos,
Comovidos e mudos.
Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não haja frutos,
Pelo sonho é que vamos.

Basta a fé no que temos.
Basta a esperança
Naquilo que talvez não teremos.
Basta que a alma demos,
Com a mesma alegria,
Ao que desconhecemos
E ao que é do dia-a-dia.

Chegamos? Não chegamos?

-Partimos. Vamos. Somos.

Sebastião da Gama

4. CONCLUSÃO

Os principais objectivos deste trabalho prendem-se com a necessidade de averiguar a forma como os jovens imigrantes ucranianos têm vindo a integrar-se no Sistema de Ensino em Portugal, desde que tenham chegado já numa fase de reintegração escolar, e não, numa fase de integração inicial, apontando, então, para o Ensino Básico e Secundário.

Reportando-me à dissertação de António Sota Martins, na qual é mencionado não existirem, à altura, quaisquer estudos referentes aos filhos de imigrantes da Europa de Leste nem relativos aos alunos, filhos destes imigrantes, a frequentar as escolas portuguesas (cf. Martins, 2008:21), esta dissertação procurou ser um pequeno contributo no sentido de avaliar hoje a população estudantil, pelo menos, de um destes países (Ucrânia). Passados alguns anos, 2006 – 2012, talvez esta pesquisa possa vir a complementar um pouco mais e, à luz de uma outra conjuntura, e época sociais, o trabalho sobre “*A escola e a escolarização em Portugal – Representações dos imigrantes da Europa de Leste*”. De referir, desde já, que muitas das conclusões a que chegou António Sota Martins são reiteradas nesta apreciação, a saber, questões relacionadas, por exemplo, com a caracterização dos alunos e com a sua forma de integração em meio escolar, o que nos remete para uma dinâmica interna e inter-étnica muito positiva numa sociedade de acolhimento de forte pendor multicultural.

Tal como refere Ricardo Vieira, “A identidade e a alteridade constroem-se neste processo de interacção onde o indivíduo percorre o caminho entre o nós e o outro que vai descobrindo. O indivíduo acede à consciência de si, por diferenciação dos outros e assimilando a identidade do grupo que designa e identifica como seu (cf. Lévi Strauss, 1974).” (Vieira, 1999: 69)

Numa perspectiva mais qualitativa do que quantitativa, tendo como base as entrevistas directivas aplicadas aos jovens informantes de acordo com o guião previamente elaborado, procura-se identificar quais as suas trajectórias de vida (pertinentes no âmbito do trabalho), os seus sentimentos sobre o país de origem no momento actual e as suas opiniões no que respeita ao país de acolhimento.

Tanto no âmbito social alargado, como no estritamente estudantil, foram constatadas as dificuldades com que os jovens se depararam desde a sua chegada e foi feito o levantamento das formas de superação encontradas perante os objectivos com vista aos resultados.

Finalmente, tornou-se interessante investigar também um pouco sobre os objectivos principais dos informantes e, se as suas perspectivas de vida futura apontam no sentido de permanecerem e de construir vida em Portugal ou se, pelo contrário, desejam o regresso ao país de origem ou, ainda, se orientam noutros sentidos as suas trajectórias futuras.

Assim, tendo em conta as questões formuladas como premissas iniciais para a investigação, poder-se-á dizer que, no âmbito desta pesquisa realizada na Área Metropolitana de Lisboa enquanto região de acolhimento, os resultados revelaram-se bastante positivos na perspectiva da grande maioria dos entrevistados. Todos eles vieram para Portugal porque já cá estavam os seus pais e/ou outros familiares chegados que os ajudaram no processo de integração e revelam que, para além do clima, o que mais estranharam inicialmente foi a heterogeneidade da população. Sendo que, na generalidade, já todos se sentem confortáveis e socialmente bem inseridos, o grande óbice que sentiram foi a dificuldade na comunicação em Língua Portuguesa, todavia, assim que, paulatinamente, foi ultrapassada esta barreira, começaram a relacionar-se melhor ganhando, progressivamente, uma maior confiança.

No que se refere à socialização e ao Sistema de Ensino, o grande obstáculo a superar foi, igualmente, a aprendizagem da Língua Portuguesa, sendo que, por dificuldades de entendimento, por vezes, também não é facilitado o acesso às demais disciplinas.

Contudo, todos os objectivos têm sido, pouco a pouco, alcançados com muito rigor, muito método e com bons hábitos de trabalho, coadjuvados, por outro lado, pelo apoio dos professores, dos colegas/amigos, dos pais e demais familiares próximos, bem como, da sociedade em geral.

Para além do supra referido, os outros factores positivos referenciados são as boas instalações e equipamentos escolares, sendo que, os factores negativos têm a ver, principalmente, com a deficiente elaboração dos horários, incluindo a longa duração das aulas.

Os objectivos principais traçados são a conclusão dos estudos, com vista à obtenção de um diploma (maioritariamente de nível superior) e, em termos de fixação futura no país de acolhimento, nota-se que, no conjunto dos entrevistados, ainda existe muita indecisão, isto, embora alguns deles já estejam bastante decididos a ficar em Portugal e outros a voltar ao seu país de origem – a Ucrânia.

Nesta perspectiva, muitas outras pesquisas poderão surgir em trabalhos futuros. Gostaria, assim, de levar a cabo trabalhos similares, todavia, no seio de grupos distintos, tais como, de refugiados políticos, de refugiados de guerra, de exilados ou de outras populações de características peculiares, atendendo às suas condições de cariz extremamente “delicado” ao nível social. Por outro lado, poderia ainda empreender um (ou vários) trabalho junto do corpo docente, no sentido de avaliar a implementação prática de determinadas “ideias” sobre a aprendizagem e respectivas barreiras no âmbito de comunidades multiculturais diferenciadas.

E, neste sentido, termino citando António Perotti:

“Perante os desafios colocados pelos novos processos de identificação colectiva e de aculturação individual, o papel da escola é transmitir os conhecimentos e as capacidades necessárias à criança, para que ela possa abrir-se ao universal sem renegar as suas raízes de identidade.” (Perotti, 2003:12)

5. BIBLIOGRAFIA

AAVV (1997), *A Língua Materna na Educação Básica – Competências nucleares e níveis de desempenho*, Lisboa, Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.

AAVV (1998), *Caracterização física e do ordenamento do território da Região de Lisboa e Vale do Tejo*, Ministério do Equipamento, do Planeamento e da Administração do Território, Lisboa, CCRLVT.

AAVV (1998), *Dicionário da Língua Portuguesa*, 8ª ed., Porto, Porto Editora.

AAVV (1998), *Valores e Educação numa sociedade em mudança*, Colóquio/Educação e Sociedade, Nº 3 – Nova Série, Lisboa Fundação Calouste Gulbenkian.

AAVV (2002), *A Imigração em Portugal – Os movimentos Humanos e Culturais em Portugal*, Lisboa, SOS Racismo.

AAVV (2002), *Carta dos Direitos Fundamentais - Europa e Cidadania*, Lisboa, Parlamento Europeu – Gabinete em Portugal.

AAVV (2010), *Living in Diversity – Lessons Plans for Secondary Schools* – Directorate of Education and Languages, Strasbourg, Council of Europe Publishing.

AAVV (s.d.), *Ligar a Europa e o Atlântico – Competitividade e Solidariedade*, Lisboa, CCRLVT.

AAVV, (2011), *MIPEX III*, Bruxelas, British Council & Migration Policy Group.

AFONSO, ALMERINDO J. (2001), “A Redefinição do Papel de Estado e as Políticas Educativas”, in *Sociologia, Problemas e Práticas*, Nº 37, Oeiras.

ALPALHÃO, JOÃO e ROSA, VICTOR (1983), *Da emigração à aculturação – Portugal insular e continental no Quebec*, Coleção Diáspora, Angra do Heroísmo.

ANTÓNIO, JOÃO H.C. e POLICARPO, VERÓNICA (Coords.) (2011), *Os imigrantes e a imigração aos olhos dos portugueses – Manifestações de preconceito e perspectivas sobre a inserção de imigrantes*, Lisboa, Universidade Católica/ Fundação Calouste Gulbenkian.

- BAGANHA, MARIA IOANNIS e FONSECA, LUCINDA (2004), *New Waves: Migration from Eastern to Southern Europe*, Luso-American Foundation.
- BAGANHA, MARIA IOANNIS e GÓIS, PEDRO (2005), “Imigrantes de Leste em Portugal”, in *Revista de Estudos Demográficos*, Nº 38, Coimbra.
- BAGANHA, MARIA IOANNIS, MARQUES, JOSÉ C. e GÓIS, PEDRO (2010), *Imigração ucraniana em Portugal e no Sul da Europa: A emergência de uma ou várias comunidades?*, Lisboa, ACIDI.
- BOUDON, RAYMOND (dir.) (1992), *Tratado de Sociologia*, (Tradução) 1995, Lisboa, Edições ASA.
- BOUDON, RAYMOND ; BESNARD, PHILIPPE ; CHERKAoui, MOHAMED e LÉCUYER, BERNARD-PIERRE (1990), *Dicionário de Sociologia*, (Trad. António J. P. Ribeiro), Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- CAMPOS, BÁRTOLO PAIVA (2002), “Professores num contexto de mudança: Profissionais do ensino em escolas autónomas”, in CARNEIRO, ROBERTO et al. (eds.), *O futuro da educação em Portugal, tendências e oportunidades: Um estudo de reflexão prospectiva (Vol. IV - As dinâmicas dos actores)*, Lisboa, DAPP.
- CANOTILHO, J.J. GOMES e MOREIRA, VITAL (2005), *Constituição da República Portuguesa – Lei do Tribunal Constitucional*, Legislação, Coimbra, Coimbra Editora.
- CASTRO, FÁTIMA V. (2008), *A Europa do Outro - A Imigração em Portugal no Início do Século XXI: Estudo do Caso dos Imigrantes da Europa de Leste no Concelho de Vila Viçosa* (Dissertação de Mestrado em Estudos sobre a Europa apresentada na FLUC), Lisboa, ACIDI.
- CORREIA, SOFIA (2007), *Capital social e comunidade cívica, o círculo virtuosos da cidadania – Aplicação do Modelo de Putnam aos residentes do Bairro de Caselas*, Lisboa, ISCSP.
- COUTO, CÉLIA e ROSAS, MARIA, (2006), *O tempo da História*, História A, 12º ano, Porto, Porto Editora.
- CUNHA, NORBERTO (Coord.) (2006), *Europa – Globalização e Multiculturalismo – Actas dos Encontros de Outono, 19 e 20 de Novembro de 2004*, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão/Museu Bernardino Machado, Vila Nova de Famalicão, Editora Ausência.

- DACOSTA, FERNANDO (1984), *Os retornados estão a mudar Portugal*, Cadernos de Reportagem, Lisboa, Relógio d'Água Editores, Lda.
- DIONÍSIO, ELSA A. (2007), *Políticas Locais e Acção Colectiva dos Imigrantes da Europa de Leste no Concelho de Lisboa* (Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais apresentada na UA), Lisboa.
- FONSECA, M^a LUCINDA (2005), *Reagrupamento Familiar e Imigração em Portugal*, Lisboa, ACIDI.
- GIDDENS, ANTHONY (2004), *Sociologia* (Tradução), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- GÖKAY, BÜLENT (2002), *A Europa de Leste, do início da queda à actualidade*, Mem Martins, Inquérito.
- GOMES, RUI MACHADO (2001), “As tecnologias de governo do eu e a escola (1974-1991)”, in *Sociologia - Problemas e Práticas*, N.º 37, Oeiras.
- GOUVEIA, ADELINA e SOLLA, LUISA (2004), *Português Língua do País de Acolhimento*, Lisboa, ACIME.
- KARTSOV, A. TROÍTSKI et al. (1981), *Resumo da História da U.R.S.S.*, Moscovo, Edições Progresso.
- KIENTZ, ANNETTE (1983), *As insubstituíveis avós*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- LESSARD-HÉBERT, M., GOYETTE, G. e BOUTIN, G. (2005), *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*, Coleção Epistemologia e Sociedade, Lisboa, Instituto Piaget.
- LOPES, JOÃO TEIXEIRA (2000), “Em busca de um lugar no mapa – Reflexões sobre políticas culturais em cidades de pequena dimensão”, in *Sociologia – Problemas e Práticas*, N.º 34, Oeiras.
- MAÇARICO, EMÍLIA, CHABY, HELENA e SANTOS, MANUELA (2001), *História e Geografia de Portugal*, 6º ano, Lisboa, Texto Editora.
- MACHADO, FERNANDO L. (1997), “Contornos e Especificidades da Imigração em Portugal”, in *Sociologia – Problemas e Práticas*, N.º 24, Oeiras.

- MALHEIROS, JORGE e LETRIA, PEDRO, (1999), *Á descoberta de novos descobridores*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, AML.
- MARABINI, JEAN et al. (1966), *Le Dossier Russie – de l’empire des tsars à l’U.R.S.S.* Verviers, Éditions Gérard & C°.
- MARQUES, A. H. de OLIVEIRA (1995), *Breve História de Portugal*, Lisboa, Editorial Presença.
- MARTINS, ANTÓNIO S. (2008), *A escola e a escolarização em Portugal – Representações dos imigrantes de Leste*, Lisboa, ACIDI.
- PEREIRA, INÊS (2002), “Identidades em rede – Construção identitária e movimento associativo”, in *Sociologia – Problemas e Práticas*, N.º 40, Oeiras.
- PERISTA, PEDRO (2004), “Imigrantes de Leste na Área Metropolitana de Lisboa – Novos Fluxos, Novos Perfis?” in *Cidades – Comunidades e Territórios*, N° 9, Lisboa.
- PEROTTI, ANTÓNIO (2003), *Apologia do Intercultural – Coleção Intercultural*, 2ª ed., Lisboa, Secretariado Entreculturas – Presidência do Conselho de Ministros – Ministério da Educação.
- PIRES, RUI PENA (2003), *Migrações e Integração*, Oeiras, Celta.
- PIRES, SÓNIA (2009), *A segunda geração de imigrantes em Portugal e a diferenciação do percurso escolar – Jovens de Origem Cabo-verdiana versus Jovens de Origem Hindu-indiana*, Lisboa, ACIDI.
- PORTES, ALEJANDRO (2000), “Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea” in *Sociologia – Problemas e Práticas*, N° 33, Oeiras.
- PORTES, ALEJANDRO (2004), “Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante” in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, N° 69, Coimbra.
- QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, LUC VAN (2008), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva Editora.
- RAPOSO, NICOLAU, BIDARRA, M. GRAÇA e FESTAS, M. ISABEL (1998) – *Dificuldades de desenvolvimento e aprendizagem*, Lisboa, Universidade Aberta.

ROCHA-TRINDADE, M. BEATRIZ (1995), *Sociologia das Migrações*, Lisboa, Universidade Aberta.

ROCHA-TRINDADE, M. BEATRIZ (org.) (2009), *Migrações, Permanências e Diversidades*, Biblioteca de Ciências Sociais/Plural, 11, Porto, CEMRI e Edições Afrontamento.

SANTOS, BOAVENTURA SOUSA (org.) (2001), *Globalização: Fatalidade ou utopia*, Coleção A sociedade portuguesa perante os desafios da globalização, Porto, Edições Afrontamento.

SATALECKA, MALGORZATA (2011), *A resposta do Estado às barreiras linguísticas dos imigrantes. O caso português*. (Dissertação de Mestrado em Migrações, Inter-eticidades e Transnacionalismo apresentada na FCSH), Lisboa, FCSH.

SEF (2000), Estatísticas, Lisboa, Ministério da Administração Interna (Núcleo de Planeamento).

SEF (2001), Estatísticas, Lisboa, Ministério da Administração Interna (Núcleo de Planeamento).

SEF (2002), Relatório Estatístico, Lisboa, Ministério da Administração Interna (Núcleo de Planeamento).

SEF (2003), Relatório Estatístico, Lisboa, Ministério da Administração Interna (Núcleo de Planeamento).

SEF (2004), Relatório Estatístico, Oeiras, Departamento de Planeamento e Formação (Núcleo de Planeamento).

SEF (2005), Relatório Estatístico, Oeiras, Departamento de Planeamento e Formação (Núcleo de Planeamento).

SEF (2006), Relatório de Actividades - Imigração Fronteiras e Asilo, Oeiras, Departamento de Planeamento e Formação (Núcleo de Planeamento).

SEF (2007), Relatório de Actividades - Imigração Fronteiras e Asilo, Oeiras, Departamento de Planeamento e Formação (Núcleo de Planeamento).

SEF (2008), Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo, Oeiras, Departamento de Planeamento e Formação (Núcleo de Planeamento).

SEF (2009), Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo, Oeiras, Departamento de Planeamento e Formação (Núcleo de Planeamento).

SEF (2010), Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo, Oeiras, Departamento de Planeamento e Formação (Núcleo de Planeamento).

SEF (2011), Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo, Oeiras, Departamento de Planeamento e Formação (Núcleo de Planeamento).

SILVA, M. CARMO e GONÇALVES, CAROLINA (2011), *Diversidade linguística no Sistema Educativo Português – Necessidades e práticas pedagógicas nos Ensinos Básico e Secundário*, Lisboa, ACIDI.

SOULET, JEAN-FRANÇOIS (2009), *História da Europa de Leste, da Segunda Guerra Mundial aos nossos dias*, Lisboa, Teorema.

SOUSA, JOSÉ (2008), *Os imigrantes ucranianos em Portugal e os cuidados de saúde*, Lisboa, ACIDI.

STOER, STEPHEN R. e CORTESÃO, LUIZA (1999), *Levantando a pedra – Da pedagogia Inter/Multicultural às Políticas Educacionais numa época de Transnacionalização*, Biblioteca das Ciências do Homem, 12, Santa Maria da Feira, Edições Afrontamento.

VALA, JORGE (2009), *Podemos viver sem o outro? As possibilidades e os limites da interculturalidade*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Tinta da China.

VIEIRA, RICARDO (1999), *Histórias de vida e identidades – Professores e Interculturalidade*, Biblioteca de Ciências do Homem, Porto, Edições Afrontamento.

VUJICIC, NICK (2011), *Vida sem limites*, Cadernos de sempre, Alfragide, Leya.

6. SÍTIOS DA INTERNET CONSULTADOS

<http://imigrantes.no.sapo.pt>

<http://sefstat.sef.pt/relatorios.aspx>

<http://ucraniaonline.blogspot.pt>

<http://www.acidi.gov.pt>

<http://www.dgeec.mec.pt>

<http://www.dgidc.min-edu.pt>

<http://www.dhe.pt>

<http://www.drel.min-edu.pt>

<http://www.eur-lex.europa.eu/pt/index.htm>

<http://www.gave.min-edu.pt>

<http://www.janusonline.pt>

<http://www.oecd.org>

<http://www.oi.acidi.gov.pt>

<http://www.portugal.gov.pt>

<http://www.sef.pt>

<http://www.spilka.pt>

<http://www.ukremigrantpt.ipsys.net>

7. ANEXOS

7.1. GUIÃO DE ENTREVISTA



IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

NÚMERO:

DATA:

HORA:

LOCAL:

CONDIÇÕES EM QUE SE REALIZA:

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES:

DURAÇÃO: Para esta entrevista foi estimada uma duração aproximada de 50 minutos.

OBJECTIVOS GERAIS: O intuito principal desta entrevista é o de tentar averiguar, em termos concretos, as condições de integração dos jovens ucranianos no Sistema de Ensino Público em Portugal, as dificuldades existentes e a forma de as superar.

NOTA: Esta entrevista não é obrigatória, todavia, a sua/tua opinião é muito importante na tentativa de podermos melhorar o ensino para estrangeiros em Portugal. Agradeço, desde já, a sua/tua colaboração. Para assegurar o rigor da análise dos dados recolhidos é desejável proceder à gravação áudio desta entrevista. Tudo o que disser/es será estritamente confidencial, pois os dados identificativos serão codificados.

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Sexo do indivíduo, nome (alterado à posteriori para manter o anonimato), data de nascimento, naturalidade (localidade), nacionalidade, data de chegada a Portugal, freguesia da actual residência, contacto mais acessível (omisso).

FILIAÇÃO:

IDENTIFICAÇÃO DO PAI

Nome (alterado à posteriori para manter o anonimato), data de nascimento, naturalidade (localidade), nacionalidade, data de chegada a Portugal, freguesia da actual residência, habilitações académicas/profissionais, profissão/actividade actual.

IDENTIFICAÇÃO DA MÃE

Nome (alterado à posteriori para manter o anonimato), data de nascimento, naturalidade (localidade), nacionalidade, data de chegada a Portugal, freguesia da actual residência, habilitações académicas/profissionais, profissão/actividade actual.

QUESTIONÁRIO-GUIA

1. Porque vieste para Portugal?
2. Vieste sozinho/a ou acompanhado/a? (Se acompanhado/a, por quem)
3. Até essa data, relata-me sinteticamente o teu percurso de vida/ a tua infância.
4. Como foi a tua chegada a Portugal? (Desenvolver vários aspectos: linguísticos, escolares, residenciais, relacionais, etc.)
5. Qual foi a tua primeira impressão deste país (pessoas, clima, etc.)? (Hoje manténs essa mesma opinião?)

6. Como te relacionas com a comunidade portuguesa (é fácil/difícil)?
(amizade/convívio)
7. Que relacionamentos tens com a comunidade do teu país de origem?
(amizade/convívio)
8. Quais as nacionalidades dos teus amigos em Portugal?
9. Tens facilidade em fazer conhecimentos/amigos portugueses? Porquê?
10. Sentes-te integrado na sociedade portuguesa? (respeitado/aceite/recebido... de que forma?)
11. Em que ano/escola integraste o ensino em Portugal?
12. Como te sentes/sentiste integrado no Sistema de Ensino em Portugal? Porquê?
13. Quais pensas serem as principais características dos alunos ucranianos?
14. A Língua Portuguesa foi/tem sido para ti um obstáculo no que respeita ao processo de ensino/aprendizagem? Porquê?
15. Quais as maiores dificuldades que sentes/sentiste, em geral, no que respeita ao processo de ensino/aprendizagem? Porquê?
16. De que forma tentas/ou tentaste ultrapassar esses obstáculos?

17. Que apoio tiveste/ tens tido para superar as dificuldades no âmbito escolar? (de: professores, colegas, auxiliares, familiares, etc.)

18. Estás satisfeito/a com a sociedade portuguesa em geral? Porquê?

19. Estás satisfeito/a no que respeita às Instituições de Ensino em Portugal? Porquê?

20. Como achas que poderia ser para melhor?

21. Em relação ao teu país de origem, quais são as principais diferenças/semelhanças a apontar no que respeita ao Sistema de Ensino?

22. Qual o grau de confiança nos colegas em Portugal? (de 1 a 3)

1 Forte

2 Médio

3 Fraco

Porquê? _____

23. Qual o grau de confiança nos professores em Portugal? (de 1 a 3)

1 Forte

2 Médio

3 Fraco

Porquê? _____

24. O que pensas sobre as nossas Políticas Educativas em geral?

25. O que pensas sobre as Políticas Educativas de Inserção em Portugal?
26. Que soluções aponta/s no sentido de conseguir uma melhor integração no sistema de ensino em Portugal?
27. O que pensas que poderá melhorar o Ensino para Estrangeiros na escola pública em Portugal? (as políticas educativas, as instalações, os professores, o pessoal auxiliar, os métodos pedagógicos, os programas, os horários, etc.)
28. De que forma o teu percurso escolar é/foi importante para a tua vida socioprofissional futura?
29. Qual é a tua situação académica/profissional neste momento? Fala-me um pouco desse/s aspectos da tua vida.
30. Quais são os teus sonhos para o futuro em Portugal? (ao nível escolar/académico, profissional, outros)
31. Pensas voltar em definitivo para o teu país de origem? Porquê?

OBRIGADO/A

ATÉ BREVE

NOTA: Esta entrevista foi gravada e transcrita integralmente com a autorização expressa do/a entrevistado/a.

7.2. ENTREVISTAS

IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTA Nº 1

DATA: 23/03/2012

HORA: 11.30h

LOCAL: Sala dos Professores - Centro de Alto Rendimento – Estádio Nacional

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Sexo: Feminino;

Nome: Natalyia Dolinka;

Data de nascimento: 09/12/1992;

Naturalidade: Ucrânia – Kiev;

Nacionalidade: Ucrainiana;

Data de chegada a Portugal: 2002

Freguesia da actual residência: Paço de Arcos;

Contactos: (omissos)

IDENTIFICAÇÃO DO PAI

Nome: Igor Dolink;

Data de nascimento: 12/02/1969;

Naturalidade: Ucrânia –Cherkase;

Nacionalidade: Ucrainiana;

Data de chegada a Portugal: 2000;

Freguesia da actual residência: Paço de Arcos;

Habilitações académicas/profissionais: Engenheiro electrotécnico;

Profissão actual: Funcionário/operário

IDENTIFICAÇÃO DA MÃE

Nome: Mariya Dolinka;

Data de nascimento: 19/04/1971;

Naturalidade: Ucrânia –Vaselkiv;

Nacionalidade: Ucrainiana;

Data de chegada a Portugal: 2001

Freguesia da actual residência: Paço de Arcos;

Habilitações académicas/profissionais: Curso Superior de Contabilidade;

Profissão actual: Empregada doméstica

ENTREVISTA

1 – Eu vim para Portugal porque os meus pais vieram trabalhar para Portugal e trouxeram-me.

2 – Eu vim com a minha mãe que foi buscar-me.

3 – Até que vim para Portugal vivia com os meus avós da parte da minha mãe visto que tinha melhores relações com eles e que eles tinham mais condições do que os meus avós da parte do meu pai. A escola era ao final da rua. Adorei a experiência. Andei no infantário e nas primeiras classes da escola (desde o primeiro ao quarto ano). Tinha uma vida normal de criança. Brincava e estudava.

4 – A minha chegada a Portugal e o meu relacionamento com os portugueses foi bastante bom pois os portugueses (colegas de escola, vizinhos) ajudaram muito na minha integração. Fui muito auxiliada pelos colegas da escola na aprendizagem da língua. Quando não sabia determinadas palavras eles explicavam-me por gestos ou em Inglês pois quase todos víamos filmes e sabíamos algumas palavras e comunicávamos assim. Para mim, a chegada a Portugal abriu muitas coisas novas que nunca tinha experimentado na Ucrânia, por exemplo tomar Coca-Cola e comer no McDonald. Nós vivíamos numa casa muito pequenina.

5 – As primeiras impressões do clima foram muito boas. Adorei o clima. Cheguei em Agosto e era Verão, estava agradável. Não senti demasiado calor pois o Verão na

Ucrânia também é quente. Em relação às pessoas eram muito simpáticas, cordiais e abertas, no meu país não é assim. Ainda hoje acho o mesmo sobre as pessoas mas a minha opinião sobre o clima mudou pois mudei de cidade, agora gosto ainda mais porque vim para esta zona (AML).

6 – Eu com a comunidade portuguesa não me dou muito, só com os meus professores ou com os amigos aqui do atletismo. O meu relacionamento com os portugueses é muito bom mas dou-me mais é com pessoas de origens africanas, até mesmo na escola eu era a única branca.

7 – Com a comunidade do meu país de origem não tenho muitas relações. Não convivo muito com os meus compatriotas. Nós estamos dispersos, nós não temos... por exemplo os indianos têm uma comunidade cá, a igreja e essas coisas todas e estão lá todos juntos, nós não temos nada disso. Eu conheço uma pessoa, depois passado um mês é que conheço outra mas assim muitas amizades não. Os que eu conheço é o N..... porque é daqui do desporto e os que andavam na minha escola, porque andávamos todos na escola e claro que nos conhecíamos e convivíamos.

8 – As nacionalidades dos meus amigos em Portugal são principalmente de: Angola, S. Tomé e Príncipe e Cabo Verde.

9 – Desde o básico que comecei a ter amigos africanos e não tenho possibilidade de fazer novos amigos porque para mim amigos é mesmo amigos não é só conhecidos. Portanto amigos, amigos portugueses não tenho. Eu acho que se não fosse esse seguimento de amizades com os meus colegas e eu tivesse que fazer amigos portugueses eu tinha-os, sem problema. Eu tenho facilidade em fazer amigos Portugueses, não tenho é tempo para tal. Agora na faculdade... Entre o desporto e a Faculdade ando sempre a correr de um lado para o outro durante a semana e, aos fins-de-semana ou é para treino, ou é para prova ou tenho que estudar, então fico em casa. Na faculdade é outra história... Aqui nos treinos há um colega meu que chama-se E... e nós andamos na mesma faculdade e na mesma turma e agora somos os melhores amigos. E ele também é africano. Saímos do treino muito apressados para a faculdade, chegamos atrasados, entramos na sala muito rápido os dois juntos, sentamos, ouvimos, saímos, vamos rápido almoçar, vamos rápido para a outra aula porque já estamos outra vez atrasados e apanhar o autocarro e vamos para casa, portanto o relacionamento com os colegas é muito pouco, mas... dou-me muito bem com eles.

10 – Sinto-me muito bem integrada na sociedade portuguesa porque sempre fui muito bem recebida e respeitada, nunca senti hostilidade da parte dos portugueses. Quando era criança, às vezes alguns colegas gozavam comigo mas, são coisas de crianças e eu não ligava.

11 – Eu comecei a estudar em Portugal no 5º ano, numa escola da Maia (Porto).

12 – Na Ucrânia e nos países de Leste tudo é muito diferente de Portugal. Por exemplo, na forma como os alunos falam e reagem para os professores, os trabalhos de casa na

Ucrânia não são só uma questão, são muitos, são muito mais, fica-se duas horas a fazer os trabalhos de casa. Em relação aos professores, cá as aulas são dadas de uma maneira muito mais descontraída, não há pressão, o professor explica e ouve o que o aluno diz e lá não. Os alunos não podem estar a fazer barulho nenhum porque são castigados e tudo depende muito de como os alunos se comportam e os alunos já sabem que isso pesa muito na nota final, cá não. Mas senti-me integrada, eu integrei-me logo no ensino porque era um bocadinho mais fácil, por exemplo, no primeiro período tive negativa a todas as disciplinas menos a Educação Física, Matemática e Inglês. Sempre fui boa aluna em Desporto, em Matemática eu estava mais avançada e Inglês eu também gostava. Logo, desde o início das minhas aulas em Portugal senti-me integrada, tendo dificuldades só no Português. Mas no Português devo muito ao meu pai que me ajudou, ele teve formação de Português a Estrangeiros e tinha gramáticas. Pois, de resto, a escola portuguesa é muito acessível. Os professores eram muito flexíveis e compreensivos no meu caso. Achei que o sistema de ensino em Portugal é muito integrador e acessível.

13 – Acho que são muito mais trabalhadores e dão mais valor ao ensino e à escola e sabem que têm que ter mais respeito pelos professores. Têm mais objectivos.

14 – Não, a Língua Portuguesa não tem sido muito difícil, foi só no primeiro ano e, mesmo assim, só no primeiro período. Depois já não tive negativas. Mas tenho algumas dificuldades com a gramática portuguesa e na ortografia. Há algumas palavras que ainda não consigo entender como se escrevem ou como se usam. Quando cá cheguei, com a ajuda dos meus colegas aprendi rápido e o meu pai dava-me muito trabalho para eu fazer, deixava-me todos os dias uma grande lista de palavras para eu procurar no dicionário e escrever. A comparação do alfabeto... também já tinha uma noção por ver os filmes ocidentais.

15 – As minhas maiores dificuldades tinham a ver com o saber da gramática pois acho que não foi muito bem dada na escola e é muito importante. Por exemplo, as aulas de revisão eram dez (10) minutos e eu precisava de mais. Na minha opinião, esse foi um grande entrave na minha aprendizagem.

16 – Consegui aprender porque comprei uma gramática, tive aulas de apoio e leio muitos livros.

17 – No âmbito escolar tive aulas de apoio e alguns dos meus colegas ajudaram-me na compreensão.

18 – Sim, em geral sim mas eu fui criada de outra maneira, com outra educação. Mas há alguns aspectos que não consigo compreender e que para mim são errados, por exemplo, as faltas de educação cometidas pelos alunos nas aulas. O professor aqui não é nada, para mim isso era um choque!

19 – Na minha opinião, acho que no geral está bom mas que se podiam mudar alguns aspectos. O que está menos bom é a questão da entrada dos alunos para as faculdades,

deveria de haver um maior acesso ao ensino superior. No meu país todos podem ir fazer um curso superior no ensino normal. Outra coisa é as bolsas, eu acho que não sei como são dadas pois muitas vezes dão as bolsas a alunos que se vê que não precisam assim tanto e outros que necessitam mesmo não têm bolsa para poderem estudar.

20 – Se calhar, deviam haver mais programas para ajudar os alunos e deviam abrir mais vagas.

21 – Há muitas diferenças, por exemplo a mentalidade é diferente, nós somos ambiciosos enquanto vocês são mais brandos e calmos, mais amigáveis até. Em relação às instituições cá há muito mais oportunidades de vida, cultura, lazer. No meu país é mais complicado, é preciso trabalhar mais e “sobreviver”.

22 – Talvez o **médio** porque não tenho muita experiência em convívio com os portugueses.

23 – Em relação aos professores é um grau **forte** porque tive sempre apoio moral e escolar da parte dos professores.

24 – Acho que são boas em geral.

25 – São muito boas pois existem imensos programas e apoios.

26 – Na minha opinião, acho que podia-se fazer mais visitas aos Centros Culturais e a Portugal para conhecer melhor o país, a gastronomia e os hábitos e também mais programas de ensino.

27 – Acho que podia-se investir mais no desenvolvimento dos estrangeiros nas zonas rurais.

28 – Ajuda-nos muito na integração da vida profissional. Como nos vamos relacionar com os nossos colegas de trabalho. Todas as disciplinas que tivemos na escola ajudam a entender o mundo que nos rodeia dia-a-dia. Acho que a escola é uma ajuda e ferramenta básica para a vida adulta, no mundo do emprego e na vida pessoal.

29 – Estou no 1º ano da Faculdade - Curso de Ciências Políticas e Relações Internacionais.

Ando no 1º ano da faculdade, gosto imenso de andar na faculdade, de andar nas aulas, de coisas novas, pessoas novas, aprender coisas novas. Espero acabar o meu curso e ter emprego na minha área ou algo relacionado.

30 – Queria conjugar o meu desporto e a minha vida profissional, espero ter um trabalho na área da política ou algo relacionado com isso.

31 – Voltar... não sei. Gostava de conjugar o trabalho em Portugal e na Ucrânia. Ter relações com ambos os países.

IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTA Nº 2

DATA: 29/03/2012

HORA: 16.30h

LOCAL: Tapada da Mercês – C.C. Floresta

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Sexo: Feminino;

Nome: Catarina Nikolov;

Data de nascimento: 21/03/1995;

Naturalidade: Ucrânia – Micolaev;

Nacionalidade: Ucrainiana;

Data de chegada a Portugal: 04/04/2004

Freguesia da actual residência: Mercês;

Contactos: (omissos)

IDENTIFICAÇÃO DO PAI

Nome: Volodymyr Nikolov;

Data de nascimento: 20/08/1972;

Naturalidade: Ucrânia – Micolaev;

Nacionalidade: Ucrainiana;

Data de chegada a Portugal: 2001;

Freguesia da actual residência: Mercês;

Habilitações académicas/profissionais: Comandante de Polícia;

Profissão actual: Soldador

IDENTIFICAÇÃO DA MÃE

Nome: Yulia Nikolov;

Data de nascimento: 01/03/1975;

Naturalidade: Ucrânia – Ternopil;

Nacionalidade: Ucrainiana;

Data de chegada a Portugal: 2003;

Freguesia da actual residência: Mercês;

Habilitações académicas/profissionais: Curso Profissional de Engenharia Alimentar;

Profissão actual: Empregada doméstica

ENTREVISTA

1 – Eu vim para Portugal porque os meus pais tiveram que vir para cá porque lá tínhamos uma vida muito complicada em termos financeiros. A Ucrânia naquela altura vivia dificuldade. Inicialmente foi o meu pai que veio para Portugal, em 2001, e depois foi a minha mãe porque ela vivia lá e ele vivia cá e era difícil. E a minha mãe veio para cá para lhe ajudar também. E passados três anos também vim cá eu porque a vida sem os meus pais foi muito difícil e eu vivia lá com a minha avó e os meus pais decidiram ir buscar-me para vir ficar aqui ao pé deles.

2 – Eu vim com a minha mãe. A minha mãe foi-me buscar.

3 – Até essa altura vivia com a minha avó materna, ela é mais é madrinha porque a mãe da minha mãe faleceu quando ela era pequenina, tinha 12 anos. E eu vivi com a madrinha dela, pode ser com a minha avó, ela criou-me desde pequenina. Claro que gostei, vivia na aldeia, vivi lá três anos, era a melhor aluna da escola, nunca tive problemas de integração na escola, com os colegas e gosto muito de voltar lá porque a aldeia é muito bonita e traz-me sempre muito boas recordações.

No início era pequenina, tinha seis anos, e não reparei muito bem que os meus pais estão ausentes, mas depois, com o passar do tempo notei a ausência dos meus pais, tornou-se mais difícil, porque nada consegue substituir os pais. E eu tinha saudades principalmente do meu pai porque eu estava sempre com ele. A minha mãe ia trabalhar, o meu pai passava mais tempo comigo e senti muitas saudades dele durante os três anos.

4 – Eu vim cá numa Sexta-feira à noite, viemos de autocarro, com a minha mãe. Foi três dias, atravessámos a Europa toda. Foi muito bom porque vi o meu pai finalmente, não é? Mas o meu pai inscreveu-me na escola logo na Segunda-feira. Portanto só estive cá o

fim-de-semana e depois fui logo para a escola. Foi muito difícil porque olhei para as crianças e não conhecia ninguém e nem sabia o que estavam a falar. Foi um bocadinho difícil a integração, eles não brincavam comigo porque eu era estrangeira e não os percebia e metiam-me à parte. Mas depois tive uma professora que foi um espectáculo comigo, ajudou-me, ficava sempre comigo depois das aulas. Ensinou-me a ler e a escrever e foi mais fácil a partir do 4º ano porque eu passei o Verão todo, do 3º até ao 4º ano a estudar. O meu pai ajudou-me a ler mais e a escrever e no 4º ano comecei a falar bem o Português e, à partida nunca tive mais dificuldades, começaram a brincar mais comigo, é evidente, comecei-me a integrar mais. Não me lembro muito bem porque foi há muitos anos. Daquilo que me recordo mais é que o meu pai comprava-me brinquedos de animais e depois colava com uma espécie de etiqueta com os nomes dos animais em Português e depois perguntava-me sempre “Como é que se chama este animal?” e “Como é que chama-se o outro?” e depois também o que me ajudou a fixar mais as palavras foi a televisão portuguesa, os canais para crianças têm a base da Língua e o que se fala com palavras mais simples e foi aí que eu aprendia a falar mais Português.

O alfabeto... O que me ajudou ali foi o facto de na Ucrânia, desde o 1º ano aprende-se Inglês e as letras são iguais algumas nem por isso. Eu sabia Inglês e eu nem sei explicar como é que eu aprendi o Português porque foi assim tão... foi... não me lembro muito bem como é que consegui. Só me lembro mesmo é que o meu pai comprava-me os brinquedos para eu aprender.

5 – Achei muito esquisito porque nós saímos de lá era Inverno e aqui era muito bom tempo, foi a primeira coisa que me lembro. Foi em Abril e lá era Inverno, por exemplo lá nesta altura está a nevar. E foi um choque porque aqui estava muito calor e as pessoas estavam de t-Shirt enquanto eu cheguei de lá e estava com um casaco quente, foi logo a primeira coisa que me chocou. Depois as pessoas são diferentes, a maneira de vestir, os modos de se relacionarem, vi pessoas de outra cor. As pessoas aqui são mais calmas, porque no meu país são mais problemáticas, gritam mais, falam mais alto, têm muito stress. São muito complicadas... aqui as pessoas são mais calmas mais... no sentido de... calma!... Tudo se vai resolver! São mais calmas. E depois é a primeira vez que eu vi as pessoas de cor. Acho que (na Ucrânia) agora já há mais mas na altura eu nunca tinha visto uma pessoa de outra cor. Eu quando vi... o meu pai disse, não te assustes filha, é normal, são outras pessoas mas são iguais a nós só que são de outra cor.

6 –É fácil! Foi muito fácil desde o momento em que eu comecei a falar o Português, arranjei muitos amigos no 6º ano até houve colegas meus que iam para a minha casa para eu estar a estudar com eles. Estudávamos História porque tínhamos dificuldades... Foi muito fácil, arranjei muitos amigos, nunca tive problemas em termos de integração também
nunca
ande
à ”porrada!” nem nada disso. Foi muito fácil e gosto muito dos portugueses, acho que são uma comunidade que ajuda aos estrangeiros a adaptar-se.

7 – Agora temos Internet, não é? É mais fácil falar com os meus colegas e eu continuo a falar com os meus amigos de infância daqueles que eu tinha na 1ª, 2ª e 3ª classe,

continuo a falar com a minha avó e com todos. Cá também... falamos pela internet e tenho três amigas minhas que são da minha cidade e que vivem no prédio mesmo ao meu lado.

8 – Tenho amigos da África, da Índia, do Brasil, da Inglaterra e acho que é só... Ah! E da Espanha.

9 – Sim, sem problema.

10 – Sim, sim, sem dúvida. Portugal recebeu-me bem a mim e aos meus pais. Abriram sempre, como se diz, as portas. Temos acesso a tudo... no que diz respeito ao ensino... a tudo... nunca houve problemas.

11 – Eu comecei a estudar em Portugal no final do 6º ano.

12 – Foi... foi muito giro porque o ensino cá é muito diferente de lá. Por exemplo, no que diz respeito também às férias, cá são muito diferentes, nós começamos a escola lá a 01 de Setembro e cá a 19 ou 20... as férias são diferentes e depois os professores mudam todos os anos. No meu país é o professor que, se acompanha na 1ª classe, é até ao 12º ano na mesma disciplina. Nunca muda, muito raramente, só se acontecer alguma coisa com o professor é que muda. E achei um bocadinho estranho, é claro, que cá a maneira de os professores darem as aulas é diferente, é mais interactiva, há mais coisas, porque é óbvio que lá na aldeia nós não tínhamos nem computadores, não tínhamos tantas coisas... cartolinas de cores, só tínhamos cartolinas brancas, os livros não tinham cores, era tudo a preto e branco, e raramente havia imagens, era só texto, texto, texto, enquanto que aqui é imagens, imagens, imagens. Aqui é mais interactivo, lá o ensino é mais rigoroso, muito mais rigoroso. Nós, por exemplo, desde o 1º ano temos Biologia, é claro que não é uma Biologia como aqui se dá no 12º ano, é Biologia simples mas é Biologia na mesma... Físico-química, Matemática, Inglês e o professor é sempre o mesmo que dá desde o mais básico até ao final dos estudos, acompanha da 1ª classe até ao 12º ano. Depois tem outros alunos mas normalmente acompanha desde a 1ª classe até à saída da escola. Aqui eu não sabia, ninguém me avisou disso até ao 4º ano sempre era a mesma pessoa mas no 5º ano tinha vários professores e... mudou do 5º para o 6º ano e eu não tinha conhecimento disto e foi esquisito para mim. Quando mudava de um lado para o outro sentia, mas nunca tive problemas com os professores... sentia uma grande diferença a algumas disciplinas, até pelo modo como davam as aulas e, até agora, tenho essa dificuldade de me adaptar aos professores, alguns. Eu acho isso um bocadinho mau cá em Portugal, é essa mudança de um ano para o outro de professores porque o aluno habitua-se a um professor, à maneira como ele dá as aulas, à maneira como ele ouve, como explica e depois, para o outro ano já é outra professora e é um bocadinho difícil adaptar-me, mas pronto! Temos que nos habituar a isso.

13 – São trabalhadores, muito trabalhadores, são respeitosos, respeitam muito o professor. Na sala de aula aqui é muito diferente o comportamento, aqui os alunos são mais rebeldes, vá! São mais rebeldes, não respeitam tanto o professor, o que ele é, é o mais importante na sala de aula. Respondem mais, sabemos perfeitamente. Lá é tudo

com mais rigor, é mais respeitoso, somos muito mais educados, não estou a falar de todos, não é verdade? Também há exceções. Mas normalmente é assim.

14 – Não, não, não... acerca da aprendizagem... o Português, eu espero bem, sim, que o ensino vá-me abrir as portas para o futuro e para o ensino superior. Acho que não, não é obstáculo para mim, até pelo contrário, tem-me ajudado bastante. À parte a fase inicial, não tive mais problemas... E tive uma professora que era um espectáculo, logo do início lançou-me um potencial enorme de aprendizagem e eu consegui captar muita coisa logo ali, desde pequenina, eu sou uma boa aluna, nunca tive negativas e considero isso bom.

15 – Nenhuma.

16 – Quando não percebia alguma coisa eu pegava logo no dicionário e tentava procurar a palavra para ver se percebia, senão, perguntava à minha mãe ou ao meu pai... aos meus amigos, mas nunca tive muitas dificuldades.

17 – A minha mãe, no 5º ano, meteu-me numa academia de estudo, estive lá um ano, era uma professora que agora acho que já acabou o doutoramento, foi um espectáculo porque ela orientou-me durante um ano como é que eu tenho que estudar. Habitou-me a estudar mesmo! Chegava lá, fazia os trabalhos de casa e ela sabia que eu era estrangeira e que tinha muitas dificuldades naquela altura ainda e ela dava-me gramática, texto, passar texto, ler, ler, ler e depois explicar o que é que aconteceu... depois ela dava-me muitas palavras para eu escrever, foi também uma grande ajuda. Eu ia buscar os significados... ela mandava-me do texto, mas se havia uma palavra que eu não percebia... tinha um caderno mesmo onde apontava a palavra e escrevia o significado, era uma espécie de “O meu dicionário”.

18 – Sim. Bom... porque nunca tive problemas, nunca foram arrogantes comigo, foram sempre simpáticos, nunca tive problemas com os portugueses, nunca! Até agora, Graças a Deus!

19 – Sim, aqui eu acho que não estou muito de acordo com o ensino porque, aí está, deviam começar a ensinar, por exemplo, o Inglês. Eu acho que é fundamental, podia ser logo na 1ª classe. E acho que alguns alunos, por exemplo, têm muitas negativas em Portugal, não é? Eu acho que deviam ter o Inglês essencial e devia ser logo da 1ª classe, logo! E não a partir do 5º ano, porque a partir do 5º ano é aquela altura em que o aluno passa da primária para o básico e é aquela mudança grande que vai para a escola dos grandes e não ligam tanto à escola, alguns, e acho que devia-se rever aqui um bocadinho mais o modo de ensinar.

20 – Para já, devia ter mais professores, acho que devia haver muitos mais professores. O problema é que eles não utilizam bem os professores. Por exemplo, na minha escola eu não tenho professor porque não há professor apesar de que há muitos professores no desemprego. Eu não sei como é que isso acontece cá em Portugal!

Acho que a percentagem de alunos que falam Inglês devia aumentar porque logo desde pequenino é que aprendem a falar a Língua, é mais fácil.

21 – As diferenças são grandes, não é? Logo desde o modo de estar nas aulas, as disciplinas em si, é tudo diferente, não é? Lá nós somos criados com mais pormenor, com mais dificuldade, com mais garra, vá! Os pais preocupam-se muito mais com os seus filhos do que aqui. Eu aqui não vejo tanta preocupação em alguns dos pais. Por exemplo, eu tenho uma amiga minha que a mãe... ela já chumbou várias vezes, já está a fazer a Matemática há dois anos, do 12º, e a mãe dela diz “não sei se ela passa, eu acho que não passa”. Os pais, os próprios pais, não têm confiança, não têm fé que o seu filho consiga, de facto, superar as dificuldades e, enquanto no meu país, os pais não... ligam mais! Têm mais atenção em não só fazer os trabalhos de casa que os professores mandam da escola, mas também estão interessados sozinhos no ensino do filho. Dão-lhe mais trabalhos, para além daqueles que mandam da escola. As coisas lá são muito diferentes, nós lá temos todos os dias trabalhos de casa e, atenção, que nós lá temos vinte e duas (22) disciplinas, enquanto que aqui são dez (10), doze (12) e só temos trabalho de casa em algumas disciplinas, ali há sempre. Nós lá temos trabalhos de casa a todas as disciplinas, todos os dias, desde pequeninos.

22 – É relativo porque tanto cá como lá há confianças que nem sempre são confianças. É bom, em geral eu consigo confiar em colegas mas que são portugueses, nunca me decepcionaram. É Forte.

23 – Muito bom. Nunca tive qualquer problema. Posso confiar na totalidade nos professores.

24 – Bom, é como nos outros países, há sempre que fazer o melhor, mas acho que se podiam esforçar um bocadinho mais. Podiam mudar um bocadinho mais, podiam investir mais nos alunos porque há muito pessoal que está desempregado, não é? A taxa do desemprego dos adolescentes está muito elevada cá em Portugal. E acho que podiam investir mais, não sei, não sei mesmo como, acho que podiam dar mais bolsas, podiam fazer mais projectos, mais palestras, qualquer coisa que investisse mais no pessoal porque é uma pena ver os adolescentes que estão desempregados e não podem fazer nada. É uma pena mesmo!

25 – Houve apoios para os estrangeiros que eu acho que já é muito bom. Cá em Portugal há sempre, sempre apoios ... há professores... eu tive na escola uma professora que era russa que dava apoio ao Português que eu acho que é uma maravilha! Ajudou-me muito. Acho que devia haver cada vez mais apoios, não é?

Os horários nem sempre são compatíveis e acho que deviam encontrar alguma forma de os horários estarem compatíveis com os apoios porque se existe esta dificuldade e este problema, no meu caso, é porque os apoios não são compatíveis com os horários. Nem sempre posso ir ao apoio porque estou a ter aulas nesta altura. Por exemplo, no meu país não há um aluno ter aulas às 8h da manhã às 8h da noite, que é o meu caso. É uma carga horária para um aluno horrível. Eu acho que, se diminuíssem um bocadinho as horas de alguma disciplina, ou de algumas disciplinas, eu acho que dava, tanto para o professor como para o aluno, ter um bocadinho de tempo para si próprio como também para

outras coisas. Eu não posso, por exemplo fazer dança ou fazer qualquer actividade porque não tenho tempo. Não tenho mesmo tempo! Não há tempo para nada!

26 – Eu acho que devia haver mais palestras para os alunos ucranianos, russos... do Leste com os portugueses para eles apontarem várias actividades que eles podem fazer com os portugueses também para se integrarem mais. Porque o aluno que é de Leste, e não é de agora, mas agora é mais difícil de integrar... o aluno que é de Leste é difícil de integrar numa comunidade, não só portuguesa mas também em outros países. Eu acho que devia haver mais palestras e não só, algumas outras coisas, que envolvessem os ucranianos e russos com os portugueses para integrarem mais um com o outro, para falar, para colocarem as impressões. O Desporto, ou até em termos de Ciência, porque a Ciência cá em Portugal está a evoluir e lá também. E acho que também podiam falar sobre isso porque acho que é interessante, não é? Encontrarem alguma coisa que seja comum e depois para falarem por e-mail ou por telefone, para se integrarem mais, acho que ajudava bastante.

27 – Acho que devia haver mais professores russos a falar o português porque eu conheço colegas meus que se foram embora cá de Portugal porque tinham dificuldades de se integrar cá na escola porque não tinham ajuda, não sabiam falar Português e as exigências agora cá são diferentes do que no básico. Acho que deviam haver mais professores russos para ajudar. Depois acho que mais nada porque os portugueses não podem fazer mais nada porque são impecáveis em tudo, ajudam muito, é tudo muito bom aqui, muito bom.

28 – Eu acho que foi muito interessante eu ter vindo cá para Portugal porque acho que abre mais portas para o meu futuro do que se eu estivesse lá na Ucrânia. Lá na Ucrânia não faz parte da União Europeia... não... não sei... é mais... as pessoas têm mais dificuldade para sair. Por exemplo, se eu acabasse lá a faculdade tinha mais dificuldade ou não tinha sequer possibilidade de ir para o estrangeiro estudar lá, só se for muito, mas muito bom, naquilo que faço. Cá em Portugal é mais fácil porque estando na União Europeia, acabar bem o curso, saber falar Português, Inglês e ter um diploma é mais fácil, abre mais portas para várias áreas, podes estar mais ligada com outro mundo.

29 – Eu agora estou no 11º ano em Ciências Farmacêuticas, para o ano tenciono acabar o 12º e depois quero entrar para o Ensino Superior. A minha grande vontade é continuar os estudos, não quero ficar só no 12º ano. Quero continuar a estudar visto que agora também estamos muito mal e escolhem sempre os melhores dos melhores, sabe? Temos que investir não só nas áreas da Farmácia mas agora eu também estou a fazer estudos paralelos, estou a estudar Matemática em casa, para mim, Matemática, Química, temos que investir em outras áreas porque acho que é muito bom termos uma continuação noutras áreas.

30 – Acabar a faculdade e, são seis (6) anos, quero muito acabar a faculdade cá em Portugal ou então no estrangeiro se tiver oportunidade porque no meu curso depois eu tenho um estágio que me dá a oportunidade de ir para o estrangeiro como estudante se o

meu Inglês continuar bem. E quero muito entrar na faculdade. Gostava de ir, por exemplo, para Inglaterra... Alemanha não tanto, mas para a Noruega, talvez.

31 – Não, não, não, para visitar claro que sim, mas viver para lá... Não, não, não porque nós lá não conseguimos viver, nós lá sobrevivemos. É muito complicado viver lá enquanto que eu aqui não tenho problemas, no que diz respeito a... eu chego a casa e posso comer o que eu quiser, ali é mais complicado, porque nós ali passávamos muitas dificuldades mesmo. O que nos salvava era porque a minha avó vivia na aldeia e tinha o gado e nunca tínhamos problemas com a comida mas as pessoas da cidade já passavam mais dificuldades. Principalmente nos anos 90 – 2000 a Ucrânia esteve muito mal mesmo!

IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTA Nº 3

DATA: 30/03/2012

HORA: 15.30h

LOCAL: Casa de amigo comum

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Sexo: Feminino;

Nome: Kátia Kurmayev;

Data de nascimento: 16/03/1991;

Naturalidade: Ucrânia – Leviv;

Nacionalidade: Ucrâniana;

Data de chegada a Portugal: Julho/2003;

Freguesia da actual residência: São Julião - Setúbal;

Contactos: (omissos)

IDENTIFICAÇÃO DA MÃE

Nome: Katarina Kurmayev

Data de nascimento: 18/08/1962;

Naturalidade: Ucrânia –Boyekiv;

Nacionalidade: Portuguesa;

Data de chegada a Portugal: 2001;

Freguesia da actual residência: São Julião - Setúbal;

Habilitações académicas/profissionais: 9º ano de escolaridade;

Profissão actual: Empregada de limpeza.

ENTREVISTA

1 – Eu vim para Portugal por causa da minha mãe, isto é, eu morava com a minha avó na Ucrânia, depois a minha avó faleceu e então a minha mãe veio-me buscar.

2 – Vim eu e mais o meu irmão com a minha mãe.

3 – A minha vida era normal, tinha os meus amigos e andava na escola.

4 – No início foi tudo novo, tudo muito estranho, completamente diferente... as coisas como funcionam aqui... é diferente mesmo pela maneira da organização das lojas, é diferente, não tem nada a ver, os locais, é tudo novo. Depois, a minha mãe já estava a morar com um homem português, estava quase para casar com ele, portanto, de modo que, ele ia-nos ensinando, portanto era mais fácil. O Verão foi o suficiente para eu aprender o básico da Língua e quando entrei no 7º ano já sabia o básico para conseguir fazer. Em relação às pessoas relacionei-me bem, muito bem. No início não havia muito relacionamento, mas depois na escola já... já foi bom. Morávamos na casa do meu padrasto.

5 – Eu gostei, aquilo não foi especial para mim, simplesmente eu não fui a pessoa que pensou o que está para vir, simplesmente deixei adaptar-me e... está bom, acho eu. O clima custou-me o Verão, o Verão foi a parte mais difícil a adaptar-me por causa do calor e das noites que é impossível dormir mas... foi-se habituando. Lá tem os Verões muito quentes mas é um clima diferente, não é abafado que custa a respirar. Há muito calor mas não é tanto como cá.

6 – É fácil, tenho muitos amigos portugueses.

7 – Com a comunidade do meu país de origem não tenho muitas relações. Tenho alguns amigos.

8 – Tenho um amigo brasileiro, uma amiga de África mas não sei de qual zona.

9 – Sim. Porque é fácil.

10 – Sinto-me completamente integrada.

11 – Eu comecei a estudar em Portugal no 7º ano, na Escola EB 2/3 Bocage em Setúbal

12 – Bem, o sistema de ensino não achei demasiado complicado, pronto, adaptei-me normalmente, a proximidade... era próximo, sempre fui a pé para a escola, os professores também sempre tive gosto em a maior parte dos professores que tinha, adaptei-me de tal forma que não vi grande diferença.

13 – São aplicados e não os acho muito diferentes dos outros mas são mais rigorosos, acho eu... em geral. Não estou muito em contacto com alunos de Leste.

14 – Foi um pequeno obstáculo mas pronto... fui aprendendo e... ia conseguindo perceber as coisas mas... não digo que... bem, no primeiro ano, tudo bem, tive que aprender e tal, mas depois com a ajuda dos professores e de toda a gente acho que supor-tei bem.

15 – Não estou a ver... Talvez a História porque, pronto... a História tinha muito Português mas também aí deve ser fácil porque... é o gosto. Eu não tenho muito gosto pela História. E... o Inglês, as Línguas em geral também não me dou muito bem.

(E o alfabeto?) O alfabeto em geral não senti dificuldades. Porquê? Porque lá na Ucrânia nós aprendemos o Inglês e o alfabeto não muda muito, o que muda é... pronto... a maneira como se lê... os acentos e isso... aí... houve uma grande dificuldade, algumas letras que não se lêem sempre da mesma forma... aí houve... mas é uma questão de habituar e...

16 – Aplicar-me mais.

17 – Tive aulas de apoio no início. Logo, houve uma professora... pronto... havia uns professores que se dedicavam a ajudar os alunos com mais dificuldades em Línguas. E ela ajudava-me, tinha mesmo aulas particulares do Português para alcançar.

18 – Sim, não tenho nada de que me queixar, digamos.

19 – Também, eu sou muito... pacífica.

20 – Acho que é no rigor... pronto... eu, em geral, estou satisfeita mas acho que às vezes facilitam demais.

21 – A principal diferença no que toca... no que respeita à escola acho que é o rigor porque, ali na primária que eu vivi lá era muito rigoroso, então é essa a noção que eu tenho da escolaridade lá. Agora não sei como é que é as coisas mais à frente. Não sei se o rigor continua ou se é o rigor inicial que é para a pessoa adaptar-se bem à escolaridade. Também não sei se depende do local ou isso. Quando eu vim cá achei menos rigor... no aspecto de haver sequer possibilidade de chumbar um ano. Isso... na Ucrânia não ouvi falar sequer. Se há um aluno que não se aplica completamente o que eles fazem, acho eu, e quando vêem que o aluno não está a acompanhar, exigem muito mais dele que é para ele conseguir atingir também o que os outros atingem mas não o chumbam. Aqui, por exemplo, havia a possibilidade de... de... se tivesse negativa a três disciplinas chumbava de ano, tinha que repetir, no meu caso nunca aconteceu... no máximo tive uma negativa a Português no início, compreendia-se mas... prontos... acho que há essa facilidade e os alunos são desmotivados e não querem estudar, acho que isso é mau. Lá os alunos podiam não gostar... Há alunos que não gostam de estudar, e isso... mas sentiam-se obrigados. Por exemplo, um aluno que não tivesse feito o trabalho de casa sentia-se de tal maneira aflito que... no máximo, teria que copiar por alguém para mostrar que fez ... mas eu não tenho muita experiência para comparar a escolaridade.

22 – Talvez o **médio**. Depende das coisas... Eu sou uma pessoa reservada, as coisas ficam para mim, mas... não desconfio de nenhum, sei lá... depende do aspecto.

23 – Médio. Não sei o que posso responder a isso, com os professores não havia... eu limitava-me a aprender mas no que toca, por exemplo... conheço uma ex-professora que até hoje é minha amiga, existe uma confiança.

24 – Não acho que sejam más as políticas em tudo mas acho que podia haver... acho que o importante é o mostrar ao aluno o que é importante, ou seja, mostrar e fazê-lo gostar de uma disciplina.

25 – Há bastante apoio. Pronto... eu tive o apoio logo de início. A minha professora de Português via que eu não estava com capacidade de acompanhar a aula e então começou a marcar outro horário e pronto... para eu ter apoio em Português. Foi outra professora que não tem nada a ver com a professora de Português, foi outra professora que estava encarregada de apoiar os meninos estrangeiros com dificuldades em Português.

26 – Nada de especial.

27 – Mais exercícios que... levam as pessoas a participar mais... fazendo... talvez fazendo... uma pergunta em cada dia a cada aluno... não sei...

28 – É muito importante porque adquiri todo o conhecimento e, neste momento, o que estou a fazer é à base disso. O que aprendi, agora só estou a reforçar.

29 – 3º Ano da Faculdade - Curso de Engenharia Electrotécnica e de Computadores

Portanto... academicamente, neste momento estou neste curso de Engenharia Electrotécnica e de Computadores e estou no terceiro ano. Estou a fazer um part-time.

30 – No futuro... acabar o curso e ver onde poderei trabalhar. Não é que tenciono voltar para o meu país porque estou muito bem aqui e estou adaptada mas depende do trabalho que eu tiver e, até pode ser que eu tenha trabalho noutra país, nunca se sabe...

31 – Em definitivo não, não estou a ver... voltar mas para visitar só.

IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTA Nº 4

DATA: 31/03/2012

HORA: 15.30h

LOCAL: Escola Ucraniana - Benfica

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Sexo: Masculino;

Nome: Nail Atamanchuk;

Data de nascimento: 24/05/1991;

Naturalidade: Ucrânia – Vinnytsa;

Nacionalidade: Ucraniana;

Data de chegada a Portugal: 29/Maio/2007;

Freguesia da actual residência: Lumiar;

Contactos: (omissos)

IDENTIFICAÇÃO DO PAI

Nome: Igor Atamanchuk;

Data de nascimento: 07/04/1968;

Naturalidade: Ucrânia – Vinnytsa;

Nacionalidade: Ucraniana;

Data de chegada a Portugal: 2001;

Freguesia da actual residência: Lumiar;

Habilitações académicas/profissionais: 12º ano de escolaridade;

Profissão actual: Desempregado.

IDENTIFICAÇÃO DA MÃE

Nome: Orysyia Atamanchuk;

Data de nascimento: 23/04/1971;

Naturalidade: Ucrânia – Vinnytsa;

Nacionalidade: Ucrâniana;

Data de chegada a Portugal: 2007;

Freguesia da actual residência: Lumiar;

Habilitações académicas/profissionais: Curso Profissional de Contabilidade;

Profissão actual: Repositora.

ENTREVISTA

1 – Se calhar é para estudar porque lá na minha terra, pelo que eu estou a ver agora, não tenho muitas possibilidades de viver bem. E como o meu pai já está cá há muito tempo vim ao lado dele.

(Vieste porque ele quis que tu viesses ou por condições relacionadas com a escola?)

Porque os meus pais também me queriam trazer para cá e para estudar.

2 – Vim com a minha mãe.

(Ela foi-te buscar? Foi? Ou ela estava lá e vieram os dois?)

Não, ela já morava cá mas depois voltou, eu estive lá na Ucrânia com ela dois anos e depois chegámos os dois para Portugal.

3 – Vim com dezasseis (16) anos. Ou seja, acabei lá dez (10) anos de escola. Cá eu entrei para o 11º e, ao mesmo tempo, entrei para esta Escola Ucrâniana. Acabei o 11º, só chumbei a uma disciplina, a Biologia, e fiquei para estudar a Biologia um ano e depois acabei o 12º e entrei para a faculdade.

(E foi fácil?)

Primeiro não foi assim tão fácil, portanto... foi difícil porque não sabia a Língua, como não sabia mesmo falar quase nada, só as coisas básicas, era difícil “Olá!”, “Boa tarde!” e... Pronto! As coisas básicas, era difícil mas... na minha escola, eu tive sorte, tiveram lá muitos ucranianos, ajudaram-me imenso a integrar-me na sociedade e a estudar a Língua e isso tudo.

(Eles já moravam cá?)

Sim.

Eu lá morava na cidade. Eu não posso dizer que fui o melhor aluno da escola mas tive sempre as notas altas. Aqui a situação mudou um bocadinho.

(E porquê? Baixaste as notas?)

Sim.

(E porquê? Por causa da Língua?)

Sim... acho que sim. No primeiro tempo sim, era por causa da Língua mas depois, não sei... cresci um bocadinho.

(E o curso em que estás é aquele que pensavas tirar? É aquele que gostavas de tirar ou tiveste que alterar a tua ideia de acordo com alguma circunstância?)

Eu sempre estive a pensar de continuar com Economia, não sei porquê, se calhar foi mais por causa da minha irmã, é prima, mas, para mim é como irmã, ela... tem mais anos do que eu e já acabou o mestrado de Gestão, que é o que eu estou a tirar. Pronto! E sempre quis... ser como ela porque ela teve sempre as notas altas e por isso é que eu comecei também a estudar bem na escola.

(Ou seja, ela é o teu ídolo... Profissional...)

É, dessa maneira sim.

4 – Eu disse que não sabia a Língua, pronto... era a parte mais difícil. Também foi um bocadinho difícil que eu cheguei em Maio, depois no Verão todo estive em casa e foi mesmo muito difícil porque estive em casa sozinho, tinha os pais a trabalhar.

(E não ias à praia nem nada? Era altura de ir à praia!)

Sim, era altura de ir para a praia mas eu, como não conhecia ninguém, nem a Língua, nem nada, não vou sozinho.

(Então e aproveitaste para estudar nesse tempo, ou não?)

Sim, tentei estudar mas...

(Então e em relação à escola... recomeçaste logo a escola em Maio?)

Não, comecei em Setembro.

(Sim, no ano lectivo seguinte. E como é que foi a tua entrada para a escola?)

Como eu já disse... os ucranianos é que ajudaram-me.

(Mas já tinhas esses amigos ucranianos durante as férias?)

Não, não, conheci-os na escola. Em relação aos portugueses, não posso dizer que foi... que eles trataram mal de mim, não, para mim também tenho os amigos da escola e estou sempre em contacto com eles mas... pronto! Mas também me ajudaram.

(E em termos de residência, como é que era? Moravas perto? Moravas longe? Era difícil o trajecto para a escola?)

Não era assim tão longe, algumas vezes até dava para ir a pé mas... eu não me lembro... lembro-me era de ir no autocarro.

(Qual foi a escola para onde foste?)

Secundária do Lumiar. Eu moro no Paço do Lumiar.

(E em termos relacionais? Com os professores, com os colegas... ucranianos (ou não), como é que as coisas funcionaram inicialmente?)

Eu acho que com os professores sempre tive boas relações. Até o professor de Filosofia, como para mim era a disciplina mais difícil por causa do Português, porque aquilo é mais... difícil, e que ele me ajudou, ajudou-me muito. Depois, passei a Filosofia logo no primeiro ano e ele até estava me a dar as aulas extra.

(Aulas de apoio de Português ou de Filosofia?)

De Filosofia mas, também estive a desenvolver o meu Português.

5 – O clima, a primeira coisa que é pena é que vocês não têm neve. Tenho saudades disso, sim. Nós lá na Ucrânia temos Inverno sempre, tenho saudades disso, tenho pena que não têm um clima como nós mas pronto! Já me adaptei porque nós no... no Verão o clima é exactamente igual ao vosso. Em relação às pessoas... não sei... acho que não senti muita diferença.

6 – Como eu, para além dos estudos, estou a trabalhar no (omisso), centro de animação e, ali, quase todos são portugueses, por isso, tenho muitos amigos entre eles e sempre saídas e tudo... encontros...

7 – Pronto... Nós temos aqui uma associação que eu não sou sócio dessa associação mas se eles precisam de ajuda eu estou sempre disposto. Eu fui o primeiro a... como é que vou dizer... a minha turma foi a primeira turma que acabou essa escola... tipo, eu era do 11º quando entrei... os primeiros finalistas (vamos dizer assim) dessa escola, por isso é que os professores e o director conhecem-me.

(Estamos a falar da associação que está dentro dessa organização-escola?)

Não, a escola é que está dentro dessa associação. É a Associação dos Ucranianos em Portugal.

(E aqui dão aulas de Português, de Ucraniano ou de tudo?)

Bem, é que a Língua em que davam todas as disciplinas é ucraniano mas eu acho que temos aulas de Português também.

(E quem é que dá as aulas? São professores ucranianos ou portugueses?)

São ucranianos. As aulas de Português, eu acho que é a professora portuguesa, mas não tenho a certeza porque, na minha altura, ainda não havia aulas de Português.

(Então aqui há aulas de tudo...)

Sim, sim, as disciplinas, o programa é igual ao programa de lá da Ucrânia.

(Portanto têm uma escola como se fosse a continuação da escola de lá, aqui...)

Sim, sim. Depois recebemos o diploma em como acabou a escola...

(... de lá, então há um acordo com o vosso Ministério de Educação de lá...)

Acho que sim.

8 – Ucranianos, portugueses, africanos de S. Tomé e de Angola também.

9 – Acho que sim, porque eu acho que sou uma pessoa que gosta de conhecer as pessoas novas e isso sempre ajuda.

10 – Acho que sou bem recebido... há sempre algumas coisas na vida que...

(Que coisas?)

Por exemplo... não vou falar já aqui mas... não dão créditos porque só tenho vinte e dois (22) anos... isso é das coisas...

(Estás a falar de créditos na escola, na faculdade, por exemplo, a nível oficial?)

Não na educação... para comprar a casa, disso tudo...

(Ah! Mas isso agora está difícil para toda a gente, não é só para ti...)

Sim, sim, sim...

(Querias comprar casa? Era?)

Pois, queria viver cá.

11 – No 11º ano, no ano de 2007. Na Escola Secundária do Lumiar.

12 – Já respondi que tive apoio dos professores, com professor de Filosofia, pronto... mas eu estive bem com todos os professores, com Matemática, com todos...

13 – As principais características nossas... eu sei, por exemplo, que alguns professores estão a dizer que nós temos mais facilidade em Matemática, Física, ... de fazer coisas...

contas, mas eu nunca tive a perceber isso porque... acho que não somos muito diferentes dos alunos portugueses.

14 – Foi difícil... como já estou cá quase há cinco (5) anos... mesmo assim não... não sei falar tudo dessa Língua. Tenho algumas dificuldades, estou sempre a tentar aprender as coisas novas mas para tentar falar com o sotaque mesmo como sendo português. Estou a tentar evoluir isso mas... vamos ver!

(Ah! Mas tu não tens um sotaque que não seja português...)

Sim, não tenho, mas mesmo assim consigo perceber que não sou português.

(Ok!)

15 – Em relação à Filosofia sim, em relação às outras disciplinas... Matemática e Física, não ... porque aí trabalhamos mais com os números. A Física, claramente, não. Tive mais foi a Biologia, como já disse que chumbei uma vez, foi só a Biologia, mas depois tive que repetir um ano. O que eu estive a tirar era Ciências. Tive Biologia e Física e depois tive que escolher uma, escolhi Física mas, tive que passar a Biologia na mesma para acabar... para acabar a escola.

16 – Eu estive... estive a andar nos cursos de Língua Portuguesa.

(Quais cursos?)

Na... na escola... é uma escola no Lumiar que eu já não me lembro o nome dela mas têm ali os cursos mas para estrangeiros, de Língua Estrangeira. Como eu já estive a estudar na escola eu já sabia que tenho que aprender essa Língua. É normal! Quando eu venho para um país novo, tenho que aprender a Língua, Cultura... para adaptar-me melhor. Portanto, tive a ideia de aprender a Língua porque era melhor para mim e se era melhor para mim...

(E como é que tu aprendias em casa?)

Em casa estava a tentar ver os canais portugueses, as notícias e isso tudo, as coisas que não estive a perceber estava a perguntar ao meu pai, como já está cá há mais tempo, ele sabia melhor a Língua, agora já... já ultrapassei ele... mas pronto... pois ele também já me esteve a ajudar... a minha tia, que também está cá com a família dela, a tia com a prima, estiveram a ajudar... todos, a minha família toda.

17 – Quem é que me ajudou muito foi o professor de Filosofia.

(Em relação aos colegas... tiveste alguma ajuda especial deles?)

Foi mais dos ucranianos.

(E do pessoal auxiliar da escola?)

Não vi assim... uma coisa... não vi que eles me ajudaram tanto... para eles eu era um igual aos outros alunos.

(E não tiveste nunca dificuldade em relacionar-te com eles? Para perguntares coisas, para eles te responderem a alguma coisa...)

Não, não, eu nunca tive medo de falar Português, mesmo quando no primeiro ano eu não sabia quase nada, estive a tentar e até estava a dizer às pessoas que, se estou a falar mal, têm que dizer para mim o que é que eu estou a falar mal para corrigir, para da próxima vez já...

(E os familiares, para além da tua tia, prima e pai, quem é que te ajudou e de que forma é que eles te ajudaram?)

Quem é que me ajudou foram só eles porque estávamos a viver quase juntos e em família e a família da minha tia no mesmo prédio, no mesmo andar, pronto... pronto, só eles.

18 – Sim, porque eu não estou a ver como é que eu vou estar insatisfeito.

19 – O que... primeira coisa que fez-me um bocadinho confuso quando vim para cá foi que vocês, por exemplo no 11º ano, só têm cinco (5) ou seis (6) disciplinas, se não me engano, seis (6) ou sete (7), mas nós temos muito mais. Mas isso... cada país tem coisas diferentes, por isso...

(O 11º ano... falas do 11º ano, não é? Já é mais específico, não é?)

Sim, mas, mesmo assim, nós temos muito mais disciplinas, quase todas. Temos a Geografia, a Biologia, a Álgebra, a Geometria... muito, muito mais.

(E vocês não vão direccionando o ensino... quero dizer, vão tendo um ensino generalista mesmo até à faculdade, não é?)

Exacto!

20 – Para mim, eu acho que não mudava nada, porque eu até gosto de que tenha o 12º ano mais específico porque ajuda imenso depois na faculdade. E... eu não mudava nada.

21 – Para além do que já disse, temos mais anos de faculdade, são cinco (5) anos, e aqui, a licenciatura são só três (3).

Agora também nós já mudámos para doze (12) anos da escola, é que antes só tínhamos dez (10). Agora já são doze (12), como aqui em Portugal. E a nota máxima é doze (12), aqui é vinte (20).

(E porque é que mudaram para doze (12)? Tem a ver com o ensino no Ocidente?)

Eu acho que estiveram a dizer que o programa é muito difícil... os pais... não sei... estiveram a queixar-se que o programa é muito difícil. Por mim... não era nada difícil mas... pronto!

22 – Eu não posso dizer que estou... mesmo na faculdade eu não posso dizer que tenho muitos amigos, é mais no trabalho, porque não estou a ficar muito tempo na faculdade, porque as aulas acabam vou para o trabalho logo, tenho só duas (2) horas de intervalo.

(E confias neles? Nos colegas?)

Com aqueles que tenho amizade sim, confio muito. É um grau **Forte**.

23 – Confiança aqui não sei... nesse sentido... com os professores... não faço nenhuma ideia, com os professores quase nunca falo, só horas de atendimento mas isso... quase nunca...

(Os professores fazem horas de atendimento especial para vocês?)

Sim

(E se tu tiveres alguma questão difícil, tens confiança para chegar ao pé do professor e dizer “eu não percebo isso”?)

Sim, isso... ajudam.

(Portanto, não há uma confiança de amizade pessoal mas há uma confiança a nível profissional...)

Sim, sim, exactamente.

(E tu tens um grau fraco, médio ou forte em relação a isso?)

Confiança a nível profissional tenho **Forte**.

24 – No geral eu não concordo com manifestações nenhuma. Eu acho que isso não vai mudar nada. As Políticas Educativas... Para mim, eu acho que estão a trabalhar bem.

25 – Ao nível escolar tive a Língua Portuguesa Não Materna, ou seja, eu comecei mesmo de início ao nível da Gramática e isso tudo. Que isso também acho que ajuda imenso aos imigrantes que vêm cá, que não sabem a Língua... Pronto! Também ajudou um bocadinho.

(Eram aulas de apoio extra?)

Não, isso foi mesmo a substituir as aulas de Português que ali estiveram a estudar o Fernando Pessoa e aquilo tudo e eu não estive a estudar isso, tive a Língua – Português Não Materno.

(Portanto... houve a substituição da Língua do ano normal para a Língua de nível básico.)

Isso! E fiz exame disso também.

26 – Pois eu nisso tenho que pensar melhor porque... responder logo... assim, não vejo nada.

27 – O que eu acho ... que há uma coisa que... pronto! Não sei se é uma coisa assim tão importante mas, nem todos os professores da escola, pelo menos naquela em que eu andei, não sabiam falar a Língua Inglesa. Portanto... isso não... é coisa que lhe falte para eles mas, pelo menos para mim isso ajudava. Como eu desde os sete (7) anos estive a estudar Língua Inglesa, eu acho que ajudava muito isso.

28 – Para o meu trabalho que faço agora, não foi nada importante porque... mas... pronto! É importante para a faculdade e para o futuro também acho que vai ser importante porque uma pessoa que sabe mais é sempre... mais facilmente pode resolver alguns problemas que vai surgir na vida dele.

29 – Estou a estudar na Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Economia, no segundo ano, a tirar Gestão. Não é... não é muito fácil mas... se calhar é mais por causa do trabalho porque não tenho muito tempo depois para estudar mas... pronto! Só estou a estudar antes dos testes. Estou a tentar arranjar algum tempo. Estou a trabalhar já há dois (2) anos, já tenho o contrato efectivo. Pronto! Não é uma coisa que eu queria fazer no futuro mas, por agora, para ajudar os pais, para pagar a minha faculdade e mesmo por ter algum dinheiro meu... pode ser.

30 – O meu sonho é ir para a América mas, para isso, tenho que ter alguns contactos lá, não vou... não vou ir para um espaço vazio, sem nada. Pronto! Podia ir mas isso não é... mas, por agora, na realidade, estou a pensar ficar cá.

(E quando terminares o curso?)

Também.

(E quantos anos faltam para terminar?)

Um ano... Estou no segundo ano. O mestrado não sei... acho que não vou conseguir fazer.

(Não vais!? Porquê?)

Não... não estou com muita vontade de estudar mais.

(Mas sabes que, e principalmente se queres ir para fora, o mestrado está a ser pedido em todo o lado)

Sim, sim, é verdade. Mas... o mestrado pode-se fazer em... portanto... em qualquer altura. Em qualquer altura não mas... posso ir tentar arranjar alguma coisa de trabalho... vou conseguir voltar e fazer o mestrado.

31 – Agora não, com a situação económica e tudo, não.

(E de futuro... pões a hipótese? Ou não?)

De futuro... só quando vou ter sessenta (60) anos, para acabar a minha vida lá, na terra onde nasci.

IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTA Nº 5

DATA: 31/03/2012

HORA: 17.30h

LOCAL: Escola Ucraniana - Benfica

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Sexo: Feminino;

Nome: Yaroslava Buyan;

Data de nascimento: 27/01/1991;

Naturalidade: Ucrânia – Ternopil;

Nacionalidade: Ucraniana;

Data de chegada a Portugal: 28/Agosto/2004;

Freguesia da actual residência: Campolide;

Contactos: (omissos)

IDENTIFICAÇÃO DO PAI

Nome: Roman Buyan;

Data de nascimento: 04/09/1963;

Naturalidade: Ucrânia – Ternopil;

Nacionalidade: Ucraniana;

Data de chegada a Portugal: 28/08/2004

Freguesia da actual residência: Campolide

Habilitações académicas/profissionais: Academia de Polícia;

Profissão actual: Reformado.

IDENTIFICAÇÃO DA MÃE

Nome: Vera Buyan;

Data de nascimento: 30/01/1965;

Naturalidade: Ucrânia – Monastyraska;

Nacionalidade: Portuguesa;

Data de chegada a Portugal: Nov./2001;

Freguesia da actual residência: Campolide;

Habilitações académicas/profissionais: Doutoramento em Contabilidade;

Profissão actual: Contabilista.

ENTREVISTA

1 – Porque quis estar com a minha mãe, era a razão principal, tinha 14 anos.

2 – Vim acompanhada com a minha mãe, ela é que veio-me buscar.

3 – É assim, a minha vida lá era muito monótona, acho. Porque estive a estudar, era numa cidade muito pequenina mas eu gostava de estar lá. Depois estudei na escola de música, toquei piano durante cinco (5) anos. Depois tive que vir para Portugal e, então, deixei a escola. Mas gostava de estar lá só que... pronto! Tinha que vir mesmo.

4 – Pois, é assim... Quando cheguei a Portugal não conhecia ninguém, primeiro. Conhecia só a minha mãe, mais ninguém. Não tivemos ninguém de familiares cá, por isso... depois... mas acho que fui muito bem integrada, cheguei no 9ºano. As pessoas que me acolheram foram pessoas espectaculares portuguesas e, como na altura só fiquei com amigos portugueses, acho que aprendi Português muito rápido. No início foi muito difícil mas acho que foi acessível conseguir ultrapassar aquela barreira que tive no início. Primeiro, porque para mim, não é... tanto foi difícil... na questão da Língua também foi, não foi? Não sabia mesmo nada, não sabia mesmo falar mas era uma questão psicológica, não sei, fiquei muito... psicologicamente fiquei muito... não sei... traumatizada. Por um lado gostei muito porque fiquei com a minha mãe, pronto! Mas, por outro lado... como também tenho os meus irmãos e o meu pai, ficaram na Ucrânia... Por outro lado, foi mau, tive muitas saudades deles.

(E eles continuam lá?)

Não, os meus irmãos estão cá há dois anos.

(Eles também estão a estudar?)

Não, eles estão a trabalhar, são mais novos.

(E vieram para a escola portuguesa?)

Não, eles terminaram a escola ucraniana. Fizeram o 12º, lá é só 11º e, de momento, estão a trabalhar os dois.

5 – A primeira impressão que eu tive foi negativa, não sei, não gostava do ambiente, não gostava das pessoas, não gostava do país, não gostava de nada que estava à minha volta. Não gostava de nada! Mas depois... porque fiquei duas semanas em casa, não é? Depois é que fui para a escola e lá é que consegui as minhas amigas que, até agora, dou-me muito bem com elas. E comecei a ver melhor o país, as pessoas... e, no entanto, agora gosto. Mudei a minha ideia, sim. Sinceramente, não conheço quase nada de Portugal porque estive sempre a estudar, nunca chumbei um ano e não tive tempo para mais coisas. Conheço só mesmo Lisboa e, mesmo assim, não muito.

6 – Acho que a comunidade portuguesa é muito acolhedora, é a primeira coisa que eu acho. Já há várias pessoas ucranianas que precisam de ajuda e nunca disseram que não, sempre foram muito simpáticas. Acho que os portugueses são pessoas espectaculares. Claro que... também há pessoas e pessoas, não é? Com os ucranianos, em geral, são pessoas muito simpáticas, no entanto, são pessoas muito tristes, não é antipáticos. Acho que é mesmo por causa do estilo de vida deles/vossa. Quer dizer... comparando com... nós temos muito mais festas, as festas são muito mais diversificadas, são várias coisas que a gente faz que vocês nem sequer fazem ideia de que aquilo existe. Pronto! Eu acho que o ucraniano é um povo muito mais alegre comparado... eu tenho essa comparação também porque vivo com as pessoas, estudei na escola portuguesa, estudo na faculdade e também estudei na escola ucraniana. E, agora, queremos criar uma associação ucraniana só de jovens também, temos a outra associação e posso comparar, vivo o dia-a-dia com várias pessoas.

7 – De um modo geral, relaciono-me bem com as pessoas que conheço, conheço várias pessoas, não é? Eu tento sempre estar presente em todas as festas, sempre ajudo, várias vezes fui apresentadora, várias vezes ajudei a preparar festas, por isso, participo na vida da comunidade ucraniana cá em Portugal. Longe da Ucrânia, temos cá o nosso mundo ucraniano, o nosso povo ucraniano, aliás, temos a igreja, temos os mercados, temos a escola, por isso temos tudo para conseguir ter um pouco da Ucrânia cá em Portugal.

8 – Brasileiros, cabo-verdianos, africanos, de S. Tomé, Moçambique, e, depois, também tenho amigos espanhóis, alguns, mas é mais agora na faculdade. Ah! Eu não considero... mas tenho romenos e moldávicos, também tenho... e... ucranianos.

9 – É assim, eu não acho que tenho facilidade, mas acho que é mesmo por causa do carácter da pessoa, meu carácter, neste caso. Eu relaciono-me bem com as pessoas mas, às vezes, é difícil criar amizades portuguesas.

(Porquê? Não confias neles?)

Não, não é a questão de não confiar, é mentalidade diferente, não sei... aquilo que eles fazem, aquilo que eles acreditam, o estilo de vida deles é completamente diferente, por isso, às vezes não é fácil. Mas, contudo, tenho muitos amigos portugueses, não é por aí.

(Porque é que dizes “o estilo de vida deles”? Como é em relação ao teu?)

Não é questão de eles terem um estilo diferente, é a questão de como é que eles acham sobre o estilo de vida deles, mesmo o pensamento deles. Para mim é diferente porque eu acho que é mesmo a mentalidade portuguesa que é diferente da nossa, é diferente em tudo porque criticam muito, são pessoas que às vezes, nem sempre dizem aquilo que pensam, falam muito atrás das costas, o que eu não gosto, e, eu sou uma pessoa muito directa e, se calhar, nesse aspecto do meu carácter é que não deixa... lidar com todo o tipo de pessoas, contudo, eu tento ultrapassar isso de todas as maneiras possíveis, espero conseguir.

10 – Sim, porque já me deparei com várias situações cá em Portugal, já estou cá há vários anos, não é? Também tento ajudar as pessoas ucranianas, por isso, já fui a várias associações, várias empresas, por isso, em geral, acho que são pessoas que acolhem muito bem os estrangeiros, ou dão grandes ajudas a nós estrangeiros, por isso nunca tive problemas em relação a ...

(A que tipo de ajudas te referes?)

Ajudas alimentares, ajudas em questão de medicação, ajudas mesmo de aconselhamentos, várias...

11 – 9º ano, na Escola (informação omissa por solicitação da informante).

12 – Oi... Essa questão é, por acaso, muito importante para mim porque fiquei cá em Portugal tantos anos porque gostei do ensino cá em Portugal, achei um ensino diferente, um ensino mais interessante. Não é que na Ucrânia eu não gostava de estudar, gostava, mas é diferente, colaborávamos. É assim, estudar eu gosto cá em Portugal, agora, viver? Nem por isso. O estudo cá é mais interessante porque acho que, primeiro, o ensino cá de Portugal é mais fácil, porque não aprofundam tanto as questões, quando eu comparo, por exemplo, com aquilo que a gente deu na Ucrânia. Há várias disciplinas que eu dei na Ucrânia no 8º ano e nós só as começámos a estudar no 9º... Depois, acho que nós na Ucrânia estudávamos todas as disciplinas e, cá em Portugal, nós podemos seleccionar aquelas que nos são mais precisas. Por exemplo, as quais podemos depois utilizar na faculdade, na nossa vida futura. Na Ucrânia não podemos fazer isso. Nós na Ucrânia temos que estudar todas as disciplinas, temos que ter todas as disciplinas. Nesse aspecto, é muito bom porque pode aprofundar os conhecimentos nas áreas que eu gostava mais. O ensino é diferente. Há várias disciplinas que nós tivemos lá na Ucrânia e que cá em Portugal elas não existem, por isso... gosto de estudar cá, não gosto é da vivência porque... eu acho que depende... eu é que sou assim porque gosto muito de tradições ucranianas, da vida ucraniana, do nosso ambiente... por isso, se calhar, é só

por isso. Espero que vou superar isso porque, aliás, eu estou a estudar em Portugal, sou da Ucrânia mas penso ir viver para outro país, ainda não sei qual mas...

13 – São pessoas muito aplicadas, pessoas que sabem o que querem, pessoas com objectivos definidos, podemos dizer assim, pessoas que trabalham muito com eles próprios, ou seja, em casa. Isto em relação ao ensino.

14 – No início era, agora às vezes também é porque na faculdade abordamos vários aspectos com que também nunca me confrontei, por isso... às vezes tenho dificuldade, claro! Tem-se que andar com o dicionário atrás, e no início também era, agora é um pouco mais...

15 – Isso também tem a ver comigo porque, é assim... mesmo, o curso que eu escolhi também não o acho muito interessante, já o outro curso que eu escolhi... Este é interessante mas não é aquilo que eu quero. Eu... Não... Sabes... Há aquelas pessoas que desde pequeninas que sabem aquilo que querem, eu não, nunca sabia o que é que eu quero ser, nunca sabia o que é que eu quero fazer, por isso... É verdade! É muito complicado! E já não tenho idade para andar assim a escolher só que eu sou uma pessoa que gosto de... me concentrar numa coisa e fazer ela como deve ser, andar aqui a fazer aos poucos, isto não é para mim, e quando estou a fazer uma coisa da qual eu não gosto, eu não me aplico. E, se eu não me aplico, não há rendimento. E se não há rendimento, eu vou-me abaixo porque não é... Estamos cá em Portugal é por alguma razão, já que saímos do nosso país, é para fazer algo e para fazer como deve ser, não é para fazer só por fazer, só para estar feito.

16 – É assim, eu desde sempre, desde o 9º ano (não é?)... Quando cheguei cá para Portugal, disse a mim própria, eu tenho que chegar a algum patamar, eu tenho que chegar a algum objectivo e não sabia o que é que eu quero ser... mas, sabia que naquilo que eu faço tenho que ser a melhor, por isso... isso levantava-me um pouco a minha moral porque eu tentava esforçar e fazer o meu máximo, claro que se não conseguia era mau para mim mas, no entanto, eu sabia que esforcei-me o máximo. Por isso... consegui sempre... até ao 12º ano! Depois comecei a saltar ...

17 – É assim, eu, desde sempre, tanto na escola, como na faculdade, dou-me bem com toda a gente, tento dar-me bem com toda a gente. Por isso é que os portugueses acham essas pessoas cínicas e, às vezes, pessoas falsas, por exemplo, a mim, porque eles acham impossível dar-se bem com toda a gente... Entretanto, como dou-me bem com toda a gente, tenho o apoio de toda a gente... Pronto! Ou seja, o principal é o apoio da minha mãe, dos meus irmãos, do meu pai, depois dos meus amigos, tanto portugueses como todos os outros.

18 – Sim, em geral, tendo em conta o que já disse antes.

19 – É assim... também já fui a várias instituições, já tenho falado com várias pessoas, é um pouco heterogéneo, não posso dizer de uma forma geral porque há instituições que atendem ao público e conseguem esclarecer todas as dúvidas e têm tempo e

disponibilidade, há outras que mesmo tendo tempo não têm disponibilidade, por isso... de uma forma geral, acho que é acessível.

20 – Acho que podia melhorar no aspecto de ouvir mais ao público, ouvir as pessoas e as opiniões e tentar recolher alguma informação, porque há pessoas que têm muitas ideias interessantes que não são ouvidas. E às vezes, por exemplo, se tu pedes o livro de reclamações eles são obrigados a dar, e às vezes não dão. E não dão porquê? Às vezes não têm.

21 – É assim, como já disse, o ensino na Ucrânia é muito mais rigoroso, muito mais apontado para os estudos. Estou-me a referir agora às praxes, cá em Portugal, no 1º ano da faculdade, temos praxes, certo? Isso é uma barreira para os caloiros, não é? É uma barreira para as pessoas do 1º ano porque... Isso é uma barreira para as pessoas porque, o 1º ano, na minha opinião, o 1º ano é o ano base, é o ano em que se deve recolher maior informação possível para depois poder desenvolver durante os outros anos. E muito tempo a gente tira para as praxes. Eu acho que isso não é nada. Eu não sei se Portugal é o único país que tem praxes mas eu acho que sim. E eu acho que isso não respeita as pessoas. Depois... Acho que cá em Portugal os professores têm muito mais disponibilidade para os alunos, os alunos têm muito mais acesso tanto à biblioteca, como ao atendimento, como ajudas, cá em Portugal há mais do que na Ucrânia.

22 – Talvez o **fraco**. Isso é uma pergunta que generaliza muito, porque às vezes há pessoas que eu dou-me muito bem e tenho um grau de confiança muito maior, há pessoas com quem não me dou bem, quer dizer, não me dou, bem nem mal, não me dou. Aí eu não tenho confiança nenhuma. Por isso é sempre um pouco relativo, depende da relação que eu tenho com a pessoa.

23 – É **forte**. Porque acho que no profissional é forte, agora... na generalidade mesmo, é médio, falando em tudo... porque acho que os professores se disponibilizam completamente nas horas que eles têm. Nós participamos as dúvidas e mesmo para falar com a pessoa. Às vezes os professores de psicologia (não é?) ... acham que acompanham os alunos ao longo do percurso na faculdade... nesse aspecto.

24 –Ui! Nem sei... Eu agora estou a pensar porque, é assim, uma coisa é falar no ensino básico, outra coisa é falar no ensino superior. É que eu não conheço muito bem as leis e essas coisas, por isso eu não lhe posso agora dizer, comparar de uma maneira geral. Às vezes a gente tem muita informação, não é? Mas às vezes, a informação que nos é dada é dada muito tarde, não é? Por exemplo, em relação ao secundário, muitas questões que a gente tinha relativamente a como fazer o 10º, 11º e 12º ano, que para os estrangeiros é mais complicado... para nós porque... passando do 9º... está a perceber a minha dificuldade porque... eu estudei no 9º, depois estudei o 10º, o 11º e 12º, é outro grau, e depois a faculdade, é o 3º grau, por isso eu senti alguma dificuldade porque o 9º... eu... não me foi dada a informação suficiente para eu escolher o curso adequado... depois, eu escolhi muito cedo. Nós com catorze (14) anos ainda não somos capazes de escolher o nosso futuro. Porque ao escolher o curso secundário é um pouco de escolher o nosso futuro, porque dependendo do curso que a gente escolhe, depois temos a faculdade,

certo? Temos a faculdade através das provas globais, das específicas, pronto! Por isso, nesse aspecto eu acho que é muito cedo... Cá em Portugal dão essa oportunidade das pessoas escolherem o futuro, eu acho... mas, agora no aspecto de... quem sabe mesmo o que quer, acho que é muito bem definido porque as pessoas não perdem tempo com as coisas que não lhes interessa e aplicam-se nas disciplinas que sabem que vão-lhes ser precisas para o futuro. Nesse aspecto, acho que sim.

25 – Sim, não fui criticada, nunca senti-me “uma carta fora do baralho”, mas isso depende muito das pessoas que acolhem o estrangeiro, ou seja, da turma... depende muito, eu fui integrada numa turma espectacular, tinha uma professora, uma directora de turma, espectacular, por isso... as pessoas acolheram-me muito bem... mas agora, claro que há casos e casos, há pessoas que foram muito maltratadas. Não se conseguiram inserir também por causa de críticas de... quer-se dizer... dependendo do ano em que a pessoa chega a Portugal, quando as pessoas são pequenas (não, é?), é muito mais fácil. Porque todo o mundo é um mundo, agora... quando já é, por exemplo, no 10º, 11º ou 12º, é muito mais complicado porque as pessoas já têm a sua identidade, têm as suas regras, por isso... nesta altura é muito complicado!

26 – Agora... o que é que podiam fazer? Podiam dar... falar mais com essas pessoas, dar mais ajudas no sentido psicológico, ter alguma... uma pessoa, um psicólogo que consiga ajudar a ultrapassar essas dificuldades.

27 – É assim, não acho que está mal, mas também não está muito bem, está no meio, porque, é assim... os horários podiam ser feitos de uma maneira mais... melhor, vamos dizer assim, porque acho que os alunos no ensino básico e, depois... para falar até ao 9º, deviam ter horários mais acessíveis, ou seja, horários que não sejam até às seis (6) horas, até às sete (7) da tarde. Agora... os alunos do secundário, o horário também não devia ser tão repartido porque às vezes é muito repartido mesmo! Devia ser, ou só da parte da tarde, ou só da parte da manhã, nesse aspecto... As pessoas cansam-se muito e depois não conseguem recolher toda a informação que lhes é dada pelos professores, estou-me a referir tanto ao ensino secundário como ao ensino básico e, também, se, mesmo assim, se põem as aulas durante o dia todo, ou repartido, deviam pôr as aulas que são mais fáceis das pessoas absorverem na parte mais fim do dia, não é? Agora... por exemplo, quando põem a Matemática às seis (6) horas da noite... acho que é muito, muito, muito mesmo, complicado para a pessoa absorver a informação.

28 – Foi muito importante porque, como eu já lhe disse, eu nunca sabia o que é que eu quero ser realmente mas, sempre soube que tenho que me esforçar ao máximo... é assim... até ao meu 11º estou satisfeita com os resultados que tive, depois não, e agora também não estou, porquê? Porque agora acho que aplico-me menos, aplico-me menos porque acho que depende muito da prática que a gente tem, não é? Como eu estive sempre a estudar, depois parei, comecei a trabalhar e já deixei um pouco aquele ritmo de estudo e, nesse sentido, foi mais complicado. E, até agora, não consegui entrar no ritmo de estudo, por isso... desisti porque comecei a estudar durante seis (6) meses, não é? Não gostei do curso, digo já, mas uma coisa é não gostar do curso, era o curso de

Química Tecnológica... uma coisa é não gostar do curso mas saber que o curso tem futuro, agora, outra coisa, é não gostar do curso e ter aquela aparência de que o curso não vai ter futuro. Essas duas coisas foram as principais, por isso eu desisti, mas antes disso, tive que ir para a Espanha... ter com o meu pai, fiquei lá durante seis (6) meses, ou seja, não acompanhei as aulas durante seis (6) meses, no 2º semestre. Voltei para Portugal já era Agosto e depois decidi não voltar, não valia a pena. Depois trabalhei na parte de restauração, trabalhei na cozinha, Decidi voltar à faculdade porque, afinal, o objectivo principal cá em Portugal é conseguir algo melhor para conseguir ajudar a minha família.

Agora, o Curso de Farmácia... Porquê Farmácia? Porque é algo que está mais relacionado com a área da saúde, mas não é realmente aquilo que eu quero.

Medicina não. Acho que não vou ser capaz. Acho que não, uma pessoa tem que ser realista. Acho que um médico tem que ser uma pessoa que sente que é médico mesmo! Que quer ser médico, uma pessoa que, desde pequena, que sente que quer ser isso. Porque acho que a medicina não é uma área qualquer que a gente pode escolher. Por isso acho que uma pessoa tem que nascer mesmo a querer ser médico.

29 – Estou a estudar em Coimbra, no 1º Ano da Faculdade de Farmácia.

30 – O meu objectivo principal é, agora, conseguir, finalmente, saber, de alguma maneira, saber o que eu realmente quero. Dependendo disso vai depender a minha vida futura. Como eu agora não sei, estou assim um pouco desequilibrada nas coisas. Dependendo do curso que eu realmente escolher, porque eu não me importo de mudar, desde que eu me esforce e que isso seja... me traga alguns benefícios, não é? Realmente agora o que eu quero é decidir aquilo que eu quero.

Depois... mas mesmo o principal para conseguir é conseguir ajudar a minha família, de qualquer maneira, mas quero ajudar a minha família porque eu tenho dois irmãos que são gémeos e, como sou a mais velha, acho que é o meu dever.

31 – Não, não, eu gosto muito do meu país (não é?) mas acho que, de momento, não é o país em que se pode beneficiar de alguma coisa, acho que não dão ajudas nenhuma às pessoas em geral. Acho que não têm assim... e nos próximos dez (10) anos não têm um futuro muito grande.

Cá em Portugal... eu penso terminar os estudos cá em Portugal, tudo o que eu puder estudar acho... vou estudar cá em Portugal mas trabalhar, acho que vou trabalhar noutro país. Dependendo da área que eu escolher, não é? Há áreas que não são desenvolvidas em certos países, por isso, e como eu não sei ainda aquilo que quero...

IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTA Nº 6

DATA: 25/04/2012

HORA: 10.30h

LOCAL: Escola Ucraniana - Benfica

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Sexo: Feminino;

Nome: Lyudmyla Shymko;

Data de nascimento: 27/12/1993;

Naturalidade: Ucrânia –Chernivtsi;

Nacionalidade: Ucraniana;

Data de chegada a Portugal: 01/Dezembro/2001;

Freguesia da actual residência: Odivelas;

Contactos: (omissos)

IDENTIFICAÇÃO DO PAI

Nome: Alexei Shymko;

Data de nascimento: 10/12/1958;

Naturalidade: Ucrânia –Chernivtsi;

Nacionalidade: Ucraniana;

Data de chegada a Portugal: 1999

Freguesia da actual residência: Odivelas;

Habilitações académicas/profissionais: Engenheiro;

Profissão actual: Motorista distribuidor.

IDENTIFICAÇÃO DA MÃE

Nome: Halyna Shymko;

Data de nascimento: 10/02/1966;

Naturalidade: Ucrânia –Nyzhbirok;

Nacionalidade: Portuguesa;

Data de chegada a Portugal: 2001;

Freguesia da actual residência: Odivelas;

Habilitações académicas/profissionais: Licenciatura em Economia;

Profissão actual: Doméstica.

ENTREVISTA

1 – Vim juntamente com a minha mãe já depois do meu pai ter estado dois (2) anos. O meu pai primeiro queria ir para Portugal durante algum tempo e depois voltar mas, aconteceu que ele acabou por ficar mais tempo e, então, eu vim juntamente com a minha mãe para vivermos juntos em Portugal.

2 – Viemos só eu e ela.

3 – Tenho muito poucas recordações mas acho que vivia bem. Tinha sete (7) anos, quase oito (8). Vivia com a minha mãe, a minha mãe trabalhava, eu andava na escola, no 1º ano. Só me lembro mais ou menos do 1º ano porque antes disso não me lembro de muito. Lembro-me de... ainda tenho contacto com algumas pessoas que andavam comigo no 1º ano, mas muito poucas. Amigos, conheço muito pouca gente de lá, por isso só tenho um (1) ou dois (2) e, assim... conhecer pessoas, só conheço familiares. E, é tudo.

(E tens uma imagem bonita de lá? Em termos sociais, na questão do clima...)

Acho que sim, quer dizer... há partes bonitas e há partes não muito bonitas. A vida lá não era muito fácil, isto em termos sociais, mas, em termos de pessoas gosto muito da maneira como as pessoas... do comportamento das pessoas lá... é um pouco diferente são... pronto! Culturas diferentes e gosto muito. Gosto muito da natureza da Ucrânia, gosto muito do nosso clima, tem quatro (4) estações muito distintas, tem Verão, Outono, Inverno com neve e... aqui já não é a mesma coisa, e é uma coisa que eu gosto muito. Tem muita natureza, muitas florestas... gosto muito mesmo!

4 – Foi uma coisa... um ambiente completamente diferente... a primeira coisa que eu reparei era que... Prontos! Não conseguia perceber nada, por isso tive que demorar algum tempo a adaptar-me. Mas depois, quando comecei a aprender a falar já... já foi mais fácil. Gostava muito porque no sítio onde eu morava não era tão desenvolvido como aqui.

(E em termos relacionais?)

Bem... eu não me lembro muito bem, mas, quando era pequena, era tudo muito mais fácil, portanto arranjei logo amigos. Primeiro era engraçado porque a única maneira que conseguia conversar com eles era por mímica, depois é que comecei a aprender e prontos! Arranjei amigos facilmente. Passei um ano inteiro no ATL (Actividades de Tempos Livres) a aprender a Língua e depois fui para o 1º ano cá em Portugal outra vez.

(Portanto voltaste um ano atrás...)

Sim, depois passei logo para o 2º ano, mas, ainda assim, já estava com um ano de atraso. E prontos! Arranjei amigos, achei muito simpáticos os professores, davam muita atenção para... mas prontos! Eu também não precisava muito porque já sabia mais ou menos a Língua... quando entrei para a escola.

(E em termos de residência?)

Primeiro fui morar com o meu pai, a minha mãe... eu e a minha mãe fomos morar para uma casa onde moravam várias pessoas, depois, passados alguns meses conseguimos arranjar um apartamento só para nós e, a partir daí moramos sempre lá.

(E essas pessoas eram familiares teus?)

Não. Eram apenas ucranianos também, estrangeiros como nós e pronto!

5 – Não me lembro. As pessoas, lembro-me que eram muito simpáticas, prontos! Acho que é a única coisa que eu me lembro. Acerca do clima... como lhe disse, na Ucrânia neva, quando cheguei aqui, estávamos em Dezembro, e, a única coisa que havia era chuva.

(Então e hoje ainda achas que as pessoas são cordiais e simpáticas cá em Portugal?)

Em primeiro lugar, eu percebi que há pessoas simpáticas, há pessoas não muito simpáticas, mas isso é em todos os países isso acontece, também há ucranianos bons e não muito bons. É assim, depende de cada pessoa, não é?

(No geral é bom?)

Sim, aceitam bem. E gostam muito de haver pessoas estrangeiras, por exemplo, os meus professores aceitam sempre e sempre gostam de falar dos ucranianos, dizem que somos bons alunos, é bom saber.

6 – Sim, é fácil. Como eu já tinha dito, aceitam-me muito bem e sinto-me com se estivesse em casa.

(Tu tens muitos amigos portugueses hoje cá?)

Sim, tenho.

(E convives muito?)

Quer dizer, não passo... passo mais tempo com pessoas da Escola Ucraniana. Mas isso são questões de escolha, gosto tanto dos ucranianos como dos portugueses, não há diferença para mim.

7 – Com os meus... por exemplo... quase todos os Sábados, a seguir à escola vamos a um café, beber café ou conversar. Às vezes vamos para um parque, coisas assim... passar o tempo livre, gostamos muito de passear por Lisboa, na Baixa, ou então, combinamos todos e vamos a Belém. Fazemos assim... essas... essas viagens assim... e convivemos sempre.

8 – Portugueses, ucranianos, russos... mais... também tenho amigos lá na escola portuguesa que vêm da Indonésia... da Indonésia não, é de um país lá do Paquistão, não sei, não me lembro...

9 – Sim, tenho muitas amigas.

10 – Sim, sinto-me completamente bem, bem aceite.

11 – Era uma escola lá em Odivelas, Chamava-se D. Dinis, era uma escola primária, a minha primeira escola frequentada cá em Portugal.

(E gostaste da escolinha?)

Sim, era engraçada.

Integrei no ano lectivo de 2002/2003 e fui para o 1º ano mas eu estive cerca de dois (2) ou três (3) meses no 1º ano e depois fui logo para o 2º porque era demasiado fácil para mim. Depois fui logo para o 2º e já acabei o ano em 2002/2003.

(Acabaste por andar um ano para trás mas voltar ao 2º ano...)

Voltar mas, ainda assim, já estava atrasada, já deveria estar no 3º ano.

12 – É complicado porque... não sei... quer dizer... se eu não soubesse línguas tinha a dificuldade porque não entendia mas, no meu caso, é mais por preguiça... portanto... porque eu não gosto de estudar.

(Porque é que disseste que a integração no Sistema de ensino em Portugal é complicada?)

Não é... eu não diria que é muito complicada. Às vezes... tem dias...

13 – São mais disciplinados, talvez.

14 – Talvez tenha sido um pouco mas, só nos primeiros anos. Depois...

15 – Talvez História. Sempre achei História um pouco complicada, talvez também porque, às vezes, tem umas palavras um pouco complicadas e que tem dificuldade em entender.

16 – Com o tempo fui aprendendo algumas palavras e isso tem-me ajudado bastante a perceber mais.

17 – Tinha explicadores, no início do ano a minha mãe pagava a uma senhora que vinha todos os dias e ensinava-me um pouco de Português, o que também foi facilitando.

18 – Sim, porque... não sei explicar bem... prontos! Já me integrei completamente, porque aceitam-me bem e eu sinto-me bem aqui.

19 – São boas, acho que sim.

20 – Por agora não me estou a lembrar de nenhum aspecto.

21 – Como eu só passei um ano lá, por isso não sei, não há muitas comparações que possa fazer... Só se for que na minha terra há um respeito muito maior, aqui não... não me parece que respeitem muito os professores como lá. Lá (tipo) era um respeito muito maior. Talvez... muitas vezes... quando... agora já não... antes reparava, por exemplo, o que nós dávamos no 5º ano na escola ucraniana, dávamos no 6º na escola portuguesa. Ou seja, a ucraniana vinha sempre um pouco mais avançada, segundo a matéria. Mas agora, no 10º ano, a matéria já está mais ou menos ao mesmo nível. Acho que a escola ucraniana tem... é um pouco mais complexa, tem mais disciplinas. Aqui dividem as disciplinas em Ciências e em Línguas, nós lá temos tudo junto, temos doze (12) disciplinas, continuamos a dar tudo e... acho que é um pouco mais complicado termos tantas disciplinas juntas.

(Gostas mais, então, do sistema português ... portanto, mais direccionado para o futuro que a pessoa vai escolher?)

Por um lado sim, por um lado está mais direccionado, por outro, nesta escola (Escola Ucraniana) há mais (tipo) um ensino de coisas básicas. Química... como Matemática, Química, Física... na escola portuguesa já não tenho, continuo a aprender mas só aqui. Acabo por fazer as duas coisas mais ou menos.

22 – É um bom grau (**Forte**). Porquê? ... Não sei explicar mas acho que são bons amigos. Dá para confiar.

23 – Também é muito bom (**Forte**). Acho muito bons os professores aqui.

24 – Não sei, acho que está tudo bem.

25 – Acho boas. Uma pessoa que vem de Leste, por exemplo, para esta escola, e não sabe o Português, e acho que... em vez do Português normal, os alunos tem Português – Língua Não Materna. Isso ajuda muito a aprender a Língua, depois as outras aulas são iguais. É um pouco complicado porque não percebem a Língua na mesma mas, com o tempo isso... cada um consegue... resolver esse problema.

26 – Se houvesse apoios para cada disciplina com a ajuda da Língua, por exemplo uma aula específica só mesmo para aquela disciplina para conseguir explicar melhor ou então, uma pessoa que soubesse falar ucraniano para explicar a matéria... uma coisa assim...

(Por exemplo, imagina que uma pessoa tem dificuldades a História, como é que a podíamos ajudar, à parte a parte linguística, como é que podemos ajudá-la em História?)

Só mesmo traduzindo e explicando a palavra ou então, uma pessoa própria... a própria pessoa tem que começar a estudar intensivamente Português, tem de andar sempre com os dicionários para tentar perceber as palavras.

27 – Talvez os horários. Às vezes fazem furos muito grandes. Na escola ucraniana, e então na Ucrânia, fazem sempre aulas todas seguidas, de manhã, todos os alunos têm aulas de manhã e depois à tarde têm tardes todas livres. Aqui há muitos furos. Por exemplo, uma aula de manhã e o resto das aulas à tarde. Ou então o contrário, todas as aulas de manhã e depois, passadas duas (2) ou três (3) horas, uma aula à tarde. Que não dá muito jeito para pessoas que querem... principalmente para pessoas que não sabem a Língua, elas têm que ter mais tempo para estudar. Com o horário assim, não há muito tempo. Isso também depende de cada pessoa, quem quiser arranja tempo sempre.

28 – Quero ser Tradutora. Eu sei Ucraniano e Russo e o Português de Línguas Vivas. Também estou a aprender Espanhol e Inglês e tenho que ver depois a Tradução, se conseguir... dessas cinco (5) Línguas.

29 – Agora estou em Línguas, Línguas e Humanidades, e depois vou tentar seguir Tradução, ou então, Tradução Política, ou então... também queria ver alguma coisa com Turismo. Alguma coisa que tivesse a ver com Turismo também gosto. Sim, penso que todo o percurso vai ser importante para o meu futuro. O facto de eu estar a aprender Línguas agora, vai ser útil no futuro. Estou... tenho duas escolas, estou na escola portuguesa e na escola ucraniana aos Sábados e tenho escola de Música duas vezes por semana. Estudo, aprendo Línguas todos os dias, estou há sete (7) anos a tocar violino. Na escola ucraniana ando desde o 4º ano, agora estou no 11º, ou seja, há sete (7) anos, e na escola portuguesa desde o 2º ano. Bem... basicamente, porque o 1º não conta muito... como foram só dois meses...

(Então e queres ir para qual faculdade?)

Ainda não pensei muito bem nisso, depende das médias, acho que há vagas na Universidade Nova de Lisboa para Tradução.

30 – Basicamente... acabar bem a escola, com boa média, conseguir ir para a universidade, ter boas notas na universidade, também gostava de acabar bem o violino, que é para o próximo ano que acabo, juntamente com a escola portuguesa, a escola ucraniana acabo este ano. Gostava de acabar tudo com boas notas e que isso contribua para o meu futuro. Que corra tudo bem. Gostava de conseguir arranjar um bom emprego com que pudesse... com o qual eu pudesse fazer tudo o que me apetece. Gostava de ter uma casa, um carro, essas coisas... e prontos! Basicamente...

31 – Não. Duvido muito... Porque já estou muito habituada a viver em Portugal. De lá já não me lembro de nada quase. Só tenho lá familiares... a única... são as únicas pessoas que conheço... de resto... não tenho mais nada lá e era preciso adaptar-me outra vez, fazer tudo de novo para conseguir viver lá.

IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTA Nº 7

DATA: 25/04/2012

HORA: 11.30h

LOCAL: Escola Ucraniana - Benfica

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Sexo: Feminino;

Nome: Helena Nahirnyak;

Data de nascimento: 08/05/1985;

Naturalidade: Ucrânia – Striy;

Nacionalidade: Ucraniana;

Data de chegada a Portugal: 07/2011

Freguesia da actual residência: Paço de Arcos;

Contactos: (omissos)

IDENTIFICAÇÃO DO PAI

Nome: Oleksandr Nahirnyak

Data de nascimento: 02/03/1975;

Naturalidade: Ucrânia – Striy;

Nacionalidade: Portuguesa;

Data de chegada a Portugal: 2000;

Freguesia da actual residência: Paço de Arcos;

Habilitações académicas/profissionais: Curso Profissional de Electricidade;

Profissão actual: Funcionário da CP

IDENTIFICAÇÃO DA MÃE

Nome: Iryna Nahirnyak;

Data de nascimento: 08/06/1974;

Naturalidade: Ucrânia – Striy;

Nacionalidade: Portuguesa;

Data de chegada a Portugal: 2000;

Freguesia da actual residência: Paço de Arcos;

Habilitações académicas/profissionais: Curso Profissional de Estética;

Profissão actual: Esteticista.

ENTREVISTA

1 – Porque os meus pais foram cá e eu queria estar aqui porque na Ucrânia é muito difícil para estudar, para entrar na universidade.

(E chegaste quando?)

Há dez (10) meses.

2 – Meu pai... eu vim aqui com meu pai de carro.

(Ai é? Muito grande a viagem, não?)

Sim, foi muito giro porque países diferentes, é muito giro.

(E, portanto, chegaste com quantos anos? Quantos anos tens?)

Eu, dezasseis (16).

(E chegaste em que mês?)

Julho.

(Portanto ainda não fizeste nenhum aniversário cá...)

Vou fazer.

(Vais fazer para a próxima semana, muito bem!)

3 – Lá morei com a minha avó e agora ela fica lá sozinha, é muito triste!

(Ela não é muito velha, é?)

Tem sessenta e seis (66) anos. E não é mas ... e ali eu tenho mais tempo para descansar, sair com meus amigos porque tive escola foi um pouco mais fácil porque falo na Língua Ucraniana eu percebo bem. Aqui tenho que muito estudar para saber tudo, são coisas que eu não percebo, tenho que estudar... para os testes eu só estudo... às vezes eu não percebo o que eu estou a escrever...

(Mas percebes a pergunta que te fazem?)

Sim, às vezes. Bom, eu quando eu não percebo eu pergunto à professora que ela pode ajudar-me.

(Então e lá, como é que era? Para além de teres mais tempo, eras boa aluna?)

Acho que não muito boa, não tive só vinte (20), vinte (20), vinte (20), tinha quinze (15), dezasseis (16), dezassete (17).

(Aqui só têm vinte (20) os génios! Aqui não é a terra dos vintes...)

Não, aqui não é só na nossa escola, nós ficamos com vinte (20)

(Ai é?!)

Sim.

(Mas é na escola ucraniana, e na portuguesa?)

Na escola portuguesa é assim, na escola ucraniana é um pouco... menor porque não tenho tempo para estudar cá, eu tudo estou a estudar para a escola portuguesa. Mais tempo para lá.

(Então e lá? Gostavas de estar lá? Ou como é que era?)

Sim, são dois pontos de vista, porque lá foi tudo muito... Como é que se diz? Oh! Não sei como explicar... É tudo perto para "soul" ... "mind" ... "for soul" ...

("For soul"? Para a alma, para o espírito?)

Sim, para o espírito, porque foi tudo na ucraniana... todos os meus amigos, nós gostamos de sair, falar, e essa coisa... mas aqui foram meus pais. Eu não vi deles dois (2) anos, às vezes que eles vieram cá, lá na Ucrânia eles estão muito pouco, eu queria estar com eles mais, e agora, quando eu estou com eles é um pouco difícil porque eu não costumo a estar com deles e eles não estar comigo e é um pouco difícil como temos que falar porque às vezes... eles chamam-me quando puderam, só uma... uma vez no semana ou qualquer coisa...

(Mas tu moras com eles?)

Sim, agora moro com eles.

(E só falam uma vez por semana?!)

Não, aqui não. Lá na Ucrânia quando eles foram.

(Eles só te ligavam uma vez por semana, não era? Para lá, E agora aqui estás todo o tempo com eles. E então, como é que é a experiência?)

Acho que é muito mais melhor porque posso falar com deles a qualquer momento eu quero, falar com deles sobre as minhas problemas, sobre rapazes e outra coisa...

4 – Como vês, os primeiros meses é que foi muito difícil para mim porque eu não sabia a Língua e não sabia bem comunicar. Isso foi bom quando as pessoas falaram-me Inglês porque eu falo Inglês muito bom e às vezes as pessoas que não falam Inglês, eu não sabia como explicar, explico com gestos. Na minha turma, aqui no Portugal, turma portuguesa também foi muito difícil para falar com deles, eles não sabem Inglês muito bom e quando eu precisava ajuda, eles me ajudam mas não sabiam como explicar, também explicaram-me com gestos.

(Ai é?! É um bocadinho difícil! Então e nenhum deles sabia o Inglês?)

Não, eles sabem mas muito, muito mal. Porque quando a escrever a Gramática, sim, isso escrevem bem mas com falar é... As primeiras coisas que eu não consegui perceber deles.

(Então e como é que foi por exemplo, ao nível da residência? Tu vieste morar com os teus pais e gostaste? Gostaste assim da forma como vives cá agora ou sentiste uma grande diferença?)

Sim, gosto. Acho que gosto porque eu moro ao pé do mar, eu posso ver o mar da janela. Isto é o melhor. Mas, lá na Ucrânia eu tive mais espaço para mim.

(Mais espaço? Dentro de casa tinhas um quarto maior?)

Sim eu tive um quarto maior porque nós lá tivemos um grande...

(Uma vivenda?)

Hum!!

(Uma casa grande só para vocês?)

Não, não casa... “flat”.

(Apartamento?)

Apartamento sim, mas foi grande. E... aqui e aqui é um pouco menor. E eu moro lá só eu e a minha avó e aqui moramos os três (3).

(Moravas na cidade ou no campo? Era uma aldeia, uma vila ou uma cidade, onde tu moravas?)

Lá na Ucrânia? Ah! Foi uma cidade de região, essa não é grande cidade, mas não é pequena. Nós temos lá regiões, centros diferentes de regiões ... é muito difícil para explicar.

5 – Eu fui lá mais vezes atrás, eu fui no Verão e no Inverno mas só por um (1) ou dois (2) meses. E essa primeira experiência acho que foi muito bom porque lá as pessoas são muito mais positivas acho que... porque elas não falam mesmo... bruto! ... Como nós costumamos falar.

(Aqui são menos brutas?)

Sim, são menos brutas.

E a maior experiência foi que lá, no Portugal, são muitas pessoas de outras nacionalidades como chineses, brasileiros, espanhóis. Lá na Ucrânia é só... quando a pessoa foi de outra nacionalidade foi choque.

(Então e em relação ao clima, estavas a falar que chegaste no Verão, não foi?)

Sim, no Verão, foi muito bom porque eu gosto de sol, não gosto quando... quando o tempo é chuva ou qualquer coisa. Ou quando o céu é nublado, não gosto. Gosto de sol.

(E gostas mais da neve ou do Verão?)

Não, eu também gosto de neve mas é muito frio!

(Então e hoje, portanto, passados dez (10) meses, também continuas a sentir que gostas mais dessas coisas, ou não?)

Não, eu já habitou porque já tenho muitos amigos, amigos ucranianos, amigos portugueses... já sabe... já sei melhor falar Português e mais ou menos... é mais fácil para falar com outras pessoas e agora posso falar no... nos centros comerciais, porque às vezes eu não conseguia dizer que eu quero comprar alguma coisa mas...

6 – Sim, Isso depende da pessoa com quem eu estou a falar, comunicar porque são alguns que gostam dos estrangeiros e são alguns que não gostam mas... isso depende de pessoas. Mas existe mais pessoas que gostam de estrangeiros.

7 – Não, é normal porque... eu fui, lá na Ucrânia do grupo dos nacionalistas, na Ucrânia, mas aqui, as primeiras vezes eles dizem que “Ah! Tu és mal, tu vieste de lá! Não queremos falar contigo!” Mas agora já está tudo normal porque eles percebiam porque eu venho aqui, eles sabem tudo... muito da minha história, o que eu quero... eles dizem que eu estou bem, por causa que eu posso vir ou todo o mundo por causa que eu gosto de ver os outros países.

8 – Portugueses, ucranianos, russos... eu tenho uma amiga do “Exchange Students Program” e esta do Uruguai e, também uma de Latvia... Latvia, moldavos, são gagueuses, não sei que você sabe esta nacionalidade...

(Gagaúses? Como se chama o país?)

Uma parte da Moldávia. Eles também falam a mesma Língua.

(Mas é uma parte da Moldávia ou é um país diferente da Moldávia?)

Não, é uma república da Moldávia. Acho que no tempo passado isto foi um país mas agora é uma parte da Moldávia. Mas eles sabem que eles são de outra nacionalidade que é a dos avós deles.

(Bem... não sei, deve ser uma diferença a nível oficial, não é?)

Sim, é um pouco.

... E também tenho um amigo italiano e um amigo chinês mas ele fala Inglês e é muito engraçado.

(Porquê? Ele também te percebe e tu percebes a ele?)

Sim, mas ele fala muito rápido e com acento de chinês, sim, fala Inglês mas com o acento de chinês. Oh! É muito engraçado, realmente.

(Imagino que sim!)

9 – Eu gosto de conhecer novas pessoas, muito gosto de falar. Não acho dificuldade nenhuma.

Quando eu não... não percebo o que a pessoa está a falar eu diga-me com gestos ou outra Língua. Falo Francês, Alemão... falo Alemão, falo assim mal, não... não falo muito bem mas um pouco percebo.

(Tu percebes quais Línguas?)

Eu percebo de Português agora, Ucrainiano, Russo, Moldavo um pouco, Quaco, Bielorrusso... da Bielorrússia e um pouco de Alemão.

(E o Francês, não?)

Não, os meus amigos dizem que é o Língua muito igual ao Português.

(O Francês?)

Sim.

(O Português é mais bonito em termos de ouvido, acho eu, a estrutura gramatical sim, é semelhante. Eu sou de Português/ Francês, o meu curso é de Português/ Francês mesmo... A estrutura sim, a sonoridade, acho que o Português é mais bonito, eu acho que o Português e o Italiano são Línguas muito bonitas, eu não percebo nada de Italiano mas...)

Eu também, eu queria estudar Italiano porque a minha avó uma, outra mãe da mãe, mora na Itália, eu também quero estudar Língua Italiana.

Eu não gosto Língua da Alemanha. Eu estudei porque no primeiro eu queria estudar Francês mas avó diz que ela não sei nada de Francês, ela estudei na escola Alemão, então vou, eu não disse não... É muito difícil, e a minha professora não gostei dela porque ela era muito boa professora porque ela foi na Alemanha, ela tem prémios e diferentes coisas mas ela é muito bruta. Eu gosto do país dela, porque é muito giro realmente... as estátuas e diferentes paisagens. Eu estudo isso na Geografia.

10 – Não sei, acho que é normal. Eu não sei como explicar, ela é bom. Eu gosto de outras nacionalidades realmente e gosto de falar com todas as pessoas, é muito bom para conhecer outras pessoas.

11 – Aqui eu estou a estudar na escola portuguesa S. Sebastião e Silva de Oeiras e estou no 11º ano e estou a estudar no mesmo ano que lá e que aqui. Porque lá não são menos disciplinas e este é mais fácil mas a dificuldade é que eu não percebo muito bem Português. E lá na Ucrânia foram muitas dificuldades que foi muita dificuldade para estudar mas foi mais fácil porque nós... porque eu sabia a Língua e aqui não podemos copiar. Temos que estudar tudo...

(E lá podes copiar?)

Às vezes, quando a professora não vê.

(Também não podes!)

Não podes mas... um pouco, aqui não consegues a todas as coisas estão em baixo da cadeira e é muito difícil!

(É muito difícil! Aqui não dá para copiar!)

12 – Nas primeiras vezes foi muito estranho porque a aula tem noventa (90) minutos e lá na Ucrânia só quarenta e cinco (45). Isto foi muito difícil... sentar num lugar muito tempo porque eu gosto de correr, não gosto de ficar no mesmo local mas agora já... já está normal, já habituou.

(E, à parte disso, à parte as aulas serem muito compridas, há outros aspectos em que tiveste dificuldade de integração?)

Sim, há as disciplinas porque eu nunca estudei Filosofia, nunca estudei História de Portugal, mas é muito fácil porque acho que aqui não é difícil estudar, é muito fácil para mim. E essa Geografia é mesmo difícil porque não tens que perceber, tens que saber, eu não gosto desta disciplina porque eu tive notas muito maus.

(Geografia Portuguesa?)

Sim

(Então quais são as disciplinas que tens agora na escola portuguesa?)

Tenho a Matemática Aplicada que é o mesmo que nós, Inglês, Português e História, Filosofia e Educação Física.

13 – Lá na escola portuguesa... Humm! Como dizer... A minha turma lá na Ucrânia não foi muito boa porque toda a turma foi muito grande... trinta (30) alunos, e todos tiveram campanhas, não foram todos juntos, não sentiu-se que é uma turma. Em relação, foram às vezes que estiveram muito separados.

(O que é isso de “campanhas”? Vocês separam-se em “campanhas” porquê?)

Porque alguém não gostou desta pessoa... alguém não gostou desta pessoa... e... foi diferentes níveis sociais, foram diferentes níveis sociais. Eles não queriam falar com pessoas que são um pouco... menores. E acho que aqui na escola portuguesa é um pouco a mesma coisa porque eu estou a estudar no liceu e este é onde estudam os filhos dos pais muitos ricos. Muitos acho que são um pouco pobres mas aqui também são os grupos que... dos alunos que eles não gostam de falar com outros alunos porque... da primeira vez esses rapazes portugueses dizem que eu sou ucraniana e eles não querem ter nada mal porque são outras pessoas outras pessoas ucranianas eles não gostam mas eu disse que todas as pessoas são diferentes, não são pessoas iguais. E, no primeiro como... dar opinião sobre a pessoa, tens que conhecer esta pessoa. E então, depois disso, eles começaram a falar comigo e então, aqui é já mais melhor mas é também isso.

(Há muitos grupinhos?)

Sim.

(Então não gostaste muito do ambiente, não é?)

Mas mais são as raparigas que eu gosto de falar com delas muito.

14 – A Língua Portuguesa não é muito difícil mas também não é fácil. Porque eu estudei Inglês é um pouco igual, as regras, a gramática, é um pouco igual do Inglês mas também a falar ou como se fala... é muito difícil.

15 – Acho que na História, na História e na Filosofia porque são palavras muito compridas que eu não percebi nos primeiros meses e... tive que estudar delas muito, muito, muito mas também não percebi! E na História são diferentes estas guerras e diferentes palavras que as portuguesas, não sei... eu tive que saber.

(Por exemplo, tu dizes que são palavras muito compridas, porquê? Muito compridas? Quais palavras, por exemplo?)

“Fenomenologia”, nas muitas vezes eu não sei o que é “conhecimento” então a Filosofia de Descartes, outras ... “espiritualismo”... são muitas...

(Vocês lá na Ucrânia não têm Filosofia?)

Lá na Ucrânia nós não temos Filosofia, só na universidade nós temos, mas nós temos outras disciplinas que vocês não têm aqui. Não... não tiveram porque até ao 11º ano, lá na Ucrânia nós fizemos só até ao 11º ano, nós estudamos tudo, todas as diferentes disciplinas para estar preparado para a universidade e o instituto. Para ter um pouco de conhecimento sobre tudo e lá, já na universidade e instituto já escolhemos a faculdade que nós queremos estudar para mais longe, para a nossa profissão que queremos.

(Mas, por exemplo, se vocês quiserem ir para um curso... claro, se vocês quiserem ir para um curso técnico têm essa formação toda mas depois se vocês quiserem ir para um curso, por exemplo, de História das Ideias, ou de filosofia, ou de Sociologia, já têm muito mais dificuldades porque nunca tiveram as bases, não é?)

Sim, na universidade começamos a estudar tudo de início.

(Pois, na universidade é que vão começar a estudar de início essas teorias todas que nós aqui... pronto, de uma certa forma, já estudámos antes, não é?)

Sim.

(Portanto é mais as cadeiras ligadas ao pensamento...)

Eu também não percebo nada de ministérios de... escolas diferentes e destas coisas.

16 – Eu começou a ler mais, mais na Língua Portuguesa, mais, mais, começou a ler diferentes livros, por exemplo muito bom escrevedor Paulo Coelho, que eu gosto muito, especialmente o livro dele *Verónica Decidiu Morrer*, acho que é um escritor muito bom, E... e a estudar eu leio todo o livro da disciplina, do início ao fim e acho que eu não percebi nada quando eu leio mas agora, quando estou a ler segunda vez já é mais fácil para mim porque eu já sei algumas palavras que eu não sabia no tempo anterior e acho que eu já consigo perceber melhor.

17 – Em primeiro, os meus pais não sabem nada de escola, eles sabem a língua só para comunicar, não para esclarecer. A minha mãe sabe Biologia porque ela estudou mas eu não tenho Biologia. E os meus professores... eles ajudaram-me, eles foram, por exemplo, nos testes, eles perguntaram-me que eu sabe e escrevem-me perguntas para eu ter nota melhor porque saber que eu sei. E os meus colegas de turma também me ajudaram e dizem-me como se ler, como se escrever, quando eu escrevia erros nos palavras eu também risca e dizem que esta tem que ser cá e esta não... é essa. Eles ajudaram-me muito.

(Colegas portuguesas?)

Sim, e ucranianos quando eu não sabia: “Oh Pessoas! Eu tenho que estudar História, ajudam-me se faz favor.” Eu leio e depois eles perguntam-me as coisas de... perguntam-me as perguntas, eu respondeu.

18 – Acho que é muito bom porque as pessoas são muito boas, são sempre “smile”.

(Sorridentes)

Nunca... nunca na primeira vez quando vê a pessoa, nunca dizem nada mal. Em primeiro as pessoas estão a conhecer a pessoa e, então:” Que és mal! És burro!” e então... e não dizem só coisas... as palavras más, às vezes, os rapazes. E... eu acho que é realmente bom.

(Uma boa sociedade?)

Sim, são inteligentes... como eu.

19 – Não sei, nunca vi as racistas... porque na minha escola, na minha grupa de comunicação eles todos são muito boas pessoas e nunca dizem-me nada mal sobre “Tu és ucraniana! És burra!” ou alguma coisa mais ou, especialmente: “És loira”. Quando dizem as primeiras vezes quando eu vim numa escola portuguesa elas dizem quando eu sou loira sou burra. Mas não... já perguntam “Em que eu posso ajudar-te?”. E as pessoas na minha escola também são muito boas quando eu chegou as todas queriam conhecer-me e sabe ”Olá! Como é que te chamas? Oh! Eu já sei, és Irina! Ah! O mesmo nome como a namorada do Cristiano Ronaldo.”Eu digo: “Sim, eu sou a namorada do Cristiano Ronaldo. Sou eu!”

(Mas ela não é loira. Tem o cabelo escuro.)

Sim, e no Verão eu tive o cabelo mais claro.

Não tive nenhum problema. Nas primeiras vezes eu tive o problema como escrever as notas ucranianas para as notas portuguesas porque lá nós temos de um (1) a doze (12) e lá na escola temos de um (1) a vinte (20). E foi uma problema como escrever as notas minhas para portuguesas mas meu pai foi a alguma escola não sei, lá no local onde eu moro, foi a uma escola de Paço de Arcos e eles fizeram a matrícula e escrevemos as notas no Português e nada mais, foi tudo bom.

(Portanto, está a falar do teu certificado, não é? Tiveste que trazer um certificado de habilitações lá da Ucrânia, não é?)

Sim.

20 – Não sei...

21 – Não sei, mas... é uma pergunta muito difícil para mim porque eu acho que todas as pessoas são diferentes mas, no mesmo tempo, todas pessoas são iguais e não posso dizer nada mal sobre as pessoas portuguesas e também nada mal sobre as pessoas ucranianas. Em todos os países são as pessoas que foram maus e pessoas que eram boas.

Na escola, lá na Ucrânia a escola começou de 1 de Setembro e acaba de... sempre no mesmo tempo de 31 de Maio. São nove (9) meses, e aqui começa aos 10... não, começou aos 20 de Setembro e acaba a 8 de Junho. E... foi um pouco diferente. E, lá na Ucrânia, como já sabe, é muito, muito frio, especialmente no Inverno. Isto foi bom que

eu não foi lá na Ucrânia este ano porque o Inverno foi muito, muito frio, foi muito, muito neve. Eu gosto da neve mas não muito, e a escola lá começou às 8.30 horas, aqui às vezes começa às 10 horas, às 8 horas e às vezes é muito difícil para se levantar.

(Mas lá levantam-se sempre mais cedo!)

Sim, levantar mas todo... foi... um regime porque sempre no mesma hora e organismo já sabe. E aqui não “ Não consigo levantar! Oh! Quero dormir!”

22 – Eu não sei porque eu às vezes não gosto de dizer coisas aos amigos que eu não sei muito bom. Eu tenho só poucos amigos, dois (2) ou três (3) que eu posso falar com eles sobre tudo que eu sei que eles nunca vão dizer nada para outro. Sobre portugueses eu lá tenho mesmos amigos só porque eu estou muito com pessoas que eu já estou há muito tempo porque a minha melhor amiga que eu tenho nós já conhecemos há oito (8) ou mais anos.

(Ela está cá?)

Não, ela... Que pena que é mas ela está na Ucrânia. Eu tenho muitas saudades dela.

Acho que é médio.

23 – Não sei, não sei como dizer... porque só as nossas relações com professores só eles vai à aula fala no tema, nós estudamos, fazemos testes e tudo, não, não... não conversamos.

É fraco.

24 – Eu mais ou menos, eu acho que são muitas poucas disciplinas porque tu não tens essa parte que tu não precisas no futuro. Um pouco mal, como eu já disse, é que aula tem muito... é durante muito tempo, noventa (90) minutos, é muito, muito horas e... acho que tudo... é normal.

25 – Eu agora estou um pouco difícil porque acho que no primeiro ano quando fui “sessible” tenho que estudar muito, muito Português, porque quando a pessoa não sabe Português, não consegue estudar as outras disciplinas e isto é realmente é muito, muito difícil.

Acho que o primeiro meio ano tem que ser só Português e depois que já a pessoa sabe um pouco Português, como falar, sabe ler, já pode começar a estudar outras disciplinas.

É assim, aqui no Portugal dão Português não materna isto são para estrangeiros e as minhas professoras de outras disciplinas fazem meus testes mais fácil do que portugueses, só escolha múltipla foi ou, só falso/verdade. Então é tudo. Esse teste foi só para mim porque eles, os portugueses têm outro teste, têm muito escrever ou textos, ler textos e o primeiro teste que eu tive de História a professora dava-me teste para casa. Agora eu não sabia como me explicar, ela dava-me o teste como de todos eu fiz na casa.

26 – Acho que tudo foi bom. Não quero mudar nada. Mais ou menos não foi muitos problemas porque os professores percebi que eu sou estrangeira, não falo muito bom, eles quando puderam ajudaram-me e isto foi muito bom.

27 – Não sei porque já aqui são os monumentos de outros países como, não sei se você sabe, está o monumento do nosso famoso escritor Jusenkjo lá no... muito perto da casa da Ucrânia, aqui no Portugal. São muitos... universal, como dizer... Actividades para ucranianos, grupos, danças, diferenças aqui sobre essa escola que todos nós ucranianos podemos se juntar e falamos, acho que vai ser um pouco melhor quando... vão tudo escrito também noutra Língua, por exemplo, Inglês, porque são... são muitas pessoas estrangeiras que sabem falar Inglês e não sabem falar Português e vai ser melhor quando o texto no baixo vai ser no Inglês. Agora... há actividades que são, ao mesmo tempo, para ucranianos e para estrangeiros e para os portugueses que acho que pessoas de diferentes nacionalidades podem fazer junto com outras... organizar uma festa de diferentes nacionalidades como fizeram numa universidade mas não tiveram muitos estrangeiros.

28 – Eu quero Turismo... não... eu quero viajar e, por causa disso, eu quero ser como Relações Internacionais porque eu sabe não muitos mas poucas Línguas, eu gosto das Línguas. Eu sei que isto eu consigo e não sou boa no Matemática e estas todas. Eu muito gosto de Línguas mas eu não gosto muito de ler.

29 – Estou só a estudar mas eu acho que no Verão vou trabalhar porque para ter dinheiro, eu quero ir à Ucrânia nos feriados... férias.

(E é fácil arranjar emprego para três (3), para quatro (4) meses?)

Não para quatro (4) meses! Só para um mês! Não sei, eu vou ver, eu nunca trabalhei.

(Mas a viagem é cara também...)

Sim, mas com o meu pai, nós vamos de carro. Isso não é muito caro.

Na escola eu sei que eu tenho muito que estudar porque para este curso tenho que saber Português muito bom e tenho que saber outras Línguas muito bom. Então tenho que estudar, estudar e estudar.

(Qual é o curso que tu queres estudar para o futuro?)

Hummm! Como diplomata, como realmente... Relações Internacionais de... por exemplo... de Portugal para o Kosovo, para a Ucrânia ou para os países que eu falo a Língua.

30 – Sim, eu quero estudar aqui porque na Ucrânia é muito difícil para entrar na universidade. Estudar não é fácil, não é difícil... mas para entrar na universidade é muito difícil! Porque nós temos um exame que nós temos que saber tudo, do 1º... do 5º ano, até ao 11º. E temos que saber tudo, tudo, para fazer o exame. E segundo desse exame vamos saber que nós podemos ir a alguma universidade ou não. Também são

esses exames quando tu entras na universidade e para entrar é muito, muito difícil. Eu quero, como a minha mãe me disse, então que eu posso estar aqui três (3) meses e então posso escolher como também este “Exchange Student” para ir noutra universidade de outro país mas no mesmo percurso, na minha faculdade, acho que eu vou à Ucrânia.

31 – Não sei, vamos ver. Mas agora não quero voltar, só para férias, mas voltar não quero. Porque os meus pais não querem, eles têm trabalho aqui e na Ucrânia não, por causa da crise não há trabalho e lá vai ser muito, muito difícil para arranjar um trabalho.

(E aqui não achas difícil?)

É difícil mas eles já têm e eu não quero mudar nada.

IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTA Nº 8

DATA: 25/04/2012

HORA: 14.30h

LOCAL: Escola Ucraniana - Benfica

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Sexo: Feminino;

Nome: Natacha Fedyna;

Data de nascimento: 08/03/1995;

Naturalidade: Ucrânia – Ternopil;

Nacionalidade: Ucraniana;

Data de chegada a Portugal: 2002

Freguesia da actual residência: Odivelas;

Contactos: (omissos)

IDENTIFICAÇÃO DO PAI

Nome: Sergey Fedyn ;

Data de nascimento: 1973;

Naturalidade: Ucrânia – Ternopil;

Nacionalidade: Ucraniano;

Data de chegada a Portugal: 1998;

Freguesia da actual residência: Odivelas;

Habilitações académicas/profissionais: 11º ano;

Profissão actual: Funcionário na Fábrica de Acrílica.

IDENTIFICAÇÃO DA MÃE

Nome: Olena Fedyna;

Data de nascimento: 1973;

Naturalidade: Ucrânia – Ternopil;

Nacionalidade: Ucrainiana;

Data de chegada a Portugal: 1999;

Freguesia da actual residência: Odivelas;

Habilitações académicas/profissionais: Curso de Educadora de Infância;

Profissão actual: Doméstica.

ENTREVISTA

1 – Bem, eu tinha uma idade de seis (6) anos e o meu pai já tinha ido para Portugal, depois foi a minha mãe e eles acharam que era um bocadinho errado eu estar na Ucrânia e eles estarem em Portugal e, como eu era muito pequena, não tinha o direito de palavra, levaram-me comigo.

2 – Vim com os meus pais.

3 – Eu não me lembro assim muito bem mas até era muito gira. Eu tinha os meus amigos, tinha a minha avó, passeava, jogava às escondidas à noite, porque aquilo, ainda por cima, era daquelas meio aldeias, meio cidades. Foi uma infância mesmo muito feliz, ainda por cima, nem sequer havia Internet.

4 – Quanto à casa, os meus pais já tinham uma casa para eles próprios e eu tinha o meu próprio quarto, por causa disso, quanto à casa não havia problemas... Agora quanto à Língua é que eu sei que cheguei à escola e tinha problemas na comunicação, falava mais com as pessoas por gestos e nos intervalos não... não saía, geralmente ficava na sala, ali a brincar ou a ler um livro e, quando acabava a aula eu... a minha mãe fazia-me companhia no Metro ela dava-me sempre dez (10) palavras para eu estudar de Português.

(Dez?)

Sim.

E depois? Ela corrigia?

Ela não corrigia, ela simplesmente dizia: “Tu ainda não aprendeste, então vá! Estuda!”.
E depois, na próxima paragem, perguntava-me outra vez.

(E só era no Metro? Em casa não?)

Em casa não, em casa eu fazia os trabalhos de casa e, quando tinha tempo, via filmes.

(Era só no trajecto...)

É mais interessante!

5 – Eu... Eu acho que não reparei em nada assim porque eu estava concentrada a olhar para o chão quando andava na rua, por causa disso não reparei em nada.

6 – Eu acho que a forma de ser dos portugueses é um bocadinho diferente porque a nossa moral já é bastante diferente. Mas, de resto... não...

(Porque é que dizes que a vossa moral é bastante diferente?)

Epá... nós temos alguns princípios morais que vocês não têm.

(Como por exemplo...)

Agora os exemplos não sei, eu sei que às vezes acontece que ... já não me lembro agora.

Amigos portugueses, neste momento não, mas já tive muitos, é que eu mudei de escola e... agora não estou lá muito amiga.

7 – Propriamente neste momento, tenho mais amigos ucranianos mas já tive tempo em que eu nem sequer tinha amigos ucranianos, só tinha amigos portugueses, por causa disso não dá para dizer exactamente para onde é que é o lado que eu tenho mais amigos.

(E neste momento dizes que tens mais amigos do teu país de origem porquê?)

Na escola onde eu estou agora... na sala... aquela turma, não é bem daquele grupo de convívio que eu gosto, por causa disso prefiro não ter nenhum amigo daquela turma do que ter algum que não gosto. E ucranianos eu tenho porque ... Epá já os tinha há alguns anos e continuo a ter.

(Por exemplo... nessa turma que tu dizes que não gostas muito dos colegas, é porquê? Por causa do comportamento... Por causa das actividades? Por causa de quê?)

Epá... não sei...

Eu não acho que é porque eu sou ucraniana, acho que é os portugueses que não gostam assim muito de mim. Não dá! Pura e simplesmente.

(É uma questão de afinidades?)

Pois, é que há ali certos grupos que, como você sabe, todas as turmas têm os grupos e, aquele grupo que eu gosto não há, por causa disso eu fico ali...

(Ficas um bocadinho fora da turma...)

Pois!

(Quer dizer, quando chegaste não sentiste nada desse tipo de situações e agora é que sentes... Foi por mudar de escola?)

Sim, é que eu já mudei muitas vezes de escola porque... pá fui mudando... uma vez mudei de casa, outra vez mudei, a minha mãe não gostou da escola... mas... de resto, já houve turmas onde eu ficava com afinidade com todos e houve turmas onde eu ficava com afinidade só com um grupo. Pá... foi mesmo conforme a turma.

Com os amigos desta turma (da Escola Ucrâniana) eu sou amiga de todos, se há um aniversário eles geralmente convidam a turma inteira e no fim vamos passear e semelhante. Depois ao pé da minha casa ainda mora uma menina que é ucraniana e é a minha melhor amiga e lá também há mais duas pessoas que nós assim à noite, nas férias podemos ir sair... e, de resto... não há assim muitas mais pessoas que eu conheço ucranianas.

8 – Já houve... russos, ucranianos, portugueses, Guiné-Bissau, que falavam crioulo, já houve chineses, espanhóis, franceses, já houve romenos...

9 – Sim, eu quando vou passear com as pessoas, conheço as pessoas, sou apresentada e... conheço as pessoas. É que, à parte eu ser tímida, às vezes dá-me algo na cabeça e...

10 – Nunca vi assim grande problema, as pessoas às vezes reparam que eu sou ucraniana mas, mesmo assim, não... não fazem grande questão em fazer-me num nível mais acima ou mais abaixo. Só às vezes ouvi assim aquelas palavras assim do género de... “Epá... Tu és ucraniana e, como todos os ucranianos, devias de ser muito esperta mas parece que o teu nível normal é tipo... “

(Os ucranianos têm a fama de ser muito espertos, é?)

Sim, quanto eu ouvi, eles têm sempre essa fama, é que para nós, por exemplo... para vocês, chumbar o ano, eu já vi muitos colegas e eles disseram: “Vou chumbar o ano.”... E ficam com aquela cara de: “Ok! Vou chumbar, não faz mal!”. Se fosse na Ucrânia, se alguém disser ou “Eu vou chumbar o ano.” ou “Eu chumbei o ano.”, eles vão pensar que estás a gozar porque é impossível chumbar o ano. Para os ucranianos é uma coisa mesmo extra-terrestre!

(Ou seja, ninguém chumba!)

Não.

(E os mais fracos, como é que fazem para passar o ano?)

Estudam.

(E estudam... mas se eles, por exemplo, têm dificuldades em Matemática... eles estudam com que bases? Se eles têm dificuldades, eles têm que ter alguma ajuda...)

Ou os pais arranjam explicação, ou então arranjam amigos que saibam Matemática, ou então copiam, ou então estudam, ou então “marram”, ou então não sei o quê... não passar de ano está fora de questão!

11 – Eu entrei cá logo no 2º ano e fiz o 1º na Ucrânia, e vim para aqui logo no 2º. Tinha sete (7) anos. Fui para a escola... Epá... não sei bem onde fica... acho que é perto do Intendente.

12 – Eu achei que os portugueses eram fraquinhos na parte matéria, porque eu já quando... na escola preparatória... acho eu que é assim que se diz, a minha mãe trabalhava lá, porque ela ainda antes trabalhava na sua especialidade, ela já preparava a turma. Quando as pessoas saíam do infantário, já sabiam a matéria do 1º ano. Assim, quando nós lá chegávamos, já estávamos muito à vontade e... ou seja, que eu no 2º ano, eles estavam a estudar a tabuada e muitas pessoas não sabiam (hein!), enquanto que já a sabia há quase dois (2) anos. Por causa disso achei que não puxavam assim tanto quanto os professores puxavam por nós.

(Portanto, é uma questão do nível de ensino, no ano em que tu chegaste já vinhas mais avançada do que os que cá estavam, é isso?)

Sim.

(Portanto esta questão de tu estares integrada ... de tu teres achado que estavas muito mais á frente que os teus colegas...)

Não muito, mas estava...

(Mas estavas um bocadinho, também o ano ainda era relativamente de nível baixo, portanto não dava para notar uma muito grande diferença, mas o facto de tu estares mais à frente que eles criou algum afastamento ou tu integraste-te bem na turma embora fosses mais avançada?)

Eu neste momento só me lembro... de... acho que só me lembro de três (3) pessoas. Era uma miúda, ela era minha amiga, depois era também um miúdo e era uma miúda que, não sei porquê, não gostava de mim, aquilo era uma birra! Porquê? Porque estávamos nós na aula, ela começava de repente a chorar e a dizer que eu lhe fiz algo. Lembro-me que houve um dia em que ela começou a chorar e eu comecei a chorar de propósito também para a professora assim não saber quem é que bateu quem.

(Mas vocês batiam-se e tudo?!)

Eu não sei... eu não lhe tocava ela estava ali ao meu lado e, de repente... começava a chorar e a dizer que eu lhe estou a fazer algum mal! Pois! Também não sei...

(Em geral... não houve outros problemas?)

O problema mais era a Língua, porque eu não queria muito sair ao intervalo e tal... mas quando saía sim, eu jogava... jogava mais á apanhada e fazia com gestos “eu”, “tu” e brincava... e pronto!

13 – Pois eu, nos alunos de Leste, eu só conheci o 1º ano. Por causa disso, eu não sei se posso responder a isto. Daquilo que eu ouvi agora... sim, estudam, tentam desenrascar-se, de resto... não sei muito.

(Esses colegas que, por exemplo, tenham vindo da Ucrânia mais tarde, como é que achas que eles se integram? Como é que achas que eles superam?)

Aqueles que vieram mais tarde têm mais dificuldades porque já vi colegas, por exemplo, no ano passado veio uma colega do 1º ano para aqui e ela só conseguiu aguentar aqui um ano, ela estava sempre a se queixar que não conseguia nada disto, não entendia a Língua, “estava mesmo à nora” e quando acabou o ano foi logo para a Ucrânia e agora não voltou.

14 – Acho que não, eu acho que até ao 5º ano eu ainda estava assim um pouquinho a não entender como é que era aquilo, mesmo assim, tinha boas notas, apesar de não saber a Língua... tinha boas notas porque Matemática é internacional. Depois, a única coisa que eu acho que fiz um bocadinho mal foi mais a Língua Portuguesa como matéria porque eu agora estou a tentar subir as notas e vejo algumas falhas na base.

(Estás a tentar subir as notas a Português?)

Sim, a Língua Portuguesa. De resto... Biologia, Física, Matemática, aí não tinha muita dificuldade em Português.

(Então e porque é que só agora é que estás a tentar subir as notas a Português?)

É na escola portuguesa, é que... sei lá. Se o diploma lá de fora é preciso para mim, tenho que subir.

Então e quais são as dificuldades que encontras agora? Porque agora também já estás num nível avançado também do Português, não é? Quais são as dificuldades ao nível da Literatura? Estás a dar o quê? O Luís de Camões?)

Estou a dar agora *Os Maias*, não tenho dificuldade, só algumas palavras que eu tive que perguntar à senhora mas também, *Os Maias* é um livro muito velho, por causa disso... mas de resto não, quanto a entender não tenho problemas, mesmo a gramática.

(E mesmo ao nível da poesia, não tens problema?)

Desde que não tenha aquela linguagem muito velha... Mas, de resto, eu estudo.

15 – Eu, do ensino básico, não me lembro quase nada, só me lembro que a minha mãe todos os anos ficava espantada porque eu, apesar de não saber a Língua, tinha boas

notas. Depois, quando acabou aquilo, já senti dificuldades, no entanto, passei de nível, acho que é do 5º para o 6º, ou como é que é... Ali já senti alguma dificuldade porque as matérias são mais difíceis, começaram a puxar bem e, ali desceram-me um bocadinho as notas... mas, de resto... não. Depois passei aquilo e pronto!

16 – Primeiro comecei a tentar estudar mas... vi que não estava-me a sair muito bem aquilo, porque continuava a ter muitas dificuldades. Então, a minha mãe, porque ela, já nesse tempo, trabalhava mais que no 5º ano, ela foi para Portugal e deixou de ser Educadora de Infância e ele tinha... ela trabalhava na casa de uma senhora, mas ela tornou-se amiga dessa senhora, então, ela como soube dessa dificuldade, então eu passei, de vez em quando, a ir a casa dessa senhora e ela me ia explicando coisas, Matemática, Geologia, Português... porque, daquele ano, todos os portugueses que já têm alguma educação conseguem explicar aquilo e... então, com essa ajuda, com mais estudo, com a minha mãe ali por cima da cabeça sempre: “Estuda! Estuda! Estuda!” consegui superar as dificuldades.

(Portanto, foi um apoio mais externo do que de ti própria, não é? Porque, quando estudaste por ti própria, as coisas estavam difíceis na mesma, é isso?)

Não é ser difícil, o problema é que eu não me conseguia obrigar...

(Tu não te conseguias obrigar a ti própria?)

Sim, eu nesse momento não era grande coisa de escola porque... Vou-lhe explicar: eu podia ficar na aula a ouvir a aula e tinha sempre na mesma “Suficientes”, era um bocadinho pouco e, eu então tinha que subir para os “Bons”. E, para subir para os “Bons” é que já tinha que estudar e... aí é que já tive que pedir ajuda.

17 – Quando tinha descido as notas, tive aquele apoio da vizinha e os meus pais a dizerem-me sempre de volta de mim para estudar, mas, de resto... não, não houve mais nenhum apoio.

18 – Isso... não sei explicar... quanto aos edifícios e semelhante, eu não vejo grande coisa. Depois, quanto à sociedade...

Ah! Já me lembrei de um exemplo moral... por exemplo, eu enquanto ainda andava no 1º ano, ainda na Ucrânia, eu, apesar de ter aquela idade de cinco (5) anos e, mesmo assim, quando via uma velhinha ali no autocarro, eu levantava-me para dar lugar à velhinha. Enquanto que, hoje em dia, em Portugal, eu olho para ali e alguns jovens que eu vejo que quando vêem uma senhora mais idosa, olham e viram-se, como se não fosse nada! E é nesses pequenos pormenores que fazem alguma diferença, porque, por exemplo, eu, quando chegar a essa idade, eu gostaria que tivessem algum respeito maior por mim, não é?

Para além disso, não vejo grande coisa porque todas as pessoas são diferentes e, não se pode caracterizar uma sociedade só por uma pessoa.

19 – Os professores... como em todo o lado, há professores bons e professores nem tanto, há professores que, à mínima coisa, começam a gritar, há professores que lêem do livro mesmo, eu já tive uma professora assim, e há professores que fazem toda a diferença, porque eu já tive... já tive História, agora já não tenho, mas, quando eu tinha História, era sempre só “Suficientes” e, dois (2) anos tive uma professora de História, essa professora de História é mesmo ótima! E, quando tinha essa professora de História, comecei a ter só “Muito Bons” e os “Bons” já eram rarinhos e, quando a professora saiu, ainda tive um (1) ano História e, passei logo para os “Suficientes”. Por causa disso... acho que ela explicava tudo muito bem e, a gente ficava mesmo sem dúvidas.

20 – Quanto à matéria não vejo grande coisa assim a melhorar, sinceramente... A matéria é como todas que tem que ser estudada... Quanto ao horário, já é mais conforme a escola porque já estive numa escola onde o hora de almoço era de duas (2) horas e aquilo era mesmo insuportável porque havia as vezes que eu, depois da hora de almoço, tinha, por exemplo, Educação Física e que eu não aguentava e ia logo para casa porque era demasiado para mim. Também... intervalos... acho que, desta vez, estão a começar a ser intervalos muito grandes, pelo menos, na minha escola, porque o intervalo já é vinte (20) minutos e, depois, se chegam atrasados cinco (5) minutos, não vão contar falta e ainda deixam entrar, então, o intervalo torna-se com vinte e cinco (25) minutos... (pá), quer dizer, é demasiado, porque, sinceramente... porque assim as aulas começam a esticar muito e isso não é muito bom. Cantinas... os almoços até não são assim tão maus, sinceramente! Só que... há algumas cantinas portuguesas que, às vezes, podem fazer coisas horríveis! E... já... já... já comi uma pizza que... está a ver aquela pizza que tem aquela carne picada como se fosse esparguete à bolonhesa? Por cima então, aquela massa estava meio crua, então, puxava-se e a massa esticava, não era o queijo, era a massa! E eu fiquei mesmo sem apetite, só comi duas (2) sopas. Estava do tipo queimada por fora e crua por dentro.

Uma coisa que eu não gosto muito é, por exemplo, eu queria seguir Medicina, entretanto... não entendo porque vocês têm médias assim tão altas e não abrem mais faculdades. As pessoas que querem seguir Medicina em Portugal têm que dar voltas e mais voltas à cabeça a ver o que é que elas fazem.

21 – Quanto ao meu país, eu posso dizer porque eu... eu... a matéria, eu tenho aqui na Escola Ucraniana, por causa disso, posso apontar muito bem. Por exemplo, eu tenho aqui a Matemática do 11º ano e nós já estamos a acabar as probabilidades e, acho eu já passámos as funções e, é aquilo que vocês só vão dar no 12º ano. É que nós temos a matéria mais resumida mas temos exactamente a mesma coisa, por causa disso, a matéria em si não... não difere assim muito porque eu fui ver fichas com exercícios semelhantes, não difere mesmo muito, provavelmente, aqui nós temos menos tempo para estudar.

22 – Ah! Eu isso, eu não olho se são portugueses, se são chineses ou de outro país. Para mim, o mais importante é mesmo a forma de ser da pessoa. Se me dão razões para

confiar, eu confio. Eu sou uma pessoa muito propícia a contar coisas, por causa disso, mesmo que eu não queira, às vezes posso contar algumas coisas. Por causa disso, tenho algum propício a confiar e depois sim... e depois ainda tenho que falar assim: “Mas tu não contes! Mas, por favor, não contes!”. É o médio, em geral.

23 – Sim, quanto aos professores eu confio muito bem porque já sei que... são pessoas adultas e sabem muito bem que há certas coisas que não devem ser contadas. Há certas coisas que têm que ajudar, porque... eu vejo que os professores quando reparam que uma pessoa está demasiado triste ou demasiado contente, e normalmente, os professores reparam e tentam ajudar da forma que podem.

É um grau forte.

24 – É uma coisa que fiquei interessada, vocês, por exemplo, História, vocês só dão História de Portugal, certo?

(Sim em geral, nos níveis mais baixos sim.)

E depois quando vai-se para os cursos é que vai dar-se Histórias Gerais?

(Sim, depois pode escolher-se História de várias coisas, História Internacional, História de Arte... depende, depende do curso)

É que eu lembro-me que eu era mais jovem e achava esquisito porque na escola portuguesa só estudava a História de Portugal e mais nada. Na Escola Ucraniana tive História de Portugal, História da Ucrânia e de todo o mundo, o que, sinceramente, para mim, era um bocadinho aberrante porque... Epá... eu tenho que estudar a História de todos e os outros países não estudam a nossa História, é um bocadinho mau... A mesma coisa com a Literatura, nós damos Literatura Ucraniana e Literatura de todo o resto dos países, enquanto que vocês são mais propícios no vosso país só, não olham para os outros países.

(Na faculdade sim. Por exemplo, eu tive Literatura Italiana, tive Húngaro...)

Na faculdade, mas quem não vai para lá, eles não conhecem as outras tradições e, parece-me que vocês ficam um bocado concentrados. É bom ser patriota, sim! Mas também é bom conhecer as outras coisas.

(Pois, isso tem a ver com o facto de nós irmos seleccionando, em termos de ensino, as cadeiras que vão servir-nos mais para a faculdade, não é?)

É que nós, ainda antes de escolhermos o curso, ainda assim, nós já sabemos, de forma geral, as Histórias dos outros países. Cá, o estudo da História é mais seleccionado para as áreas da História mesmo, depois há as Histórias específicas da Literatura, da Cultura...

(Nós fazemos uma opção, depois, tem a ver com o interesse pessoal, se a pessoa estiver muito interessada em fazer um estudo sobre a História da Ucrânia ou dos Países de Leste, ou da China...)

Não é a Cultura por opinião daquilo que você quer mesmo mas, é a Cultura Geral...

(A nível do Ensino, achas que devia ter uma componente mais generalista até mais à frente...)

Sim, é que vocês fazem assim uma barreira entre vocês e os outros.

(Então e, para além dessa questão, outras Políticas Educativas que tu gostasses de ver alteradas ou que fossem diferentes...)

Há uma coisa que é o Acordo Ortográfico que, por exemplo, aquilo aí é... você sabe... é que eu não entendo é muito bem porque há aquela parte dos “p”s e dos “b”s, essa parte eu entendo, mas agora, com os acentos e isso tudo, faz grande confusão! Porque eu ainda estou a tentar o ensino em Portugal, se tudo correr bem, e parece-me que vou ter que seguir com o Novo Acordo Ortográfico e ter mais erros ortográficos porque não estou a estudar o novo acordo, não é muito boa coisa!

(Muitos dos portugueses pensam assim, muitos, muitos mesmo! Mas... enfim... os “p”s e os “b”s há palavras onde não fazem diferença e há outras onde fazem...)

A expressão “pára” e “para” tirarem o acento... agora está ali um sinal, “Para, tens que parar!”

(Por exemplo, a palavra “acto/ato”, não é? Acto com “c” e ato sem “c” faz diferença.)

Não sei...

(“Eu ato a minha bota”)

Ah! Sim, sim, de atar!

(Ou “o acto”, uma acção ou uma parte da peça de teatro, “o acto”. Não é que seja a mesma coisa e a palavra vai, supostamente, a escrever-se...)

Sempre da mesma maneira.

(Há determinadas palavras onde não... não faz muita diferença e há outras onde, realmente, faz toda a diferença e faz muita confusão, como tu dizes.)

25 – Não penso nada em especial.

26 – Eu já me senti bem integrada, portanto, em princípio, não vejo nada que se possa fazer mais.

27 – Eu já respondi nas outras perguntas, não há nada que eu possa dizer mais.

28 – Eu estou... estou a tentar fazer uma coisa que é... na escola portuguesa, estou a tentar puxar a matéria mas... só assim por puxar porque da escola portuguesa eu só vou precisar dos exames que é de Biologia e de Geologia de 11º ano, a Físico-química do 11º ano e Matemática do 12º ano porque algumas faculdades só aceitam exames portugueses. Mas... e também estou a puxar a Escola Ucraniana para ver se eu tenho boas notas porque aqui sinto-me mais à vontade porque esta matéria aqui é muito fácil e ainda vou fazer os exames desta escola... e depois, com os planos já feitos com a minha mãe, vamos lá a ver se vou entrar em alguma coisa ainda este ano.

(Qual é a área?)

Ciências e Tecnologia. A Área da faculdade? Medicina.

(E a parte de Ciências e Tecnologia é uma parte da Medicina?)

Não, aquilo é geral para quatro (4) cursos. Dá para ser juiz, dá para ser arquitecto, dá para ser médico, dá para ser psicólogo, aquele curso, eu acho, é o mais abrangente.

(E quais são os teus projectos com a tua mãe?)

Entrar numa faculdade de Medicina.

(Para entrar na faculdade de Medicina tens o curso de Medicina específico, é isso?)

Sim, Medicina ou Enfermagem, ainda não... não... sei o que vou seguir...

Falta o ano que vem e este ano para terminar a escola portuguesa mas, se tudo correr bem, nem sequer vou acabar a escola portuguesa.

(Porque... a tua escola ucraniana já dá para entrares para Medicina, é isso?)

Sim.

29 – Estou a estudar, depois faço alguns trabalhos, estudo, depois vou para a escola, no intervalo, estudo, almoço, estudo, aulas, estudo, vou para casa, ainda posso descansar um bocadinho, porque depois a cabeça ainda rebenta, depois estudo, depois, antes de adormecer, eu faço um trabalho porque a minha cabeça já não dá... e pronto! Sou capaz de deixar-me jogar um bocadinho. Depois vou adormecer tipo às onze (11) ou doze (12) da noite e, depois, outra vez... cinco (5) da manhã...

(Tu levantas-te sempre às cinco (5) da manhã?)

Agora estou a tentar fazer isso porque tenho que preparar-me para os exames.

30 – Eu gostaria de... epá eu... sinceramente... aquilo que eu mais queria... em enfermagem não estou muito interessada, eu queria mas é ser cirurgiã. Para o ano... mas as médias aqui matam-me e eu não sei se vai dar certo, mas... de resto... eu gostaria de acabar aquilo e fazer um bom estágio, voltar para a Ucrânia e... e... fazer o meu trabalho.

(Gostavas mais de voltar para a Ucrânia?)

Sim.

(Não gostas muito de viver em Portugal?)

Epá, não é não gostar... é que eu não me sinto aqui bem no meu ninho, não é assim porque recebem mal ou assim. Eu, pura e simplesmente, sinto que onde eu tenho que estar é na Ucrânia porque é o meu país de origem... é aquele sítio onde eu sei que tenho que estar

(Com o Curso de Medicina ou de Enfermagem tu tens boas possibilidades de trabalhar lá?)

Sim, é que eu quero acabar aqui porque o diploma da Europa, um diploma europeu, ali tem mais... é melhor recebido do que um diploma ucraniano. Por exemplo, quando uma pessoa está a escolher um trabalhador, entre um trabalhador que tem diploma ucraniano e um trabalhador que tem diploma europeu, vão escolher o europeu e eu, olhando para o futuro, tenho que... fazer aquilo que posso.

31 – Bem, eu acho que qualquer pessoa que gosta do seu país vai querer voltar. Por exemplo, você se fosse para a China, você poderia gostar muito da China, do Sushi, dos Dragões e disso tudo mas nunca se iria sentir tão bem como ficando na Ucrânia.

IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTA Nº 9

DATA: 25/04/2012

HORA: 16.30h

LOCAL: Escola Ucraniana - Benfica

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Sexo: Feminino;

Nome: Valérya Moskaliouk;

Data de nascimento: 07/06/1994;

Naturalidade: Ucrânia – Striy;

Nacionalidade: Ucraniana;

Data de chegada a Portugal: 11/2011

Freguesia da actual residência: Massamá;

Contactos: (omissos)

IDENTIFICAÇÃO DO PAI

Nome: Igor Moskaliouk;

Data de nascimento: 10/07/1962;

Naturalidade: Ucrânia –Striy;

Nacionalidade: Ucraniano;

Data de chegada a Portugal: 01/2001;

Freguesia da actual residência: Massamá;

Habilitações académicas/profissionais: Canalizador;

Profissão actual: Funcionário na Fibra Óptica.

IDENTIFICAÇÃO DA MÃE

Nome: Yaroslava Moskaliouk;

Data de nascimento: 17/07/1968;

Naturalidade: Ucrânia – Striy;

Nacionalidade: Ucraniana;

Data de chegada a Portugal: 11/2011;

Freguesia da actual residência: Massamá;

Habilitações académicas/profissionais: Curso de Engenharia Electrotécnica;

Profissão actual: Empregada de limpeza / Doméstica.

ENTREVISTA

1 – Porque o meu pai já estava aqui e nós... e minha mãe estava na Ucrânia, por isso é que meu pai queria que nós estamos juntos e ele chamou.

2 – Com os pais.

3 – Na Ucrânia sim, tinha muitos amigos, muitos! E eu gostei desse meu país, tenho muitas saudades. Estudava numa escola onze (11) anos e já acabei, aqui vou acabar porque eu comecei... na Ucrânia eu já comecei o 11º ano mas nós fomos para aqui e eu já vou acabar o 11º aqui.

(E tu tens quantos anos? És muito nova para já estares no 12º ano!)

Não. Dezoito.

(Dezoito?! Já? Tens um ar de muito novinha. Então e lá moravas com quem?)

Lá na Ucrânia morava com a minha mãe. Pai também estava mas pai estava aqui um bocado e depois, no Verão, ele vem para a Ucrânia.

(Mas isso durante muitos anos, não? Ele veio quando a primeira vez para Portugal?)

2001

(Ele passava sempre lá o Verão?)

Não, ele estava aqui todo o ano e só no Verão é que ia lá.

(Ele sempre trabalhou na fibra óptica?)

Não, não é sempre, primeiro ele trabalhou numa... eu não sei explicar... por exemplo... há um carro... um carro... e precisa dar algumas coisas, por exemplo, está lá escrito marca e tudo ou... uma camioneta que também precisa de coisas para... é, por exemplo, do bar...

(Ah! Sim, já percebi, ele decorava viaturas, carros...)

Sim, se calhar é isso...

Por exemplo, aqui agora é euro 2012 e umas camionetas precisam para dar imagem...

4 – Não sei, já estou um bocado habituada.

(Já?!)

Eu passeava com os meus amigos daqui da Escola Ucraniana, é muito bem que há Escola Ucraniana aqui porque aqui, quando eu cheguei, eu não sabia nada. Falar também é um bocado difícil e eu também estudo na... ando na escola portuguesa aqui, é um bocadinho... para falar é muito difícil com os meus colegas lá... e aqui é bem que percebo a falar.

(E aqui falas Português com eles? Ou falas Ucraniano?)

Não, Ucraniano.

(Ah! Isso é “batota”!)

Só falo na escola portuguesa.

(Só falas... mas já falas bem!)

Na escola portuguesa é muito difícil porque agora eu escolhi um... porque nós aqui na escola ucraniana, nós temos todas as disciplinas e na escola portuguesa nós só temos sete (7) aulas e para mim é muito difícil. É muito difícil Filosofia e História porque há muitas palavras que eu não percebo e, então, é um bocadinho difícil... e também tenho muitas saudades para a escola... para a Ucrânia.

(Então e, por exemplo, com os teus colegas da escola portuguesa e da escola ucraniana, como é que tu te relacionas? Foi tudo bem? Já falas bem com eles?)

Sim, foi tudo bem. Na escola portuguesa também falamos, eles deram-me ajuda, ajudaram-me para perceber mais e aqui também só cheguei ... amizades, falamos...

(Portanto, aqui estás a fazer o 11º ano...)

11º, já acabámos, porque na Escola Ucraniana nós temos só 11º ano... porque é mais difícil estudar aqui, na Escola Ucraniana... e nós estudamos tudo, tudo e vocês têm só 11º e 12º e estão a estudar nos dois (2) anos isto que nós estudamos no 11º.

(Então e tu vieste morar para Massamá e ficaste sempre nessa casa?)

Não, primeiro eu cheguei na casa de minha tia, na Damaia, e estudo também na Damaia, ando na escola portuguesa. Depois, passou um mês e nós mudámos a casa porque é um bocado complicado, lá é muita gente na casa, é melhor ter a nossa.

5 – Eu gostei que aqui não é muito frio como é na Ucrânia e também aqui é quente e eu gosto daquele clima mas... não sei... está normal. Eu já estava aqui oito (8) anos para trás. Já estava...

(Já estiveste cá?)

Sim, mas não é muito, só nove (9) meses, depois voltava.

(Tu chegaste cá no Inverno, mesmo assim, achaste que o clima era mais quente cá... muito mais quente)

E é, porque na Ucrânia no Inverno estava menos vinte (-20) e aqui sete (7) e mais que sete.

(Tens irmãos?)

Não, não tenho.

6 – No geral, está tudo bem, como é que... já um bocado percebes o que as pessoas estão a dizer, é fácil, mas primeiro... minha mãe, ela não sei bem falar, ela passava umas palavras tipo “Obrigada”, “Boa tarde!”... para ela é difícil!

(Agora tens que a ensinar, tu já sabes mais.)

Sim, eu faço.

7 – Aqui (na Escola Ucrâniana)? Fazemos tudo, festas... encontramos e tenho muitos amigos, se calhar é todos os colegas. Também outros que já conheço, conheço mais.

8 – Uns amigos que são de Angola, ou, se calhar de Cabo-verde, outros da Ucrânia, também tenho amigos de Portugal, Moldávia e russos.

9 – Sim, mas isso também é a Língua, quando não percebes falar é um bocado difícil para ver como é que é a pessoa mas como é que já falas mais... pois claro!

10 – O quê... gosto! Mas tenho muitas saudades da Ucrânia. Quero voltar.

(Queres voltar?)

Sim.

(Mas em férias? Ou para ficar lá?)

Não, não...

(...só férias, só para matar as saudades...)

11 – Secundária D. João V, na Damaia.

12 – Eu acho que é muito bem, como é que eu já te estava a dizer, que nós temos aqui todas as disciplinas e estudamos tudo também no 10º, no 11º. Eu acho que é melhor estudar como a escola portuguesa porque tu já descobriste o que é que tu queres fazer depois, como é que acaba a escola, e aqui não... aqui estudas tudo, a Química, a Física, mas não gostas... mas precisas estudar! E na escola portuguesa, tu gostas Inglês, estudas Inglês, tu gostas História, estudas História, e não há Matemática, não há o que tu não gostas. E eu acho que é mais fácil estudar aqui assim, porque tens só sete (7) aulas e estudas só estas sete (7) é o que tu gostas.

Aqui tens exame... todos! E é um bocado difícil para estudar.

(E como é que tu consegues conciliar a escola portuguesa com a escola ucraniana?)

Para mim, se calhar, é mais fácil porque eu só estou na escola portuguesa para aprender... para aprender Língua e não estudo muito porque ainda não percebo bem.

13 – Não sei, para mim é igual, não é nada diferente. Não, acho que não há, não há diferença muita. São mais... portugueses, eu acho que eles fazem uma coisa e, como é que... se não dá para fazer, eles deixam e ucranianos, eles fazem mais porque eles querem acabar.

Mas isto é também de pessoa.

14 – Não, não é muito problema! Como é que falas, ouves todos que falam na tua escola. É mais fácil! Mas, para mim, não é muito difícil. Eu só percebo que é difícil porque eu só estou aqui há cinco (5) meses e isto não é muito para aprender Língua mas, como é que eu estudo na escola portuguesa, é mais fácil.

15 – É a Filosofia porque é preciso pensar de esta Língua... mas como é que posso pensar, mas é que eu não sei bem falar e é que eu não percebo... há... há muitas palavras que, se calhar, nem todos os portugueses percebem... percebem aquelas palavras.

16 – Leio livro, também traduzo o que eu estou a ler. Na Ucrânia também temos Filosofia. Aqui não temos nessa escola mas eu já tinha e posso ler aquela matéria que estudamos na escola portuguesa, posso encontrar na Net esta matéria e estudar na minha Língua para perceber.

(Portanto, vais à Internet e procuras o tema, depois, traduzes para a tua Língua para perceberes o que é que aquilo quer dizer e como é que se deve gerir...)

Eu consigo ver só o nome da matéria e procuro na livro de Filosofia da Ucrânia e leio para perceber.

(E tens facilidade em encontrar o tema?)

Como é que eu percebo o tema? Eu traduzo primeiro o tema, depois vou ver. É fácil com a Internet... Google... tic-tic...

17 – (Para além da Internet e do esforço pessoal...) Tenho principalmente o apoio dos professores no Português, ajudam-me muito a aprender.

Na Filosofia não ando porque, para mim, não é muito importante agora a Filosofia, é mais importante é a Língua Portuguesa para aprender e falar, porque quero apanhar o curso e depois, como é que acabo o curso de Fotografia... por isso quero apanhar curso e preciso Língua. Para mim agora a Língua é importante!

(Então tu estás em qual área na escola?)

Eu tenho o curso de Línguas porque na minha escola (onde) eu ando, não há.

O meu pai ajuda-me e também a prima ajuda-me.

(Já tinhas cá família...)

Meu pai, ele tem aqui a irmã, a irmã dele também está aqui e as primas, duas (2).

(São da tua idade?)

Não, não, elas são mais velhas, a primeira tem trinta (30) e, a outra vinte e oito (28).

18 – Sim, gosto porque... não sei... é mais parecido com o meu país, para mim, é bem... as pessoas, aqui há muitas pessoas boas, falam contigo bem, e depois... ajudam.

19 – Eu gosto de tudo, é normal, percebo (o) que é preciso. Só aquilo que eu não gosto é aquelas disciplinas que é para mim difícil.

20 – Não sei, vou ver depois. Primeiro quero aprender a Língua porque é mais importante para mim agora, porque estou num país e não sei a Língua. Se calhar, mais falar com pessoas portuguesas, também ouvir o que os professores falam nas aulas, também ver televisão portuguesa, também é importante, ouvir música...

21 – Melhor é a escola aqui, aqui escolhes tudo, lá, só o que queres fazer depois.

Mais... não sei... é difícil para explicar.

22 – Eu não tenho a certeza, mas há algumas pessoas em que eu acredito. É Médio.

23 – Sim, confio. É Forte. Eles ajudam-me muito.

24 – Oh! Aqui é difícil, não sei bem qualificar aqui... eu não sei sobre isso... eu não sei... eu não consigo dizer nada, porque eu não sei bem de Portugal.

25 – Eu acho que está mais fraco é no hospital porque uma pessoa chega no hospital e é preciso sempre muito esperar. É porque uma pessoa, ela sente-se muito mal e ela precisa esperar, ou criança também.

Ao nível da escola é bem, só que é mau que não há nada onde nadar, para aprender nadar.

(Mas havia uma piscina aqui em Benfica, na Junta de Freguesia...)

Mas, na minha escola, onde eu ando...

(Mas... por exemplo, na Ucrânia, vocês têm piscina mesmo dentro da escola?)

Na escola, toda a minha turma, ela vai, tem uma aula de Educação Física e aprende a nadar.

(Mas a piscina é mesmo dentro da escola? Ou é, por exemplo, pertencente à Câmara Municipal ou à Junta de Freguesia?)

É.

(Então e na tua área de residência, perto de Massamá, não têm uma piscina e não fazem um horário para os estudantes?)

Eu não sei.

(Porque há Câmaras onde fazem... Isso depende, se calhar, da Câmara...)

Ou da escola... eu já andava numa escola... eu já disse que estava aqui há oito (8) anos, e eu também andei numa escola. Nós vivemos na Torres Vedras e, eu andei na uma escola e nós tivemos aquela Educação Física e aprendemos a nadar.

(Então e tu estiveste cá há oito (8) anos atrás e depois foste embora para a Ucrânia? Quanto tempo estiveste cá?)

Nove (9) meses.

(Nove (9) meses, então ainda fizeste cá um ano escolar... e depois, porque é que te foste embora?)

Porque pai, ele queria buscar nós, minha mãe, irmão e mim, mas só conseguiu mim e meu irmão... mas depois voltámos porque ele disse que minha mãe não conseguia ir para Portugal e ele disse que é melhor que nós vamos ficar lá com mãe.

(Portanto, a mãe não tinha autorização para ficar cá, era isso?)

Sim, agora já.

(Sim, mas há oito (8) anos não tinha...)

E nós voltámos...

(Então o teu pai já está cá há dez anos, não é? Por isso, já tem a possibilidade de chamar a mãe, é isso?)

Sim.

26 – Aprender a Língua!

(É sempre a mesma questão, não é?)

27 – Eu acho que em Portugal há muitos estrangeiros e também pessoas que andam na escola epá... o melhor é aprender a Língua, só a Língua Portuguesa. É melhor ter uma professora que é do teu país, não é professora portuguesa.

(Professora ucraniana?)

Ucraniana ou russa... eu acho, como é que estava uma professora ucraniana eu aprendia.

(Mas não vale explicar em ucraniano!)

Mas também eu não percebo uma palavra a professora não consegue traduzir...

(Pode explicar de outra forma.)

Mas explica... mas há muitas palavras que eu não consigo...

28 – É fotografar, e primeiro quero apanhar o curso e depois trabalhar... é isso.

(E é fácil em Portugal fazer o curso?)

Eu ainda não fui, eu só... só quero porque gosto de fotografar.

(Eu vou investigar porque eu gosto muito de Fotografia, eu fiz um curso de Fotografia quando andava no 12º ano porque estava com uma (1) disciplina ou duas (2) só para fazer e, então, fiz um curso de Fotografia. Mas foi lá na escola e era um curso livre e, então eu fui aprender um bocadinho a fazer Fotografia mas nunca... nunca pude seguir curso de Fotografia)

Aqui também estudam Photoshop...

(Sim, essa área da fotografia agora já tem muitas coisas relacionadas com as altas tecnologias da informática e tudo isso, eu não sei é onde é que se estuda tudo isso.)

Eu já tenho um endereço onde posso ir e depois vou ver.

29 – Sou estudante de Línguas.

30 – Oh! Não sei, vou ver depois... Primeiro vou apanhar aquele curso que eu quero e depois vou ver como é que consigo... fotografar e trabalhar.

31 – Não sei, eu quero, quero voltar, mas... quero e não quero...

(Como é que é isso? Queres porquê? E não queres porquê?)

Quero porque lá há todos os meus amigos, minha família, avós, tudo, todos meus primos, primas... e não quero porque... eu gosto de Portugal, já gostei antes e... mas mãe não quer voltar.

(Ela não quer voltar para a Ucrânia?)

Não quer, para ela é difícil porque... eu já disse que tinha irmão e ele morreu porque estava um... carro.

(Teve um acidente de carro?)

Sim, e ele morreu. E, para minha mãe é muito difícil voltar para lá. É por isso que também... que nós viemos para Portugal.

IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTA Nº 10

DATA: 26/05/2012

HORA: 10.30h

LOCAL: Escola Ucraniana - Benfica

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Sexo: Feminino;

Nome: Lesya Zorin;

Data de nascimento: 11/09/1996;

Naturalidade: Ucrânia – Rogatin;

Nacionalidade: Ucraniana;

Data de chegada a Portugal: 11/09/2011

Freguesia da actual residência: Carnaxide;

Contactos: (omissos)

IDENTIFICAÇÃO DO PAI

Nome: Ivan Zorin;

Data de nascimento: 1974;

Naturalidade: Ucrânia – Rogatin;

Nacionalidade: Ucraniano;

Data de chegada a Portugal: Residente na Ucrânia;

Freguesia da actual residência:

Habilitações académicas/profissionais: Curso Superior de Zootécologia;

Profissão actual:

IDENTIFICAÇÃO DA MÃE

Nome: Olena Zorin;

Data de nascimento: 20/09/1976;

Naturalidade: Ucrânia – Voynyliv;

Nacionalidade: Ucraniana;

Data de chegada a Portugal: 11/09/2011;

Freguesia da actual residência: Carnaxide;

Habilitações académicas/profissionais: Curso Superior de Zootécologia;

Profissão actual: Empregada de limpeza / Doméstica.

ENTREVISTA

1 – Nós viemos para aqui, para um hospital porque tenho aqui alguns medicamentos que não tenho na Ucrânia e depois, a minha mãe tem trabalho aqui, é só isso.

(Portanto, vieste para cá por motivos de saúde, é isso?)

Sim, é isso.

2 – Com minha mãe, só com minha mãe, só nós duas.

3 – Vim com doze (12) anos. Eu estava na escola, tinha amigas. Minha mãe não trabalhava porque eu tenho uma irmã e ela precisa de ter connosco e, é assim... Meu pai não vive comigo, connosco... ele vive noutra sítio e mais nada.

(E ele foi para outro sítio para trabalhar?)

Não, ele tem outra namorada, ele não vive connosco, não quer, não sei.

4 – Aqui é muito diferente, eu não sabia nada falar, nem nada mas depois eu estava quatro (4) meses na casa depois quando chegou na escola eu não sabia nada falar e depois eu tinha amigas que ajudavam-me falar Português e agora eu já falo mais ou menos.

(Já falas bem!)

Obrigada.

(Já falas bem, sim senhor!)

(Então e quando chegaste, moravas com quem? Ficaste com a tua mãe?)

Sim, com minha mãe e com a minha tia Maria.

(Ela já cá estava? Ela veio antes?)

Sim, ela já veio antes.

(Então e esses quatro meses que tu ficaste em casa, o que é que tu fizeste? Tu dizes que tens amigas que te ajudaram, mas foi durante esses quatro meses, ou foi depois, quando entraste na escola?)

Mas eu estava só na casa, não fiz nada porque não sabia nada aqui no Portugal e eu estudava algumas palavras.

(E quem é que te ajudava a estudar?)

A minha mãe já trabalhava e depois que minha mãe chegava e nós falámos um bocadinho, estudamos mais ou menos.

(Estudavam juntas? Era?)

Sim.

(Muito bem!)

(Então e a tua irmã está cá também?)

Não, a minha irmã está na Ucrânia.

5 – Eu gosto muito deste clima, está bom para mim. Mais ou menos eu gosto, tenho aqui mais bem que estava na Ucrânia.

(E a tua saúde, cá dá-se melhor?)

Sim, muito melhor, obrigada para doutores que me ajudavam e também eu não posso voltar para a Ucrânia muito tempo agora porque não tenho certos medicamentos que eu preciso.

6 – Bom, é assim, eu chegou na escola não sabia nada falar, não tinha muito amigos primeiro... mas depois, quando eu já sabia falar um bocadinho, já falava com eles, com problemas deles, com minhas, falámos de quase tudo e, já... já... como é que se chama? ... Também queria falar com eles com problemas deles, eu sabia o que é isso. Não sabia nada como tradição com portugueses. Agora aqui é... assim... outras tradição que nossas ... muito diferente, pronto! Mas gosto de Portugal. Não tudo.

(Não tudo?! O que é que não gostas?)

Não, eu gosto! Mas... não gosto... não sei agora... não sei falar sobre isso.

7 – Com o pessoal da Ucrânia é muito diferente... porque no minha escola outra... é outra coisa que aqui... pessoas outras... e não sei como é que é, mas é muito, muito diferente, muito...

(Quais são as grandes diferenças que tu notas, por exemplo?)

Aqui com professora, eu falo... tipo... eu posso falar com ela no primeiro, não temos com... eu quero, ela me ajuda, eu ajuda para ela, ela me diz o que é que faz, o que é que não. Na escola ucraniana também mas nós somos muitos... muitos outros ... não sei como explicar.

(Mas, no início tu estavas a falar da escola portuguesa?)

Sim.

(Portanto, tu falas com a professora e ela fala contigo. E aqui, não falas tanto com a professora?)

Falo, mas não temos aquela... aquela coisa de estar a falar...

(Não falas de tudo com a professora ucraniana...)

Não, não falo aqui muito tudo.

(Não falas muito com a professora ucraniana... falas mais as coisas da escola, é?)

Sim.

8 – Ucranianos e portugueses mas, com ucranianos eu falo mais, eu gosto muito de amigos ucranianos. É assim... é nossa terra... é nossas coisas... Eu tenho amigos de outras nacionalidades sim, na minha escola há muitas pessoas de outras nacionalidades. Eles também não têm nacionalidades portuguesas mas nacionalidades ucranianos, búlgaros, moldávicos.

9 – Não porque... não sei... não falo muito com os meus amigos da turma na escola portuguesa. Não sei... eu não gosto muito. Eu gosto deles mas ainda não percebi como é que eu tenho que falar com eles. Tipo... é outra coisa.

10 – Pessoas portuguesas... são boas pessoas, não digo que não. Eu também gosto de falar com portugueses porque eles explica bem quando é que eu lhe pergunto uma coisa. Também na Ucrânia é a mesma coisa... mesma coisa, não tem muita diferença como aqui.

(Então sentes-te bem integrada? Achas que te recebem bem?)

Sim.

11 – Foi no 7º ano em 2011.

12 – Eles todos queriam falar comigo mas eu não sabia bem falar e... eles... eles ajudavam um bocadinho para eu falar com eles e eles comigo e é assim... o ensino... eu gosto da minha turma... muito bem da minha turma, dos professores, eles todos ajudam-me. Aqui o programa e aulas é outra mas eu só... tenho não mal as notas, e é assim...

(Porque é que dizes que o programa aqui é outro? Qual é a diferença em relação ao programa de lá?)

Não sei, eu acho que aqui, na escola ucraniana, aquele programa da escola é muito mais difícil que na escola portuguesa. Sim, programa mais difícil porque nós somos só escola no Sábado, temos muito de estudar no casa. E na escola Portugal eu gosto mais porque eu vou à escola todos os dias, falo com professores, com pessoas da escola e... é mais... para mim, gosto mais.

13 – Acho que alunos para aprender é igual mas no escola em Portugal alunos mais diferentes também porque eles têm que estudar porque não têm chumbar, têm que passar e aqui na escola não têm isso porque não chumba ninguém, é outro programa, é outra coisa que alunos mais... mais... como é que se chama? ... Queriam brincar nas aulas, não queriam muito estudar... Mas, também estudam! Tem muitos alunos que querem estudar e... está bom.

(Ou seja... há aqui muitos meninos que andam só na brincadeira, não é?)

Sim, é...

14 – A Língua Portuguesa para mim foi um bocadinho diferente... muito mais diferente... mas eu já falo bem e eu quero depois trabalhar aqui mas ainda não sei o que é que eu vou depois tirar no curso, só sei que vou estudar aqui, trabalhar aqui porque minha mãe não quer viver aqui no Portugal, ela queria ir na Ucrânia e depois... como é que ela vai na Ucrânia? Não posso estar aqui sozinha! É o minha problema.

(Mas tu também vais ficar mais velha, vais ficar mais independente. Isso depois logo se vê, não é?)

A Língua Portuguesa é um bocadinho difícil para mim ... é, nas aulas, eu não percebi toda a matéria, percebi algumas palavras que professores me dizem para eu sabia, para eu estudava, é assim o problema disto.

15 – E nas todas aulas. Mas tipo... no Português não tenho muito porque não foi nada difícil, é mais na História, é mais na Matemática um bocadinho e Geografia também.

(E essas dificuldades são por causa de não perceberes bem a Língua Portuguesa?)

Sim.

16 – Eu só quero... quero... quero estudar, quero ter boas notas. È assim...

(E consegues estudar mesmo em casa sozinha para superar esses obstáculos?)

Eu tenho apoio, os professores me ajudavam

(Mesmo na escola?)

Na escola, e também estudo um bocadinho no casa.

(Mas não tens explicações ou algo assim?)

Não, só tenho a escola, tenho os professores que me ajudavam a fazer os trabalhos de casa, as coisas que não percebi.

17 – Sim, de minhas amigas também. A minha mãe não sabe falar bem também. A minha tia me ajudou também, muito, porque ela já sabe falar bem Português e ela um bocadinho me ajuda.

18 – Eu já disse que é muito diferente mas eu também estou aqui, gosto das diferenças que estão aqui, gosto mais ou menos de ser aqui, gosto! Gosto de pessoas, de colegas de turma, professores. Gosto também... eu estou aqui há um ano e meio mas eu já adaptou-se aqui muito bem e já percebi o que é que gosto aqui... sim, eu gosto Portugal. Também eu quero ir na Ucrânia mas agora não posso porque estou na escola e é assim.

19 – Acho que funciona normal, bem. Mas acho também aqui na escola alunos nem muito disciplinados. Aqui também não, mas acho que na escola portuguesa é mais... não...

(São mais indisciplinados, são mais rebeldes, é isso?)

Sim.

20 – Não sei como é que hei-de explicar mas... não são todos os alunos são indisciplinados... só alguns. Mas aquelas pessoas que são indisciplinados também não... não... não...

(Puxamos-lhes as orelhas?!...)

Sim.

(Como é que nós poderíamos trabalhar com eles de maneira a que eles trabalhassem bem e fossem organizados e não fossem mal educados e... essas coisas todas?)

Não, não, eles são bem educados mas alguns não querem estudar muito. Eu também não gosto muito de estudar mas eu percebi que eu preciso de isso porque depois da minha vida quando eu vou ter vinte (20) anos... mais, preciso de trabalhar, e eu percebi isto, eu também queria, queria todas as pessoas na escola portuguesa sabiam... sabem isso, como eu expliquei.

(Eles saber até sabem...)

21 – Todas as crianças na minha terra, na Ucrânia, são igual como aqui mas, eu gosto mais de ucranianos, mais amigos ucranianos que portugueses, não sei porquê. Acho que porque minha terra é minha terra e eu gosto dela.

(E a diferença, por exemplo, entre as tuas colegas ucranianas e as tuas colegas portuguesas em termos de colegas de escola, por exemplo, as diferenças que encontras no ensino... em Portugal e lá, qual é a maior diferença?)

Eu já disse que... eu gosto mais de eles porque eu percebi ucraniano e, bem falo na minha Língua e tenho mais temas de falar. Só por o país isso, sobre escola, sobre os amigos e é assim... mas com portugueses eu não tenho muitos temas para falar com isso, eu não disse que eles não são boas pessoas, são boas pessoas também e eles ajudam-me também, eu disse “obrigado” para eles porque eles ajudam-me falar Português, meus “S.tores”, minhas “S.toras” e é assim, mas gosto mais de ucranianos porque é minha terra, minhas pessoas, gosto de falar com elas só assim, não têm muita diferença.

22 – Eu não tenho muita confiança com eles mas eu tenho um bocadinho. É fraco. Não sei porquê, não sei como é que posso explicar isso.

23 – Eu gosto deles, gosto de professores, eu falo de minhas problemas também com professores e eles sabiam porque eu tenho problemas porque eu não sabe falar bem e eles podiam me ajudar muito disso porque o teste mais diferença como na Ucrânia, mais a Língua é mais difícil e... eles percebem que eu sou outra pessoa, não sou portuguesa. É assim... e eles ajudam-me. É forte.

24 – Eu gosto desta escola minha, não tem muitas diferenças, na Ucrânia é igual mas aqui aulas têm mais tempo e professores são bons connosco e falam connosco bem. Não sei, não acho que é muito mal. É bom.

25 – É muito diferente porque eles acham que eu sou estrangeira, sou outra pessoa e eles não percebem minha... minhas... as coisas que eu falo, que eu acho... e eles não percebem bem isso mas eu preciso também de ajuda, para mim, para eu perceber o que eles acham se eles percebem o que é bem.

(Tiveste algum apoio especial?)

Tenho muitas aulas de apoio porque... porque não percebi matéria. Mas na escola eu muito gosto de Ciências, de isso sobre floresta, sobre animais, eu muito gosto e eu fiquei na escola... também gosto muito de Biologia que minha tia são minha professora aqui na escola e eu tenho boas notas. Gosto disso, portanto!

(E as aulas de apoio que tu tiveste foram só no Português ou foram também, por exemplo, na Matemática, na História... Tiveste também aulas de apoio nas outras disciplinas ou não?)

Sim, tenho aulas de apoio na Matemática, quero ter boas notas, tenho também a Ciências, tenho também na Físico-Química, no Inglês, no Inglês eu preciso muito porque eu não percebi aquelas palavras que a “S.tora” diz no Português e depois tenho que traduzir no Inglês, é muito difícil para mim mas também gosto, também tenho apoio, também tenho boas notas.

26 – Eles ajudavam-me e eu não acredito que tenho mais ajuda.

27 – Por exemplo eu quero ter aqui, no Portugal, trabalhar aqui, e eu quero ser uma médica ou qualquer coisa disto e eu sei que os anos são muito difíceis para mim porque eu não percebi bem tudo, eu já te disse, e eu quero para pessoas, para nós estrangeiros, aqueles testes que nós temos, não disse que todos, mas aqueles que eu não percebi, muito preciso melhorar.

Eu gosto do horário, é... é outra coisa que na Ucrânia mas também gosto... Também...

(Porque é que é outra coisa?)

Porque... porque aqui as pessoas na escola, nós temos horário no tempo de almoço muito tempo, duas (2) horas, por exemplo, e na Ucrânia só tinha meia hora, é muito diferente... porque depois eu já estou cansada... um bocadinho... na escola portuguesa. Ah! Na Ucrânia nós temos só aulas até uma e vinte (01.20h) ou até duas (02.00h) e acabou. Aqui na escola, depois de almoço também temos aulas e é um bocadinho... estou cansada, um bocadinho...

(Portanto gostavas que fosse mais só a tarde ou a manhã...)

A manhã.

(Só a manhã? E depois à tarde ficavas livre para descansar, para fazer os trabalhos...)

Sim, eu não tenho muito tempo para fazer trabalhos de casa desta escola ucraniana ou... ou da escola portuguesa. Eu não tenho muito trabalho de casa da escola portuguesa é mais diferente, aqui tenho muito.

(Então e tu depois fazes quando? No Domingo?)

Sim.

(E a outros níveis, por exemplo, os métodos dos professores...)

Sim, acho que eles trabalham bem.

(E os programas? Achas que são bons? São adequados? São fáceis para vocês?)

Acho que sim.

(E a tua escolinha é boa, bonita, bem arranjadinha?)

A minha escola sim, ela agora está... como se chama?

(Em obras? Melhoramentos?)

Sim, fazer a nova. Assim agora está linda!

(Mas já acabaram?)

Não, já acabaram uma parte.

A minha escola chama-se Camilo Castelo Branco e é lá em Carnaxide, onde eu moro.

(E tu quando vieste foste logo para essa escola?)

Sim.

28 – Eu quero estudar e, depois, acho que aqui no Portugal, vou ter bom trabalho, vou trabalhar... que gosto e é assim... está bem.

(E pensas que vai ser fácil ou difícil com os teus estudos depois trabalhar em Portugal?)

Eu acho que agora vai ser um bocadinho difícil porque eu estou aqui há muito pouco tempo, tenho que falar mais e...

(Estamos a falar do futuro...)

E depois vou falar e acho que depois vou falar bem e como vou ter aqui um trabalho, vou trabalhar também bem... porque eu gosto!

(Gostas de trabalhar...)

Gosto de trabalhar e (tipo) se for para Medicina ou Biologia eu gosto disso muito.

(E gostas mais de qual ramo?)

Eu gosto mais de trabalhar com crianças, ajudar para elas... elas são... que não tinham doenças...

(Pediatria?)

Sim.

29 – Estou no 8º, tenho História, Inglês, Matemática, Português, são disciplinas que estavam... mas eu falo, mas mais difícil um bocadinho aquela programa, mas mais difícil porque já estou num ano mais. Assim, aqui mas um bocadinho muito. Agora até estou melhor que estava no ano passado porque já sei falar mais melhor e já tenho mais boas notas que tinha no ano passado.

30 – Gostava de ter aqueles académicos para estudar mais, para ter um curso superior que sabia mais. Eu quero ajudar pessoas de outras e mais nada.

(E ao nível pessoal, o que é que tu gostavas de ter?)

Eu queria ser uma médica, queria ajudar pessoas, crianças todas... queria ter uma casa, assim, como todas as pessoas, queria ter isso tudo. Ter uma família, com marido, com crianças.

31 – Eu não quero voltar muito para lá. Eu quero outra vida aqui. Eu quero porque... na Ucrânia está minha avó, minhas amigas e minha família outra mas quero estar aqui, quero estar diferente com eles, quero ter nova vida. E eu gosto de Portugal.

IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTA Nº 11

DATA: 26/05/2012

HORA: 14.30h

LOCAL: Escola Ucrâniana - Benfica

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Sexo: Masculino;

Nome: Vasyl Savchenko;

Data de nascimento: 16/05/1998;

Naturalidade: Ucrânia –Kalush;

Nacionalidade: Ucrâniana;

Data de chegada a Portugal: Verão/2009

Freguesia da actual residência: Santo António dos Cavaleiros;

Contactos: (omissos)

IDENTIFICAÇÃO DO PAI

Nome: Mycola Savchenko;

Data de nascimento: 03/04/1975;

Naturalidade: Ucrânia –Kalush;

Nacionalidade: Ucrâniano;

Data de chegada a Portugal: 2008;

Freguesia da actual residência: Santo António dos Cavaleiros;

Habilitações académicas/profissionais: Electricista

Profissão actual: Trabalhador na Construção Civil.

IDENTIFICAÇÃO DA MÃE

Nome: Vera Savchenko;

Data de nascimento: 20/09/1976;

Naturalidade: Ucrânia –Kalush;

Nacionalidade: Ucrâniana;

Data de chegada a Portugal: Verão/2009;

Freguesia da actual residência: Santo António dos Cavaleiros;

Habilitações académicas/profissionais: Professora

Profissão actual: Empregada de limpeza / Doméstica.

ENTREVISTA

1 – Eu vim para Portugal porque o meu pai também veio para aqui.

2 – Com minha mãe, com meu pai. Vim de carro.

3 – Ia à escola, brinquei com amigos. Vivia com a mãe e tinha muitos amigos.

4 – Aqui há muitos carros e na Ucrânia havia muitas árvores, cá não há. Na Ucrânia não é muito calor mas aqui é “bué da calor”. Morei mesmo lá em Santo António dos Cavaleiros, no primeiro ano não percebia Português mas agora já percebo muito. Entrei para o 7º ano, não foi fácil. Ao nível da Língua escrita foi muito difícil.

5 – Eu... na Ucrânia não há nenhum preto mas aqui há muitos. Fiquei estranho. E aqui está “bué da calor”. No primeiro ano tive uma doença mas agora já não tenho.

(E, para ti, foi agradável ou desagradável ter muito calor?)

Foi desagradável.

(Sentias que estavas com febre? Ou... quais eram os sintomas que tinhas?)

Não, não com febre, mas fiquei muito mal... dor de cabeça, dor de barriga...

6 – Com portugueses dei-me bem e agora também estou bem.

7 – Dou-me bem. Falo muito com eles.

8 – Portugueses, alemãos e crioulos de Guiné.

9 – Sim, é fácil ter amigos portugueses.

10 – Bem integrado... Muito bem integrado.

11 – Escola Secundária Cardoso Pires. Entrei para o 7º ano.

12 – Correu bem, tive apoio de Português com uma professora de Português.

13 – Eles não falam ucraniano e baixam muito calças e eu não gosto disso.

(A forma de vestir deles é diferente da tua?)

Sim.

(E como alunos/ colegas, como é que eles são?)

São bons colegas.

14 – Sim, já aprendi a ler, agora estou a aprender a escrever. Estudei muito.

15 – Eu tinha problema com Físico-química, Ciências, História e Geografia.

(E agora?)

Agora já não tenho, só tenho quatro (4) “negas”.

16 – Também aprendi a ler mas ainda não consigo escrever, por isso eu tenho “negas”.

17 – O Português, agora tenho outro apoio de Português. Agora também tenho de Geografia e de Inglês e ... de Português. Tive o apoio dos professores.

18 – Sim, gosto de estar cá.

(O que é que gostas mais em Portugal?)

O oceano, o mar.

19 – Gosto de brincar com amigos. Eu gosto... e a minha mãe agora já disse que eu posso sair da escola. Estou a comer na escola, a comida é boa.

20 – Queria comer Mc Donald's.

(Isso não é fácil...)

21 – Aqui está tudo no cartão. Para almoçar tens que colocar o cartão, a entrada também, não podes comer ... Mas aí não tem esses, como é que se diz? ... A escola está toda fechada mas na Ucrânia não, está toda aberta, podes sair se quiseres. Podia sair da escola mas sem cartão... sem isso não posso marcar cartão. A escola é até às seis (06.00h) e aí, é só até à uma (01.00h) e acabam as aulas e cada uma aula é quarenta e cinco (45) minutos.

Aqui não há árvores. Aí também, na Ucrânia, não há oceano mas há mar.

Gosto mais de lá, aí há neve, aqui não há, gosto de brincar com amigos, aqui não brinco muito.

22 – Não confio muito, não sei porquê. Só tenho três (3) amigos portugueses. É fraco.

23 – Gosto dos professores, confio neles.

24 – É bom.

25 – Isso não sei. A professora dava aulas de apoio só para mim.

26 – Ter mais apoios em outras disciplinas. Ensinar mais a escrever.

27 – A escola é boa, os professores são bons.

28 – Não sei.

29 – Já falei tudo.

30 – Carro, casa, piscina...

(Em termos de estudos?)

Ucrânia.

(Gostavas de ir estudar para a Ucrânia? Não gostas de estudar cá?)

Não.

(Ainda não tinhas dito! Porque é que gostavas de ir estudar na Ucrânia?)

Porque é com minha Língua.

(E é só por uma questão da Língua?)

Sim.

31 – Porque é minha terra.

IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTA Nº 12

DATA: 26/05/2012

HORA: 15.30h

LOCAL: Escola Ucraniana - Benfica

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Sexo: Masculino;

Nome: Oleg Chalyy;

Data de nascimento: 01/04/1997;

Naturalidade: Ucrânia –Zarcrpatia;

Nacionalidade: Ucraniana;

Data de chegada a Portugal: 15/Setembro/2009

Freguesia da actual residência: Qt. da Lomba - Barreiro;

Contactos: (omissos)

IDENTIFICAÇÃO DO PAI

Nome: Petro Chalyy;

Data de nascimento: 18/11/1977;

Naturalidade: Ucrânia –Lviv - Drohobych;

Nacionalidade: Ucraniano;

Data de chegada a Portugal: 2001;

Freguesia da actual residência: Qt. da Lomba - Barreiro;

Habilitações académicas/profissionais: Curso Superior de História;

Profissão actual: Trabalhador na Construção Civil.

IDENTIFICAÇÃO DA MÃE

Nome: Valentyna Chalyy;

Data de nascimento: 04/02/1978;

Naturalidade: Ucrânia – Zarcrcpatia;

Nacionalidade: Ucrâniana;

Data de chegada a Portugal: 2001;

Freguesia da actual residência: Qt. da Lomba - Barreiro;

Habilitações académicas/profissionais: Professora de Geografia e de Dança.

Profissão actual: Empregada de Pastelaria.

ENTREVISTA

1 – Eu vim porque a minha mãe e o meu pai também vieram e eu quero vir com eles.

2 – Com minha avó. Com minha avó.

(E ela também está cá?)

Não, ela está na Ucrânia. Esteve cá um mês, depois foi para a Ucrânia.

3 – Tinha doze (12)... treze (13) anos. Na Ucrânia vivia bem com a minha avó, tinha muitos amigos... E quando cheguei aqui a Portugal tinha mais dificuldades de Língua, também fui aprendendo. Também com os amigos da Ucrânia e de Portugal.

4 – Gostei, gostei muito. Gostei muito deste... do país e a gente chegou à noite mas eu vi muita coisa e... gostei muito. Nessa noite não vi nada mas, nos próximos dias fui passear com minha mãe e vi muita coisa e gostei muito. Gosto muito de Portugal mas gosto mais da Ucrânia. Tinha a aprender bem a Língua e não conseguia aprender bem a Língua e tive muitos apoios e isso tudo. A minha mãe também está-me a ajudar e o meu pai também mas não consegui muito, depois... os meus amigos, tenho muitos amigos que me ajudaram. Agora é que já falo mais ou menos.

(Esses amigos eram portugueses?)

Tenho muitos amigos que são portugueses, que são russos, moldávicos, espanhóis, franceses, alemães...

(Então e como é que te relacionaste no início com as pessoas, com os vizinhos, com os amigos?...)

É assim, é que quer dizer que, aqui em Portugal, os amigos são verdadeiros que sempre ajudam. Mas... não é como na Ucrânia, porque na Ucrânia é assim, se tens dinheiro, é teu amigo, se não tens, já não é. Há muitas pessoas assim.

(E ao nível de residência? Quando chegaste foste morar para onde?)

Qt. da Lomba, onde os meus pais viviam.

5 – Aqui está muito calor, na Ucrânia não é assim... Então cheguei em Portugal e, nos primeiros dias, eu não queria viver aqui porque não sabia a Língua, tinha muitas dificuldades a falar com pessoas, como, ainda por cima, a minha mãe trabalha num café, os vizinhos falavam comigo em Português e eu não percebia nada! E estava a dizer à minha mãe em ucraniano para traduzir e prontos... eu queria ir para a Ucrânia, não gostei nada de Portugal... é que tinha muitas dificuldades, não conseguia perceber, não conseguia falar e nem queria, pronto! Mas depois comecei a conviver com os meus pais e assim, com os amigos, e com uns senhores e gostei mais.

(Então e do clima?)

Do clima gostei, claro! Claro! Do calor, da boa praia.

6 – Então... Tenho muitos amigos. Aqui em Portugal tenho três (3) amigos, amigos verdadeiros. É como a minha mãe diz: “Amigo é aquele que te ajuda e que está contigo e sempre vai ajudar”. Então já tenho aqui três (3) amigos que são portugueses, um é alemão mas agora é que chegou. Os outros... são colegas e pronto! São fixos e sempre me ajudam e ajudam-me na escola também.

7 – Há muitas diferenças aqui em Portugal. É que as pessoas são diferentes. Na Ucrânia as pessoas querem dizer uma coisa mas não dizem e assim, e aqui, em Portugal, dizem mesmo assim.

(Até dizem demais, não é?)

Sim, até dizem demais coisas que não deviam dizer.

Mas dou-me bem com todos, fazemos festas, vamos para casa de um amigo ou, se há uma festa, vamos juntos e é assim em Portugal. Na Ucrânia não há muitas festas.

8 – Tenho muitos amigos. São franceses, espanhóis, alemães e até um holandês... brasileiros... tenho muitos amigos! Há muitos estrangeiros na minha turma, há oito (8) ou nove (9) estrangeiros.

(E todos falam o Português?)

O amigo alemão, ele é... ele não fala bem, ele não fala muito bem. Ele é assim... é... como eu, ele quer dizer uma coisa mas não consegue... está a explicar e assim... o “gajo” vivia na Alemanha aí sete (7) ou oito (8) anos.

9 – Sim, tenho facilidades. Isso é que eu gosto de fazer, conhecer as pessoas... e pronto!

10 – Talvez sim porque há muitas pessoas aqui que são muito abusadas, que gostam de gozar e depois... isso eu não gosto e começam a dizer que sou ucraniano, que não sou português, que não devia estar cá. É assim, a maioria são pessoas que gostam de gozar mas tenho grandes amigos que ajudam-me mas também há pessoas que gostam de dizer as coisas mentiras e...

(Mentiras?!)

Mentiras também... sim, falar sobre mim. Mas também toda a gente está-me a chamar mentiroso na minha turma porque nasci no Dia das Mentiras. Mas não é só eu, a minha amiga, que é presidente também nasceu nesse dia.

11 – 2009. Fui logo para a Escola Ucraniana e um ano estava a aprender a Língua e depois fui para o 8º na escola portuguesa.

(E na Ucrânia, estavas em que ano?)

Era no 8º também.

(Portanto, integraste o mesmo ano.)

Só que eu é que queria aprender mais Língua porque não podia chumbar e, então, andei na Escola Ucraniana.

12 – Então... Tem... aqui os professores... tenho dois apoios de Português, que é um na escola e um no ensino que a minha mãe paga. Os professores e uma professora que é ucraniana, porque a outra professora, na escola portuguesa ... é que ela explica alguma coisa... mas não consigo, não entendi, pronto! E aquela “S.tora” outra, que é ucraniana, já consegui falar ucraniano com ela e está-me a ajudar mais, pronto! Na escola tive apoio de Português, de Francês, como na Ucrânia eu nunca tive Francês, não sabia a Língua Francesa...

13 – São... depende da pessoa. Tenho muitos amigos na minha turma que estudam muito, mas também tenho os que não gostam de estudar... e lá há pessoas que estudam, há pessoas que não fazem nada, há pessoas que só fazem umas coisas que precisam de fazer e pronto! Depende da pessoa...

14 – É que é assim, é que eu, quando cheguei em Portugal... é que não queria muito aprender mas depois, percebi, e a minha mãe disse isso: “Aprende mais Línguas, é bom para ti porque quando fores para trabalhar...” e isso... mas estava a aprender a Língua... e não queria... gostei muito de Francês! Gostei muito de Francês, os franceses têm um falar assim... mais interno... mas, também para mim, saber Francês e Português é muito bom! É como na Ucrânia... a gente tínhamos Inglês... mas ... os “S.tores” são muito diferentes, os “S.tores” estão a explicar uma coisa mas... há alguns que não fazem nem querem mas aqui na escola não. E depois tens nega e pronto! Aqui

na escola os professores explicam e, se não percebeste nada sempre te ajudam e é assim... a “S.tora” explica e... mesmo se levas muito tempo a fazer uma coisa e...

(Portanto... não percebi bem, os professores de cá dão mais apoio ou dão menos apoio?)

Dão mais apoio. Sim. Eu acho!

15 – Viver... É que eu não gostava de viver aqui em Portugal. Eu queria ir para a Ucrânia. E se uma pessoa não sabe a Língua também não gosta e pronto! Mas é como... tinha dificuldades da Língua e falar... tinha antes e nos primeiros anos é que tinha dificuldades em encontrar amigos, só tinha os três (3) amigos verdadeiros, depois, quando já... quando estava a perceber mais da Língua Portuguesa aí é que já era mais fácil arranjar um amigo, porque não vejo um amigo como português ou como ucraniano, quando não percebo nada não vejo como é que ele vai ser meu amigo, não sei falar com ele... Mas agora, como já percebo, como já estou a aprender bem a Língua, é mais ou menos, pronto!

(E as dificuldades mesmo no ensino?)

A dificuldade foi de Geografia e de História, porque História Portuguesa para mim é muito difícil, porque as palavras e as coisas que eu tinha que perceber, não é? E Geografia também, depois já percebi bem a Geografia porque é como aqui na escola (ucraniana), é quase a mesma coisa. Mas eu tinha mais dificuldade é a História é que tinha que perceber e tinha que saber bem a Língua Portuguesa porque é assim... tenho que saber os reis e isso tudo e tinha mais dificuldade em Língua Portuguesa e em História.

16 – Estudo e gosto de falar.

17 – Eu tive muitos apoios dos professores, dos colegas, dos amigos que sempre me ajudavam mas... prontos! Talvez não queriam, não queriam, queriam fazer outra coisa mas também estão a ir atrás de mim, mas... enfim... para perceber a Língua e também tive os apoios não é só de Português, de História... Francês.

Em casa tenho o Google Tradutor mas talvez o Google traduz mal, está a traduzir mal, preciso perguntar a minha mãe. Mas como minha mãe trabalha no café, pergunto ao meu pai, aos meus amigos...

(Portanto, também tiveste a ajuda dos teus pais, foi isso?)

Sim, foi, foi mas não é sempre porque a minha mãe trabalha, talvez...

(Então e o pai?)

O pai também mas como o pai trabalha duas (2) semanas e depois vai para casa e depois trabalha outra vez, trabalha no Porto.

18 – Sim, estou satisfeito.

19 – Sim, gosto do ensino em Portugal.

20 – A primeira é se tens mais tempo de intervalo. Tínhamos... os professores é que tinham... se há Línguas, os professores é que tinham que saber mais, há “S.tores” que não estão muito bem a dar a matéria mas, quando eu pergunto às professoras, elas depois dizem para eu perguntar nas aulas... mas, talvez que eu pergunto à professora o que é que era para fazer e assim eu não percebi, tinha uma dúvida e ela diz: “Vais perguntar depois, na próxima aula”... pronto! Eu acho que isto não é de mal mas também acontece! A “S.tora” na aula também não pode estar sempre a me dizer as mesmas coisas... ela dá a matéria, depois os meus amigos ficam “chateados” ou qualquer coisa assim...

21 – Então é... diferenças... o clima, as pessoas são diferentes porque... na Ucrânia ... Aqui uma pessoa pode ser muito abusada, pode gozar com as outras pessoas mas, em Portugal ela pode estar abusada, pode gozar contigo mas, depois, no final, pede desculpa ou qualquer coisa assim... E na Ucrânia não, eles gozam contigo, fazem as coisas más mas, só que, no final, quando querem uma coisa, ele já diz: “Desculpa!”.

22 – Tenho uma confiança muito forte em uns três (3) ou dois (2) amigos que são portugueses e dois (2) são da Ucrânia. Tenho muitos amigos mas, são mais conhecidos.

23 – Eu posso confiar. Há professores que sempre ajudam.

24 – Os horários são bons porque a gente tem aulas de manhã e depois temos quarenta e cinco (45) minutos ou uma (1) hora e meia para ir almoçar. Há pessoas que moram muito longe e que precisam almoçar na escola e depois ficam uma hora e tal na escola. A gente almoça às onze e quarenta e cinco (11:45h), até ao meio dia e vinte (12:20h) e agente tem aula à uma e trinta e cinco (13:35h) e depois fica lá na escola.

(E isso é bom ou mau?)

Não sei, mas para mim é bom porque posso ir a casa, posso ir almoçar...

25 – Tive muitos apoios... e com professores, e com meus amigos e com minha mãe e com todos e até com pessoas que não conheço. Se eu estava a dizer uma palavra mal eles estão a me corrigir. Eles ajudaram-me muito e eu tenho a agradecer muito a eles. Gostei muito.

26 – Já não sei mais, tive muitos apoios. Só preciso de mais tempo para aprender mais a Língua.

27 – Não sei, isso para mim está tudo bem.

28 – Eu penso ser um futebolista... Eu, para já, não sabia a Língua, só percebia uma Língua que era o Inglês e, agora, o Português... Eu tenho os treinos, tenho os jogos, jogo numa equipa.

(Portanto... achas que o conhecimento das Línguas é que é uma mais-valia para ti? ...)

Sim, Línguas... para mim é Línguas... se não sei Línguas...

29 – Na escola estou no 9º, tenho trabalho em casa e... é isso! Jogo à bola, tenho muitos treinos, também não tenho muito tempo para fazer umas coisas que preciso. Às vezes depende, não é? Porque às vezes, tenho um teste na 6ªfeira na escola portuguesa e um aqui (na escola ucraniana) no Sábado. È preciso estudar para a escola ucraniana e para a escola portuguesa, mas... já estou habituado e gosto muito da escola ucraniana.

30 – Portanto, já disse que é ser futebolista. Quero ter muitos amigos. Se não conseguir ser futebolista, quero ter um grande trabalho mas ainda não sei qual. Eu uma vez sonhei que ia ser futebolista, sabe? Eu gosto muito de futebol e...

(E na Ucrânia, era assim?)

E na Ucrânia também era mas, na Ucrânia, eu não sabia jogar bem à bola porque ainda tinha doze (12) ou treze (13) anos, coisa assim. Agora já sei jogar bem, pronto! ... E os portugueses são bons de jogo!

31 – Eu... eu ... é assim, eu já falei com minha mãe e com meu pai que eu quero abandonar e eu quero frequentar isto e quero ir para a escola ucraniana. Quero ir para a Ucrânia... porquê? Porque depois vai ser mais difícil para mim e eu quero ser futebolista ou qualquer coisa assim, é que para mim, eu acho, que é melhor acabar aqui um ano na escola ucraniana e na escola portuguesa, fazer exames e ir para a Ucrânia e pronto! E jogar à bola. É isso tudo! È mais fácil lá porque depois o 10º ano aqui é mais difícil na escola portuguesa e isso. Gostava de voltar para a Ucrânia para viver lá e porque sou ucraniano, claro!